

BIBLIOTHÈQUE DE PHILOSOPHIE CONTEMPORAINE

LES  
PHÉNOMÈNES  
DE HANTISE

PAR

ERNEST BOZZANO

---

PRÉFACE DU DOCTEUR J. MAXWELL

LIBRAIRIE FÉLIX ALCAN  
PARIS



**ERNESTO BOZZANO**  
**OS FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO**

Título Original em Francês  
Ernesto Bozzano - Les Phénomènes de Hantise

Traduit de l'italien par Charles de Vesme  
Préface du docteur J. Maxwell

Librarie Félix Alcan  
Paris (1920)



Centre Spirite Lyonnais  
 Allan Kardec  
<http://www.cslak.fr/>



**AUTORES ESPÍRITA CLÁSSICOS**  
[www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

Brasil (2015)

Data da publicação: 31 de janeiro de 2015

TRADUTORA: Fabiana Rangel

REVISÃO: Irmãos W.

PUBLICAÇÃO: [www.autoresespiritasclassicos.com](http://www.autoresespiritasclassicos.com)

São Paulo/Capital

Brasil

## Apresentação da obra

Segundo sua meticulosa metodologia, o autor classifica os fenômenos em auditivos, visuais, táteis, olfativos e físicos.

Os auditivos e visuais são subdivididos em duas categorias: coletivos e eletivos. São coletivos aqueles percebidos por todos os presentes nos locais em que ocorrem, e eletivos os que são percebidos apenas por algumas pessoas, com exclusão de outras. Isso parece indicar que alguns sejam objetivos e outros subjetivos, mas o competente cientista italiano não se cansa de advertir que essas classificações são mais para efeito didático, pois a fenomenologia não se enquadra rigidamente nos esquemas que imaginamos para ela.

Acrescenta, por isso, com a honestidade que caracteriza o homem na busca da verdade, que a classificação deve “ser considerada provisória e convencional”.

A Tradutora (Fabiana Rangel)

## **Sumário**

Capítulo 1 / **06**

INTRODUÇÃO

Capítulo 2 / **16**

CASO DE ASSOMBRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

SEÇÃO AUDITIVA

Capítulo 3 / **29**

CASO DE ASSOMBRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

SEÇÃO VISUAL FANTOMÁTICA

Capítulo 4 / **48**

FANTASMAS DE VIVOS

CASO DE TELEPATIA ENTRE VIVOS, RELACIONADOS AOS FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO

Capítulo 5 / **67**

MONOIDEÍSMOS E FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO

Capítulo 6 / **74**

DA HIPÓTESE «PSICOMÉTRICA»

RELACIONADA AOS FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO

Capítulo 7 / **93**

FENÔMENOS DE « POLTERGEIST »

Capítulo 8 / **127**

CONCLUSÕES

## Capítulo 1

# INTRODUÇÃO

Dentre os fenômenos paranormais ou metapsíquicos, os de assombração<sup>1</sup> são os mais frequentes e geralmente os mais conhecidos. Eles são alvo de crônicas de todos os povos desde a antiguidade até os nossos dias; os exploradores encontram seus traços por todos os lados, tanto entre os esquimós da Groelândia quanto entre os aborígenes da África, entre os Pele-Vermelha das Montanhas Rochosas como nos indígenas da Micronésia; todas as línguas, todos os dialetos possuem termos para designá-los. A fim de defini-los, diremos que *os fenômenos de assombração compreendem esse conjunto de manifestações misteriosas e inexplicáveis cujo traço característico essencial é o de se ligar de modo especial a um lugar determinado.*

Em sua forma *auditiva*, eles compreendem todos os tipos de sons sem causa aparente, desde golpes e estalos de diferentes intensidades até sons que imitam a queda de móveis ou o quebrar de objetos de uso doméstico como garrafas, vasilhas, vidraças. Acreditamos escutar portas e janelas fechando violentamente, objetos pesados arrastando-se no chão, como tonéis ou outros utensílios cilíndricos, cadeiras furiosamente sacudidas, ferragens pesadas desabarem com um barulho infernal. Em outros casos, são sons e barulhos que parecem ser de origem humana, sobretudo passos regulares que percorrem um corredor ou que sobem e descem uma escada; mais raramente percebemos um estranho fru-fru de vestidos de seda indo e vindo diante dos assistentes, ou o eco de gritos de lamentação, gemidos comoventes, soluços, suspiros, murmúrias, palavras e frases articuladas; acontece mesmo, por vezes, de escutarmos passagens de cânticos litúrgicos, cantos, coros, concertos musicais em lugares que em outros tempos eram destinados à exibições semelhantes.

A observação nos mostra que, em parte, esses sons, esses barulhos, são subjetivos ou alucinações e, em parte, objetivos ou reais; entretanto, os de natureza subjetiva são os mais frequentes. De fato, muitas vezes as portas e janelas de que se escutam os estalidos estão fechadas; os móveis que se mexem, as louças que se quebram são encontradas intactas em seus lugares. Em certos casos, os barulhos julgados ensurdecadores pelas pessoas que os escutam não são sequer ouvidos por alguns assistentes. Por outro lado, não é raro que se produzam sons e barulhos incontestavelmente objetivos, pois constatamos que portas e janelas foram realmente abertas ou que nós as surpreendemos no momento em que elas estalam; encontramos os móveis deslocados ou remexidos, a louça em pedaços, todos os assistentes percebem simultaneamente os sons, os barulhos, os gemidos que se tornam por vezes tão formidáveis que pessoas que estão de

---

<sup>1</sup> Nota da tradução: O termo utilizado na tradução francesa é "hantise", a qual é definida como: "ideia na qual se pensa incessantemente", traduzindo-se facilmente pelo termo "obsessão". Todavia, optamos por empregar o termo "assombração" ao invés de "obsessão" por entender que o uso da palavra, no contexto histórico caracterizado nesta obra, associava-se muito mais à ideia de assombração. Tanto assim se pode dizer que comentaristas da obra, em língua portuguesa, aplicam a mesma terminologia, ou seja, "assombração". É fato que, nos estudos espíritas, a ideia de assombração muitas vezes se explica no próprio conceito espírita de "obsessão". Ainda assim, acatamos o uso da palavra "assombração" acreditando que ela representaria com maior fidedignidade as discussões da época em questão. (Nota da tradutora)

passagem poderiam ouvi-los a consideráveis distâncias. É preciso, então, registrar a existência de sons de percepção “coletiva” e outros de “eletiva”. Os primeiros são, geralmente, reais, enquanto os últimos não podem ser senão alucinatórios, ainda que tudo tenda a provar que os sons alucinatórios obtêm sua origem em condições positivamente extrínsecas.

Na sua forma *visual*, os fenômenos de assombração compreendem manifestações luminosas e aparições de fantasmas. As manifestações luminosas são bastante frequentes; o mais comum são clarões difusos, iluminando os lugares de modo a tornar visível o fantasma que se mostra, ou seriam luzes emanando do próprio fantasma. Elas tomam, em certos casos, o aspecto de luzes esféricas, de contornos imprecisos que percorrem rapidamente uma trajetória curta, depois desaparecem; mais raramente elas imprimem a forma de luzes globulares de contornos precisos e persistem muito tempo planando no ar. Há, enfim, casos em que a luz provém de uma vela ou de uma pequena lâmpada de natureza alucinatória, trazida pela mão do fantasma; ou ainda brasas, não menos alucinatórias, de uma lareira acesa e perto da qual o fantasma se encontra agachado.

Os fantasmas visualizados, salvo algumas aparições de animais, têm sempre uma forma humana; longe de se apresentarem cobertos de uma mortalha espectral branca, que se põe nos velhos contos, eles parecem vestidos com roupas da época na qual viveram. Geralmente, se apresentam de uma maneira tão realista que se poderia crê-los vivos; algumas vezes eles se mostram distintamente, embora transparentes; em outros casos, eles não passam de sombras com forma humana. Na maior parte do tempo, eles parecem entrar por uma porta, seguir seu caminho e entrar em um outro cômodo, onde desaparecem; mas, frequentemente eles aparecem subitamente e desaparecem como um vapor; ou ainda se vão atravessando uma parede ou uma porta fechada. Por vezes eles caminham, outras deslizam, suspensos no ar. Na maior parte dos casos, eles se manifestam durante uma longa série de anos, por intermitências, com longos períodos de ausência e, em certas circunstâncias, em datas fixas. Mas, geralmente a duração da assombração não dura mais que alguns anos e frequentemente apenas alguns meses ou mesmo alguns dias. Sua manifestação é quase sempre precedida pelo vago sentimento de uma “presença”, que toma o percipiente e o leva a voltar-se para o lado onde se encontra o fantasma. Se este se aproxima, o percipiente sente como que um tipo de vento gelado. Um dos traços característicos mais frequentes que os fantasmas apresentam é sua aparente indiferença face à face com os vivos que os contemplam, ou mais ainda, sua aparente ignorância quanto ao lugar em que eles se encontram. Eles sobem uma escada, atravessam um corredor, penetram num quarto sem nenhum objetivo manifesto e sem se preocuparem com as pessoas que encontram; ou mesmo se ocupam de alguma função doméstica, fazem gestos de desespero, se agacham ao lado do fogo, em condições evidentes de “ausência psíquica”, como se as ações que eles realizassem se desenvolvessem por um “automatismo sonambúlico”. Nada disso impede que esta regra venha comportar inúmeras exceções nas quais o fantasma demonstre perceber os assistentes, aos quais ele se dirige intencionalmente, com frequência por meio de gestos e palavras – circunstância que complicam consideravelmente o problema a resolver.

No que concerne aos fenômenos visuais, é preciso que repitamos o que dissemos quanto aos fantasmas auditivos, a saber, que a percepção das luzes e dos fantasmas pode se revestir de um caráter “coletivo” ou um caráter “eletivo” no primeiro caso, tudo provando não se tratar sempre de manifestações puramente subjetivas.

Em sua forma *tátil*, os fenômenos de assombração são raros e pouco variados. Trata-se, então, de sensações de peso ou de pressão sobre alguma parte do corpo, correspondente à presença ignorada de um fantasma sentado na cama do percipiente, ou exercendo uma pressão sobre sua pessoa; são mãos geladas e viscosas que abraçam, apalpm, se introduzem entre os

panos e o corpo. Em uma série de casos muito conhecidos e suficientemente documentados, as mãos fantasma que seguram os percipientes pelos punhos ou que tocam os objetos do ambiente teriam deixado impressões indeléveis de queimaduras, como se fossem mãos inflamadas.

Quanto aos fenômenos de forma olfativa, são ainda mais raros que os táteis e variam desde o odor cadavérico relacionado a um drama de sangue ou um cadáver não enterrado, até o perfume de violeta lembrando um gracioso episódio ocorrido no leito de morte do defunto que se manifesta.

Na sua forma física, outros fenômenos aos quais já fizemos alusão, móveis que se deslocam, janelas e portas que batem, louças que quebram, trata-se muito frequentemente de sinetas que não param de se mexer de modo barulhento e sem causa aparente, mesmo depois de serem isoladas pela supressão de cordões e de fios. Tão frequentes também são os casos de “chuvas de pedra”, apresentando traços característicos muito marcantes, como quando pedras percorrem trajetórias contrárias às leis físicas ou param no ar, ou caem lentamente ou atingem com uma destreza incomum um objetivo determinado, ou atingem sem fazer mal ou sem rebater em seguida, como se elas estivessem empunhadas por uma mão invisível; ou como quando essas pedras se encontram quentes ou até queimando. Em outras circunstâncias, os panos são violentamente arrancados dos leitos das pessoas deitadas, estas sendo levantadas e colocadas suavemente no chão; se, todavia, os leitos não forem eles mesmos virados. Mais raramente há quedas abundantes de água, de lama, de cinzas, desaparecimentos repentinos de objetos, que são restituídos mais tarde de modo também misterioso; menos frequentemente ainda se passam os fenômenos perseguidores, nos quais as vestes da vítima designada se incendiam; o fogo acontece algumas vezes até no leito no qual ela está deitada, na casa em que ela mora – nesses casos acontece de se assistir à liberação, por baixo, de centelhas azuladas cintilantes que se lançam sobre a vítima, sobre o leito, sobre a casa.

Essas são as principais formas de fenômenos de assombração, de onde se tem que elas compreendem duas categorias radicalmente diferentes de manifestações: de um lado, as *subjetivas* ou *alucinatórias*, de outro, as *objetivas* ou *físicas*. E se analisarmos os traços característicos de cada uma dessas duas categorias, observaremos entre elas outras diferenças importantes, consistindo nisto: que os fenômenos de assombração de forma *subjetiva* persistem longamente, coincidem comumente com algum evento de morte que acontece nos lugares obsediados e são marcados por aparições de fantasmas; enquanto que os fenômenos de forma objetiva são de curtíssima duração, não coincidem senão raramente com casos de morte e não são quase nunca acompanhados de aparições de fantasmas. Além disso, eles oferecem o caráter distinto de estar em relação direta com a presença de um “sensitivo”. Em outros termos: os primeiros parecem fenômenos de natureza mais *telepática*; os segundos, de natureza mais *mediúnica*.

Essas diferenças radicais na forma dos fenômenos em questão são, há muito tempo, bem conhecidas por pessoas que se ocupam de pesquisas metafísicas, que os dividem em duas categorias diferentes e os designam uns sob o termo de “fenômenos de assombração propriamente dita”, outros sob o termo de “fenômenos de poltergeist” (palavra alemã composta que significa literalmente: “espíritos zombeteiros”). Ao longo desta obra eu me conformarei, então, a essas subdivisões e a esses termos consagrados pelo uso, ainda que os fenômenos da segunda categoria possam ser mais justamente chamados de “fenômenos de assombração mediúnica”.

Agora, apresso-me em formular uma restrição relativa a essa subdivisão de fenômenos de assombração em categorias, subdivisão que, ainda que legítima e oportuna do ponto de vista da clareza, deve ser, entretanto, considerada como provisória e convencional. De fato, se, ao invés de observar os fenômenos tal qual eles aparecem aos limites extremos de uma classificação de



casos, nós nos dedicássemos a analisar separadamente todos os casos, constataríamos que, para a maior parte, eles contêm fenômenos subjetivos e objetivos interligados uns aos outros de modo tal que não tardaríamos a reconhecer que a única diferença entre as duas categorias consiste nisto: que em um encontramos reunidas as manifestações *majoritariamente subjetivas*, na outra as *majoritariamente objetivas*. Quanto à existência de casos extremos exclusivamente subjetivos ou objetivos, dificilmente isso vai modificar essas conclusões, como a existência de exceções não basta para destruir uma regra. É, pois, legítimo presumir que a fenomenologia de obsessões por si só não oferece, na verdade, mais que um caráter único. Nesse caso, mesmo do ponto de vista teórico, deveríamos liberar dela um elemento de causalidade único, podendo consistir na gênese transcendental da grande maioria dos fenômenos, com a diferença de que, de um lado, eles se realizariam em sequência a uma ação *mais particularmente telepática*; de outro lado, por uma ação *mais particularmente mediúnica*.

Qualquer que seja, não é menos verdadeiro que sua subdivisão em categorias não corresponde aos modos de produção dos fenômenos e que ela deve ser considerada como sendo puramente convencional, o que não impede que ela possa ser julgada útil para facilitar a discussão.

No entanto, é preciso reconhecer que essa promiscuidade na forma das manifestações pode criar um embaraço sério aos que se propõem a classificar os fatos; de tal modo que, nessa obra, eu tive de me decidir a registrar os casos *mais geralmente auditivos* (consequentemente, sobretudo subjetivos) na categoria de fenômenos de “assombração propriamente dita”, reservando para a categoria dos fenômenos de “poltergeist” os casos extremos de manifestações positivamente *objetivas*. Observarei quanto a isso que, quando adotarmos uma subdivisão diferente, registrando entre os fenômenos de “poltergeist” as manifestações mais especialmente “auditivas”, além das objetivas (telecinéticas), guardando para a outra categoria as manifestações em sua maioria visuais com aparições de fantasmas. Igualmente nesse caso, encontrar-nos-emos diante das mesmas dificuldades porque há muito poucos casos de aparição de fantasmas não acompanhadas de manifestações auditivas.

\*  
\*       \*  
\*

Venho à presente expor alguns dados estatísticos laboriosamente reunidos e que contribuirão mais tarde ao desembaraçamento dos traços característicos gerais dos fenômenos de assombração.

Eu diria, a princípio, que os casos de assombração que julguei suficientemente documentados para poderem ser utilizados como elementos estatísticos contam de 532; entre eles, há 491 concernentes aos *locais* obsediados e 41 concernindo às *localidades* obsediadas; esses últimos se encontram, então, na proporção de 13 por 100 em relação aos primeiros.

Observarei, então, que dos 532 em questão, há 374 pertencentes à categoria dos “fenômenos de assombração propriamente dita” e 158 que concernem aos fenômenos de “poltergeist”; estes últimos são, assim, na proporção de 28 por 100 em relação aos primeiros.

Se examinarmos as categorias separadamente, constatamos que nas dos fenômenos de “poltergeist” não se encontram senão poucos dados estatísticos interessantes. Eu assinalarei 46 casos de “chuva de pedras”, 30 de casos de campainhas tocando espontaneamente, 7 casos de fenômenos de incêndio e 7 outros casos auditivos nos quais vozes humanas reais chamavam as pessoas da casa ou respondiam a seus chamados ou falavam longa e frequentemente, dando conselhos e ordens.

Por outro lado, os dados estatísticos importantes abundam na outra categoria dos “fenômenos de assombração propriamente dita”, que é de longe a mais importante.

Pudemos ver que os casos em questão figuram na minha classificação em número de 374

num total de 532, ou seja, na proporção de 72%. Vimos que uma de suas principais características consiste em encontrar-se geralmente em relação com algum evento de morte – na maior parte do tempo, trágico – ocorrendo nos locais ou localidades obsediadas, enquanto as precedentes a esse gênero não se encontram senão raramente nos fenômenos de “poltergeist”.

O aporte teórico dessa singularidade me parece tão importante que creio ser útil expor por inteiro os cálculos estatísticos que a confirmam, mostrando-nos que os 374 casos em questão podem ser divididos em inúmeros grupos muito distintos e sugestivos. Assim, por exemplo, em um primeiro grupo de 180 casos – e sobre a base de informações quase sempre seguras e somente em alguns casos de natureza puramente tradicional – a origem da assombração coincidiria com um evento trágico acontecendo nesse lugar. Em um outro grupo de 27 casos, a falta de documentação seria substituída pela descoberta de restos humanos enterrados ou emparedados nesses lugares: indício manifesto de dramas de sangue ignorados. Em um terceiro grupo, de 11 casos, o precedente se delimitaria pelo fato de que um caso de falecimento qualquer teria acontecido no local; e em um quarto grupo de 26 casos a pessoa falecida que se manifesta não seria morta nos locais assombrados, mas onde teria vivido por muito tempo.

Em 304 casos de um total de 374, existiria assim o precedente de um caso de morte coincidindo com a obsessão. Restariam 70 casos nos quais nenhum precedente de morte existiria, ou, para ser mais exato, dos quais não se teria conhecimento. De todo modo, essa maioria enorme de casos com precedente de morte sobre os outros parece já suficiente para legitimar a hipótese da existência de um laço mais que provável entre as causas de duas ordens de fatos; tanto que, como foi dito, os casos negativos não são tão, na maioria das vezes, sucessivos a circunstâncias bem estabelecidas, mas unicamente por falta de documentação. Assim, por exemplo, os precedentes de morte estão ausentes em vários casos de casas muito antigas e há muito consideradas obsediadas, pelo que se pode supor que as origens da assombração caíram no esquecimento em decorrência do tempo e da intermitência das manifestações. Em outros casos, são os relatores que deixam de falar delas ou que não tiveram o tempo de realizar investigações mais completas. Ainda em outras circunstâncias, os casos negativos podem encontrar uma explicação fácil nas reticências interessadas dos proprietários dos locais obsediados. Há, além disso, casos em que a assombração se desenvolveu em um cemitério; poderíamos razoavelmente registrá-los entre os casos precedidos de morte. Em um caso, o fantasma aparece com a garganta cortada – símbolo evidente de suicídio ou crime. Alguns episódios, enfim, são de natureza premonitória, o que deveria fazer com que fossem excluídos do grupo estatístico dos “fenômenos de assombração propriamente dita”. Nos 12 casos que restam, a assombração se manifesta em circunstâncias de lugar e tempo que permitem afirmar com certeza que nenhum evento de morte está relacionado aos locais obsediados. Essa circunstância não eleva em nada a importância da regra anunciada, aquela que, como nas outras regras, está sujeita a algumas exceções que a confirmam indiretamente. Além disso, as exceções podem se explicar de diferentes formas: em primeiro lugar, porque uma vez admitida a existência de um mundo espiritual, não haveria nenhuma razão para não admitir que uma entidade espiritual possa se manifestar para além dos locais em que ela viveu; isso não deveria, entretanto, acontecer senão excepcionalmente, uma vez que é natural pensar que as visitas dos espíritos e as manifestações de assombração sejam determinadas em relação com a localidade onde viveu o defunto que se manifesta. Em segundo lugar, porque registramos casos muito raros, mas bem comprovados, de *assombração de vivos*; enfim, porque haveria casos suscetíveis de serem explicados por uma hipótese próxima à da “psicométrica”, da qual falaremos mais tarde.

Esses são os primeiros resultados, que parecem sair de dados estatísticos em questão. Eles modificam um pouco as conclusões a que chegaram meus eminentes predecessores: sr. Sidgwick, N. Frank Podmore, o Dr. Maxwell etc., em relação à mal fundada crença popular segundo a qual

as aparições estão ligadas a eventos trágicos acontecidos no lugar obsediado, crença que seria desmentida por uma pesquisa sobre os fatos. Ora, a estatística prova que a pesquisa sobre tal fato não confirma *totalmente* esta crença, mas ela a justifica *na* maior parte dos casos, estando dado que para 374 casos haveria 207 coincidindo com eventos trágicos. Se meus predecessores chegaram a conclusões diferentes, é provavelmente porque eles não excluíram dos cálculos estatísticos os casos de “poltergeist”, resultantes da mediunidade, pois que não devemos registrá-los entre os casos de “assombração propriamente dita”. Enfim, a estatística nos mostra que se a crença popular não se aplica a um grande número de casos de assombração, é porque ela não alcança mais que os “eventos trágicos”; não seria o mesmo se acrescentássemos a eles todos os tipos de eventos de morte. Ora, insisto em dizer que é cientificamente legítimo acrescentá-los, tal generalização estando fundada sobre cálculos estatísticos colhidos em número suficiente. Cremos mesmo poder afirmar que todos aqueles que, depois de nós, empreenderão o mesmo trabalho, chegarão necessariamente às mesmas conclusões.

Nota-se que essa generalização foi percebida por alguns de meus predecessores, tal como Dale Owen, Aksakoff, d’Assier e Sra. Sidwick. Entre eles, Sr. d’Assier é o mais explícito, pois que afirma:

Em muitos casos, as manifestações do além não oferecem nada de particular que indique uma maneira precisa o seu autor. Entretanto, não podemos nos enganar nessa pesquisa, pois esses eventos são sempre precedidos da morte de uma das pessoas da casa. – D’ASSIER, *A Humanidade Póstuma*, página 35.

E o sr. Dale Owen:

A lição que devemos tirar é a de que os crimes não são sempre necessários para atrair os “espíritos do passado” aos seus lares terrestres; basta uma mentalidade exclusivamente mundana do defunto, uma dessas mentalidades que jamais consagraram um pensamento a algo mais elevado que não as preocupações terrenas, não se ocupando senão da ideia de propriedade, a avidez do ganho... – DALE OWEN, *Passos na Fronteira do Outro Mundo*, página 313.

E a Sra. Sidwick:

Se é verdade que os fenômenos de assombração são de alguma forma devidos à ação dos mortos, que se encarregariam de se fazer reconhecer por meio da projeção de um fantasma que lhe fosse semelhante, seria preciso persistir constantemente em nossas pesquisas e podemos esperar obter cedo ou tarde uma quantidade de provas que vão ligar de modo certo a origem de toda assombração à morte de uma dada pessoa e estabelecer nitidamente a identificação do fantasma com a pessoa falecida. – *Procedimentos da S. P. R.*, vol. III, página 147.

De acordo com os dados coletados, são frequentes os casos aos quais a sra. Sidwick faz alusão e nos quais vai se tratar de uma semelhança ou identificação entre o fantasma que apareceu e uma pessoa falecida; de fato, para cada 311 fantasmas haveria 76 conhecidos; ainda melhor: em 41 casos, os fantasmas que não eram reconhecidos pelos percipientes foram em seguida identificados por retratos, descrições ou pela roupa que usavam quando apareceram.

Examinando ulteriormente os dados coletados, encontro que entre os 311 casos de fantasmas em questão, há 114 que pareceram discernir as pessoas presentes – circunstância marcante, pois geralmente os fantasmas perambulam, gesticulam, sentam-se, trabalham sem aparentar perceber os vivos.

Entretanto, se o fato de perceber os assistentes mostra já no fantasma um estado aparente de conhecimento do meio em que ele se encontra, não é suficiente ainda para provar alguma intenção. Mas há casos em que a intenção é evidente, ainda que ela frequentemente não tenha mais que um caráter estranhamente insignificante. Seríamos, então, levados a supor que não há

no fundo desta intenção senão uma forma de “monoideísmo post-mortem”, absolutamente análogo aos “monodeísmos sonambúlicos”. Os casos de que se trata são, em nossa estatística, em número de 91, entre os quais se encontram alguns episódios onde a intenção surge de manifestações físicas, quer dizer, na ausência do fantasma. Eu noto 11 casos nos quais a intenção foi expressa por golpes batidos em sucessão alfabética; 21 casos nos quais ela se manifesta por palavras; 12 casos em que ela se expressou por meio de gestos de mímica significativa; 8 casos onde ela surge do fato de que os fantasmas percebidos foram premonitórios de morte; para outros, podemos deduzir da atitude mais ou menos simbólica tomada, em circunstâncias especiais, pelo fantasma.

Eu observo ainda que os fantasmas que se exprimiam por palavras (percebidas *subjetivamente* pela confissão dos próprios percipientes) contam 41 ao todo (sem contar os 7 casos de vozes *objetivas* registradas entre os fenômenos de “poltergeist”); o que não prova que pelo fato de falar todos eles tenham dado uma prova de uma intenção real, uma vez que se trata frequentemente de frases pouco conclusivas, que podemos sobretudo considerar como automatismos verbais.

Na pista do exame dos dados, encontro 39 casos nos quais crianças pequenas perceberam os fantasmas ou notaram os barulhos e as outras manifestações de assombração, por vezes ao mesmo tempo em que os adultos, e outras vezes independentemente.

Noto também 59 casos nos quais animais (cachorros, gatos, cavalos, pássaros) percebem as manifestações fantásmicas ao mesmo tempo que o homem, dando sinais evidentes de um grande terror; por outro lado, em três casos os animais não pareciam nem ouvir nem ver. Há, enfim, 9 casos de aparições de animais (cachorros, gatos, cavalos, porcos, bois).

Em 11 casos, as manifestações fantásmicas tomam a forma de espetáculo cinematográfico de eventos passados (uma rota, deserta de qualquer ser vivo, mas povoada de fantasmas-passantes em vestimentas antigas; localidade vista tal qual estava num certo tempo histórico; duelos, brigas); e 3 outros casos do mesmo gênero são puramente auditivos (eco barulhento de um banquete; escalada de um castelo, etc.).

Um pequeno grupo teoricamente interessante, constituído de 9 casos, é aquele no qual os fantasmas foram vistos refletidos no espelho, depois percebidos diretamente. Por outro lado, há um caso onde o fantasma para diante de um espelho sem que se projete ali nenhuma imagem. Em um outro caso, o fantasma, ao contrário, projeta sua sombra na parede.

Um outro pequeno grupo igualmente interessante é aquele em que as manifestações imprimem uma forma periódica, ou seja, elas se produzem a uma hora ou data fixa. Eu coletei ao todo 7 casos. Entre estes, há 5 onde são as próprias manifestações ou algumas dentre elas que se produzem sempre na mesma hora; nos outros dois casos, a periodicidade das manifestações é limitada a cada data de aniversário da morte da pessoa que tinha vivido nos lugares obsediados.

Eu noto, enfim, 6 casos de assombração tendo por origem verdadeiramente uma pessoa viva.

\*  
\*      \*

Terminei assim a exposição dos dados coletados, que empregarei à pesquisa das causas.

Resta enumerar as diferentes hipóteses propostas para explicar os fenômenos de assombração; eu o farei de modo que alguns comentários sejam suficientes para desenvolverem a ideia diretiva que seguirei nesta obra.

Começarei com uma ideia insustentável e, apesar disso, digna de ser lembrada: é a hipótese do sr. Adolphe d’Assier que, partindo de sua concepção positivista do Universo – concepção que o impede de admitir a existência de uma alma que sobrevive à morte do corpo – e

ainda que tendo tido, entretanto, provas incontestáveis da realidade dos fenômenos de assombração e do laço originário que as une ao falecimento de pessoas que moravam no lugar obsediado, concebe uma teoria capaz de transformar o pretense obstáculo positivista esforçando-se em provar que os fenômenos de assombração, mesmo que devidos à ação de um fantasma póstumo que sente e tem consciência, não implicam na sobrevivência da alma, uma vez que tudo concorreria para a demonstração da natureza efêmera do fantasma, destinado a se desagregar rapidamente sob a ação de forças físicas, químicas, atmosféricas, que se lançam sem cessar, obrigando-o a desvanecer, molécula por molécula, no meio planetário.

Toda opinião deve ser acolhida com deferência e mais ainda quando ela é exposta por um homem de talento como o sr. d'Assier. Apesar disso, a opinião de que se trata é verdadeiramente muito improvável. De fato, como explicar que um fantasma que sente e tem consciência possa sobreviver à morte unicamente por um final tão infeliz? Do ponto de vista científico, o grande problema a resolver é justamente o da existência de fantasmas póstumos que sentem e têm consciência. Se se conseguisse resolver no sentido afirmativo, a existência e a sobrevivência da alma, no sentido pleno da palavra, seriam assim provadas; é, de fato, inconcebível – eu repito – que a alma sobreviva somente para morrer de novo. Podemos acrescentar que conhecemos casos de fantasmas obsediadores que persistem em se manifestar há séculos – o que bastaria para invalidar completamente a hipótese do sr. d'Assier.

Restam três outras hipóteses, todas dignas de serem seriamente observadas.

A primeira identifica os fenômenos de assombração com aqueles da “telepatia entre vivos”; é a hipótese proposta pelo sr. Podmore que, partindo da teoria de que os fenômenos em questão devem ser considerados em seu conjunto como de origem subjetiva e alucinatória, se esforça em provar que eles são o resultado da ação telepática ou de pessoas que habitam a casa obsediada ou de pessoas distantes que viveram ali no passado, ou simplesmente de pessoas que estão a par dos fatos que, pensando nos eventos trágicos acontecidos nesses lugares, ou na terrível experiência que elas vivenciaram, seriam a causa inconsciente do que seu pensamento se transmitia telepaticamente a outras pessoas que se encontravam nos lugares em questão. Assim, seriam engendrados os fenômenos de assombração e contribuiríamos para sua perpetuação. Essa hipótese, ainda que insustentável na extensão exagerada que lhe dá o sr. Podmore, não deve, entretanto, ser completamente rejeitada, uma vez que há casos e incidentes que parecem apoiá-la.

De acordo com a segunda hipótese, os fenômenos de assombração se explicariam por uma lei da física transcendental conhecida pelo nome de “persistência de imagens” (“figuras astrais” de ocultistas, “impressões no *akasha*” de teosofistas, “telestasia retrocognitiva” de Myers). Segundo esta hipótese, os fantasmas vistos resultariam de um tipo de emanção sutil de organismos vivos, perpetuando-se em um “meio” habitualmente inacessível a nosso sentido; a mesma coisa aconteceria com os fenômenos auditivos, uma vez que, no meio “metaetérico” (para empregar o termo criado por Myers) se conservariam tanto as impressões de sons quanto a de formas; um e outro, em certas circunstâncias, seriam suscetíveis de se libertar do estado latente no qual se encontram para produzirem junto aos vivos fenômenos de percepção subjetiva de eventos que os produzem. Essa hipótese, aparentemente ousada para além dos limites do verossímil, parece, ao contrário, ter bases sólidas nos fatos observados: ela teria somente necessidade de ser parcialmente corrigida, de modo a aproximá-la e talvez identificá-la com a hipótese “psicométrica”. Entretanto, ela também está bem longe de ser aplicável à melhor parte dos fenômenos de assombração.

A terceira hipótese é a espírita, de longe a mais importante, a única capaz de explicar todos os casos que as outras hipóteses não alcançam; ela está mais suscetível à superação de toda dificuldade, sob a condição, entretanto, de renunciar à versão popular da hipótese em questão, segundo a qual nos casos de assombração tratar-se-ia sempre da intervenção direta e da presença real de “espíritos obsessores”, enquanto tudo tende a fazer supor que, na maioria dos casos, a

intervenção de “espíritos obsessores” toma a forma de transmissão telepática – consciente ou inconsciente – de seu pensamento, intensamente voltado, nesse momento, para os lugares em que eles viveram e os eventos trágicos que se passaram ali. Obtém-se que os fantasmas vistos nas casas obsediadas seriam da mesma natureza que os telepáticos e, a seu turno, representariam o agente espiritual ao qual eles se referem, mas sob a forma de alucinação verídica projetada a distância por seu pensamento. Essa interpretação, completada pelas considerações do Dr. Du Préel sobre os “monoideísmos post-mortem” (que seriam a causa principal dos fenômenos de assombração) seria passível de explicar os automatismos tão frequentes nos fantasmas obsediadores e teoricamente tão embaraçosos.

Essas foram as hipóteses que foram propostas até aqui para explicar os fenômenos de assombração. Alguns comentários que eu trouxe a vocês bastam para mostrar o conceito eclético ao qual me reportarei durante a pesquisa das causas. A necessidade de se ater a esse sistema advém nítida e inevitavelmente da investigação comparada dos fatos não se prestando a entrar no quadro de uma hipótese única. A meu ver, o erro de muitos pesquisadores no domínio metapsíquico consiste justamente em querer encerrar tudo em uma fórmula única; erro comum tanto aos participantes da hipótese espírita quanto aos defensores da hipótese telepática, subconsciente e mediúnica.

Alguém poderia objetar que do ponto de vista da abstração científica e filosófica, o fato de resolver as dificuldades aplicando várias hipóteses à mesma classe de fenômenos não está de acordo com os postulados da ciência e choca as tendências inatas da mentalidade humana, que, seguida de uma lei psíquica inelutável, não é satisfeita enquanto não entrevê a unidade na diversidade; tendência que tem em si algo de intuitivo e que, de partida, não poderia ser mais que a exposição de uma alta verdade cósmica, a qual nós devemos nos ater se queremos agir conforme a razão. Ao que eu responderia que compartilho plenamente desse ponto de vista; minha intenção não foi a de condenar o princípio das generalizações unitárias, mas somente de proteger contra as generalizações demasiado precipitadas, graças às quais aquilo que é heterogêneo é muito frequentemente confundido com aquilo que é homogêneo e, assim, explicado por uma hipótese única, não representando, em realidade, mais *que uma face* do prisma-verdade; o que impede de reconhecer que a síntese unificante do prisma se encontra bem mais ao fundo e que não se pode alcançá-la senão tendo-se em conta o conjunto de suas faces.

Ora, a síntese unificante dos fenômenos de assombração deve ser, a seu turno, pesquisada em algo mais profundo que não o simples fato de explicá-los por uma hipótese única; acabaremos por encontrar *o elemento comum a todos os fenômenos*; esse elemento deve ser de natureza a coordenar entre elas as diferentes hipóteses em questão e não poderia ser considerada como demonstrada. Em nosso caso, o elemento comum a todos os fenômenos é fácil de reconhecer; é o espírito humano em seu duplo estado, encarnado e desencarnado – elemento que pode admiravelmente servir para coordenar entre elas as três hipóteses que expusemos, elemento que serve também para confirmá-las.

\*  
\*       \*  
\*

Termino com algumas palavras destinadas a explicar as regras das quais me utilizei nessa obra, que não será uma obra de classificação como aquelas que a precederam, devido à enorme quantidade de materiais coletados e à extensão excessiva de vários entre os principais relatos; mil páginas não seriam suficientes. Eu, então, fui levado a mudar de sistema; consagrei dois capítulos à exposição de exemplos típicos de “assombração propriamente dita”, sucedendo-os com outros capítulos nos quais serão discutidas as três hipóteses enunciadas que concernem aos fenômenos em questão. A citação de exemplos especiais destinados a confirmá-los demonstrará igualmente

sua validade. Passarei, em seguida, à exposição analítica de fenômenos de “poltergeist”, que será seguida da síntese concludente.

## Capítulo 2

# CASO DE ASSOMBRAÇÃO PROPRIAMENTE DITO

### *Sessão AUDITIVA*

Relatarei nesse capítulo alguns casos de “assombração propriamente dita” de ordem “auditiva”, cujos episódios são dessa natureza, em sua maioria, reservando para um outro capítulo os casos sobretudo de ordem viso-fantomática. Apenas, em razão da extensão excessiva de relatos, eu me verei na necessidade de me limitar a alguns exemplos de dois grupos; por vezes, eu não poderei fazer outra coisa senão resumi-los em parte, ou citar deles unicamente as passagens principais, a fim de reproduzir sempre integralmente o conjunto de manifestações e de nada retirar de sua eficácia.

CASO I. – Eu o tomo do décimo relato apresentado à Sociedade para Pesquisa Psíquica de Londres, pelo Comitê que essa Sociedade tinha nomeado para o estudo de fenômenos de assombração e do qual faziam parte o sr. Frank Podmore, o Pr F. S. Hugues, o reverendo W. D. Bushell, o juiz Hensleigh Wedgewood, sr. A. P. Perceval Keep e o secretário da sociedade, o sr. Edward R. Pease.

Reproduzirei quase integralmente esse primeiro caso, que não é excessivamente longo. Os relatores precederam suas narrativas com os seguintes esclarecimentos:

A narrativa que segue constitui um exemplo claro e marcante de uma casa onde se percebiam barulhos de todos os tipos, sem que se visse nada ali. Ela foi redigida por um dignitário muito conhecido da Igreja Anglicana e foi enviada a nossa comissão por sua viúva, que foi testemunha de fatos relatados e garantiu a exatidão da narração em seus mínimos detalhes. O caso é também marcante pela periodicidade dos barulhos, circunstância muito rara nos fenômenos de assombração.

Eis a narrativa:

Há mais ou menos 18 anos, tendo terminado meus dois anos de estágio depois de minha ordenação no diaconato, eu estava a espera de um vicariato. O que me foi oferecido era muito extenso, apesar de se encontrar em um lugar afastado, no condado de S.; ele era administrado por um vigário sem coadjutor. Eu aceitei a oferta e fui com minha mulher tomar posse. O vicariato era um prédio muito vasto, longe da vila e rodeado em três lados de um campo com arbustos organizados, jardim e horta; do outro lado, ele dava para uma estrada que o separava de dois ou três casebres pobres, os únicos que ele tinha como vizinhança. Os quartos eram grandes, tudo parecia perfeitamente em ordem. Fomos, então, encantados por possuir uma moradia tão bela e confortável.

Chegamos ao vicariato ao meio-dia de uma escura sexta-feira de fevereiro. Trabalhando muito duro, chegamos a tornar habitáveis duas ou três peças para o sábado à noite. A noite tendo caído, nós fechamos as cortinas, trancamos a porta e fomos nos deitar, cansados dos dois dias de trabalhos manuais. Não tendo domésticos, encontramos recurso nos serviços de uma boa mulher da vizinhança; ela era a única pessoa que dormiu conosco no vicariato.

Estávamos mergulhados num sono profundo quando um barulho estrondoso veio nos acordar de sobressalto. Pulei da cama afinando os ouvidos com ansiedade, enquanto esse estrondo parecia se afastar e se desfazer no silêncio da noite. Minha mulher acordou não menos bruscamente e nos pusemos à espera de que a misteriosa perturbação voltasse, mas nossa espera foi em vão. Eu pensei, naturalmente, que havia intrusos em nossa casa e, me vestindo com



o básico, pus-me no dever de começar algumas investigações. Mas, antes, olhei a hora: eram 2h05m da manhã – circunstância para a qual eu chamo atenção muito especialmente.

Depois de ter inutilmente examinado todos os cantos da casa, assim como as portas e janelas, voltei a me deitar, esforçando-me para não pensar no que acontecera, ainda que isso não tenha sido fácil, uma vez que minha mulher nem eu conseguíamos admitir termos nos enganado: esse estrondo infernal tinha interrompido bruscamente nosso sono e tinha chocado nossos sentidos por uma sequência de clarões tal que nos seria impossível duvidar de sua realidade e ainda menos chegaríamos a apagar a impressão que ela tinha provocado. Poder-se-ia dizer que o barulho teria se dado por barras de ferro que caíam do alto até o chão; era um som metálico duro que dominava esse estrondo. Além disso, ele foi prolongado: ao invés de chegar a nós a partir de um dado ponto, ele tinha percorrido a casa com uma sucessão de clarões terríveis que pareciam se entrelaçar uns aos outros. E não falo apenas devido às impressões dessa noite, mas me referindo a suas características constantes, pois meu conhecimento dessa trovada não se limita à experiência desse domingo.

Naturalmente, quando entrei em meu quarto, minha mulher e eu pensamos em nos assegurar de que a boa mulher que se encontrava em nossa casa também tinha sido acordada pelo barulho, mas, como ela não parecia ter dado sinal de alerta, adiamos para o dia seguinte o interesse de questioná-la. O resto da noite foi calma; quando a manhã chegou, constatamos que o terceiro membro da comunidade tinha partilhado conosco o alerta noturno; ela também, a boa mulher, tinha sido despertada bruscamente e tinha ficado em vigília por muito tempo, atormentada pelo medo. Entretanto, o que aconteceu não lhe parecia tão estranho quanto o foi para nós; ela declarou misteriosamente: “Eu sabia de tudo, mas eu ainda não tinha *escutado* e não quero ouvir nunca mais”. Parecia que alguns boatos corriam sobre isso no país, mas não os foi possível obter esclarecimentos daquela senhora, que evitava completamente falar sobre isso. Quando alguém lhe fazia questões, ela escapava dizendo: “São superstições”. Ela não se mostrou muito franca e resolvida senão em um ponto: a necessidade súbita que ela tinha experimentado de entrar em sua casa todas as noites para cuidar das crianças: ela podia nos consagrar toda a jornada, mas a noite ela devia consagrar a sua família. Era preciso acatar e ficar a sós, à noite, guardando o vicariato contra os possíveis ataques de forças tangíveis e barulhos palpáveis.

Consagrei o domingo aos meus deveres religiosos, encontrando, pela primeira vez, na igreja, meus paroquianos que tinham ido em massa. Eu os julguei serem uma congregação muito atenciosa e séria, ainda que eles não brilhassem do ponto de vista da inteligência. Eu não podia, então, me impedir de pensar na improbabilidade de que um desses camponeses frustrados, de rostos assustados, voltados para o altar, se tornasse culpado por uma brincadeira de mal gosto.

Quando chegou a noite, minha mulher e eu ficamos a sós no vicariato, sentados na pequena sala, perto do fogo. Por volta das 8 horas, decidimos dar uma última volta pela casa, mesmo que já tivéssemos tomado todas as precauções possíveis. Na entrada, paramos um pouco surpresos; nós dois ouvimos um barulho inequívoco: era o eco de um passo que ia e vinha lentamente, mas firmemente no corredor do andar de cima, para o qual davam todos os quartos. Não havia erro possível, uma vez que os passos eram nítidos e sonoros. Eu subi a escada correndo, um castiçal à mão; mas, quando cheguei ao corredor, não vi nada, tudo tinha acabado. Ajudado por minha mulher, procurei minuciosamente por todos os lados, sempre inutilmente. Se uma pessoa viva estivesse no corredor, ela não poderia ter desaparecido de uma maneira tão enigmática. Recomeçamos a visitar todos os cantos da casa; enfim, nos convencemos de que, qualquer que fosse a causa dos passos ouvidos, uma coisa era certa: nós não alojávamos no vicariato hóspedes de carne e osso. Eu quis visitar também os arredores e, levantando a tranca, cheguei ao jardim, mas logo fui chamado por minha mulher, que tinha escutado novamente os passos misteriosos no corredor; quando voltei, eles já tinha cessado, mas recomeçaram uma segunda vez alguns minutos antes de irmos dormir.

Agora, devo confessar sinceramente que, quando entramos na sala, minha mulher e eu fizemos vagamente alusão à possibilidade de termos caído em uma “casa mal assombrada”. Devo mesmo acrescentar que nós não nos sentimos obstinadamente incrédulos quanto ao tema do sobrenatural a ponto de repudiar essa possibilidade como absurda, sem examinar o caso mais a fundo. Nós não chegamos, entretanto, a essa conclusão de repente; para o momento, nós nos limitamos a reconhecer que as manifestações pareciam muito misteriosas e nada desejáveis.

O restante da segunda noite se passou sem incidentes. Durante mais ou menos duas semanas, não observamos nada de singular. Esperando, colocamos em ordem a casa e contratamos o serviço de uma camponesa robusta e de um rapaz de 44 anos. Este último estava encarregado de cuidar de dois cavalos e de se ocupar de alguns trabalhos manuais, mas ele não dormia no vicariato. Continuamos, então, em três, exceto nos casos bastante raros em que tínhamos hóspedes. Eu acrescentaria que a doméstica vinha de uma vilazinha muito distante, não nos parecia que ela tinha conhecimentos no país.

Continuamos durante algum tempo ainda sem sermos excessivamente perturbados; o eco de passos inexplicáveis se faziam ouvir bem de tempos em tempos, mas sem nos incomodar. Acabamos por concluir que qualquer que tenha sido a causa, parecia inofensiva e não comprometeria nossa tranquilidade. Mas nós não tardamos a sermos premiados com novos fenômenos bastante problemáticos, cuja intensidade era progressiva. O vicariato era provido de vastos sótãos, que encontramos vazios e em excelente estado. Nós, então, os utilizamos colocando neles

baús, valises e caixas. Subíamos neles por uma pequena escada especial, do qual tínhamos fechado à chave a porta logo que colocamos as malas.

Ora, acontece que uma noite, enquanto estávamos deitados há pouco tempo e não tínhamos ainda caído no sono, começamos a ouvir um estrondo terrível vindo do sótão; o sono desapareceu. E esse estrondo tinha causas muito vulgares: seriam os baús, as caixas, as malas que pareciam se mover todas ao mesmo tempo, subindo umas sobre as outras, caindo sobre o piso, fazendo um tumulto ensurdecedor que não parecia querer parar tão cedo. Uma investigação imediata se impunha, corremos todos os dois ao sótão, mas inutilmente, nossa presença tinha restabelecido a calma. Os baús pareciam em perfeita ordem, cada um no lugar em que tinha sido posto. Ficamos mais embaraçados e humilhados do que nunca diante da impossibilidade de resolver o mistério.

A título de diversão complementar, fomos também recebidos com uma série de golpes muito fortes, parecendo saudar nosso aparecimento. Eles variavam de modo e tonalidade; algumas vezes eram rápidos, veementes, impacientes; outras, eram lentos e hesitantes. De todo modo, pertencessem ao primeiro ou ao segundo tipo, fomos premiados em média quatro noites por semana. Eram os fenômenos mais frequentes, a tal ponto que raramente descíamos, esperando-os. Entretanto, como não eram nada perturbadores, não tardamos a nos familiarizar com eles. Quanto a isso, vale a pena registrarmos uma circunstância interessante. De um tempo a outro, quando, em minha cama, eu escutava os golpes, eu me sentia impulsionado à interpelá-los sarcasticamente. Por exemplo, dirigi-me ao agente hipotético dizendo: “Cala-te, então, não perturbe as pessoas de bem quando elas dormem”. Ou ainda eu o desafiava dizendo que, se ele tinha algo a comunicar ou alguma reclamação a formular, que “o fizesse de uma maneira aberta e franca”. Muito frequentemente essas reprimendas eram mal acolhidas; os golpes, então, ressoavam ainda mais fortes e se sucediam com uma rapidez vertiginosa; teria sido possível chamá-los de “golpes passionais”. Meus leitores sorrirão, talvez, ao me verem fazer alusão a uma relação possível entre minhas reprimendas e a intensidade crescente dos golpes. Eu não pude também afirmar claramente que o foi bem assim, eu quero apenas constatar um fato: o de que uma coincidência incontestável entre a intensidade dos golpes e minhas frases desafiadoras. Abstenho-me de criar teorias, limitando-me a expor os fatos rigorosamente controlados e honestamente relatados. Talvez se tratasse de uma mera coincidência e não de outra coisa.

Agora, alguém poderia me perguntar se os vizinhos estavam informados sobre o que se passava entre nossas paredes. Durante algum tempo, não deixamos nada claro e isso por diferentes razões. A princípio, porque, falando-se em uma região de eventos tão misteriosos, teríamos levantado uma indignação (geral) cujo resultado seria a impossibilidade de encontrarmos e mantermos uma doméstica; em seguida, porque, não conhecendo muito o caráter de nossos paroquianos, pensamos que, se a assombração fosse obra de um zombeteiro, teríamos descoberto os culpados mais facilmente mantendo silêncio; e, sobretudo, após nossa aparente indiferença, eles seriam cansados mais rapidamente. Consequentemente, cada vez que a doméstica, moça enérgica e vigorosa, se permitia timidamente fazer alusão a certos alarmes noturnos que ela tinha passado, jamais nos abstermos de evitar a questão, de modo a não encorajá-la a confiar-nos suas inquietações.

Até o momento, estive estritamente limitado a relatar o que ouvi e constatei pessoalmente. Minha mulher e eu não conhecemos mais que as batidas, os barulhos no sótão, os passos precisos no corredor e o estrondo satânico. Esses fenômenos que, todos, se fizeram escutar nos primeiros tempos de nossa chegada, continuaram durante nossa estadia em C. e, aparentemente, os deixamos de herança a nossos sucessores. O grande estrondo satânico que tinha saudado nossa chegada foi o mais terrível desses fenômenos, mas também o mais raro. Não o ouvíamos frequentemente durante muitas semanas consecutivas; mas cada vez que ele eclodia, nos provocando um sobressalto, e que consultávamos o relógio, constatávamos infalivelmente que acontecia *às 2 horas, uma manhã de domingo*.

Mais tarde, pudemos notar de modo certo que o estrondo podia se manifestar perto dos hóspedes de nossa casa, *sem se fazer ouvir por nós; sabendo* muito bem, por experiência, o quanto era grandioso quando era para nós que se fazia ouvir, eu considero essa circunstância como a mais espantosa entre todas. Eis um exemplo disso:

Na primavera, começaram as visitas de parentes e amigos; entre os primeiros a chegar encontrava-se uma jovem dama, parente próxima de minha mulher. Nós tratamos de não colocá-la a par de nossas observações; a princípio, para não perturbá-la logo, depois porque nós desejávamos obter um testemunho independente e não preconcebido sobre esses fatos. Após alguns dias, ela começou a nos questionar sobre os motivos que nos faziam executar trabalhos barulhentos nas horas em que os outros dormiam. Nossas respostas deveriam parecer-lhe muito vagas e insuficientes. Uma ou duas vezes ela perguntou se preparávamos algum enterro, tendo escutado, durante a noite, a pá do coveiro cavar a terra, exatamente abaixo de sua janela. Ela se mostrava surpresa pelo coveiro ter escolhido horas tão extraordinárias para executar sua tarefa macabra. Nós lhe asseguramos que ninguém havia falecido e que o que ela escuteou não poderia se relacionar a uma pá cavando um buraco porque o cemitério se encontrava do outro lado da casa. Apesar disso, ela continuava a afirmar que o barulho que ela tinha escutado era mesmo o de uma pá cavando a terra. Eu não duvido da realidade de sua percepção, ainda que eu jamais tenha ouvido o barulho em questão.

Uma outra vez, ela contou que, durante a noite, tinha escutado alguém caminhar no corredor, parando, em seguida, para bater à sua porta. Ela tinha, então, perguntado quem era e o que queria, sem obter resposta e sem que

ninguém entrasse.

Enfim, na manhã do primeiro domingo que ela passou no vicariato, logo que ela nos viu, exclamou: “Mas o que vocês fizeram essa noite? Que barulho ensurdecador! Vocês me acordaram num sobressalto e eu teria corrido para ver o que acontecia se eu não tivesse medo dos cachorros. Eu fiquei tão perturbada que a vontade de dormir desapareceu logo e eu fui à janela para respirar livremente; *2 horas soavam no relógio da igreja*”. Com essas palavras, minha mulher e eu trocamos um olhar significativo. Nossa parente tinha, então, escutado “o satânico estrondo do domingo”, *que não se fez ouvir para nós!* Então, colocamos nossa hóspede a par do que nós ouvimos e constatamos que suas impressões correspondiam perfeitamente as nossas.

Ainda um episódio que se relaciona a fatos constatados por outros observadores. Não citarei outros porque penso que o valor e o interesse de meu relato não pode derivar senão se nossas observações *personais*.

No começo do outono, nos ausentamos durante uns quinze dias; de nosso retorno, a doméstica conta o seguinte: uma noite ela foi ao vilarejo, deixando o rapaz para guardar a casa. Ele estava sentado na cozinha perto do forno, quando percebeu nitidamente o passo preciso que ia e vinha no corredor acima. Ele subiu para ver quem era o intruso e o que ele queria, mas não encontrou ninguém. De volta à cozinha, não tardou a escutar de novo o mesmo passo pesado e sonoro; então ele subiu tremendo as escadas e observa mais uma vez o corredor, mas sempre sem ver ninguém. Voltando à cozinha, ele se sentou perto do fogo; mas, quando pela terceira vez ele escutou o eco de passos misteriosos, ele sentiu seu sangue congelar de pavor e fugiu correndo até uma casinha bem longe, a de seus pais, que ouviram com espanto a estranha história. Eles não sabiam nada das manifestações que aconteciam em nossa casa.

Mais tarde, decidi-me a falar com uma velha e boa senhora, há muito tempo doente, cuja casa se elevava diante do vicariato, de tal modo que ela podia muito bem vê-lo do quarto onde ela dormia. Coloquei-a a par das coisas misteriosas que se passavam conosco, perguntando a ela se ela não teria escutado falar de nada. Ela me respondeu que ela tinha ouvido falar frequentemente de perturbações análogas que se passavam no vicariato e que tinham feito sofrer alguns de meus predecessores. Ela acrescentou que, de sua parte, percebia frequentemente, através de pequenas janelas, luminosidades oscilantes e intermitentes que se deslocavam no interior do sótão: essa observação não é desprovida de interesse, se se imagina que os locais superiores da casa não eram habitados, que ninguém subia ali (exceto a noite em que se escutou o primeiro estrondo) e que havia apenas uma pequena escada de acesso, sendo a porta fechada à chave.

A senhora em questão contou também alguns eventos que tiveram por palco o vicariato, no último século, e dos quais ela soube por seus pais; eventos que, se forem verdadeiros e se se puder anexá-los – como causa e efeito – às manifestações que se passaram, ajudariam certamente a indicar a fonte real dessas perturbações.

Eis uma última circunstância que merece ser examinada por aqueles que se propõem a pesquisar as causas dos fenômenos. Eu possuía dois cachorros *terrier* de raça pura, muito bons para a proteção da casa. Uma vez, durante nossa estadia em C., lamentava-se na região alguns roubos e assaltos noturnos; uma tentativa foi feita também contra o vicariato. Mas os cachorros vigiavam e não tardaram a dar o alarme latindo furiosamente; pude, assim, tomar minhas providências para despistar os assaltantes que fugiram. Eu trago a interesse esse episódio a fim de que se note o contraste do comportamento dos cachorros nessa circunstâncias e sua conduta na ocasião dos barulhos misteriosos.

Dir-se-à que provavelmente eles não os escutavam, mas há circunstâncias que provam o contrário; esta, entre outras: cada vez que, após as perturbações, eu me decidia a fazer as verificações habituais, eu encontrava os cachorros enroscados um no outro num canto, em condições lamentáveis de pavor. Eu posso afirmar com certeza que eles eram os indivíduos da casa que mais se atemorizavam. Quando não estavam na coleira, corriam a nosso quarto e ficavam aglomerados gemendo tanto que nós não os expulsávamos.

Nossas observações compreendem um período de doze meses. Após esse tempo eu fui nomeado beneficiário em uma outra região da Inglaterra e tive de renunciar ao vicariato; nós o deixamos sem muito lamentar, esperando poder dormir sem problemas. Nós apenas queríamos ter descoberto da causas das manifestações (*Proceedings of the S. P. R.*; vol. II, p. 144).

Ainda que o caso acima possa ser considerado como um dos mais simples do gênero, encontramos nele os principais traços característicos dos fenômenos de “assombração propriamente dita”, tais como as circunstâncias da audição frequentemente “eletiva” de barulhos (consequentemente, de sua natureza subjetiva ou alucinatória); da inteligência se manifestando nas batidas mais ou menos intensas; do fato de que os fenômenos se mostram independentes das pessoas que habitam a localidade obsediada (uma vez que a assombração era anterior à chegada do vigário e tinha persistido depois dele); da existência de eventos dramáticos ou eventos de morte, ou de tradições nesse sentido, coincidindo com a origem da assombração e em relação com as manifestações; enfim, da participação de animais na percepção dos fenômenos.

Encontramos nele ainda uma outra singularidade muito rara nos fenômenos em questão: a saber, a periodicidade de alguns entre eles; no nosso caso, trata-se do “estrondo satânico” que se realizava sempre numa hora e data fixas e, mais exatamente, às 2 horas da manhã de domingo. Essa periodicidade mostra de maneira irrefutável a existência de uma intenção qualquer no agente obsessivo; o que ajuda a eliminar várias hipóteses propostas para explicar as manifestações. Consequentemente, se se conseguisse colher um número suficiente de incidentes semelhantes, eles se revestiriam de um grande valor teórico, favorecendo a hipótese espírita. Mas, para o momento, esses fatos são raros, a tal ponto que, na Introdução dessa obra, fiz notar como, num total de 374 casos coletados, encontravam-se apenas 7 incidentes análogos. De todo modo, ainda que não sendo numerosos, eles não podem mais do que ter seu peso na balança das probabilidades teóricas, visto que sejam bem constatados. Não parece que se possa duvidar do que acabamos de expor.

CASO II. – Foi publicado por duas vezes pelos Anais de Ciências Psíquicas, nos anos 1892-1893; é um caso muito interessante, cuja narrativa apresenta a vantagem de consistir em um relato redigido imediatamente, no momento em que aconteciam os fenômenos, o que elimina toda probabilidade de erros mnemônicos.

A publicação do relato, com a abundante documentação que o acompanha, preenche 40 páginas dos Anais. Eu deverei, então, limitar-me a reproduzir seus episódios principais e as passagens essenciais dos documentos de suporte, que contêm incidentes e observações importantes. A publicação do caso é devida ao Sr. G Morice, doutor em direito que, para o prazer do professor Richet e ser útil aos objetivos científicos que este último se propunha a divulgar pela revista fundada por ele, desejou comunicar-lhe uma cópia do relato em questão, com a autorização de seu autor, sr. F. de X... Ele, então, foi até este último para obter informações suplementares e os endereços das principais testemunhas, a fim de entrevistá-las e reunir todas as provas possíveis. Ele conseguiu cumprir, felizmente, sua tarefa, como mostram as inúmeras peças publicadas.

Será útil preceder a narrativa com a carta seguinte, que o relator e proprietário do castelo obsediado endereçou ao sr. Morice:

Senhor,

... Em princípio, meu maior desejo foi o de que ninguém se preocupasse comigo nem do que se passou comigo na época em que eu morava em T... Tendo sido testemunha de todos esses fenômenos, pude conservar apenas uma lembrança pouco agradável, os senhores ficarão de acordo, e, sendo dada as opiniões, - frequentemente formuladas de modo aligeirado, - do mundo quanto a esse tema, falo apenas àqueles que não me parecem visar as coisas do ponto de vista mais sério, como de resto o senhor o faz.

Como um trabalho de um caráter científico lhe foi demandado quanto a esse tema, venho de minha parte me dirigir a sua delicada atenção para lhe pedir que me mostre seu trabalho antes de sua publicação e, sobretudo, suprimir absolutamente o meu nome; peço-lhe também substituir com um X todos aqueles que encontrar. Muitos daqueles que foram testemunhas desses fenômenos ainda são vivos e seria possível que, por um sentimento que devemos respeitar neles, eles não queiram em nenhuma hipótese ver seu nome figurar nesse relato impresso. Não se trata das notas que tomei naquela época; eu tinha a autorização de minhas testemunhas e essas notas estavam, em meu espírito, destinadas a ficar na intimidade da família... (Assinado: F. de X... – 3 de agosto de 1891).

#### EXPOSIÇÃO DE FENÔMENOS ESTRANHOS NO CASTELO DE T...

Sr. Morice publica os esclarecimentos seguintes:

Por volta de 1835, existia nessa comunidade (Calvados), um antigo castelo que pertencia à família de B. Essa casa se encontrava em um estado de desgaste tal que a restauração foi dada como inútil. Ela foi substituída por uma outra casa erigida a mais ou menos 450 metros ao norte da casa antiga. Sr. de X... a recebe de herança em 1867 e faz dela sua residência.

No mês de outubro desse mesmo ano, houve uma série de fatos extraordinários. Essa casa foi obsediada por

fantasmas algo maus. A família de X... ignorava todos esses barulhos quando ela tomou posse da casa.

Após alguns meses de estadia, alguns fatos se manifestaram, mas apenas de modo intermitente; somente após eles terem deixado seu castelo para ficar com os pais é que os fatos aconteceram no caráter de intensidade e de continuidade que encontramos em 1875. Os domésticos morriam de pavor e, a pedido do senhor e da senhora X..., entraram novamente depois de ficarem ausentes por um mês.

Os mesmos fatos se repetiram após o retorno. O sr. de X... fez minuciosas investigações durante várias noites, mas nada descobriu.

Tudo volta, pouco a pouco, à calma. No começo de 1868, os fatos cessaram completamente.

Depois desse tipo de introdução, o sr. Morice cede a palavra ao relator, o sr. F. de X..., que continua, dizendo:

Há cinco anos retomamos nossa calma e nossa segurança e não falamos mais de tudo aquilo senão quando nossos parentes ou amigos nos perguntavam algo. Também nossa decepção é grande ao ver que novos barulhos, parecidos aos de 1867, vêm nos perturbar e nos fazem temer que o castelo onde estamos seja destinado a ser o objeto de uma série de fenômenos que tornam impossível uma estada.

Estamos em outubro de 1875. Proponho-me a anotar aqui e a registrar a cada dia o que se terá passado na noite precedente. Devo enfatizar que os barulhos aconteciam enquanto a terra estava coberta de neve, não havendo nenhum traço de passos em torno do castelo. Secretamente, estendi fios em todas as aberturas: eles jamais foram desfeitos.

Nesse momento, outubro de 1875, nossa casa está assim composta: sr. e sra. de X... e seus filhos; o abade D..., preceptor; Emile, açougueiro; Auguste, jardineiro; Améline, camareira; Céline, cozinheira. Todos os domésticos dormem na casa; eles são da mais absoluta confiança.

*Terça-feira, 13 de outubro de 1875.* – Como o abade D... nos disse que estava certo de que sua poltrona muda de lugar, nós o acompanhamos, minha mulher e eu, em seu quarto, e constatamos minuciosamente o lugar ocupado por cada objeto. Prendemos com fita adesiva, que fixa ao chão o pé da poltrona. Deixamos o abade; eu o recomendo a me chamar caso aconteça algo extraordinário. Às 9h45 o abade escuta na parede do quarto uma série de pequenas batidas, que entretanto, eram muito fortes, sendo ouvidas igualmente por Améline, que dorme no quarto da frente. Ele escuta, em seguida, em um ângulo de seu quarto, o barulho do mecanismo da roda de um grande relógio de corda, depois um castiçal de metal que muda de lugar em sua chaminé, deslizando. Enfim, ele escuta e crê ver sua poltrona caminhar; ele não ousa se levantar e toca a campainha de mesa; eu vou até lá. Quando entro, constato que a poltrona mudou de lugar por pelo menos um metro: ela está voltada para a lareira. O disco de contenção que estava na parte inferior do castiçal, foi deslocado para cima do castiçal; o outro castiçal foi deslocado e posto de modo a ultrapassar muitos centímetros da borda da lareira. Uma pequena estátua colocada contra o vidro avançou 20 centímetros. Eu me retiro ao cabo de 20 minutos. Escutamos dois golpes violentos no quarto do abade, que toca a campainha e me assegura que esses golpes foram dados na porta de seu banheiro, aos pés de sua cama.

*Sexta-feira, 15 de outubro.* – ... Às 10h45m, todo mundo foi acordado por uma série de batidas muito fortes no quarto verde. Auguste e eu fizemos uma ronda por todos os lados e, enquanto estávamos na sala, escutamos batidas próximos à sala de vestir. Nós fomos para lá: nada. Voltamos. A senhora e Améline escutam um móvel arrastar no andar de cima, onde não havia ninguém. O móvel parece cair pesadamente.

*Segunda-feira, 18 de outubro.* – ... Todo mundo acorda com o barulho de uma bola grande e pesada, que desce a escada do segundo ao primeiro, saltando de degrau em degrau, depois perto de meio minuto, por um golpe isolado muito violento, depois nove ou dez grandes golpes surdos.

*Domingo, 31 de outubro.* – Noite muito agitada. Parece que alguém sobe, mais rapidamente que um homem possa fazer, a escada do térreo, batendo os pés. Chegando ao topo, cinco batidas fortes foram feitas igualmente fortes, de modo que os objetos pregados à parede se sacudiam. Dir-se-ia que uma bigorna pesada ou uma barra grossa foi jogada em algum ponto das paredes, de maneira a estremecer a casa; ninguém pode precisar o ponto de onde esses golpes partem. Todo mundo se levanta e se reúne no corredor do primeiro piso. Fazemos uma sondagem minuciosa, mas não encontramos nada. Voltamos a deitar, mas novos barulhos nos obrigam a nos levantarmos. Somente por volta das 3 horas pudemos dormir.

*Quarta-feira, 3 de novembro.* – Desde 10h20m, todo mundo foi acordado por passos sonoros que sobem a escada rapidamente. Uma série de golpes fazem tremer as paredes. Nós nos levantamos imediatamente. Pouco tempo depois, ouvimos o som de um corpo pesado e elástico que teria descido a escada do segundo ao primeiro, saltando firmemente de degrau em degrau. Chegando embaixo, ele continua seu rumo deslizando no corredor e para no átrio da escada. Logo partem dois golpes muito claros, depois um golpe espantoso, como de um martelo lançado com toda força sobre a porta do quarto verde. Muitas batidas aleatórias e repetitivas imitando passos de animais se fizeram

ouvir.

*Sábado, 5 de novembro.* – Às 2 horas, um ser qualquer se lança à toda velocidade à escada, do átrio ao primeiro andar, atravessa o corredor e se lança rapidamente à escada do segundo com um forte barulho de passos que não tinham nada de humano. Todo mundo ouviu: ter-se-ia dito duas pernas privadas de seus pés e caminhando sobre dois tocos. Escuta-se em seguida vários e fortes golpes na escada e na porta do quarto verde.

*Quarta-feira, 10 de novembro.* – À 1 hora, surgiu um galope precipitado no átrio e na escada. Uma pancada forte sobre o átrio se faz ouvir, seguida de uma outra muito violenta sobre a porta do quarto verde; duração de 20 minutos. Uma tempestade com vento, trovoadas, relâmpagos, vem tornar a noite ainda mais temível. À 1h20, trava-se a porta do quarto verde. Logo vêm dois fortes golpes sobre a porta, três no interior do quarto, três outros na porta e, enfim, longas pancadinhas no segundo andar, ao menos quarenta; duração de 10 minutos e meio. Nesse momento, todos escutam um grito, como um longo som de um berrante que domina a tempestade; parece-me vir de fora. Pouco depois, todos escutam três gritos agudos; eles vêm de fora, mas se aproximam muito sensivelmente da casa. À 1h30, um golpe surdo no segundo andar; ainda um grito muito longo, depois um segundo, como uma mulher que chama de fora. À 1h15, subitamente escutamos três ou quatro grandes gritos no vestíbulo, depois na escada. Levantamo-nos todos e fizemos como sempre uma perquirição minuciosa. Voltamos a deitar. Às 3h20m, um galope se faz ouvir no corredor. Escutamos dois gritos mais fracos, mas bem dentro da casa.

*Sexta-feira, 12 de novembro.* - ... À meia-noite, todos se levantam: escutam-se gritos no porão, depois no interior da casa verde, enfim os soluços e os gritos de uma mulher que sofre terrivelmente.

*Sábado, 13 de novembro.* – Não apenas fomos perturbados durante a noite, mas eis que também durante o dia; 3 horas, golpes na sala de jantar; verificação inútil; 3h15, barulhos no quarto verde: fomos lá, uma poltrona estava deslocada e posta contra a porta, a fim de impedir que se abrisse: nós a colocamos no lugar. 3h10, passos no quarto da senhora de X...; uma poltrona sai do lugar. Segunda visita ao quarto verde: a poltrona está novamente posta de modo a impedir a porta de abrir...

*Sábado, 13 de novembro (noite).* – Meia-noite e 15 minutos, dois gritos muito fortes no saguão; não é mais o grito de uma mulher que chora, mas gritos agudos, furiosos, malditos, desesperados, gritos de condenados ou de demônios. Ainda por mais de uma hora batidas violentas se fizeram ouvir.

*Terça-feira, 21 de dezembro.* – À noite, ouvimos batidas no quarto da senhora de X..., e a queda de vários objetos que desabam; verificação inútil, nada quebrado.

*Segunda-feira, 27 de dezembro.* – 6h30: Céline, que desce, é seguida por batidas que a perseguem, de nosso quarto ouvimos muito bem. Ela não viu nada.

*Quarta-feira, 29 de dezembro.* - ... Senhora de X..., ouvindo sons no quarto do abade, sobe lá, seguida deste último. Ela ouve algo mexer no quarto, levanta a mão direita para tomar a maçaneta e abri-la: antes que ela possa tocá-la, vê a chave que sai, rapidamente voltando para a fechadura e vem atingi-la na mão esquerda. O abade foi testemunha. O golpe foi tão forte que dois dias depois o lugar atingido ainda estava sensível e visível...

*Domingo, 2 de janeiro de 1876.* – 6h30 minutos: nota-se que, há três manhãs, os que descem de seus quartos são seguidos até o térreo, passo a passo e degrau a degrau, por batidas que paravam e retomavam com eles. O vigário da paróquia de T... foi seguido dessa maneira e nada viu.

*Segunda-feira, 3 de janeiro.* – À noite, eu estava só na sala, por volta das 5h15; eu tinha uma lâmpada, ouvi seis golpes bem acentuados, batidos na mesa que se encontrava, naquele momento, à 10 metros de mim. Eu me virei e não vi nada.

*Quarta-feira, 5 de janeiro.* – O reverendo Padre H. L., religioso, foi enviado aqui pelo Monsenhor para julgar os fatos e nos ajudar... (*Estadia do Reverendo Padre H. L.*) – A partir do momento em que o Reverendo Padre H. L. esteve aqui, a calma se fez subitamente e de uma maneira absoluta. Nada, nem de dia ou de noite. Em 15 de janeiro ele fez uma cerimônia religiosa. A partir desse dia, ouvimos alguns barulhos, isolados e extraordinários à noite, e sempre nos lugares mais distantes do Padre H., de modo que ele não poderia ouvir. O Reverendo Padre nos deixou na segunda-feira, dia 17, e sua partida foi seguida logo de uma nova série de fatos tão intensos e graves quanto os que precederam sua chegada.

*Noite de 17 a 18 de janeiro.* – Às 11 horas, uma batida como um corpo que cai no corredor do primeiro andar, seguida como que de uma bola que rola e vai bater violentamente na porta do quarto verde. Interminável galope no segundo, seguido de vinte golpes surdos no mesmo lugar, dezoito no interior do quarto verde. São 1h35 minutos; cinco grandes batidas na porta do quarto verde, quinze golpes surdos na escada do segundo andar. Duas batidas de solado no saguão, dez golpes surdos na escada do segundo, tudo estremece ao nosso redor.

*Noite de 20 a 21 de janeiro.* – 1h25 minutos. Todos escutam quatro gritos fortes, vindos de fora, mas à altura da janela; depois logo como dois golpes de bastão na escada. Pouco depois, dez golpes mais fortes, depois um bater de tambor no segundo andar... 5h15 minutos. Nessa mesma noite, Sra. de X..., que tinha uma lanterna, ouve um corpo muito volumoso que cai pesadamente da mesa ao chão. Ela olha e nada descobre.

*Jornada de 25 de janeiro.* - ... 5h 10 minutos. O senhor abade lia seu breviário; ainda que tivesse há três dias um tempo ótimo, uma massa de água cai, pela chaminé, sobre o fogo, que apaga, e faz voar as cinzas. O senhor

abade é cegado, ficou coberto delas.

*Noite de 25 a 26 de janeiro.* – 1h 30 minutos. A casa é sacudida vinte vezes, sete golpes na porta do quarto verde, seguidos de golpes tão rápidos que não se pode contá-los. Dois na porta do quarto verde, doze próximos ao quarto de Maurice, treze que fazem tudo tremer, depois cinco, depois dez, depois dezoito, fazendo tremer paredes e móveis. Mal tivemos tempo de escrever. Nove golpes terríveis na porta do quarto verde, um bater de tambor acompanhado de fortes golpes secos que fazem tudo estremecer, um muito sonoro, depois uma série de dez golpes batidos dez a dez. Nesse momento, escuta-se como que gritos de touro, depois outros, inumanos, enraivecidos, no corredor, perto da porta da sra. de X... que então se levanta e toca o alarme para levantar todos os empregados. Enquanto todos estavam reunidos no quarto do senhor abade, escutamos ainda dez mugidos e um grito. Apenas às 4h 20 minutos voltamos a dormir. A sra. de X... escuta um golpe muito forte batido no órgão localizado em seu quarto, a dez metros de sua cama; ele é seguido de três outros golpes dos quais ela não pode precisar a direção. *Os barulhos foram muito bem escutados pela fazenda.*

*28 de janeiro.* – Encomendamos uma novena de missas à Lourdes; o Reverendo Padre fez os exorcismos e tudo cessou...

Termino aqui as citações do relato do sr. F. de X... e relato das principais passagens de várias confirmações de testemunhos.

Eis uma carta do senhor abade D..., preceptor do filho do sr. e da sra. de X... Ela está endereçada ao sr. Morice, datando do 12 de janeiro de 1893.

Tenho a honra de responder a sua carta datada de 9 do presente mês. Eu lhe direi, de início, que possuo igualmente uma cópia do manuscrito do sr. de X...; posso atestar que fui testemunha de todos os fatos que aconteceram no castelo do T..., desde 12 de outubro de 1875 a 30 de janeiro de 1876. Posso atestar que os fatos relatados no manuscrito não podem ser obra de um homem: todos esses barulhos foram ouvidos não por uma pessoa, mas por um grande número de testemunhas e os golpes eram tão fortes *que poderiam ser ouvidos a uma distância de 500 metros*. Eu não farei um novo relato dos fatos, uma vez que os conhecem. Os fatos desse tipo se passam igualmente no antigo castelo, antigos serviçais me declararam ter também ouvido barulhos.

Durante todos esses episódios, o sr. de X... tomou todas as precauções imagináveis. Como um homem poderia entrar em meu quarto, mudar os objetos de lugar sem que eu visse? Por que deixar três volumes da Santa Escritura em seu lugar, enquanto todos os outros volumes foram lançados ao chão? Como subir ao alto da chaminé, jogar água no fogo e me cobrir de cinzas? E isso acontecia durante o dia. Meu aluno foi testemunha do fato e creio ainda o ver correr. Como, em meio aos maiores barulhos, a cadela do sr. de X..., que era, entretanto, bem adestrada, não manifestava nenhuma surpresa? Como explicar que uma janela bem fechada se abra por si mesma, na presença do sr. de X... e na minha? Os gritos que ouvimos não eram gritos humanos; muitas vezes as paredes do castelo estavam tão abaladas que eu temia ver o teto cair sobre minha cabeça. Onde encontrar um homem que possa fazer tudo isso? Para mim, não conheço senão o diabo.

Com relação à pretensa eficácia dos exorcismos, eis uma retificação do sr. Morice, dirigida ao Dr. Dariex, diretor dos Anais:

Meu caro Doutor,

Como vimos pela última frase de seu manuscrito, sr. de X..., atribuindo a cessão dos fenômenos à cerimônia de exorcismo e aos padres, certamente o fez de boa fé; os eventos não tardariam à desenganá-lo.

Por si mesma, a cerimônia de exorcismo não deu nenhum resultado; ela foi praticada, de fato, em 14 ou 15 de janeiro e nós viemos a conhecer pela narrativa do sr. de X... o que aconteceu desde essa data até 29 de janeiro. Deve-se, entretanto, reconhecer que, seguido às preces feitas pelo padre exorcistas, a calma pareceu renascer ao final de janeiro.

Esse período de tranquilidade se prolongou durante alguns meses, mas no final de agosto e sobretudo em setembro, o castelo de T... tornou-se novamente palco de fatos tão estranhos quanto aqueles que já conhecemos. É lamentável que o sr. de X... não tenha tomado o cuidado, como para os outros, de registrá-los e analisá-los na medida em que aconteciam... (*Assinado: Sr. G. Morice, 12 de janeiro de 1893*).

Para obter informações quanto à segunda série de fenômenos, o sr. Morice se dirigiu ao abade M... que, em fevereiro de 1876, tinha substituído o abade D..., na qualidade de preceptor do filho do Sr. e da Sra. de X...

Em uma carta datada de 20 de janeiro de 1893, o abade M... responde como segue ao sr.

Morice:

Senhor,

Tardei em responder e agradecer o número da Revista que o senhor me endereçou, mas as circunstâncias me desculpem.

Por que o sr. de X... termina tão bruscamente seu jornal? Depois dos exorcismos, uma grande calma se passa. Um fato aconteceu, quase inacreditável, que deu muita esperança quanto ao amanhã.

Eis o fato: Vocês viram no jornal que medalhas de São Bento, crucifixos benzidos, medalhas de Lourdes tinham sido colocadas em todas as portas. Todas essas medalhas e crucifixos formavam um pacote volumoso. Vocês veem, assim, que na noite que segue um estrondo terrível aconteceu e que, no dia seguinte, medalhas e crucifixos tinham desaparecido sem que fosse possível reencontrá-los, e, no entanto, eles eram inúmeros, tanto quanto as portas. Ora, os exorcismos tinham terminado e foram seguidos de alguns dias de calma. Vocês devem pensar o quanto esse tempo pareceu agradável; mas eis que dois ou três dias depois, Madame escrevia ajoelhada algumas linhas, próxima a uma pequena escrivanhinha, quando, de repente, um imenso pacote de medalhas e crucifixos cai diante dela, sobre a escrivanhinha. Devia ser por volta das dez e meia da manhã. De onde caíam essas medalhas? Eram todas as medalhas colocadas nas portas, com exceção das medalhas maiores...

Um outro dia, o sr. de X... abre e toca seu acordeon durante bastante tempo. Quando ele fechou o instrumento, uma parte do ar que acabava de tocar se repetiu no canto oposto da sala e isso por um tempo um tanto quanto notável...

De outra vez, em meu quarto, uma cômoda pesadamente carregada de livros e repleta de panos se eleva a uns cinquenta centímetros do chão e fica algum tempo nesse estado. Meu jovem aluno me mostra isso. Eu me apoio sobre a cômoda, ela não cede, depois ela volta por si própria a seu lugar. Deve ter sido três horas da tarde...

A carta seguinte, que uma outra dama, testemunha dos fatos, endereçou ao Dr. Dariex em 14 de setembro de 1892, forneceu informações sobre os fenômenos que se passaram no antigo castelo, então demolido. A senhora Le N. de V... conta o seguinte:

O castelo chega pela via de herança, creio, ao sr. de X... O antigo proprietário, a senhorita de Z..., teria morrido na impenitência final e é evidente que ela retornava ao castelo. Não sei quanto tempo se passou entre sua morte e a instalação de seus herdeiros.

Quando os primeiros sons aconteceram, o sr. de X... pensou em se tratar de trabalho das pessoas que desejavam assustá-lo no intuito de que ele abandonasse o castelo, que obteve nessas circunstâncias: vendido a preço vil, assim como as terras nas dependências. Ele então fez investigações pontuais, sondou as paredes, porões, para tratar de descobrir as passagens esquecidas pelas quais alguém poderia entrar. Apesar da vigilância exata, não se descobriu nada de plausível sobre a origem desses barulhos que iam aumentando, mesmo com as precauções.

Ele comprou dois cães de guarda amedrontadores que eram soltos todas as noites; nada aconteceu.. Um dia, os animais se puseram a latir na direção de um dos canteiros do jardim, com tal persistência que o sr. de X... acreditou que os malfeitores estariam escondidos ali. Ele se armou, armou os domésticos, cercaram o canteiro e soltaram os cachorros. Eles se precipitaram com furor, mas mal entraram e seus latidos se transformaram em gemidos, como os de cães que recebessem uma correção; abaixaram as caudas e não se conseguiu fazê-los entrar novamente. Os homens entraram, então, no canteiro, vasculharam em todos os sentidos e não encontraram nada... Foi antes da demolição do antigo castelo.

Não me lembro mais em qual dos dois castelos aconteceram os fatos que vou narrar. Um amigo ou primo, oficial, quis dormir uma noite no quarto particularmente obsediado e onde normalmente ninguém dormia. Ele tinha seu revólver, prometendo atirar em qualquer coisa que viesse a perturbar seu sono. Ele tinha apagado a luz. Ele foi acordado pelo roçar de um vestido de seda e sentiu que alguém puxava seu cobertor; ele interpelou o visitante noturno sem obter resposta e acendeu sua vela, que logo se apagou. Três vezes ele a reacendeu, três vezes ela foi apagada e sempre o roçar da seda e o manejo das cobertas sobre seu corpo indicando-lhe a posição ocupada pelo ser que o puxava e que devia estar muito perto. Ele atirou, sem nenhum resultado; entretanto, as balas não tinham sido tiradas dos cartuchos, uma vez que foram encontradas de manhã na parede...

Quanto à impressão que os fenômenos causavam sobre os animais, registrarei ainda essa passagem concernente à atitude dos cavalos – passagem sem dúvida insuficiente do ponto de vista probatório, porque é fundada sobre simples lembranças, mas que adquirem certo valor pela circunstância em que foi fornecida, ou seja, de modo independente por duas testemunhas. O



abade D... escreveu ao Dr. Dariex em 21 de fevereiro de 1893:

Eu poderia citar um outro fato: creio que os cavalos também estavam atormentados; de manhã os encontramos suados, a palha lançada para trás deles...

Antes dele, o sr. Morice, em uma carta ao mesmo Dr. Dariex, na data de 23 de setembro de 1891, tinha dito assim:

O que sei é que várias vezes, nos estábulos do castelo, os cavalos pareciam ter medo e que de manhã nós os encontrávamos algumas vezes cobertos de suor, como se tivessem feito uma longa corrida.

Como se vê, as lembranças de duas testemunhas concordam perfeitamente e conferem ao fato uma importância não negligenciável.

Termino aqui as citações. Além dos testemunhos que reproduzimos, os Anais apresentam o seguinte, de três padres: o cura sr. J..., o abade M... e o Reverendo Padre H. L..., que tinha realizado a cerimônia de exorcismo. Eu não os reproduzo porque não trazem nada de novo à pesquisa das causas; eles não tem valor senão para oferecer maior suporte à autenticidade dos fatos.

O que expus é suficiente para demonstrar a importância do caso, um dos mais complexos e melhor documentado que se conhece no grupo aqui visado. Noto que, ainda que sejam sobretudo de ordem auditiva, são, no entanto, perpassados por fenômenos físicos bastante variados e importantes; seria possível, então, fazê-lo entrar igualmente para o grupo de fenômenos de “poltergeist”. Tais incertezas na classificação são frequentes na casuística da qual nos ocupamos. Como fiz notar, as manifestações bem distintas se explicariam pela suposição de que os fenômenos de assombração *propriamente dita* (essencialmente subjetivas e telepáticas), se combinariam por vezes a raízes *mediúnicas* (essencialmente objetivas e anímicas) e vice-versa; assim, em nosso caso, o agente obsessivo exerceria subjetivamente seu poder sobre a matéria e, além disso, exercê-lo-ia subjetivamente sobre a sensorialidade dos assistentes.

De todo modo, classifiquei esse caso na presente categoria porque ele é sobretudo de natureza auditiva e porque ele não tem traços característicos essenciais dos fenômenos de “poltergeist”, isto é: a curta duração, o fato de se passar em torno de uma dada pessoa; enquanto que os traços característicos dos fenômenos de “assombração propriamente dita” consistem na longa duração, na aparente independência de fenômenos das pessoas presentes – independência sintomática, deixando supor que nessas contingências a energia mediúnica da qual se serve o agente obsessivo provém “de influências locais”, mais do que organismos humanos.

Para contribuir no esclarecimento do caso em questão, importa também notar que nos cálculos estatísticos que demos, ele figura num grupo de 70 casos formando exceção à regra segundo a qual os fenômenos de assombração estariam quase sempre em relação direta com eventos de morte, geralmente trágicos. Se me decidi por classificá-lo entre os casos negativos é porque a informação fornecida pela sra. Le N. de X..., segundo a qual o fantasma do antigo proprietário aparecia com frequência no castelo, apresentaria bem a existência de um precedente de morte relacionado à assombração; mas, infelizmente, ela é muito vaga para permanecer. Também é fato que o castelo era obsediado há um tempo não precisado; poder-se-ia, então, aplicar a esse caso as considerações contidas na introdução, a saber que, em tais circunstâncias, “é possível presumir que as origens da assombração podem cair no esquecimento por conta do tempo e da intermitência da assombração em questão”. Por conseguinte, esse caso não seria precisamente negativo em relação à regra indicada, mas somente incerto.

No que tange à característica principal das manifestações, pode-se dizer que elas não oferecem nada de novo em sua forma, mas que se fazem notar pela intensidade extraordinária de

golpes, alaridos e gritos. Observa-se, de fato, pelo jornal do sr. de X..., que a violência dos golpes era tal que fazia estremecer o edifício em suas fundações e fazia balançar os objetos pendurados nas paredes e que os golpes e gritos eram ouvidos pelos habitantes da fazenda a uma distância de 500 metros. Se olharmos que as circunstâncias faziam com que tudo estivesse ligado, que as manifestações auditivas eram sempre percebidas coletivamente, seríamos levados a crer que os fenômenos auditivos eram, em grande parte, de natureza objetiva; o que se tornaria mais provável ainda por essa outra circunstância, a de que frequentemente o barulho de deslocamentos ou quedas de móveis correspondia ao que acontecia aos móveis em questão. Em suma, dada a existência de manifestações objetivas, é provável que os maiores barulhos e uivos devessem também conter algo de objetivo.

A única circunstância que parece não conciliar com essa dedução seria a relatada pelo abade D..., segundo o qual uma cadela do sr. de X... não parecia perceber os barulhos. Por si só, essa afirmação não passa de uma vaga lembrança anunciada dezoito anos depois, enquanto que o jornal do sr. de X... nada mencionou. Pode-se, então, temer que se trate de um erro mnemônico, tanto é que em uma carta ao Dr. Dariex, esse mesmo abade se manifesta sobre isso nos seguintes termos céticos:

Quanto aos cachorros, eu diria que creio que havia dois; entre eles se encontraria uma cadela perfeitamente adestrada, que não manifestava nenhuma surpresa ao ouvir os barulhos; não creio me enganar; parece-me que várias vezes essa observação foi feita...

Um pouco mais adiante, quanto a um outro incidente, ele continua:

Entretanto, não posso afirmá-lo, visto que li um certo número de livros que tratam dessas matérias. Como já há muitos anos que esses fatos aconteceram, eu não gostaria de tomar para mim um detalhe que não se encontra escrito.

Essa descrição honesta leva a crer que o abade D... pôde confundir algumas reminiscências de leitura feitas com os eventos aos quais assistiu; e tanto foi assim que, conforme outras testemunhas, os cachorros e os cavalos do castelo teriam, ao contrário, se mostrado muito sensíveis às manifestações.

Observo em último lugar um detalhe curioso: com a demolição do antigo castelo, a assombração passa ao novo, edificado a 150 metros do primeiro. Veremos mais adiante que isso pôde se ligar ao problema das “influências locais” sobre os fenômenos de assombração, influências vindas do fato de que as emanações vitais ou irradiações fluídicas de pessoas tendo vivido por muito tempo num local, e sobretudo fluidos irradiados intensamente em horas passionais e dramáticas, seriam recebidas e guardadas na massa molecular dos móveis e paredes e constituiriam um coeficiente indispensável para as manifestações de assombração. Deve-se então supor que a circunstância da transmissão da assombração do antigo ao novo castelo se vincula ao fato dos móveis transferidos de um ao outro desses edifícios e dos materiais da demolição empregados na nova construção.

CASO III – Antes de passar ao caso de assombração de predominância fantomática, narro ainda um exemplo curioso de assombração auditiva em aparente relação com um esqueleto humano pertencente a um doutor em medicina. O caso é mais antigo, mas está apoiado pelas testemunhas independentes de cinco membros da família do doutor, dos quais quatro foram, a seu turno, doutores em medicina. As testemunhas concordam em todos os detalhes essenciais, o que aumenta o valor probatório desse caso, que foi examinado pelo professor James H. Hyslop e publicado por ele no *Jornal da Sociedade Americana para a Pesquisa Psíquica* (anais 1910, p. 665, e 1911, p. 484).

Limito-me a relatar uma única narrativa do fato, completando-a com algumas passagens de outras narrativas.

O Dr. H. A. Kinniman escreve o que segue ao Prof. Hyslop, na data de 04 de abril de 1910:

O incidente do esqueleto – ou de uma parte do esqueleto – que foi relatada pelo Dr. Carter, tal como foi narrado por sua mãe, pode ser resumido assim:

Meu tio John W. Kinniman, meu pai Jacob W. Kinniman e um jovem de sobrenome Adams – não me lembro seu nome – eram estudantes de medicina e amigos íntimos. Um dia eles fizeram o seguinte pacto: se um deles morresse jovem, os outros teriam o direito de se servirem de seu esqueleto com o objetivo de estudos, com a condição de que o esqueleto deveria sempre ficar sob a guarda de amigos. Se um dia essa condição não pudesse mais ser mantida, deveriam devolver o esqueleto ao túmulo. Adams tinha declarado que, de sua parte, ele exigia a observação escrupulosa do pacto; sem isso, ele protestaria fazendo barulho e agitando seus ossos de modo perturbador.

Algum tempo depois, o sr. Adams morreu. Meu tio John, na qualidade de irmão mais velho, tomou posse do esqueleto e o guardou em casa até sua morte. Depois dele, o esqueleto foi guardado por meu pai, Dr. Jacob; em seguida, por seu irmão, Dr. Lawrence; depois pelo Dr. Jackson; depois por meu irmão Robert e, enfim, por meu outro irmão Chas. Durante esse longo lapso de tempo, constatou-se que, se as condições fixadas pelo pacto fossem observadas, os ossos de Adam ficariam tranquilos; mas, se fossem negligenciadas, outros quadros se passariam. Eu me lembro que em 1849, quando eu era criança, meu pai teve de ir para a Califórnia durante algum tempo e os ossos foram relegados a um sótão. Adams não pareceu satisfeito com a medida, na mesma noite foram constatados passos pesados e barulhentos que subiam e desciam a escada do sótão ou que iam e vinham ao interior da peça. Essas manifestações perturbaram seriamente minha mãe porque impediam sua família de dormir. Ela se dirigiu a meu tio, o Dr. J. P. Q..., pedindo que nos livrasse do esqueleto de Adams. Ele consentiu e, logo que o tomou sob sua guarda, a tranquilidade voltou à família.

Meu tio guarda os ossos por muito tempo em seu escritório; mas, um dia, ele pensa em depositá-los em um canto afastado da casa. Duas famílias que moravam nesse lugar logo se mudam em conseqüências de barulhos inexplicáveis que escutavam à noite; depois delas, nenhuma família pôde morar na casa obsediada. Quando meu pai voltou da Califórnia, retomou o esqueleto de Adams e o colocou novamente em seu escritório e os cômodos obsediados voltam à calma.

Meu pai morreu em 1874 e o esqueleto passou para meu irmão Robert, que o guardava sob o leito de um quarto contíguo a seu escritório. Porém, uma vez ele teve a ideia de depositá-lo no porão de um prédio vizinho, servindo de loja para materiais de construção. O esqueleto foi colocado escondido dos trabalhadores ligados à loja; mas, algum tempo depois, os trabalhadores se recusavam a ir à noite ao porão devido a barulhos misteriosos que escutavam. Meu irmão decidiu retomar os ossos e logo a tranquilidade retornou a esses locais. Os restos de Adams estão sempre sob posse de minha família... e quando não são negligenciados, nenhuma perturbação é percebida na casa. Eu soube por meu pai que ele quis levá-los de volta para o túmulo, mas que ele não ousou por temer contrariar os pais de Adams, que ignoravam a existência do pacto... (Assinado: Doutor H. A. Kinniman).

Outro testemunho, o Dr. C. L. Kinnaman, descreveu com maior abundância de detalhes os barulhos que se passaram no sótão quando ali ficaram relegados os restos de Adams. Ele escreve:

... O sótão continha algumas garrafas, restos de um depósito de farmácia. Ora, aconteceu que, numa noite, logo que foram dormir, perceberam barulhos extraordinários vindos do sótão. Poder-se-ia dizer que as garrafas se chocavam violentamente umas contra as outras, quebrando e caindo no chão. Depois disso, começou um outro tipo de barulho: dir-se-ia uma grande bala de canhão que, rolando pela escada até a sala de jantar, batia contra a porta e em seguida voltava a subir a escada, saltando fortemente de um degrau a outro. Alguém da família conseguiu vencer o medo e ir até o sótão, com um castiçal na mão, mas os barulhos cessaram logo; tudo estava em ordem. Quando voltaram a deitar e apagaram as luzes, as manifestações recomeçaram. Alguém observou que o corpo que rolava pela escada devia ser muito pesado, a julgar pelo barulho que produzia; logo o alarido se reduziu ao eco de um toque muito leve, que subia e descia de um degrau a outro. O programa mudava de natureza segundo nossas observações; as perturbações continuaram até que nós nos deitamos vencidos pelo cansaço e pelo sono. No dia em que levaram os ossos do sótão, tudo voltou à calma na casa...

O Dr. R. C. Kinnaman escreveu, por sua vez:

Fui o primeiro a acordar ou a ser acordado, logo ouvindo o barulho surdo de uma queda, como se alguém tivesse saltado da cama com os pés descalços; depois um frolar de panos, um barulho um pouco mais forte e finalmente o de um corpo pesado rolando no chão, descendo a escada saltando de um degrau a outro, subindo em seguida, com variações frequentes de força e de tonalidade. Minha mãe entrou fortuitamente no quarto com Olivier; ainda que fosse uma mulher enérgica, parecia terrivelmente impressionada... Todos os dois, com uma vela acesa, se aventuraram no sótão; suas presenças logo fizeram cessar o barulho. Depois de terem inutilmente examinado e ficado ali algum tempo, eles se retiraram, fechando a porta. Logo os barulhos recomeçaram. Eles entraram novamente e os barulhos cessaram; eles se retiraram e o barulhos retomaram no mesmo momento em que fecharam a porta. Então, minha mãe tentou colocar a vela acesa no sótão, mas esta não teve nenhuma influência sobre o barulho. Ela tentou colocar várias, mas sempre com um resultado negativo. Então, minha mãe acendeu uma lâmpada de cânfora que emitia uma luz intensa; foi em vão. Dir-se-ia que as garrafas se chocavam violentamente umas contra as outras, caindo quebradas no chão; na verdade, nada de parecido aconteceu. Por último, os barulhos deixaram o sótão, desceram a escada e se concentraram no porão. Então, eles não me perturbaram mais e conseguiram voltar a dormir...

Tal é, em resumo, o caso examinado pelo Prof. James Hyslop. A relação entre a assombração e um “precedente de morte” vem dali com tamanha evidência que não se pode duvidar dele; não se pode encontrar uma hipótese melhor indicada que a espírita para explicá-lo. Encontra-se nele uma correlação perfeita entre as declarações feitas quando vivo por Adams e o fato especial que determina a assombração – correlação que é confirmada pela contraprova da cessão imediata das manifestações logo que se elimina a causa, e da retomada dos fenômenos cada vez que a causa reaparece, consistindo na inobservância de um pacto. Essas retomadas equivalem a muitas provas de identificação pessoal e implicam a possibilidade de os mortos se manterem em relação constante com o meio terrestre em que viveram. Também deve-se atentar para a circunstância que o tom e a intensidade de barulhos mostraria no agente obsessivo a intenção de provar de alguma maneira sua presença espiritual consciente e sensitiva; pode-se mesmo supor que toda a série de manifestações não tinham, no fundo, nenhum outro objetivo.

Quanto à circunstância, curiosa e frequente, de que os barulhos cessavam na presença das pessoas, para recomeçarem assim que elas saíam, não é possível deixar de perguntar: pode-se considerar como puramente subjetivos ou telepáticos-alucinatórios os barulhos que cessam na presença de pessoas e recomeçam quando elas saem? Se se admite que são subjetivos, ou telepático-alucinatórios, não se poderia explicar como a presença do percipiente em um dado lugar tenha por efeito a neutralização da transmissão do pensamento do agente (circunstância que não encontraria exemplo na telepatia entre os vivos); enquanto que ao aceitar a hipótese de que esses sons continham algo de objetivo, a coisa seria mais compreensível, dado que se poderia aproximar essa circunstância à maneira pela qual se produzem alguns fenômenos físicos da mediunidade, onde a presença de tais ou quais pessoas, a concentração da vontade ou a influência de olhares voltados insistentemente para o centro das manifestações fenomênicas têm por efeito impedir, neutralizar as correntes de energia mediúcnica.

Essas dúvidas, concernindo à subjetividade ou à objetividade de um grande número de manifestações auditivas, tornam mais complicado o problema a ser resolvido. Em todo caso, não se pode negar o fato de que se há sons “eletivos”, julgados muito fortes por aqueles que os percebem e, entretanto, não percebidos por algumas das pessoas presentes (o que demonstra sua natureza subjetiva, telepático-alucinatória), há outros, ao contrário, que se percebem coletivamente, que escutam mesmo pessoas que se encontram a grande distância do local obsediado e que podem ser neutralizadas pela chegada de alguém no local (circunstâncias que tendem a demonstrar sua natureza objetiva). Estamos, então, diante de resultados contraditórios, que não se poderiam conciliar de outra forma senão atribuindo ao agente obsessivo a faculdade de produzir as duas formas de barulhos, conforme os meios, sejam telepáticos, sejam mediúnicos, que ele possa ter à sua disposição.

## Capítulo 3

# CASO DE ASSOMBRAÇÃO PROPRIAMENTE DITA

### SEÇÃO VISUAL FANTASMICA

Dada a necessidade absoluta de limitar minha exposição a um pequeno número de casos, proponho-me a narrar nesse capítulo alguns exemplos escolhidos, contendo as principais formas episódicas próprias às manifestações das quais se trata. Citarei, então, exemplos de fantasmas vistos de forma coletiva, sucessiva e eletiva; fantasmas desconhecidos aos percipientes e identificados em meio a fotos ou outros; fantasmas vistos, refletidos ou não refletidos em um vidro; fantasmas que se manifestam em hora ou data fixas; que se mostram em lugares onde não viveram; que são vistos por crianças; que se comportam de modo inteligente ou automaticamente; que determinam alucinações táteis ou olfativas. Narrarei também exemplos de visões luminosas e aparições de animais.

Nessa exposição, não será possível observar uma graduação ordenada, uma vez que os episódios se encontram frequentemente agrupados em um bom número no mesmo caso ou combinados de algum outro modo.

Além das formas indicadas, há outras não menos importantes mas que, pelas necessidades de nossa exposição, encontrarão lugar em capítulos onde discutiremos as teorias. Eles concernem a fatos de assombração de vivos; outros que se desenvolvem, por assim dizer, cinematograficamente; outros, por fim, que sugerem as hipóteses de “monoideísmo *post-mortem*” e “persistência de imagens”.

Dito isso, posso a expor os casos.

CASO IV – Eu o encontro no volume VIII dos *Procedimentos de S. P. R.* (p. 311). É um caso rigorosamente examinado por F. W. Myers, que pôde seguir as fases e ajudar com conselhos seus percipientes, dos quais sete lhe remeteram um relatório escrito sobre manifestações que se passaram. O principal percipiente é a srta. R. C. Morton, mulher que tem conhecimentos científicos extensos; ela era então estudante de medicina. O conjunto de testemunhas ocupa 19 páginas dos *Procedimentos*; então, não é possível que eu narre mais que passagens essenciais da relação da srta. Morton, que escreveu em 1 de abril de 1892. Ela começa pela descrição da casa obsediada e continua em seguida, dizendo:

A casa foi construída em 1860; o primeiro a ocupá-la foi um Sr. S..., que viveu ali por dezesseis anos. Durante esse período, no corrente do mês de agosto (o ano não foi precisado), sua mulher, que ele amava tremendamente, morreu. Para sufocar sua dor, ele se lançou aos licores, não tardando a tornar-se alcoologista. Dois anos depois, casou com uma certa sra. J. H..., que se propôs a curar seu marido do vício que ele tinha contraído; mas infelizmente ela terminou por tornar-se alcoologista também. Segue que sua vida conjugal foi revirada por brigas contínuas, degenerando por vezes em cenas violentas... um belo dia a mulher se separou de seu marido, indo viver em Clifton. Isso aconteceu em 1876; alguns meses depois, o sr. S... morria. Sua mulher o seguiu ao túmulo em 23 de setembro de 1878.

Depois da morte do sr. S... a casa se tornou propriedade de um certo sr. L..., homem de muita idade, que morreu ali de repente seis meses depois. A casa então ficou vazia durante mais ou menos quatro anos; não se tem informações precisas sobre as manifestações sobrenaturais que teriam se produzido ali nesse lapso de tempo; mas, quando nos lançamos a entrevistas, logo colhemos inúmeros rumores sobre isso. Em abril de 1882, a casa foi alugada por meu pai, o capitão Morton. Foi durante nossa locação, atualmente não expirada, que aconteceram fenômenos dos quais se trata.

Quando nos últimos dias de abril de 1882 nos instalamos na nova casa, nenhum de nós conhecia senão rumores referentes ao imóvel; foi apenas no mês de julho seguinte que pela primeira vez eu via a aparição. Eu acabava de me

retirar para meu quarto, mas ainda não estava deitado, quando ouvi que alguém se aproximava da porta; crendo ser minha mãe, fui abrir. Eu não vi ninguém, mas, avançando pelo corredor, percebi uma dama alta, vestida de negro, parada no saguão. Quando cheguei, ela começou a descer e eu a segui, curiosa por saber quem era ela. Infelizmente, eu estava iluminando com uma vela que se apagou de repente, obrigando-me a voltar para trás. Entretanto, eu vi uma forma de mulher grande, vestida num vestido de lã negra e que praticamente não fazia barulho em seu caminhar; seu rosto estava escondido por um lenço que estava na mão direita. A mão esquerda estava em parte escondida na manga grande, sob a qual se via uma braçadeira negra, distintivo de seu luto de viúva. Ela não tinha chapéu, mas se via sobre sua cabeça alguma coisa preta que parecia uma boina rodeada por um véu. Eu não consegui observar outra coisa; mas em várias ocasiões, consegui discernir uma parte de sua testa e cabelos.

Nos dois anos seguintes – entre 1882 e 1884 – vi a forma de cinco a seis vezes... Outras pessoas da casa a viram três vezes... Minha irmã K... em primeiro lugar, depois a empregada, enfim meu irmão com uma outra criança...

Aconteceu-me várias vezes de segui-la; geralmente, ela descia a escada e entrava na pequena sala, ficando de pé no ângulo direito da varanda, onde ela se demorava mais ou menos tempo. Ela voltava em seguida sobre seus passos e seguia ao longo do corredor até a porta do jardim, onde desaparecia de repente.

A primeira vez que eu lhe dirigi a palavra foi em 29 de janeiro de 1884; como eu tinha dito, dois dias depois, em uma carta a uma amiga, cito essa passagem de minha carta:

“Abri lentamente a porta da pequena sala e me introduzi ao mesmo tempo que a forma; esta, entretanto, se antecipa a mim parando perto do sofá, onde fica imóvel. Logo avancei perguntando a ela em que eu poderia ser útil. A essas palavras, ela estremeceu ligeiramente e pareceu se dispor a falar. Ela foi pela sala e seguiu até a porta do jardim, onde desapareceu, como de costume...”

Em outras ocasiões, tentei até tocá-la, mas sempre em vão, pois ela me evitava de modo curioso; não que ela fosse inapalpável, mas parecia estar sempre *fora de meu alcance*. Se eu a seguia em um canto, então ela desaparecia de repente.

Durante esses dois anos, os únicos sons que ouvi consistiam em uma luz impressionante na porta de meu quarto, acompanhada do som de passos; se eu fosse, então, à porta, invariavelmente eu via a forma...

As aparições atingiram o período de maior frequência durante os meses de julho e agosto de 1884, depois começaram a decrescer; elas parecem ter cessado atualmente. Guardo uma lembrança desses dois meses em um diário que enviei a uma amiga; retiro essa passagem, de 21 de julho:

“São 9 horas da noite e estou sentada com meu pai e minhas irmãs na pequena sala, perto da varanda. Enquanto eu lia, vi a forma entrar pela porta aberta, atravessar o cômodo e vir se colocar atrás de minha cadeira. Eu me surpreendia por nenhum dos presentes a perceberem, enquanto eu a via nitidamente. Meu irmão, que já a havia visto, não estava no cômodo. A forma fica atrás de minha cadeira por aproximadamente meia hora, em seguida dirigindo-se à porta. Eu a segui, sob o pretexto de ir buscar um livro e a vi atravessar a sala, dirigir-se à porta do jardim e desaparecer no momento em que a alcançou. Quando ela passou ao pé da escada, eu falei com ela sem obter resposta, ainda que, como da primeira vez, ela pareceu estremeecer e querer falar...”

Na noite de 2 de agosto, o som de passos foi ouvido por minhas três irmãs e pela cozinheira, que dormia no andar superior, e por uma irmã casada, sra. K..., que dormia andar térreo. Vinda a manhã, todas contam ter ouvido os passos de alguém que ia e vinha diante de suas portas... Eram passos característicos, totalmente diferentes dos de um ou outro membro da família; eles ressoavam lentamente, delicadamente, mas de uma maneira firme. Minhas irmãs e os domésticos não ousaram sair quando os ouviam, mas se eu abrisse a porta, percebia então invariavelmente a forma...

Em 12 de agosto, por volta das 8 horas da noite (então, ainda à luz do dia), minha irmã E... estava estudando seu canto, quando ela bruscamente interrompeu e correu pela sala a me chamar. Ela disse que, enquanto estava ao piano, percebeu de repente a forma ao lado dela. Fomos à pequena sala e a encontramos ainda imóvel e em pé, no ângulo habitual da varanda. Pela terceira vez eu lhe dirigi a palavra, mas sempre inutilmente. Ela ficou de pé uns dez minutos, depois atravessou a peça, passou pelo corredor, seguiu até a porta do jardim e desapareceu. Um instante depois, eis que chegou do jardim minha irmã M... gritando ter visto a forma atravessar o gramado e ir em direção à horta. Nessa noite, então, fomos quatro a vê-la...

Eu anotaria que, se tomássemos medidas para seguir a aparição nos momentos em que pensávamos que ela devia se manifestar, nossa busca restaria invariavelmente falida...

Durante o resto do ano de 1884 e no que seguia, a aparição continuou a se fazer ver frequentemente, sobretudo nos meses de julho, agosto e setembro, nos quais se encontravam as três datas de morte: a do sr. S... (14 de julho), a de sua primeira mulher (agosto) e a da segunda (23 de setembro). As aparições continuaram a ser do mesmo tipo para todos; nós a vimos perambular nos mesmos lugares por várias vezes.

O som de passos continuou a se fazer ouvir; conosco, os escutaram vários amigos e os novos domésticos; ao todo umas vinte testemunhas, dos quais muitos ignoravam os fatos. Escutávamos às vezes outros sons, parecendo aumentar progressivamente de intensidade; eles consistiam em uma impressão de passos no segundo andar, golpes surdos contra as portas dos quartos, giros executados nas maçanetas das portas...

De 1887 a 1889, víamos raramente a forma; o som de passos continuou mas os outros sons cessaram pouco a pouco. De 1889 à 1892, a forma não mais se deixou ver; os passos continuaram ainda por algum tempo, depois cessaram definitivamente.

Nas últimas aparições, a forma se tornava bem menos substancial. Até 1886, ela apareceu tão sólida e real que poderia ser tomada por viva, mas ela começou depois a tornar-se cada vez menos distinta, ainda que, até o fim, ela interceptava a luz. Não se teve oportunidade de constatar se ela projetava sua sombra...

Várias vezes, antes de me deitar e quando os outros membros da família já se tinham retirado para a noite, eu tentava fixar fios ligados a dois lados com pequenas bolas de cola, de modo que um choque muito leve seria suficiente para fazer com que caíssem, sem que o passante suspeitasse e sem que ele pudesse percebê-los à luz de uma vela. Duas vezes eu via a forma passar através dos fios, que permaneceram intactos.

Não é fácil expressar o que se refere às sensações experimentadas na presença da forma. Das primeiras vezes, talvez, eu senti sobretudo um certo sentimento de medo do desconhecido, mesclado a um vivo desejo de penetrar o mistério. Depois de algum tempo, quando as aparições na constituíam mais para mim uma novidade e que eu me encontrava em estado de analisar com calma minhas impressões, experimentei certamente a sensação de *perder* algo, como se a forma me tivesse retirado a força. Os outros percipientes falam, ao contrário, da impressão de um sopro frio; quanto a mim, eu não o constatei.

Nós chegamos à conclusão de que a aparição estava relacionada à segunda mulher do sr. S..., e eis por quê:

1º O histórico da casa era inteiramente conhecido; desejando ligar a força misteriosa a um ou outro de seus antigos habitantes, a sra. S... era a única pessoa que parecia com o fantasma.

2º A forma aparecia vestida de luto, o que não podia se referir à primeira mulher do sr. S...

3º Várias pessoas que conheceram a segunda mulher do sr. S... a identificaram logo com a forma descrita por nós. Apresentaram-me também um álbum de fotografias, entre as quais escolhi uma como sendo a que mais parecia com a forma que eu tinha visto; era a fotografia de sua irmã, que parecia um pouco com ela, segundo todos aqueles que conheceram as duas.

4º Sua nora, assim como outras pessoas que a conheceram, conta que ela passava seus dias na pequena sala onde ela aparecia sem parar, e que o lugar em que ela ficava era justamente o ângulo da varanda em que a forma ficava.

5º A forma é, sem dúvida, ligada à casa, uma vez que ela não foi vista por ninguém de fora e que nenhum de nós jamais viu em outros lugares aparições alucinatórias.

Termino aqui as citações, enfatizando que os relatos de outras testemunhas concordam com os da srta. Morton e que deles resulta que a forma aparecia constantemente em uma atitude de mulher vencida pela dor e refém de uma crise de lágrimas, o rosto em parte coberto num lenço que ela tinha em sua mão direita.

Ainda que esse caso não contenha nada de sensacional, é, entretanto, notável devido a sua autenticidade incontestável e às aparições numerosas da mesma forma fantasmagórica durante o período bastante longo, sete anos. Do ponto de vista dos percipientes, as aparições parecem ser ao mesmo tempo coletivas e eletivas, enquanto os sons da assombração parecem ter sido sempre coletivos.

As modalidades sob as quais a forma se manifestava podem se prestar a interpretações contraditórias, coisa que não deve nos espantar e que prova unicamente nossa ignorância sobre esse tema. Assim, por exemplo, o fato de que a forma não se deixava jamais tocar nem aproximar e que parecia estremecer quando alguém lhe dirigia a palavra, permitiria supor que ela sabia em que meio ela se encontrava; nesse caso, poderíamos pensar que ela personificava uma entidade espiritual de algum modo objetiva; indução reforçada pela declaração da sra. Morton que “na presença da forma, ela se sentia perder algo, como se a forma lhe tivesse retirado a força”. Essa sensação implicaria a existência de faculdades mediúnicas na percipiente, graças às quais a entidade em questão conseguiria tornar-se visível, ainda que não tangível. Entretanto, observamos outras circunstâncias nas quais o automatismo incontestável do fantasma contrasta com as condições conscientes que acabamos de falar. Tais são as circunstâncias de sua conduta sem um objetivo, sua atitude sempre idêntica. Entretanto, se admitirmos as condições de automatismo inconsciente do fantasma, ele deveria ser considerado como a projeção telepático-alucinatória de um pensamento obsessivo tendo por sede uma mentalidade constantemente orientada ao lugar obsediado; o que faria pensar na sra. S... ainda mais se considerarmos as

induções racionais e provantes expostas pela sra. Morton quanto a esse tema.

Haveria, no entanto, uma outra versão plausível dos fatos, graças a qual poderíamos conciliar as circunstâncias contraditórias em questão; ela consistiria em admitir a objetividade do fantasma, supondo que sua atitude sempre idêntica tenha sido intencional e também admitir certa probabilidade no caso de que nos ocupamos, mas ela não se adaptaria à maior parte dos episódios de automatismo fantasmagórico, em que o estado de verdadeira inconsciência se mostra indubitável, de tal sorte que se deve considerá-los somente como simulacros telepático-alucinatórios.

CASO V. – Eu o tirei do *Jornal de S. P. R.* (vol. VI, p. 45 e vol. IX, p. 298); ele constitui um exemplo surpreendente de “localidade” obsediada, onde um espectro apareceu várias vezes para diferentes pessoas durante um período de nove anos. O caso chegou ao conhecimento de Myers um ano depois da primeira aparição; esse eminente psiquista, então, seguiu o desenvolvimento dos fatos. A principal percipiente é a srta. M. Scott que, em 20 de fevereiro de 1893, descreveu assim sua primeira experiência:

O incidente que me disponho a contar aconteceu em 7 de maio de 1892, entre 5 e 6 horas da tarde. Eu havia saído para uma caminhada e voltei por uma rota perto de St. Boswells, plana, exceto em uma parte muito curta em que descia um pouco, para tornar em seguida bruscamente em outra direção; essa passagem é rodeada por sebes e prados. Chegando nesse lugar, olhei a hora; e, encontrando-me atrasada, apressei o passo. Mas tive de parar logo, tendo percebido diante de mim um senhor de elevada estatura, vestido de preto, que percorria o mesmo caminho em um passo moderado. Parei para deixá-lo virar a esquina que havia a alguns passos dali e evitar, assim, de me fazer ver correndo desse modo. De fato, eu o vi virar e seguir seu caminho mas, enquanto eu o observava por cima da sebe, ele desapareceu na minha frente de maneira inexplicável. Muito surpresa, fui ao lugar onde o vi virar e em seguida ao ponto em que o vi desaparecer. A pouca distância do caminho, vi minha irmã, que olhava ao redor de si muito espantada. Eu disse para ela: “Mas onde, então, se meteu esse senhor?”. Comparando nossas respectivas impressões, resulta que vimos o mesmo indivíduo, com a única diferença de que eu o vi seguir pelo mesmo caminho que o meu, enquanto minha irmã, que, apesar de seguir a estrada no mesmo sentido que eu, o tinha visto andar em sua direção. De todos os modos, ela também tinha assistido seu desaparecimento súbito. Cheias de surpresa, constatamos que, quando o espectro se tornou invisível para ela, ele apareceu para mim no curto espaço de caminho que nos separava. Eu devo acrescentar que, no momento em que vimos o fantasma, ignorávamos estar próximas uma da outra.

Nossa aventura, totalmente estranha e inexplicável que era, não nos teria impressionado tanto se ela não tivesse se repetido algumas semanas mais tarde. Estávamos no final de julho e eu me encontrava com uma de minhas irmãs no mesmo ponto do caminho, na mesma hora, quando a pouca distância se apresentou diante de mim a figura de um homem vestido de preto que vinha em nossa direção. Ao percebê-lo, exclamei: “Eis nosso homem! Dessa vez não o perderei de vista!”. Minha irmã e eu o seguimos com o olhar até o momento em que o vimos desaparecer de um prado, a nossa direita. Sem perder um instante, corremos a esse lugar, mas não nos foi possível descobrir o que quer que seja. Perguntamos a algumas crianças que olhavam do alto de uma carroça carregada de feno, mas elas nos disseram não ter visto ninguém. Ainda dessa vez, a figura inteira do espectro apareceu para mim, enquanto que minha irmã não viu mais que a cabeça e os ombros. O fantasma aparecia numa roupa completamente preta, consistindo num longo capote com uma calça curta e de polainas. As pernas eram muito magras; ele tinha no pescoço uma gravata branca grande, como só se vê nos quadros antigos; ele tinha na cabeça um chapéu de bordas largas, do qual eu não saberia descrever a forma. Do rosto, vi apenas o perfil; ele era muito magro e pálido como um morto.

Oito meses se passaram desde esse dia e o fantasma não mais se fez notar, ainda que tenhamos percorrido frequentemente esse caminho, tanto pela manhã quanto à noite.

A título complementar, exponho dois incidentes análogos que se passaram com outras pessoas no mesmo período. Duas moças da vila, atraídas pelas amoras selvagens que crescem na sebe da localidade obsediada, demoraram-se na colheita das frutinhas; logo elas perceberam uma pancada surda no terreno ao lado delas, mas, não vendo ninguém, continuaram a colher as amoras. Pouco depois, uma outra pancada parecida se fez ouvir; voltando-se, então, viram um homem de alta estatura que as olhava fixamente. A expressão spectral desse rosto as gelou de pavor; abraçando-se convulsivamente uma à outra, fugiram correndo. Um instante depois, viraram para ver atrás delas, tremendo e percebendo o indivíduo imóvel de pé; enquanto elas o olhavam, viram-no esvaecer pouco a pouco. Essas moças me disseram que o indivíduo estava vestido exatamente como eu o descrevi, que seu rosto era extremamente pálido e que sua pessoa parecia rodeada de uma leve camada de vapor.



Além dessa, obtive que há aproximadamente dois anos o mesmo fantasma apareceu a algumas crianças que, em volta dele, o viram desaparecer de repente. Asseguraram-me também que no lugar obsediado se observa, durante uns quinze crepúsculos consecutivos, luzes azuladas indo para todas as direções; que várias pessoas tentaram segui-las, sem conseguir penetrar o mistério. Parece, enfim, que o fantasma já se manifestou a várias pessoas, a tal ponto que a maioria das pessoas não ousa se aventurar à noite na localidade obsediada. Nenhuma explicação plausível do fenômeno; não se pode apontar senão uma lenda segundo a qual uma criança pequena teria sido assassinada nesse lugar; mas os mais velhos da vila não têm qualquer lembrança sobre isso.

Esse é o primeiro relato da srta. M. Scott. Seguem os testemunhos de suas duas irmãs, que viram o espectro ao mesmo tempo que ela; ainda que esses testemunhos não sejam desinteressantes, eu me abstenho de relatá-los a fim de poder relatar outras manifestações do mesmo fantasma.

Em 14 de junho de 1893, a mesma srta. M. Scott escreveu ao sr. Myers:

O espectro apareceu para mim novamente, e eis em quais circunstâncias. No último sábado, 12 de junho, por volta das dez horas da manhã, eu fazia a mesma rota quando vi ao longe uma pessoa vestida de preto. Devido à distância, não era possível distinguir se era um homem ou uma mulher; mas, imaginando que seria uma mulher conhecida que eu frequentemente encontrava naquela hora ali, apressei o passo para ir ter com ela. Quando cheguei mais perto, percebi que se tratava do espectro que não tínhamos visto ainda fazia vários meses, apesar de procurarmos. Eu não estava nada temerosa e, desejando observá-lo de perto, continuei a caminhar rapidamente; mas aqui aconteceu um fato estranho: é que, ainda que ele caminhasse a passos moderados, eu não conseguia aproximar-me dele mais do que alguns metros porque eu o via se distanciar tocando o chão. Mas, enfim, ele parou de repente e, então, fui tomada de um pavor súbito e parei. E eis-me na presença do espectro! Ele havia parado e me olhava com uma expressão ausente: posso afirmar que não existe pessoa viva cujo rosto possa ser comparado a este tão magro e lívido. Ele continuou a me considerar com insistência durante algum tempo; depois voltou, deu alguns passos adiante para enfim parar novamente, olhar para mim e desaparecer diante de mim perto da sebe habitual, à direita do caminho... Dessa vez, tive o prazer de observá-lo de modo esplêndido. Ele usava meias de seda longas e pretas, sapatos de fivelas, uma calça que ia até os joelhos e uma capa comprida. Ele parecia vestido como os eclesiastas do século passado; temos em nossa casa um retrato antigo para o qual ele poderia ter servido de modelo...

Na carta seguinte, endereçada pela srta. Louise Scott (irmã da percipiente principal) à srta. Guthrie (a que informa sr. Myers), encontramos a descrição de outra aparição do espectro.

St. Boswell's, 14 de agosto de 1894

Cara Srta. Guthrie,

Sabendo que a senhora se interessa pelas andanças de nosso fantasma, apresso-me a informá-la sobre sua última aparição. Uma jovem professora, de nome srta. Irvine, contou-me esta noite sobre seu encontro com o espectro durante a primavera que se passou. Era 4 horas da tarde e ela entrava em sua casa passando pelo lugar obsediado, quando percebeu diante de si um homem que chamou sua atenção. Ele era de alta estatura e de idade, com um paletó negro comprido e com gola grande e um chapéu de abas largas caído sobre os olhos. A jovem professora foi tomada de singular interesse por esse indivíduo de aspecto estranho e o observou atenciosamente enquanto ele seguia, para frente e para trás, o curto espaço que se interpunha entre uma curva da estrada e uma pilha de pedras, a uma distância de uns sessenta metros. Cinco ou seis vezes o homem percorreu esse espaço, depois parou na beira da estrada, como se tivesse a intenção de falar com um camponês, que estava ali a podar um arbusto e a srta. Irvine ficou muito surpresa por ver o camponês continuar seu trabalho, sem ao menos levantar os olhos, como se ignorasse a presença. Quando, enfim, a srta. Irvine voltou ao caminho, passando a uns dois metros do estranho indivíduo, ela o viu desaparecer subitamente, sentindo uma impressão profunda...

É preciso observar que, ainda que o espectro frequente sempre o mesmo ponto da estrada, ele não desaparece duas vezes seguidas no mesmo ponto. Quando ele apareceu para nós, minha irmã e eu, ele desapareceu do lado esquerdo da estrada e com a srta. Irvine ele desapareceu do lado direito... Uma outra circunstância curiosa consiste no guarda-roupa variado que ele parece ter, guarda-roupa que é, além disso, de um tipo muito antigo. Ele possui um casaco preto de gola grande, com o qual se apresentou à srta. Irvine e o longo casaco de tipo eclesiástico, de grandes bolsos, com o qual apareceu para nós; sem contar que quando apareceu para as duas jovens da vila, estava envolvido numa leve camada de vapor. Minha irmã escreveu ao Sir George Douglas, pedindo que lhe indicasse em que ponto exato da estrada um velho senhor foi assassinado, já há muitos anos, por um grupo de ciganos que voltavam da feira de

Saint-Boswell's. Sir George Douglas narrou o episódio em sua coleção de fatos antigos do local, que a senhorita certamente leu...

Na consulta da *Sociedade para Pesquisa Psíquica*, a srta. Irvine redigiu e enviou uma relação de sua própria experiência. Não a relatarei pelo conteúdo, porque não nos ensinaria nada de novo. Em uma outra carta, datada de agosto de 1898, a srta. M. Scott descreveu um novo encontro com o fantasma, onde não encontramos nenhum detalhe digno de nota. Relatarei, entretanto, esse parágrafo: “O fantasma não aparecia senão quando nossos pensamentos eram dirigidos a outra coisa; se, ao contrário, pensássemos nele, então podíamos estar certos de que não o veríamos; eis por que muitas pessoas que vinham caminhar para encontrá-lo na estrada obsediada não o viram jamais”.

Enfim, a srta. M. Scott ainda uma vez, em 17 de agosto de 1900, descrevendo duas outras aparições do fantasma, ocorridas nos dias 21 de julho e 16 de agosto. A primeira dentre elas não difere das outras; a segunda contém essa passagem interessante: “A aparição de ontem à noite, 16 de agosto, me permitiu formular um julgamento preciso quanto a isso, porque agora estou certa de que nosso homem é um eclesiasta da antiga religião; mas por quais razões um “Padre da Igreja” frequenta essa estrada, eis o que permanece um mistério... Na beira da estrada, a alguns passos do ponto em que apareceu o fantasma, havia um camponês que cortava o mato e para o qual o fantasma virou as costas. Perto dali encontrava-se seu cavalo atado a uma charrete...

Talvez tenha sido uma coincidência, mas o cavalo teve um sobressalto violento no momento exato em que o fantasma apareceu... O que é mais estranho é que quando perguntei ao camponês se ele não viu nada, ele respondeu negativamente. Acrescentei: “Mas esse senhor estava aqui, perto do senhor”. E ele continuou a repetir: “Não vi ninguém”; mas podia-se compreender que ele conhecia bem a reputação da estrada porque ele estava nervoso e terminou por me dizer que esse não é um lugar para caminhar “só”.

E eis a última aparição cujo eco alcançou a Sociedade para Pesquisa Psíquica. Resulta, então, que o fantasma continuou a aparecer durante nove anos, nos quais ele apareceu nove vezes para uma dezena de pessoas, sem contar as outras aparições das quais fazemos alusões genéricas nas relações que narramos.

É um caso típico de várias manifestações que se passam abertamente, entre os campos, nas estradas, nas florestas. Elas correspondem geralmente a aventuras trágicas ocorridas nas redondezas do local obsediado e, se por vezes a certeza histórica do evento falha, as lendas quase nunca faltam. Tanto é assim que no caso em questão, onde se encontra a lenda do assassinato de uma criança e o episódio histórico do assassinato de um senhor idoso, nesse ponto da estrada. Um e outro parecem bem vagos do ponto de vista das provas, e o último apenas parece concordar em parte com as características do fantasma obsessivo. Evidentemente, essas lacunas não devem surpreender, pois elas são inevitáveis cada vez que se trata de eventos muito longínquos conservados tradicionalmente; tanto é que os intervalos mais longos de tempo aos quais os fenômenos de assombração são submetidos favorecem o enfraquecimento e a alteração das tradições. Não se deve, além disso, esquecer que os casos que não são perfeitamente concordantes, como o que acabamos de ver, se opõem àqueles em que, ao contrário, o fato trágico e as generalidades do fantasma têm uma concordância admirável; e os segundos conferem valor aos primeiros.

De resto, encontramos mesmo nesse último caso um detalhe concordante: o do fantasma que aparece vestido à moda antiga correspondendo à época em que o evento dramático aconteceu no lugar obsediado; e como, nos casos em que se pôde identificar os fantasmas, sempre se obtém que as roupas em que aparecem correspondem aos tempos em que viveram, e esse detalhe assume um valor inegável. Ao mesmo tempo, esse incidente elimina a hipótese alucinatória ouvida no sentido patológico, pois foi mostrado uma roupa familiar aos percipientes e não uma

roupa arcaica desconhecida a alguns dentre eles. Acrescentemos a isso que a hipótese alucinatória seria fraca para explicar como pessoas que não estavam a par da assombração tenham percebido, em tempos diferentes, no mesmo lugar, o mesmo fantasma, vestido com as mesmas roupas.

Também é preciso notar no caso exposto a concordância de uma observação da srta. Scott com uma outra citada no presente caso, em que a relatora, srta. Morton, declara jamais ter se aproximado e menos ainda ter tocado o fantasma obsessivo, pronunciando-se: “Ele me evitava de modo curioso, não pelo fato de ser inapalpável, mas porque ele sempre parecia *fora de meu alcance*”; e a srta. Scott observa, a seu turno: “Ainda que ele caminhasse a passos moderados, eu nunca conseguia me aproximar dele mais do que alguns metros, pois eu o via se distanciar tocando o chão”. Essa concordância de observações é interessante e provoca a pergunta que segue: “Uma forma telepático-alucinatória poderia se comportar desse maneira?” Sim, talvez, à condição de supor que o agente cujo pensamento faz nascer à distância a alucinação telepática seja dotado de clarividência, de modo a perceber o meio em que se manifeste seu próprio simulacro e dirigindo a ele a conduta segundo as circunstâncias.

Se aceitássemos essa hipótese, poderíamos explicar por ela o outro episódio em que o fantasma chama a atenção sobre si dando golpes no chão; episódio que, fora dessa explicação, forçaria a concessão de uma certa objetividade ao fantasma.

E. observe, enfim, uma outra concordância entre as anotações da srta. Scott e as da srta. Morton, que asseguram todas as duas que o fantasma lhes aparecia quando elas não imaginavam e, quando desejavam, elas não o viam. Essas observações confirmam uma particularidade muito conhecida das manifestações sobrenaturais em geral, que é a ação perturbadora, frequentemente neutralizante, do pensamento sobre a produção dos fenômenos. Ao mesmo tempo, elas contradizem a famosa hipótese, da qual tanto se abusou, de alucinação entendida no sentido patológico, pois sabemos que as alucinações mórbidas são, ao contrário, extremamente favorecidas pela *atenção da espera*.

CASO VI. – É um episódio com características muito diferentes dos anteriores e que se presta a considerações instrutivas. Ele é extraído do livro de Robert Dale Owen, *The Debatable Land* (p. 319) e foi pessoalmente estudado pelo autor, que escreve:

Por volta das duas horas da tarde, num dia de março de 1846, três damas estavam sentadas em uma sala de jantar da rua C., na Filadélfia. A casa era composta de dois apartamentos reunidos por uma ante-sala central, à esquerda da qual se encontrava a sala, à direita da sala de jantar. As janelas dos dois quartos davam para a rua.

Era uma mãe com suas duas filhas. A sra. R..., mulher do Dr. R..., estava sentada perto da janela e tinha ao seu lado sua filha mais velha, então uma jovem de dezenove anos, hoje uma mulher do rev. Y..., ministro episcopal. Todas as duas estavam sentadas de costas para a janela e tinham, conseqüentemente, a porta à frente, dominando assim o olhar por toda a sala. A outra filha A..., de dezessete anos, estava sentada de frente para sua mãe e todas trabalhavam à agulha, conversando tranquilamente sobre questões de senso comum.

A porta da sala se encontrava a mais ou menos quatro metros do ponto em que elas estavam sentadas; nesse momento, ela estava ligeiramente entreaberta, de modo que o espaço interposto não passava de dez centímetros. De repente a mãe e a filha mais velha viram simultaneamente entrar uma dama vestida de preto, com um lenço branco cruzado e preso sobre o peito, e um chapéu branco na cabeça. Ela tinha na mão uma pequena bolsa de seda branca cujos cordões se enrolavam em torno do punho; e era uma bolsa dessas que usavam as mulheres ligadas ao séquito dos Quakers. A irmã mais nova, vendo sua mãe e sua irmã mais velha olharem estupefatas em direção à porta, volta-se para esse lado e vê a mesma pessoa, mas não tão distintamente quanto as outras.

Avançando lentamente, a intrusa chega a mais ou menos um metro da parede da frente, e ali parou diante do retrato do Dr. R..., inclinado entre as duas janelas, demorando-se ao menos uns trinta segundos a contemplá-lo. Depois, ela volta em direção à porta; mas antes de alcançá-la, ela desapareceu subitamente sob os olhares estupefatos das percipientes, tendo a porta permanecido entreaberta.

Entrando e saindo, ela passou tão perto da filha mais velha que quase a tocou; apesar disso, ninguém tinha escutado o menor barulho de passos, o menor movimento de roupa, nenhum outro barulho. Essa circunstância, juntando a observação de que a velha dama tinha desaparecido subitamente antes de chegar à porta, e que a porta tivesse ficado

entreaberta quando ela tinha entrado, persuadiu as três mulheres de que não poderia se tratar de uma pessoa real. Além disso, ela lhes pareceu muito distinta, palpável, material como uma pessoa viva; e somente repensando sobre o fato que elas lembraram que, ao invés de dar passadas, ela parecia deslizar sobre o chão.

Durante a cena descrita, nenhuma das percipientes havia falado; mas logo que a forma desapareceu, a sra R... dirigiu-se à filha mais velha exclamando: “Você viu quem era?”. E a filha: “Era vovó!”

A mãe se levanta e, sem pronunciar uma sílaba, deixa a sala. Imediatamente dá-se início a buscas em toda a casa, desde o porão até o sótão, mas inutilmente... Confrontando suas impressões, as três mulheres concluem que tinham visto a mesma forma fantasmagórica.

Obtive o relato do fato em todos seus detalhes, a princípio pela filha mais velha, sra. Y..., depois pela mãe, que me confirmou ponto a ponto. A forma pareceu a todas as duas ser uma pessoa real... Acrescentemos que não se falou de modo algum sobre a velha dama falecida cuja forma apareceu de modo tão inesperado, e mesmo sequer pensou-se nela.

Sra. R... e sua filha mais velha, sem hesitação, reconheceram no fantasma uma: sua sogra, a outra, sua avó, morta havia dez anos. Não apenas o rosto e as formas, mas os menores detalhes da roupa eram a reprodução exata da dama falecida em trajes de caminhada. Ela tinha pertencido a uma família de Quakers e conservou dali, em parte, os costumes e as particularidades de vestimenta.

Na própria noite, as três damas tinham relatado o fato ao rev. Y..., que foi o primeiro a informá-lo para mim; e a descrição que ele me fez, relatando o que ele tinha ouvido há apenas algumas horas depois do acontecimento, coincidia exatamente com a que as percipientes me contaram em seguida.

Resta-me expor várias particularidades que aumentam fortemente o significado do fato. Alguns dias antes de morrer, a mãe do Dr. R... tinha aconselhado seu filho insistentemente a comprar uma casa nas vizinhanças do lugar em que ele então morava. Além disso, na mesma época, conversando com a sra. C... sobre seu filho único, ela disse que se este continuasse em boa condução, e se Deus lhe permitisse, ela voltaria do além para revê-lo e testemunhar mais uma vez sua prosperidade. A sra. C... tinha relatado essas palavras ao Rev Y..., de quem eu as recebo.

Ora, acontece que na hora e dia em que a mulher e as filhas do Dr. R... viram o fantasma de sua mãe, este assinava o contrato de compra da casa onde ela tinha aparecido. O doutor tinha falado a sua família de sua intenção de comprá-la, mas a mulher e as filhas estavam longe de supor que ele fecharia o contrato naquele dia; e quando ele entrou com o ato de compra, foi para elas uma surpresa...

Alguns leitores se espantarão pelo fato do espírito de sua mãe não ter aparecido para o filho, e sim para a nora e suas duas filhas; mas não está dito que a coisa fosse possível. De modo geral, parece que as aparições, como qualquer outro fenômeno sobrenatural, não conseguem se manifestar senão em certas condições, que se ligam frequentemente a atributos pessoais ou a particularidades orgânicas inerentes aos espectadores ou a alguém entre eles.

Tal é o interessante episódio narrado por Dale Owen. Ainda que ele pertença aos fenômenos de assombração, ele se classifica especialmente como um fenômeno de visitação de falecido com identificação pessoal. Se desejarmos, por hipótese, suprimir o fato da identificação, supondo que o fantasma não tenha sido reconhecido, encontrar-nos-íamos diante de um episódio dos mais instrutivos; isso deve se passar algumas vezes na prática e causar, assim, a origem de alguns casos em que se supõe assombração onde não existem *precedentes de morte*.

De fato, se considerarmos que a falecida apareceu em uma casa em que ela não tinha vivido e onde ela não havia morrido, seguiria que se não houvesse a identificação do fantasma e se a casa fosse nova, ou sua história completamente conhecida, seria razoável concluir que o fantasma de uma senhora desconhecida provaria que a existência suposta de uma relação causal entre os fenômenos de assombração e um precedente de morte não tinha fundamento na prática; se assim fosse, teríamos errado.

Na introdução desse livro, fazendo alusão às possibilidades dessa natureza, expressei-me nos seguintes termos: “E essas exceções se explicariam de diferentes maneiras: em primeiro lugar, porque uma vez admitida a existência de um mundo espiritual, não há motivos para não admitir que uma entidade espiritual possa se manifestar em um lugar onde ela não viveu; isso deveria, entretanto, acontecer excepcionalmente, se se tem em conta que as visitas de pessoas mortas e as manifestações de assombração pareceriam determinadas por laços afetivos ou causas passionais, que geralmente estão relacionadas à localidade onde viveu o falecido que se manifesta...”

E o exemplo que relatei pareceria uma dessas exceções à regra, onde o precedente de morte existe, mas transformado pelo fato de que a morta era estranha ao meio no qual apareceu, e que o

meio, para ela, não estava em relação direta com os sentimentos afetivos que o impulsionaram a manifestar-se. Lembremo-nos, então, desse ensinamento.

CASO VII – Eu o extraio do Jornal de S. P. R. (vol. VIII, p. 326); é um exemplo de assombração com identificação pessoal, realizada em um lugar onde várias semanas antes aconteceu um suicídio. A percipiente, sra. O'Donnell, escreveu na data de 5 de setembro de 1898, expondo nesses termos sua interessante experiência:

Em 22 do mês de março último, 1898, cheguei à Brighton com minha filha e aluguei vários cômodos mobiliados em uma rua de um subúrbio de Hove. Eram cômodos grandes e confortáveis; o serviço também prometia ser bom, de modo que minha filha e eu mesma ficamos bem à vontade por poder passar um tempo em Brighton. Entretanto, na medida em que a noite caía, parecia que o lugar tornava-se triste e glacial, a ponto de ter sido logo invadida por um sentimento de inexprimível angústia. Acendi a lareira em meu quarto e me retirei cedo, declarando que me sentia constipada. Eu não duvidava que uma boa noite de sono reparador teria dissipado toda impressão desfavorável. Eu estava na cama há aproximadamente uma hora quando fui despertada por um forte som de passos no andar superior, que se tornaram logo tão distintos que pareciam ressoar em meu próprio quarto; e, na verdade, tive a impressão de que meu quarto estava cheio de gente. Esses passos perturbadores continuaram toda a noite e só pararam à luz do dia. Quando, às 8h da manhã, a camareira se apresentou, eu lhe disse: “Os hóspedes do andar superior não têm consideração por ninguém”. Ela me olhou surpresa e disse: “Mas não há hóspedes no andar superior”. Eu voltei a falar com a gerente da pensão e obtive a mesma resposta. E, todavia, eu tinha escutado pessoas caminharem ruidosamente toda a noite sobre minha cabeça! Durante todo o dia continuei a me sentir moralmente deprimida de uma maneira inexplicável, e apesar de jamais ter dado fé a quem me falasse de casos de assombração, tive a impressão de encontrar-me em uma casa obsediada.

Na noite seguinte, os mesmos passos se fizeram ouvir, e mais barulhos que antes, de sorte que me foi impossível dormir, e no dia seguinte eu me sentia tão esgotada que tive de ficar na cama.

Aproximando-se a terceira noite, assegurei-me de ter um bom fogo na chaminé, e providenciei uma lâmpada por companhia. Minha filha esteve comigo até às 11 horas, e, despandindo-se, desejou-me uma noite melhor que as anteriores. Mas logo depois os passos recomeçaram no andar superior e um frisson de terror me sacudiu. Fiquei mais de uma hora com o rosto voltado para o fogo; depois senti necessidade de virar para outro lado e, então, com um pavor inexprimível, percebi ao meu lado um espectro horrível que de uma mão mostrava o quarto contíguo e da outra indicava a mim, quase me tocando. Aterrorizada, sem fôlego, escondi minha cabeça sob os panos; depois, refletindo que o que eu tinha visto deveria ser o resultado de minha imaginação, tomei coragem e descobri meu rosto, mas o fantasma continuava ao meu lado! Desesperada, trêmula, exclamei: “Meu Deus, o que pode ser isso?” E estendi minha mão para sentir se, a essa distância, eu chocaria algo de substancial. Imaginem meu horror ao me sentir tomada por uma mão gelada de morte! A partir desse momento, não me lembro de mais nada.

Quando cedo da manhã minha filha entrou no quarto, eu tinha perdido a fala, e algum tempo se passou antes que eu pudesse recuperá-la. Quando estava em estado de contar o que tinha acontecido, minha filha ficou seriamente preocupada e me aconselhou a trocar de quarto com ela. A figura que eu tinha visto era a de um homem jovem, baixo, moreno, de mãos finas; ele estava vestido com uma roupa preta toda rasgada e suja, de modo que parecia mais um espantalho do que um ser humano.

Na noite seguinte, eu dormia no quarto de minha filha, ou melhor, eu o ocupava, pois eu não conseguia dormir. À meia-noite, vi abrir a porta que eu havia fechado à chave e entrar um homem jovem e baixo, moreno, de modos distintos, que entrava no quarto e se dirigia a mim, dizendo: “A senhora, então, ocupa agora o quarto do escocês?” – Dito isso, sorriu amavelmente, deu meia volta e saiu do quarto como havia entrado.

Tudo o que me acontecia naquela casa tangia ao estranho e ao terrível. No dia seguinte, eu me abri a várias amigas, que ficaram espantadas; uma dentre elas observando: “Seria a casa onde um jovem homem cometeu suicídio há algumas semanas?”, eu logo chamei a dona da casa, a qual negou prontamente, assegurando que o drama havia se passado na casa vizinha. Entretanto, eu estava decidida a conhecer a verdade e me pus a interrogar os mercadores e lojistas da vizinhança, chegando a estabelecer de modo indubitável que a casa do suicida era exatamente aquela em que eu estava. Diante dos resultados da investigação, a dona da casa acabou por confessar toda a verdade e eu soube que o pobre homem tinha dormido em meu quarto, que ele tinha se servido de outro quarto (indicado pela mão do espectro) como sala, e que dessa janela ele se jogou de cabeça, morrendo.

Comparando as informações fornecidas pela dona da casa e por seu filho, constatei que o retrato do pobre homem correspondia exatamente ao espectro. Ele tinha vinte e quatro anos, era algo baixo, e bem moreno. Ele tinha bronquite crônica e era moralmente muito deprimido. Na manhã de sua morte, ele tinha levantado bem cedo, dizendo que se sentia melhor e logo que as pessoas da casa o tinham deixado sozinho, ele abriu a janela e realizou seu ato desesperado. Ele caiu no pátio onde foi recolhido expirante e com as roupas rasgadas e sujas. Quanto à observação do fantasma a respeito do “quarto do escocês”, resulta de que um jovem escocês, grande amigo do infeliz suicida,

ocupava, então, a sala e o quarto em que eu me encontrava aquela noite.

Devo observar que a dona da casa confessou ao fim que ela não ousava mais subir sozinha ao andar que ocupávamos; indício evidente de que ela não ignorava a assombração dos lugares.

Tudo o que expus é não somente a expressão escrupulosa da verdade, mas também é facilmente controlável.

(Assinado: Mary O'Donnel)

A enquete conduzida pela Sociedade para Pesquisa Psíquica concluiu que a filha da Sra. O'Donnel não viu nem viu nada, fosse quando ela dormiu no “quarto do escocês”, fosse quando passou ao de sua mãe.

Procurou-se nos jornais da época e encontrou-se um relato sobre o suicida no periódico local *The Sussex Daily News*, de onde se tem que o infeliz jovem se chamava Walter Overton Luckman e que o lugar em que aconteceram o suicídio e a assombração localizava-se na York-Road Ove, 58.

No caso exposto, a relação causal entre o “precedente de morte” e a assombração aparece clara e inegável; o intervalo de tempo, muito curto.

A principal característica do episódio é a condição nitidamente “eletiva” da assombração, que é também insolitamente complexa, a ponto de a mãe ser submetida a impressões morais, visuais, auditivas e táteis, enquanto a filha restava perfeitamente negativa, o que demonstra a natureza subjetiva das manifestações. É, então, possível crer que o único fenômeno físico acusado, o da porta aberta pelo espectro, se reduziu a uma visão subjetiva. No mais, para considerá-lo como objetivo, seria necessário que a percipiente tivesse encontrado a porta aberta. Ora, ela esqueceu de nos informar quanto a isso. Por outro lado, basta consultar as inúmeras narrativas citando episódios semelhantes para entender que geralmente os percipientes se espantam ao encontrar fechadas as portas que tinham visto serem abertas pelos espectros. Disso segue que o fato de ver abrir uma porta sob condições semelhantes não implica necessariamente o fenômeno físico correspondente, salvo raras exceções em que as portas ficam efetivamente abertas, casos nos quais nos encontramos frente a manifestações de ordem mista ou o agente obsessivo se serviria da presença de pessoas dotadas de faculdades mediúnicas.

Segundo essas considerações, o episódio que estudamos deveria ser tido como de ordem telepático-espírita; nesse caso, o fato do fantasma que se mostra consciente do lugar em que se encontra deveria se explicar supondo-se no agente um estado de clarividência telepática que o teria posto em grau de reger à distância os atos de seu próprio simulacro. O que não deveria surpreender muito, pois encontramos situações análogas nos casos de “telepatia entre vivos” e mesmo em certos incidentes de telestesia experimental durante os estados sonâmbulo-hipnóticos profundos.

Noto que Myers nega, a seu turno, a objetividade da grande maioria dos fantasmas, admitindo que deve efetivamente acontecer em um número restrito de caso uma “modificação qualquer de espaço” no ponto em que se localiza o fantasma, entendendo fazer alusão a algo de objetivo nele. Nesse ponto de vista, limitado a um pequeno número de casos, poderia ser sustentado por múltiplos argumentos. Ele escreve: “Minha hipótese é a de que deve existir aí algo análogo a uma presença real ou a uma modificação de espaço executada no mundo ‘metaetérico’ e não no mundo da matéria. Sustento que quando o fantasma é percebido por mais de uma pessoa ao mesmo tempo (e em certas circunstâncias outras), ele leva realmente uma modificação nessa porção de espaço em que ele se localiza, ainda que isso não aconteça, como regra, quanto à matéria que ocupa esse espaço. Não se trataria, então, de percepções óticas ou acústicas, e conseqüentemente não haveria nem raios luminosos refletidos, nem vibrações aéreas, mas veríamos entrar em ação uma forma nova de percepção sobrenatural, que não agiria necessariamente pelo intermédio de órgãos de sentidos periféricos” (Myers, *Human Personality*, vol. II, p. 75).

A seu tempo, comentaremos essa hipótese. Para o momento, bastará observar a seu favor várias

circunstâncias que escaparam a Myers. Esta, para começar: em um bom número de episódios, a percepção do fantasma é precedida pelo impulso mais ou menos irresistível de voltar-se e olhar na direção em que ele se encontra; ora, isso não deveria acontecer no caso de fantasmas telepático-subjetivos, que deveriam manifestar-se ao percipiente em qualquer ponto do espaço onde ele atrairia seus olhares e não somente em uma direção determinada, *como acontece justamente nas percepções objetivas*. Acrescentemos a isso que o fato de que o impulso súbito e não motivado de voltar-se denotaria uma ação nesse sentido da parte do agente, que não teria razão de ser se não existisse ali uma “modificação do espaço” entendida no sentido de algo de real que ali se localiza, *o não perceptível indiferentemente de qualquer lugar que seja*.

Uma outra observação a fazer é a seguinte: os defensores da tese subjetiva sustentam que se as andanças de um fantasma, quando percebido coletivamente, parecem idênticas a todos os assistentes, é porque o agente transmite aos percipientes as mesmas impressões mentais. Nesse caso, a mesma coisa deveria acontecer para a ubiquidade do fantasma. De sorte que, se o pensamento do agente está orientado de modo a projetar uma imagem de si mesmo vista de frente, cada um deveria percebê-lo a partir desse ângulo de visão, qualquer que seja a posição em que se encontre em relação ao ponto em que é percebido. Ao contrário, constatamos frequentemente que cada um dos percipientes percebe o fantasma em total correspondência com as leis da perspectiva, quer dizer, de frente, de perfil ou de costas segundo a posição que ocupa em relação ao fantasma, *exatamente como acontece nas percepções objetivas*.

Ainda uma observação que apóia as precedentes: há casos em que o fantasma não se anuncia por meio de um som de passos que percorrem um corredor de um canto a outro, e isso de maneira a chamar a atenção dos moradores da casa que, correndo para o local, percebem o dito fantasma. Ora, esse procedimento sugere inevitavelmente a existência de *algo de substancial não perceptível para além* desse corredor, pois se assim não o fosse, não haveria necessidade do aviso de passos, uma projeção telepático-alucinatória devendo agir sobre o percipiente onde quer que se encontre.

Poderiam objetar aqui que modalidades de extrinsecação idênticas se verificam muito frequentemente também nos casos de “telepatia entre vivos”; conseqüentemente, se tivéssemos que considerá-los como provas em favor da objetividade de fantasmas, deveríamos acordar também a objetividade a uma boa parte de fantasmas de vivos. A objeção, de fato, torna-se perplexa; entretanto, as razões em questão são bastante racionais e legítimas para que se deduza que não se trataria de uma pretensão inverossímil a de concordar com a objetividade de um número restrito de fantasma de vivos se temos em conta a existência inegável de fenômenos de “desdobramento fluídico” (bilocação) segundo os quais poder-se-ia afirmar que nos casos telepáticos onde se verificam modos de extrinsecação análogos aos precedentes, encontramos diante de fantasmas objetivos determinados por uma combinação de fenômenos telepáticos e de fenômenos de bilocação.

E, agora, convenhamos: o que dissemos pode demonstrar unicamente que o problema da objetividade ou não-objetividade dos fantasmas ainda está longe de ser resolvido, pois, de uma parte, vemos se realizar incidentes aparentemente resolutivos, não fazem falta no sentido afirmativo. Não se vê, então, outro meio de superar a dificuldade senão concordar com Myers quanto à existência de duas categorias de fantasmas. Nesse caso, todavia, os fantasmas subjetivos representariam a maioria absoluta e é isso que podemos afirmar com uma certeza relativa.

CASO VIII. – Como o precedente, ele se relaciona a um suicida, com a diferença de que a aparição aconteceu em uma localidade e não em uma casa e que o intervalo de tempo passado entre o suicídio e a assombração, ao invés de ser muito curto, é de uns quarenta anos. Eu o tomo do *Journal of the S. P. R.* (vol. XII, p. 118).

Srta. Bedford conta o que segue:

Em 18 de novembro de 1904, fui de bicicleta a uma vila situada a aproximadamente duas milhas de minha casa e percorri uma estrada que acompanha um rio. Uma ladeira com algumas árvores espalhadas separa a estrada da água e, por intervalos, nas passagens sem de arbustos estão cercas pintadas de branco. Estávamos a pleno dia, com um leve nevoeiro; poderia ser três e meia da tarde. Quando cheguei a um desvio, vi a uma pequena distância, diante de mim, um homem sentado sobre a cerca, que parecia encontra-se em profundo abatimento. Ele estava sem chapéu e olhava sinistramente as água do rio. Minha vista não é boa e eu não estava suficientemente perto dele para distinguir claramente os traços. Eu pensava que se tratava de um vagabundo extenuado pela fome, dado que ninguém se demoraria sentado sobre a cerca para passar o tempo pelo frio que fazia, de modo que temendo um encontro ruim, voltei para constatar se os operários ocupados em reparar a estrada estavam ainda à vista, mas não se podia mais vê-los e, quando olhei de novo em direção à cerca, o homem misterioso tinha desaparecido. Nesse momento, alcancei o ponto onde eu o tinha visto sentado e, como os arbustos não tinham muitas folhas, eu podia perceber tudo até o nível da água; mas ele não estava visível em canto nenhum. Se ele tivesse seguido pela estrada, eu o teria visto, pois o rebordo era alto, e ele não poderia tê-lo ultrapassado na segunda para onde eu me voltei.

Então me veio à memória a lenda de um fantasma que aparecia em uma outra estrada, que seguia o curso do mesmo rio, a meia milha de distância, e eu digo para mim mesma: “Se não fosse o endereço ser diferente, eu diria ter visto o fantasma de que me falou a srta Locke”. Eu não me sentia nada surpresa, entretanto, vários dias depois, como aconteceu de eu atravessar ao cair da noite o outro ponto da estrada onde se dizia que aparecia o fantasma, fui tomada de pavor e clamei pela redenção do espírito obsessivo, implorando que ele não aparecesse. Quanto a sua história, eu sabia apenas que há uns quarenta anos um jovem cometeu suicídio afogando-se no rio. A pouca distância de onde eu tinha visto a aparição há uma pequena fazenda, com um prado à frente, que desce para o rio por uma pequena inclinação.

Aproximadamente dez dias depois, eu tomava chá na casa da srta. Locke e tive a oportunidade de lhe dizer:

“Acredito ter visto o fantasma do qual você me falou, com a diferença de que eu o vi na estrada de I..., ao invés da de W...” – Ela exclamou: “Onde você o viu? Diga-me o ponto preciso”. Eu acrescentei: “Ele estava sentado na cerca branca que fica em torno da estrada” – “Meu Deus!”, ela respondeu, “é justamente o local em que ele se jogou no rio!” – “Mas,” disse eu, “você me falou da estrada W...” – “Sim, porque foi dali que ele apareceu até aqui. O pobre homem estava apaixonado por uma de nossas camareiras, que o enganava; e ele tinha o hábito de esperá-la nesse ponto da estrada e de ir e vir com ela. Pouco tempo depois de sua morte, seu fantasma apareceu para minha mãe nesse local; isso não impede que ele viva na pequena fazenda da estrada de I..., e que ele tenha se jogado no rio bem perto da casa, no ponto em que apareceu para você.” – É fácil compreender a impressão que experimentei diante do relato dessas explicações.

Nos primeiros dias de janeiro, fui encontrar um casal de senhores, da casa dos quais eu voltava quando encontrei o fantasma, e aconteceu que eles me disseram morar na casa onde eles se encontravam há mais de cinquenta anos. Então, observei que eles deviam se lembrar de um jovem de uns quarenta anos, da fazenda vizinha, que cometera suicídio afogando-se no rio. “Oh, sim!, responderam, Ele se chamava Sammy D... Ele se jogou no rio próximo à casa, no ponto onde os animais desciam para beber água” – Depois, a senhora continuou: “Pobre Sammy, ele foi traído pelo amor. Ele cortejava uma camareira da fazenda de S... (a antiga casa da srta. Locke) mas ela não quis casar com ele de jeito nenhum. Foi assim que, um dia, ele entrou em casa desesperado, jogou seu chapéu sobre a mesa e correu para se jogar no rio.” Ora, é preciso observar que o único detalhe que eu tinha claramente notado é justamente o de que o jovem estava sem chapéu.

Assim, contei aos bons senhores minha aventura, mas eles não sabiam nada quanto à assombração; e eu não mais vi o fantasma, mesmo passando várias vezes por aquela estrada. (Assinado: Jessie Bedford).

[Srta. Lock, a amiga da relatora, escreveu confirmando o que está relatado, acrescentando que sua mãe várias vezes viu o fantasma do suicida na estrada de W..., no ponto em que o pobre jovem tinha sofrido sua última rejeição.]

Esse caso, ainda mais que o anterior, sugere a hipótese espírita-telepática, ainda que quarenta anos tenham se passado desde o suicídio suscitem a esse propósito grande perplexidade, pois se se pode supor que os sentimentos afetivos e passionais podem ser mestres do pensamento do defunto por algum tempo ainda depois de sua morte, formando assim a origem das projeções de imagens telepático-alucinatórias perceptíveis ao meio onde ele viveu, a questão parece menos provável quando um grande número de anos se passa desde a morte. E, todavia, a característica de fenômenos de “assombração” propriamente dita é justamente sua persistência no tempo, que por vezes desbrava os séculos; e, ao mesmo tempo, tudo leva a presumir que essas formas obsediadoras do pensamento devem realmente ser verificáveis em certas circunstâncias. Mas não é hora de entrar nessa discussão, e me reservo a abordar o argumento no capítulo que tratará dos



“monoideísmos *post-mortem* em relação com os fenômenos de assombração”.

Se, entretanto, não desejamos associar à hipótese telepático-espírita essa extensão no tempo, resta-nos apenas voltar à hipótese da persistência de imagens (chamadas por Guyers “imagens consecutivas verídicas”), o que quer dizer que algumas visões fantásmicas sugeririam a sobrevivência de imagens de eventos passionais ocorridos; verdadeiras impressões locais, que se perpetuariam em um “meio” comumente inacessível a nossos sentidos, mas que em algumas circunstâncias poderiam ser percebidas por pessoas dotadas de especial sensibilidade. Essa hipótese seria uma variação da “psicométrica” e, em última análise, não pareceria tão improvável que o disséssemos à primeira vista, na condição, porém, de mantê-la nos justos limites. Falaremos sobre isso novamente em um capítulo especial.

CASO IX – Nesse episódio, o ponto a ser observado vem de um grupo de crianças, inocentes sobre tudo, que viam coletivamente várias vezes o fantasma de uma senhora. A data dos eventos é mais antiga, remonta ao ano de 1851, enquanto que o relato foi escrito em outubro de 1884 por uma das percipientes; mas, por felicidade, não se tem unicamente a memória da relatora como fonte; existe um “jornal” contemporâneo de eventos, comprado cotidianamente por sua mãe, onde não apenas se confirmam os fatos, mas onde se encontra um acréscimo de episódios dos mais interessantes.

O caso foi rigorosamente estudado por Gurney, que discutiu longamente seus detalhes com os protagonistas, e eu o extraio do *Proceedings of the S. P. R.* (vol. III, p. 126).

Srta. Mary E. Vatas-Simpson relata suas próprias impressões, nesses termos:

Conservo uma lembrança muito clara de uma dama que aparecia para nós quando éramos crianças (eu era a maior e tinha uma irmã menor e muitos irmãos menores) e que foi o maior dissabor de nossa infância; primeiro, porque essa senhora era, para nós, um mistério, e depois porque ela nos lançava frequentemente severas reprimendas paternais.

Nós morávamos numa casa muito antiga, com uma sala de jantar no último andar, a qual tinha três janelas, uma lareira em cada canto e duas portas à frente das janelas. Uma dessas últimas dava para o quarto de nossa irmã mais velha; a outra, para o último patamar da escada; e a escada era estreita, com rampas enormes e de patamares frequentes, do alto dos quais nossa alegria era nos inclinar e ver o que acontecia embaixo, sobretudo quando os empregados faziam entrar alguma visita na sala situada sob a sala de jantar.

Um dia em que eu estava inclinada sobre um de nossos postos de observação, vi uma dama anciã, muito frágil, subir lentamente as escadas e entrar sozinha na sala. Fiquei bastante surpresa, porque a passagem livre na escada era interrompida por uma porta suplementar que separava o gabinete de meu pai dos escritórios situados no piso térreo, de modo que as pessoas que queriam entrar deviam bater à porta grande. Ora, eu tinha visto aquela dama subir a escada ao lado desta porta, enquanto a porta continuava fechada e ninguém tinha vindo abri-la. Seguiu-se uma conversa a voz baixa entre mim e meu irmão Walter, o qual estava sentado na rampa superior com as pernas abertas e decidimos ir ver quem era a intrusa. Descemos sem barulho na sala, certos de encontrá-la, e nossa desilusão foi grande quando não encontramos ninguém. Eu voltei na ponta dos pés, sabendo bem que éramos proibidos de entrar na sala: mas enquanto eu subia a escada, escapou-me uma exclamação de surpresa, pois eu tinha visto sair a dama por uma porta ainda fechada, situada no patamar em que eu me encontrava no instante anterior. Entrei novamente na sala para avisar a Walter, depois fui espionar sobre o patamar e vi a dama, que continuava lentamente a descida e se encontrava já além da porta que fechava as escadas. Quando ela virou, desapareceu de nossa vista; nosso pai saiu de seu escritório e nos aplicou uma boa correção pelo falatório e pelo barulho que tínhamos feito.

Alguns dias depois, estávamos entretidos com nosso jogo favorito, que consistia em inverter duas cadeiras, as quais representavam uma “diligência” onde nos sentávamos, colocando sobre a cabeça um tapete, que tinha a função de “imperial”. Em um dado momento, meu irmão Garry me provocou e eu me vinguei jogando o tapete no ar. A primeira coisa que vi foi a senhora da outra vez, vestida do mesmo modo, isto é, com uma roupa preta muito usada, uma manta de veludo sobre os ombros e uma touca grande sobre a cabeça. Pensei que ela queria ir ao escritório de meu pai e que ela estava muito avançada por engano; mas ela se foi, dirigindo-se rapidamente para o quarto de minha irmã. Subi rapidamente até a sala de jantar para retê-la no caminho, mas não a vi mais. Então, entrei no quarto de minha irmã, depois corri pelo patamar, enfim descí novamente correndo pelos degraus, onde me encontrei com Walter, que também corria atrás da senhora, a qual, naquele momento, descia rapidamente a escada, sempre roçando a parede. Mas, bem no meio de nossa perseguição, meu pai saiu de seu escritório, ameaçando bater nele se o barulho

não parasse.

Então, perguntamos aos empregados informações sobre aquela senhora e os vimos fazerem sinais um ao outro misteriosamente, para nos explicar em seguida “que se tratava somente de uma velha senhora que veio para visitar mamãe”.

Ainda que nós a víssemos frequentemente e não tivéssemos o menor medo, parecia que ninguém queria acreditar em nós e falávamos bastante sobre isso, mas jamais com os adultos. Entretanto, havíamos tomado precauções, e quando brincávamos de “carruagem”, deixávamos um charreteiro descoberto, a fim de que ele fizesse um sinal logo que chegasse aquela senhora. De fato, pareceu-nos que ela nos olhava com bastante insistência, e nós tínhamos medo que se ela nos tivesse surpreendido com as cabeças cobertas pelo tapete, ela poderia cometer algo terrível às nossas custas. E sob o tapete escondíamos também uma arma defensiva, que consistia numa régua grande, para jogar na senhora se por acaso ela ousasse nos tocar.

Compreende-se a partir disso que nós tomávamos o fantasma por uma pessoa real e, apesar dos longos anos que se passaram, conservo ainda na memória uma imagem muito viva, parece que ainda a percebo.

(Assinado: Mary E. Vatas-Simpson)

Aqui encontramos no texto longas citações do diário da mãe da srta. Vatas-Simpson; obtemos dali que outro fantasma, além do da senhora, se manifestou; o fantasma de um homem de idade, e que era percebido por barulhos de todos os tipos. A casa estava extremamente velha e tinha a reputação de assombrada, a ponto de a família que morava ali anteriormente tê-la deixado por conta de barulhos noturnos, suficientemente fortes para acordar e assustar as crianças. Eu me limitarei a relatar essa passagem do diário que se liga às aparições da pequena senhora. A Sra. Vatas-Simpson escreveu:

Além do fantasma da frágil senhora, que tem o hábito de circular pelo andar superior, e o fantasma de um homem que aparece na escada, temos visões diversas e escutamos sons e barulhos de todos os tipos. Muito frequentemente, escutamos na cozinha choros de recém-nascido e o escutamos no mesmo dia em que nos mudamos para a casa. Mas, nenhum de nós duvidou que se tratasse de um autêntico recém-nascido, supondo que os choros viessem de uma casa vizinha. Mas, como eles se repetiam e perpetuavam sem jamais mudar o tom, não tardamos a nos intrigar, depois passamos a fazer as verificações, até o dia em que nos convencemos de que não provinham de um recém-nascido vivo.

Ao lado disso, no ângulo vizinho da porta de meu quarto fazem-se ouvir notas de um canto extremamente melancólico; e são notas reais, muito suaves e penetrantes. Entretanto, um momento chega em que as últimas notas se prolongam e se transformam gradualmente em brados desesperados de agonia. Após isso, o silêncio. E todos esses sons e barulhos se passam perto de alguma parede de separação entre os quartos, jamais perto das paredes de sustentação ou exteriores da casa.

Ontem à noite, a incredulidade irracional de meu marido sofreu um grande golpe e agora ele está convencido de que deve haver verdades em nossas afirmações. Ele pôde, enfim, ver com seus próprios olhos um fantasma; e o descrente cético confessa que está abalado e experimenta um sentimento de terror desconhecido até agora. Eis o que se passou: Devido a sua doença recente, pilhas de cartas e papéis se amontoam em seu escritório. Ele resolveu, então, consagrar as horas da noite à organização da correspondência e à classificação de documentos, dando aos empregados a ordem peremptória de não deixar ninguém entrar e de não perturbá-lo de nenhuma forma. De minha parte, tomei todas as medidas necessárias para assegurá-lo de uma completa tranquilidade.

Ontem à noite, conseqüentemente, o silêncio em nossa casa era quase deprimente, e meu marido, que estava dentro de seu gabinete desde terminado o jantar, ainda não tinha saído dali quando soaram as onze horas. Eu estava sentada na sala, com a porta aberta, como é meu costume quando estou só. De repente escuto um barulho na direção do escritório, depois eu o escuto abrir a porta bruscamente e ressoar a voz de meu marido que, num tom furioso, repreendia os empregados por terem permitido uma estranha de entrar em seu escritório. Quem, então, tinha transgredido suas ordens? Respondemos que ninguém havia transgredido e ele voltou a perguntar: “Não ninguém.

Onde está a mulher? Quando ela veio? O que ela quer? Eu não recebo ninguém à noite. Que venha amanhã, se lhe aprouver; para o momento, levem-na para fora”.

Tudo isso era dito como se a intrusa ainda estivesse na casa e com a intenção de se fazer ouvir, tanto que os empregados protestaram não ter permitido a ninguém entrar na casa e não ter visto ninguém subir ou descer a escada. De repente meu marido muda; ele não fala mais, fica imóvel. Ele parecia estranho à qualquer impressão exterior, como se tivesse sido chocado por um estupor ou um choque. Depois ele retoma a si. Parece tomado de um ligeiro tremor e, avançando alguns passos, ordenou aos empregados que fossem dormir, acrescentando que no dia seguinte se encarregaria de saber quem tomou a liberdade de fazer entrar uma senhora em seu escritório e, se a dama voltasse,

ele mesmo perguntaria a ela.

Todas essas frases foram proferidas para esconder seu pensamento pois ele se exprimia bem diferentemente quando ficamos sós. Ele contou que num momento em que ele procurava entre os papéis um documento muito importante, o espírito absorvido por graves preocupações, aconteceu de ele levantar os olhos e percebeu na entrada da porta uma senhora idosa, pequena e frágil. Ainda que ela chegasse em momento inoportuno, ele não se perdeu de sua boa educação e se levantou, convidando-a a entrar. Vendo que ela não se mexia e nem falava, e que se continha em observar, ele deu um passo à frente, repetindo o convite. Mas a senhora persistia imóvel e silenciosa e olhando-o com uma expressão doce. Supondo que ela não pudesse falar porque estivesse cansada pelas escadas, meu marido esperou um tempo, mas, como a resposta não vinha, ele avançou mais ainda, enquanto ela o imitava com um movimento deslizante. Todavia, visto a dimensão da sala, restava uma certa distância entre eles, e meu marido deu mais alguns passos adiante enquanto ela permanecia imóvel. Enfim, ele foi resolvido em sua direção, decidido a solucionar o mistério desse silêncio, mas foi então que ele não a viu mais: ela tinha desaparecido!

Chegando a esse ponto da história, meu marido fez uma pausa e se recolheu em profunda meditação. Ele parecia extremamente agitado e os lábios estavam tomados por tremor. Evidentemente ele fazia um esforço enorme para dominar sua emoção. Depois de algum tempo ele pareceu despertar de um sonho e passou à conclusão de sua história.

Ele disse que seu gabinete estava bastante claro pela luz a gás, que ele não se lembrava de ter visto abrir a porta quando o fantasma apareceu e quando desapareceu, ao passo que estava certo de ter fechado a porta quando entrou no cômodo. Ele em nada suspeitou de estar face a face com uma aparição; ele a tomou por uma dama atormentada por grandes embaraços, vinda para consultá-lo e a urgência das razões e sua idade avançada lhe pareceram suficientes para justificar a hora intempestiva na qual ela se apresentava. Essas considerações o tinham levado a acolhê-la com deferência; mas seu mutismo inexplicável terminou por irritá-lo e, então, ele o demonstrou por meio da voz e do gesto. Ele descreveu o fantasma nesses termos: “Era uma velha dama, pequena e frágil, muito pálida, com uma grande touca na cabeça, amarrada sob o queixo, e as mãos sempre cruzadas”. Quando perguntei a ele sobre as vestes que ela usava, ele ficou perplexo, pois ele observou a face dela, e não a única impressão que ficou foi de uma mulher inteiramente no escuro. Ela tinha avançado lentamente, sempre olhando-o no rosto e jamais mexia as mãos.

Ele resumiu suas impressões da seguinte forma: “Expus o que me aconteceu em termos precisos; não posso duvidar do que vi; reconheço que isso parece inexplicável. Consequentemente, não falemos mais sobre isso”. Estou segura de que ele não mais fará piada de nossas “absurdas visões de fantasmas”. De fato, ele ficou chocado, de modo a não saber o que pensar. Ele fugia desse assunto, mas estava bastante perturbado. Muito tempo se passou até que ele esquecesse a visita da “pequena senhora pálida” habituada a circular entre nós, como e quando a aprazia.

Aqui termina o relato desse caso tão interessante coletado por Gurney. Do ponto de vista da classificação, haveria uma origem “mista”, pois acusam-se barulhos misteriosos de todos os tipos, que alternam com cantos melancólicos, choros de recém-nascidos inexistentes, brados desesperados de agonizantes, e que são acompanhados de frequentes aparições da “pequena e pálida senhora” e outros mais raros do fantasma de um homem. Nenhuma notícia ou tradição de eventos dramáticos relacionados à assombração. Entretanto, como se sabe que a casa era muito velha e que tinha a reputação de ser obsediada, esse caso entrava no número dos que podiam ser explicados pelo tempo e pela intermitência da assombração, circunstâncias que provavelmente tinham conduzido ao esquecimento de suas origens.

Nada de mais misterioso nos fenômenos de assombração do que esse prolongamento através dos séculos; e se é verdadeiro que não existem hipóteses naturalistas capazes de explicar o mistério, não se diz, todavia, que a tarefa seja fácil para a hipótese espírita. Para o momento, limitar-me-ei a lembrar que a tradição popular fala de “espíritos confinados” nas localidades onde cometeram crimes ou perpetraram suicídio, e isso até o termo de sua expiação, que se prolongaria às vezes durante séculos, mas o mais frequente não passaria de alguns meses ou alguns anos. Quanto à teoria espírita, já dissemos que ela toca à existência de “monoideísmos *post-mortem*” geradores e perpetuadores de obsessões, que dessa maneira assumiriam uma forma telepático-alucinatória, suposição não completamente infundada, em razão de analogias que ela apresenta com os “monoideísmos de vivos”, mas discutiremos isso a seu tempo.

Enfim, deve-se enfatizar no caso em questão o fato de um grupo de crianças inocentes e sem conhecimentos, que percebiam a seu turno o fantasma que obsediava a casa, sem se dar conta de

sua natureza. E sabemos que manifestações sobrenaturais que têm crianças por percipientes revestem-se de uma importância especial, pois a mentalidade virgem da criança pode ser considerada como isenta de toda influência sugestiva e autosugestiva capaz de predispor as almas às diferentes formas de alucinação sensorial. E quando o fantasma, como no caso exposto, é percebido coletivamente e por várias vezes por um grupo de crianças, o caso ganha um valor teórico máximo, a ponto de eliminar definitivamente a hipótese alucinatória entendida no sentido patológico. Isso é tudo que se tem em favor da hipótese espírita, que se revela como a única capaz de explicar os fatos de modo satisfatório. Não resta outra coisa senão saber se, no caso especial, a versão *objetiva* deve ser preferida à *subjetiva*. Todas as duas são prováveis, ainda que a maior probabilidade dessa vez se declare em favor da objetividade do fantasma percebido em condições análogas.

CASO X. – Ele foi comunicado à *Society for Psychical Research* pelo Dr. Kingston, o qual conhecia pessoalmente as percipientes e eu o extraio do *Journal of the S. P. R.* (vol. V, p. 223). A senhorita Louisa F. du Cane escreveu em 31 de julho de 1891.

Na noite de 1 de novembro de 1889, entre nove e meia e dez horas da noite, minhas três irmãs e eu saímos de nossa biblioteca privada para nos deitar e, assim que entramos no quarto, uma de minhas irmãs e eu nos aproximamos do armário em busca de fósforos. Eu esclareço que meu quarto dá acesso ao de minha mãe e que a porta que separa as duas peças estava aberta.

Não havia outra luz senão a que vinha da rua através das persianas fechadas. Quando fui perto do armário, vi com surpresa e terror uma forma humana que, do quarto de minha mãe, avançava em minha direção sem nenhum barulho, como que deslizando. Ela tinha a aparência de um homem jovem de tamanho mediano, vestido de preto com um chapéu em forma de cone. Ele estava muito pálido, tinha bigode preto espesso, e continuava seu caminho com os olhos baixos, como absorto por pensamentos graves. Seu rosto emitia certa luminosidade e é por isso que pudemos distinguir claramente os traços, ainda que o quarto estivesse pouco iluminado.

A aparição continuou a deslizar na direção de minhas irmãs, que se encontravam no quarto perto da porta exterior e que, dada sua posição em relação a um vidro, perceberam o fantasma ao mesmo tempo que eu, *vendo-o refletido no vidro*. O fantasma passou muito perto delas e dissolveu-se quase subitamente; e, enquanto passava, sentimos todas um sopro frio que parecia emanar dele.

A aparição não mais se repetiu e não conseguimos de modo algum explicar o fenômeno a nós mesmas.

Uma de minhas irmãs não viu a aparição porque naquele momento ela olhava na direção oposta, mas ela também notou o sopro frio. As duas outras foram comigo testemunhas oculares do fato. (Assinado: Louisa F. Du Cane, F.-A. du Cane, M. Du Cane, C.-A Du Cane.)

De um questionário que o Dr. Kingston submeteu às percipientes, extraio estas outras informações:

Não havia iluminação suficiente para que se visse o rosto, uma vez que as persianas estavam fechadas e a luz que vinha da rua era muito fraca.

Fui eu, Louisa F. Du Cane, quem viu a primeira aparição, entretanto, nossas exclamações de surpresa foram simultâneas. Quando confrontamos nossas impressões, pudemos constatar que elas eram idênticas.

Minha irmã Mary não viu a aparição porque ela estava virada para a direção oposta, mas percebeu distintamente o sopro frio ao passar a forma.

O fantasma que vimos não parece com ninguém que conhecemos e jamais ouvimos falar de algum evento que se ligue à aparição.

O caso exposto contém a circunstância do fantasma visto refletido em um vidro mesmo antes que fosse diretamente percebido, circunstância teoricamente interessante, pois tende a demonstrar a objetividade da aparição. Entretanto, quanto mais estudamos os fenômenos metapsíquicos, mais aprendemos a ser prudentes antes de pronunciar julgamentos precipitados baseados em fatos singulares e, a propósito da circunstância em questão, dessa vez não se deve esquecer que incidentes parecidos aconteceram algumas vezes no caso de “telepatia entre vivos”, o que nos

determina a reservar nosso julgamento. Deve-se considerar, todavia, que o caso estudado concentra o fato do fantasma simultaneamente percebido por três pessoas, o que, segundo Myers, forneceria uma boa prova em favor “da existência nesse ponto de algo análogo a uma presença real” e, se assim o for, a particularidade do reflexo da imagem espectral assumiria igualmente um significado objetivo e as duas inferências se apoiariam reciprocamente.

CASO XI. – Como oposição ao exemplo precedente, onde a imagem do fantasma é vista refletida em um vidro, eis um exemplo onde o vidro não reflete o fantasma. Eu o extraio da *Journal of the S. P. R.* (vol. X, p. 308). Trata-se de um caso de assombração complexo, rigorosamente estudado e corroborado por várias testemunhas. Não é possível reportá-lo completamente porque as diversas relações que o compõem ocupam umas trinta páginas; vou me limitar a extrair dele o episódio indicado, que é também o único que interessa teoricamente.

M. W. G. D... escreveu em 3 de março de 1902:

Já há algum tempo me propus a fazer um relato dos fenômenos de assombração que se passaram em nossa velha casa de M..., crendo fazer, assim, uma obra interessante e útil.

O fenômeno mais interessante consistia na aparição de um fantasma de uma mulher alta, magra, sempre vestida de preto, com um capuz na cabeça. Uma única vez ela me apareceu vestida de outra forma, e dessa vez ela ficou visível para todos durante vários minutos em pleno dia. Quase todos os membros de minha família puderam vê-la, pois ela aparecia frequentemente sem que compreendêssemos o objetivo dessas aparições, e terminamos por nos familiarizar com ela a ponto de não experimentarmos mais nenhuma impressão, a menos que tivéssemos alguém doente na família, pois nesse caso sua aparição seria presságio de morte...

Na noite de 18 de fevereiro de 1900, eu fiquei lendo até bem tarde e fui a única pessoa acordada na casa. Entre meia-noite e uma hora, interrompi minha leitura para ir para a cama e, chegando ao alto da escada, encontrei o quarto de meu pai com a porta aberta e intensamente iluminado. Olhando para o interior, observei nosso fantasma familiar sentado diante da penteadeira, com as mãos em cima, observando-se no espelho. Eu me ative a contemplá-la durante alguns segundos, depois me aproximei lentamente da porta, com a intenção de aproveitar a circunstância para observar seus traços refletidos no espelho. Como a penteadeira estava situada em diagonal no canto mais próximo do quarto, com alguns passos de lado eu atingi a posição favorável diante do espelho, mas para minha grande surpresa, constatei que o espelho não refletia o fantasma. Enquanto eu fazia essa curiosa descoberta, o fantasma se voltava rapidamente de lado, mas não o bastante para que eu percebesse seus traços. Depois ele se levantou e, atravessando o quarto, desapareceu de minha vista. Então, me precipitei no quarto, mas o fantasma tinha desaparecido e, após ter esperado inutilmente durante alguns minutos, apaguei o gás e fui para a cama. No dia seguinte morria minha cunhada e era o terceiro caso de morte relacionado à “aparição”.

Esse caso, assim como o precedente, é extremamente instrutivo do ponto de vista da hipótese autossugestiva. De fato, no primeiro caso vemos que duas pessoas, muito distantes de pensar nos “espíritos” (consequentemente em condições contrárias à ações autossugestivas) viam, entretanto, a imagem de um fantasma que se refletia no vidro; enquanto que o segundo caso produziu precisamente o contrário, pois o percipiente notando o fantasma sentado diante do espelho, se desloca lateralmente para discernir seus traços pelo reflexo, bem longe de se imaginar que as leis da refração não eram aplicáveis aos espectros (consequentemente em condições mais favoráveis para autossugestão e ver uma imagem alucinatória). Mas, para sua grande surpresa, ele descobre, ao contrário, que o espelho não refletia o fantasma.

Daí resultaria mais uma vez claramente, se houvesse necessidade, a inexatidão da hipótese autossugestiva da qual tanto se abusou e por meio da qual alguns homens de ciência creram poder se libertar num só golpe de todas as aparições de fantasmas, fossem coletivas ou eletivas, telepáticas ou espíritas.

CASO XII – Termina essa coletânea com um caso de aparição de animais em lugares obsediados. Em minha classificação, encontramos apenas nove exemplos do gênero; cifra muito exígua, se considerada em relação à quantidade de materiais já reunidos.

Compreenderemos que os fantasmas de animais raramente apresentam o mesmo valor probatório que o dos seres humanos, seja porque podemos mais facilmente separá-los dos fantasmas puramente alucinatorios, seja porque não é sempre fácil excluir o fato de que os percipientes se enganem, tomando animais vivos por fantasmas de animais. Entretanto, os nove casos relatados contêm algumas características que tornam essa eventualidade pouco provável. Assim, por exemplo, a circunstância de que os fantasmas de animais foram percebidos coletiva e sucessivamente por várias pessoas que ignoravam os fatos e que, ao mesmo tempo em que as pessoas, os animais vivos davam sinais de que percebiam algo de anormal, seria contrária à hipótese alucinatoria; enquanto a coincidência de pessoas que não viram nada no ponto onde outros localizaram um animal excluiria que se trata de animais vivos.

Eu extraio o caso seguinte do *Journal of the S. P. R.* (vol. XIII, p. 256). O sr. Pittman descreveu nesses termos a aventura que lhe ocorreu na cidade de Hoe Benham (Newburg):

Em 02 de novembro de 1907, eu pintava em meu *atelier* com meu amigo Reginald Waud. Minha empregada, vestida de viúva, servia de modelo, e nós esperávamos a srta. Milles. Às 10 horas, os latidos do cão de guarda anunciaram que o leiteiro se aproximava. Desci ao jardim para abrir para ele, peguei o pote de leite e, fechando a porta, dei uma olhada na rua, percebendo que a Srta. Miles chegava com seu estojo de pintura embaixo do braço e seguida de perto por um porco grande, branco, e de focinho grande. Entrei no atelier exclamando ao amigo Waud: “Adivinhe quem conduz a srta Miles nesta manhã! Um porcão!”. Explodimos numa risada e meu camarada observou: “Trate de dizer a ela para não deixar seu amigo entrar no jardim e feche a porta na cara dele, porque temos nossas plantas”. Nesse momento apareceu a srta. Miles e eu perguntei a ela: “O que aconteceu com seu companheiro?”. Ela ficou muito espantada e perguntou: “De que companheiro o senhor fala? O que quer dizer?”. Então expliquei em que má companhia eu a surpreendi. Ela replicou: “Se um porco tivesse me acompanhado, eu teria percebido. De resto, é fácil se assegurar, porque eu passei pelo leiteiro, que teria visto o porco se ali ele estivesse. Em todo caso, vou ver”. Pouco tempo depois, ela voltou dizendo: “Seu porco não está em parte alguma”.

Nós saímos pela vila perguntando, mas ninguém viu animais errantes e em toda a vila havia apenas um porco branco, cujo proprietário assegurou que se ele tivesse fugido, ele teria visto... No dia seguinte, perguntamos ao leiteiro, que reconheceu ter visto a srta. Milles, mas negou absolutamente que ela estivesse acompanhada de um porco”. (Como testemunhas do fato assinaram: Osmund Pittman, Réginal Waud, Clarissa Miles e Louise Thorne.)

Após esse curioso incidente, procedemos com uma investigação na vila e viemos a saber que aquele canto da estrada tinha há muito tempo a reputação de ser obsediado e que ali apareceram os fantasmas de diferentes animais a vários habitantes do entorno.

A Revista relata os testemunhos de seis pessoas da vila, para as quais apareceram nesse lugar fantasmas de cães, gatos e coelhos; e o charreteiro John Barret conta que enquanto ele passava, num dado dia, com sua charrete, na qual havia sete ou oito pessoas, os cavalos cabream e se recolheram, como que tomados de grande pavor. Ele desceu para acalmá-los e percebeu à frente deles uma massa branca que seguia seu caminho saltitando... O relator, o sr. Pittman, acrescenta:

“Quando interrogamos aos camponeses sobre a possível causa das aparições, deram todos a mesma explicação: o responsável pelos fatos era Tommy King, um farmacêutico que tinha vivido cem anos antes e que caiu de uma casa situada nessas paragens, de modo que o espírito do infeliz ainda circulava ali, aparecendo sob a forma de animais e fazendo barulhos estranhos...”.

É a explicação comum das aparições de animais nos lugares obsediados: e ainda que ela seja puramente tradicional e gratuita, não é fácil substituí-la por uma outra menos gratuita e mais científica. Eu me limitarei, então, a observar que nesse livro do Dr. Kerner, sobre a *Vidência de Prévorst*, lê-se que a “vidente”, em suas fases de sonambulismo, explicava da mesma maneira as aparições de animais. Assim, no capítulo VI (4º caso, p. 177), com relação a um “espírito inferior” que apareceu para ele, o Dr. Kerner escreveu: “Em seu quarto, a aparição se renovou sob a aparência de um urso. Desacordada, ela disse: “Agora, vejo o quanto sua alma deve estar negra, pois que ele vem também sob formas horripilantes; mas é preciso que eu veja...”. No 5º caso, (p. 190), a vidente desacordada se dirige a um “espírito” perguntando a ele se ele poderia se

manifestar numa forma diferente da que ele tinha quando vivo. Ele respondeu: “Se eu tivesse vivido como um animal, eu deveria aparecer para você como tal. Nós não podemos tomar a forma que queremos. Devemos aparecer tal como éramos”. E no capítulo IV (p. 120): “O desavergonhado pode aparecer na forma de um animal que se assemelhe ao seu modo de vida...”.

Por outro lado, noto que, entre os nove casos indicados, há dois que sugeririam uma explicação diferente, o que naturalmente não excluiria a outra. Eles foram publicados na *Journal of the S.P.R.* (vol. XIII, p. 58-62, e vol. XV, p. 249-252); trata-se de aparições de um cão e de uma gata pequena, com a particularidade de que, nas localidades respectivas onde eles apareciam, havia morrido um cão e uma gata pequena idênticos aos que se manifestavam. Quanto à gatinha, a identificação era ainda melhor provada pelo fato de que o fantasma se mostrava manco, tal qual a gatinha, que quando viva foi atacada e deformada por um cachorro. Nós nos encontraríamos, então, aqui, diante de casos de identificação autêntica, de modo que é possível deduzir que se conseguimos acumular em número suficiente exemplos dessa natureza, eles conduziriam à demonstração da sobrevivência da alma do animal, possibilidade que não deveria, certamente, surpreender.

## Capítulo 4

# FANTASMAS DE VIVOS

### *CASO DE TELEPATIA ENTRE VIVOS, CONSIDERADOS RELACIONADOS AOS FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO*

De tudo o que vimos até agora, é fácil tirar uma primeira dedução importante, que é a de que se os fenômenos de “assombração propriamente dita” não podem ser explicados de modo total, sem recorrer a diversas hipóteses, eles são, entretanto, na maioria, explicáveis por meio de uma única hipótese, a qual, relativamente às outras, poderia ser comparada a uma “regra” diante de uma exceção. Segundo esta hipótese, os fenômenos de assombração propriamente dita teriam por origem um impulso telepático, onde o agente seria um defunto ligado afetivamente ou, de outro modo, à localidade obsediada; impulso que provocaria percepções verídicas de ordem subjetiva ou alucinatória e por vezes excepcionalmente (por combinação com outras faculdades paranormais) daria lugar a percepções ou extrinsecções algo objetivas, e que Myers chamou “modificações de espaço induzidas no mundo metaetérico”. Tudo abstraindo casos onde não se trataria mais de telepatia *post-mortem*, mas da presença espiritual do defunto no lugar obsediado. Como vimos, essa hipótese apresentaria a vantagem de eliminar um grande número de incertezas teóricas, conciliando manifestações aparentemente contraditórias, como a visualização de fantasmas e a percepção de sons tanto na forma “coletiva” quanto na forma “eletiva”, o automatismo deambulatório e mimético de um grande número de fantasmas, sua frequente ignorância quanto ao lugar onde se encontram, a mentalidade rudimentar da qual dão prova muito frequentemente quando se mostram conscientes, e assim por diante. Acrescentemos que o valor da hipótese consiste nisto: suas múltiplas aplicações não se impõe à razão por um ponto de vista exclusivamente teórico, mas são o resultado da análise comparada entre os fenômenos de assombração e os telepáticos, o que bastaria para constituir uma base rigorosamente científica à hipótese.

No presente capítulo, tentarei, então, demonstrar que não existe modalidade de extrinsecção de assombração que não encontre sua correspondência nos fenômenos telepáticos. Devo, entretanto, limitar-me a algumas situações resumidas, visto a abundância do tema.

CASO A . – Recomeçarei a série de exemplos com um episódio experimental que extraio do *Journal of the S. P. R.* (vol. VIII, p. 250). O sr. Fred W. Rose, homem muito versado nas pesquisas hipnóticas e magnéticas, escreveu em 18 de janeiro de 1896:

Eu li casos de projeção de seu próprio espírito à distância e quis tentar enviar meu “corpo astral” à sra. E... Eu não avisei a ninguém das minhas intenções, e no curso da noite, por volta da meia-noite e meia, sentei em minha cama concentrando meu pensamento na experiência desejada. Com uma grande riqueza de detalhes, imaginei ver a mim mesmo descer a escada de minha casa, continuar meu caminho na rua, chegar à rua de S..., subir ao andar onde mora a sra. E..., entrar na sala e, enfim, em seu quarto. Uma vez realizado esse esforço imaginativo, voltei a deitar com o pensamento tenazmente dirigido à visita projetada e não tardei a dormir... Pessoalmente, eu não estava nada consciente quanto ao sucesso ou não de minha tentativa e, se minha memória estiver boa, sequer sonhei com as pessoas para as quais eu desejava aparecer...

O sr. Rose, depois de ter feito duas tentativas bem sucedidas, teve de renunciar a seus exercícios devido a expressa vontade da dama que ele tinha escolhido como sujeito. A percipiente, a sra. E..., conta sobre a primeira tentativa:



Eu estava sofrendo e minha filha compartilhava minha cama. No ponto mais alto da noite, fomos as duas invadidas por uma inquietude inexplicável que nos impedia de dormir. A princípio, tentamos refletir, uma com a outra, afirmando reciprocamente não entender o nosso estado, mas convencendo que as sensações de que éramos vítimas eram bastante penosas. Enquanto estávamos acordadas dessa maneira, a camareira veio bater à porta perguntando o que desejávamos. Nós a chamamos para entrar e ela explicou que a campainha que ficava acima de minha cama (cujo som dava próximo à porta de seu quarto) tinha soado com insistência e muito forte a ponto de acordá-la. Ela disse também que antes de se mexer, tinha ouvido um segundo chamado, que ressoou em seguida com força dobrada. Ouvindo isso, assegurei a ela que ninguém a tinha chamado; o que acabou por fazê-la cair em lágrimas e exclamar: “Então é o prenúncio de infelicidade! Minha pobre mãe está morta!”. (No dia seguinte ela correu a sua casa e encontrou sua mãe muito bem). Eu relato a observação da camareira porque ela denota que a moça tinha discernido, no chamado, algo anormal e oculto...

Esses são os fenômenos provocados telepaticamente pelo Sr. Rose em sua primeira tentativa. Algumas semanas depois ele refez a tentativa, obtendo resultados ainda melhores; e a sra. E... escreveu, quanto a isso:

Naquela noite minha filha tinha estado no teatro e meu filho tinha ficado comigo. Às dez horas e meia ele foi se deitar. Em um dado momento, enquanto estava na cama lendo, fui tomado de uma estranha sensação, excessivamente desagradável, acompanhada de um impulso irresistível de voltar os olhos para a esquerda. Eu sentia que devia olhar desse lado e, cedendo ao impulso, vi que na direção das cortinas flutuava uma névoa luminosa e azulada, da qual eu não conseguia tirar os olhos, apesar do terror que eu sentia, e ainda que eu compreendesse muito bem que me acontecia algo de anormal. Eu queria chamar meu filho, mas retive o pensamento pois ele me teria julgado nervoso e prestes a adoecer. Tratei, entretanto, de dominar minhas sensações, dizendo para mim mesmo que se tratava de pura imaginação. Depois, voltando-me para o outro lado, recomecei a leitura. Isso feito, não tardei a afastar todo o pânico, mas, como a vontade de dormir tinha igualmente passado, prolonguei minha leitura mais tempo que de costume. Após algum tempo, fui novamente tomado pela mesma sensação de terror, acompanhada desta vez de um impulso irresistível de olhar para baixo, ao meu lado, e percebi a mesma névoa luminosa que se levantava lentamente dirigindo-se para mim. Eu estava aterrorizado demais para me mexer e me lembro de ter levado à altura de meu rosto o livro que eu lia, como que para me defender de possíveis ofensas. Enquanto eu fazia grande esforço para dominar o terror, detrás do livro saiu a metade de um rosto e eu reconheci o próprio sr. Rose. A essa visão, todo pavor se esvaiu de mim e, jogando o livro, deixei escapar uma exclamação nada lisonjeira para o sr. Rose, pois compreendi que ele estava tentando aparecer para mim novamente. A névoa e o rosto tinham desaparecido num clarão.

Essa é a parte essencial do relatório da srta. E., que fiz seguir de outra passagem tirada do relatório de sua filha, a srta. A..., que descreveu assim as sensações durante essa mesma noite:

De volta do teatro, fui até minha mãe para contar o espetáculo e ia dormir quando soou a meia-noite. Eu acabava de pegar no sono e despertei num sobressalto com a impressão de ter ouvido sons de passos que atravessavam o corredor se dirigindo ao quarto de minha mãe. Eu fiquei a escutar. Depois, nada ouvindo, voltei a dormir. Mas eu não tardei a acordar novamente em sobressalto, com a mesma impressão, e assim aconteceu várias vezes. Chegada a manhã, quis perguntar sobre isso a minha mãe, que se limitou a dizer que também ela tinha passado uma noite muito agitada. Dirigi-me, então, a meu irmão e soube que ele tinha experimentado as mesmas sensações; que ele tinha despertado várias vezes tomado por um sentimento inexplicável de terror. Ouvindo isso, minha mãe decidiu nos dizer que ela tinha visto o fantasma do sr. Rose...

Notemos que nesse exemplo – que tem a vantagem de ser experimental – encontramos as modalidades episódicas seguintes, comuns aos fenômenos de “assombração propriamente dita”: primeiro a sensação impulsiva e irresistível que leva a se voltar para o lado onde estão

localizados os fenômenos; depois, o ouvir passos humanos relacionados ao pensamento do agente, o qual imagina atravessar o corredor onde ressoam os passos alucinatórios; enfim, a visualização de névoas luminosas que precedem a aparição do fantasma do agente.

Chama a atenção um outro fenômeno psíquico muito raro na casuística telepática, mas dos mais comuns no de “poltergeist”: o fenômeno de campainhas que soam. Essa intrusão no campo telepático é muito embaraçosa do ponto de vista teórico, pois seria preciso, para explicá-la, ter recorrido à hipótese de um “centro fantasmogênico” de algum modo objetivo no local implicado, o que daria lugar a uma hipótese da qual falaremos no capítulo sobre os fenômenos de “poltergeist”, segundo a qual uma parte dos fenômenos de assombração teriam uma origem mediúnica e, na ausência do médium, se explicariam por um fato de transmissão de energia mediúnica à distância. Nesse caso, a camareira da sra. E... possuiria faculdades mediúnicas, ou o agente telepático, sr. Rose, teria de possuí-las. Um outro modo de superar a dificuldade consistiria em levar ao pé da letra as declarações do agente, o qual explica que ele tinha se proposto a “enviar seu corpo astral à sra. E...”, de modo que nós nos encontraríamos diante de um fenômeno de “bilocação”.

Eu noto, enfim, essa frase do sr. Rose: “Pessoalmente, eu não estava nada consciente do sucesso ou não da tentativa”; essa inconsciência, comum aos fenômenos magnéticos, hipnóticos e mediúnicos se estende a grande maioria de casos de “telepatia entre vivos”, de modo que pela lei da analogia seria preciso estendê-la a grande maioria de casos onde o agente telepático é um defunto, o que explicaria a atitude automática de muitos fantasmas nos fenômenos de assombração.

CASO B. – Eu o extraio do *Journal of the American S. P. R.* (1910, p. 277). É um exemplo instrutivo de transmissão telepática involuntária. A srta Clara Griffing escreveu ao P. Hyslop em 02 de novembro de 1909, nos seguintes termos:

Eu me encontro com minha mãe e meu irmão em uma vila, na “Great South Beach”, para passar o verão ali. Eu me recuperava de uma longa e séria enfermidade, o que fez com que eu não me ocupasse de nenhum detalhe doméstico. Numa noite em que uma rajada de vento me impedia de dormir, levantei entre meia-noite e meia-noite e depois de ter andado por algum tempo no quarto, aproximei-me da janela para olhar através dela. A lua brilhava no céu, o campo estava iluminado como se fosse dia. Enquanto eu contemplava a noite bela, vi sair da casa nossa empregada Lena, que foi tirar um bocado de pano pendurado em uma corda e à mercê do vento. Eu a vi de modo tão distinto que não tive qualquer ideia de que poderia não ser ela mesma, em carne e osso.

Quando a manhã minha mãe veio me perguntar como eu tinha passado a noite, eu lhe disse que tinha visto Lena sair para tirar as roupas e quando Lena veio me trazer meu café da manhã, eu repeti que a tinha visto tirar as roupas numa hora muito incomum. A essas palavras, ela me olhou surpresa e me disse que ela não tinha saído mas que, ouvindo soprar o vento com violência, ficou muito preocupada com a roupa que ficou do lado de fora e que ela ficou acordada mais de uma hora por volta da metade da noite, sempre atormentada pelo pensamento de que ela deveria ter saído para retirá-las, mas terminou por voltar a dormir (Assinado: Jane R. Griffing).

Esse caso é muito interessante porque confirma os comentários aos quais demos seguimento no caso precedente, quanto à ignorância do agente telepático no que concerne às percepções alucinatórias por seu próprio pensamento. Entretanto, no episódio precedente, a ação telepática era voluntária, enquanto aqui é involuntária; de modo que o episódio serve de complemento ao outro e demonstra com bastante eficiência que os *deslocamentos automáticos* de fantasmas obsessores não autorizam em nenhuma hipótese que se negue a existência de uma relação causal entre o fantasma representando um defunto e o espírito do próprio defunto, como o pretendia Podmore. Ao contrário, se nos basearmos em casos semelhantes ao último, que provam que automatismos idênticos se encontram com os fantasmas telepáticos, e isso no aspecto de pensar intensamente em uma tarefa a cumprir, uma pessoa pode transmitir a outras sua própria imagem no ato da execução da tarefa pensada. Depois dessas analogias tão probatórias, não se pode mais

haver recusa em se admitir que entre o espírito de um defunto e seu fantasma *circulando automaticamente* nos lugares onde ele viveu, deve provavelmente existir uma relação causal idêntica.

Resta, então, entender que os automatismos de fantasmas obsessores não são uma razão para se negar a origem espírita, mas somente uma boa prova em favor da hipótese que os considera como fantasmas telepáticos tendo sua origem no pensamento de defuntos que se manifestam.

CASO C. – O reverendo Arthur Hamilton Boyd comunica à *Society for Psychical Research* (*Journal of the S. P. R.*, vol. VIII, p. 321) o seguinte incidente pessoal:

Uma noite de fevereiro de 1891, por volta das onze horas, eu me encontrava no “New-Club” de Edimbourg, onde me aconteceu de dormir profundamente durante quase uma hora e ter o seguinte sonho, com a maior clareza: eu me encontrava na rua e caminhava a passos largos, pois me parecia estar atrasado para o jantar. Chegando à porta de minha casa, abri com a chave que tenho sempre comigo e subi correndo as escadas para entrar em meu quarto e me arrumar para o jantar. Subindo a escada, virei a cabeça para trás e vi meu pai que, do limiar da sala, me olhava. Aqui eu acordei, constatando que era tarde e que já havia passado alguns minutos da meia-noite. Coloquei-me a caminho da casa, num passo rápido. Quando eu cheguei, fiquei surpreso por encontrá-la ainda iluminada, com meu pai e meu irmão que a percorriam, chamando-me em voz alta.

Quando meu pai me viu entrar, mostrou-se extremamente espantado e me perguntou de onde eu vinha. Eu respondi que eu voltava do clube. Então, ele quis saber se eu já não havia entrado por volta da meia-noite. Tendo respondido negativamente, ele me contou o seguinte:

Como de costume, ele ficou na sala até por volta da meia-noite. Depois, ele se levantou para ir para a cama e, enquanto colocava o pé no limiar para passar na ante-sala, escutou bater a porta da casa e me viu distintamente atravessar a sala e subir rapidamente a escada. Seguindo-me com os olhos, ele me viu voltar para olhá-lo e depois desaparecer. Entrando em seu quarto, disse a minha mãe que ele tinha fechado o trinco da porta da casa porque eu já tinha entrado. Minha mãe observou que achou estranho que eu fosse entrar e passar diante de sua porta sem falar com ela e, como ela insistia nisso, e não parecia convencida de que eu estivesse na casa, meu pai decidiu ir ao meu quarto onde, para seu grande espanto, não me encontrou. Juntando-se a meu irmão, colocaram-se a inspecionar todos os cômodos e foi então que eu realmente cheguei...

Jamais esquecerei nossa estupefação diante de um evento tão extraordinário. (Assinado: Ver. Arthur Hamilton Boyd) (A mãe do relator escreveu confirmando o precedente)

Nota-se aqui o detalhe do fantasma que se volta para olhar seu pai, mostrando-se consciente do lugar onde ele se encontra. Acrescentemos que o detalhe em questão, coincidindo com a situação idêntica sonhada pelo agente, denotaria nele um estado de lucidez que lhe permitiu ver que quando sonhou subir as escadas de sua casa, seu pai colocava o pé no limiar da sala, de modo que o episódio deveria ser considerado como um exemplo de “clarividência telepática em sonho”. A menos que não queiramos considerá-lo como um caso de “bilocação em sonho”. Mas não é este o momento de discutir problemas desse tipo. Que seja suficiente observarmos aqui que quanto aos fantasmas conscientes do meio onde se encontram, podemos opor episódios de “telepatia entre vivos” aos de “assombração propriamente dita”.

Eu ressaltaria também o episódio auditivo da porta da casa batendo devido à entrada do fantasma do filho e isso relacionado à ação análoga sonhada. Ora, como todo mundo sabe, os episódios de portas que batem são os mais comuns nos casos de assombração.

CASO D. – Eu vou relatar dois casos que pertencem aos ditos fenômenos de “assombração de vivos”, que podem, na verdade, ser reduzidos a casos telepáticos ou de clarividência telepática, com a particularidade da repetição da aparição. De todo modo, os casos dessa natureza são tão raros que em minha classificação eu não conto mais que seis, dos quais um é bastante duvidoso do ponto de vista probatório; um outro aparece, ao contrário, bastante discutível do ponto de vista do elo causal entre a assombração e o pretense agente (caso Mompesson, no livro bem conhecido de Glanvil); e dois outros que não ultrapassam em nada o círculo de casos telepáticos puros e

simples, de modo que não resta, na realidade, mais que dois para representar a classe, e eu os reproduzo aqui.

O primeiro caso é rigorosamente documentado e uma das relações testemunhais foi escrita antes da identificação do fantasma. Eu o extraio do *Report of the Census of Hallucination (Proceedings of the S.P.R., vol. X, p. 360)*. Não revelamos os nomes dos protagonistas, que são pessoalmente conhecidos da sra. Sidwick.

M. C. S... escreveu na data de 30 de dezembro de 1889.

No sábado mais próximo da data de 22 de outubro de 1886, encontrando-me na casa do Dr. E..., aconteceu-me de entrar na sala por volta de 4 horas da tarde, e percebi uma jovem vestida com um casaco marrom de gola larga, que estava sentada no canapé de modo que eu a via de costas. Ela ficou imóvel nesse lugar durante alguns minutos, enquanto eu me entretinha com a sra E... e um outro visitante. À luz do fogo da chaminé, seus cabelos tinham reflexo de um roxo dourado. Quanto ao rosto, eu não percebia mais que a bochecha direita, que parecia cheia e fresca. Por sua atitude, compreendia-se que ela estava lendo. Quando o visitante se foi, eu esperava me apresentar à jovem e dei alguns passos adiante, mas não a vi mais. A sala estava iluminada por duas lâmpadas à gás e por um fogo muito vívido; a jovem voltava as costas à lareira e estava sentada em meio ao canapé, enquanto a sra. E... ocupava o lado perto do fogo... Eu pedi explicações sobre isso à sra. E..., mas ela protestou não saber nada da jovem e pareceu alarmada quanto ao que aconteceu, de modo que fiz do caso uma brincadeira...

No ano seguinte, a mesma aparição, vestida da mesma maneira, foi percebida pela camareira do Dr. E..., que descreveu o fato nesses termos:

Nos primeiros dias de outubro de 1887, enquanto eu tomava um chá na cozinha com os outros empregados, alguém bateu à porta da casa e, como eu ia abrir (mas antes de fazê-lo), vi distintamente uma dama alta que parecia sair do escritório e que atravessou a ante-sala, entrando na sala de jantar. Eu a vi de costas, observando somente a cor vermelha e dourada de seus cabelos enrolados sobre a cabeça e sua roupa marrom, cortada à moda “princesa”. Eu a tomei por minha patroa, espantado apenas por vê-la numa roupa marrom, ao passo que eu a tinha deixado no andar superior vestida de verde claro. Quando eu abri a porta da casa, eu estava de modo que ninguém poderia sair da sala de jantar sem que eu visse. Entretanto, entrando ali logo em seguida, não vi ninguém, do mesmo modo que não vi ninguém no escritório e em todo esse andar da casa. Eu subi e fui surpreendido ao ver minha patroa vestida de verde claro, como eu a havia deixado um momento antes. Nós jamais conseguimos explicar a estranha aparição, ainda que eu tenha sabido logo que algum tempo antes, a mesma dama tinha aparecido a um amigo de meus mestres.

Uma terceira percipiente, a sra. R..., conta assim sua própria experiência em uma carta datada de 9 de maio de 1891 e endereçada à sra. E...:

Eu me lembro de todos os detalhes e você sabe bem que eu não sou tão impressionável nem nervosa. Os fatos são estes: no mês de outubro de 1887 (ela escreveu errado: 1888, mas a avisamos em seguida que era 1887), eu fui convidada a sua casa e um dia em que me senti tomada de uma forte onda de frio, decidi ir para a cama. Quando a camareira me levou o jantar, eu me sentei na cama, improvisando a minha frente um tipo de mesa com um travesseiro, sobre o qual coloquei o prato. Quando terminei o jantar, coloquei o prato sobre a mesa ao lado da cama e ia voltar a deitar, quando vi se abrir lentamente a porta ao pé da cama e entrar tranquilamente a dama vestida de marrom. A princípio, pensei que era você e exclamei: “Oh! L..., você foi rápida!” Mas eu não tinha ainda terminado a frase e já tinha percebido meu engano e ainda que eu não conseguisse ver o rosto da dama, eu estava certa de que não a conhecia. Ela parecia ignorar minha presença e aproximou-se do toucador, levando as mãos à cabeça como que para desembaraçar os cabelos – os quais, à luz da lâmpada a gás, pareciam muito louros. Eu não me senti nada inquieta por essa visita inesperada, mas apenas surpresa e curiosa. Desci, então, lentamente da cama e avancei atrás dela, mas, como eu ia colocar minha mão sobre suas costas, ela desapareceu. Você sabe bem que o quarto é estreito e que ninguém teria podido sair sem encostar em mim. Quando eu fui dormir, lembrei de Marthe e do sr. S..., que tinha visto o fantasma de uma dama vestida de marrom. Todavia, não pensei nisso quando vi a porta abrir e entrar uma dama vestida dessa maneira. Algum tempo depois, você entrou e eu contei o fato, que foi o tema de longas discussões que não chegavam a lugar nenhum. Ninguém de meu conhecimento parecia com a aparição, mas, mais tarde, reconheci nela a imagem da mulher do sr. P..., que chegou doente a nossa casa, onde ocupou o mesmo quarto em que a vi.

Esse sr. P... de quem se fala no final da carta era o filho da sra. E... e morava na Austrália, onde se casou. Entretanto, a sra. E... jamais tinha visto sua nora. Em agosto de 1888, esta chega de

Sydney e o sr. G. S... escreve:

Quando eu a vi, não a reconheci. Ela estava doente e tinha os cabelos cortados, pareciam de uma cor vermelho claro. Pouco tempo depois ela foi para uma estação climática de onde voltou em outubro, completamente restabelecida. Um dia em que a sra. R... se encontrava jantando na casa da sra. E..., se apresentou a sra. P... vestida num casaco marrom, de gola larga. A sra. R... e a camareira reconheceram nesse instante nela a “dama marrom” que tinham visto. Todavia, a conselho da sra. E..., não disseram nada à sra. P..., cujo temperamento parecia excessivamente nervoso...

O sr. G. S... não tardou a identificá-la também. Ele acrescenta:

Tendo novamente encontrado a sra. P..., esperei o momento oportuno para observá-la sob o ângulo visual onde ela tinha aparecido para mim e então reconheci ter me enganado quando achei que a forma de sua cabeça teria apresentado um perfil diferente do da aparição. Ao contrário, o perfil de sua bochecha corresponde exatamente ao que eu tinha visto.

A *Society for Psychical Research*, tendo solicitado algumas informações à sra. E..., obteve como resposta:

Sra. P... jamais esteve em “trance”. Entretanto, quando ela chegou de Sydney, ela se encontrava em condições tais de esgotamento que todo esforço físico, por mais leve que fosse, determinaria nela um estado de inconsciência que duraria alguns minutos. Ela me contou com alguma frequência que quando ela estava doente na Austrália, ela tinha o hábito de alcançar esforços de concentração mental para imaginar a casa que a esperava na Inglaterra e da qual seu marido tanto falava. Eu não me lembro se, quando ela chegou em nossa casa, ela reconheceu o local.

Aqui eu daria termo às citações. No caso exposto, a “chave de ouro” para o estudo da gênese consiste nas explicações finais da sra. E... Dado que, de fato, a sra. P... “realizava frequentemente esforços de concentração mental para imaginar a casa que a esperava na Inglaterra”, casa da qual ela conhecia o plano por ter frequentemente escutado seu marido falar; dado que, além disso, as condições precárias de sua saúde, que determinavam frequentes acessos de *ausência psíquica*, condições favoráveis ao desligamento das faculdades subconscientes, é bastante provável que cada esforço de concentração mental correspondia a um fenômeno de projeção telepática na direção do lugar pensado. Então, não há aqui nada de muito anormal que possa distinguir esse caso dos casos telepáticos comuns. Mas, ao mesmo tempo, esse caso ajuda na compreensão de fenômenos de assombração onde o mesmo fantasma aparece com persistência. Convém, então, acercar-nos da hipótese na qual os fenômenos de assombração deveriam se limitar a um fato de projeção telepático-alucinatório de um pensamento obsessivo sempre orientado para a localidade obsediada, pensamento que não poderia ter por *locus* senão o espírito do defunto que ali aparece e que ali viveu. Do mesmo modo, as aparições da sra. P... tinham por origem seu pensamento normalmente bastante orientado à casa onde ela moraria.

Eu observo, além disso, a analogia entre os automatismos de fantasmas obsessores e os automatismos em aparições telepáticas da sra. P... Esta aparece uma primeira vez instalada em um canapé, na pose típica da mulher absorta por uma leitura; ela aparece uma segunda vez circulando automaticamente na casa; e uma terceira vez ocupada em arrumar seus cabelos diante do espelho. E como não é provável que essas poses e ações mímicas fossem pensadas pela sra. P... quando ela concentrava seu espírito na ideia da casa que ela moraria, tudo isso sugeriria que as atitudes de fantasmas, em geral, - quando são de natureza automática - são determinadas pelos hábitos de vida particulares do agente telepático, trate-se de um morto ou de um vivo. Quanto ao caso estudado, nada é mais frequente para uma mulher do que o fato de arrumar os cabelos diante do espelho, ou de repousar o espírito lendo por uma hora, ou ainda se imaginar na sua roupa de caminhada mais nova.

Eu observo, enfim, o incidente da porta que aparentemente foi aberta pelo fantasma. Eu digo

“aparentemente” porque já aponte que as portas que vemos abertas pelos fantasmas ficam geralmente fechadas, o que demonstra a natureza alucinatória da maior parte desses episódios. Entretanto, seria necessário para nossa tese a observação de que igualmente nos casos de “telepatia entre vivos”, a exemplo do que acontece nos casos de “assombração propriamente dita”, acontecem episódios de portas vistas abertas pelos fantasmas.

CASO E. – Eu o extraio da *Revue des Sciences Psychiques* (1902, p. 151). O Sr. G. P. H..., membro da *Society for Psychical Research*, e pessoalmente conhecido do diretor da revista citadas, sr. César de Vesme, tinha endereçado o relato de um caso psíquico importante ao jornal *The Spectator*, relato que provocou o desejo de uma carta de confirmação da pessoa interessada no caso em questão.

Eis a carta:

Ao Diretor do “Spectator”

Senhor,

A carta que lhe foi enviada pelo sr. G. P. H..., e que o senhor publicou em sua edição de 1 de junho, sob o título “A Casa do Sonho”, se relaciona evidentemente a um sonho tido por minha mulher, atualmente falecida. O relato é exato de modo geral, ainda que não alcance em nada reconhecer a identidade de seu correspondente. Mas a mesma história foi relatada de modo menos exato nos “Diários” de Sir Mountstuart Grant Duff, citado em seu artigo de 25 de maio.

Não seria, então, desnecessário de minha parte que eu fizesse um breve reconhecimento desse evento.

Há alguns anos, minha mulher sonhou várias vezes com uma casa da qual ela descreveu a arrumação interior em todos os detalhes, ainda que ela não tivesse qualquer ideia da localização onde esse edifício se encontrava.

Mais tarde, em 1883, aluguei de Lady B..., no outono, uma casa nas montanhas da Escócia, rodeada de terrenos para caça e de tanques para pesca. Meu filho, que se encontrava na Escócia, tratou do negócio sem que eu e minha mulher visitássemos a propriedade em questão.

Quando enfim cheguei ao local, sem minha mulher, para assinar o contrato e tomar posse da propriedade, Lady B...

ainda morava na casa. Ela me disse que, se eu não me opusesse, ela me arrumaria o quarto que ela normalmente ocupava e que tinha sido, durante algum tempo, obsediada por uma “pequena dama” que fazia contínuas aparições.

Como eu era bastante cético quanto a essas coisas, respondi que ficaria encantado em conhecer sua visitante fantasmagórica. Eu fui dormir, então, nesse quarto, mas não tive a visita de nenhum fantasma.

Mais tarde, quando minha mulher chegou, ela ficou surpresa por reconhecer, nessa casa, a casa do sonho. Ela a visitou em cada recanto, todos os detalhes correspondiam ao que ela tinha visto tão frequentemente em sonho. Mas, quando ela desceu de novo à sala, ela disse: “Porém, esta não pode ser a casa do sonho, pois aquela tinha ainda deste lado uma série de quartos, que aqui não tem”. Alguém logo lhe respondeu que os quartos em questão realmente existiam, mas que não se chegava a eles pela sala. Quando lhe mostraram os cômodos, ela os reconheceu perfeitamente cada um. Ela disse, entretanto, que lhe parecia que um deles não era quarto de dormir quando fez a visita em sonho. Compreendeu-se, de fato, que o cômodo em questão tinha sido transformado em quarto de dormir há pouco tempo.

Dois ou três dias depois, minha mulher e eu visitamos Lady B... Como elas não se conheciam ainda, apresentei uma à outra. Lady B... logo exclamou: “Oh! A senhora é a dama que assombrava meu quarto!”

Eu não tenho explicação quanto a esse evento. Minha mulher não teve, durante o restante de sua vida, nenhuma outra aventura desse tipo, que alguns chamariam de uma coincidência surpreendente e que os escoceses chamariam de um caso de “dupla visão”. Minha cara mulher certamente seria a última pessoa no mundo que teria deixado sua imaginação tirar seu juízo. Posso, portanto, garantir, tal como os outros membros da família, que ela deu uma descrição exata e detalhada de uma casa que era organizada de um modo muito especial e isso bem antes que ela ou os outros membros de sua família tivessem conhecimento de que a casa em questão existia.

O senhor está livre para dar meu nome às pessoas que se interessarem seriamente pelas pesquisas psíquicas e que possam desejar obter outras informações quanto ao tema. Nesse objetivo, eis meu cartão de visita (Sr. G. P. H... dado também ao diretor da *Revue*, o nome inteiro de Lady B..., que pertence à mais ilustre aristocracia britânica).

Esse segundo episódio de “obsessão de vivos” é muito mais complexo que o primeiro e seria

impossível reduzi-lo às proporções de um episódio telepático comum. Para explicá-lo, seria preciso ao menos chegar à hipótese da “clarividência telepática” que, entretanto, não seria suficiente para esclarecê-lo inteiramente.

Já me ocorreu de citar em um trabalho anterior sobre os “fenômenos de bilocação”, classificando-os entre os casos “incertos” e suscetíveis de serem explicados, seja pela hipótese telepática, seja pela do “desdobramento” e eu me exprimia como segue: “Nesse caso, a hipótese telepática se torna muito menos plausível pelo fato da falta de relação afetiva ou de simples conhecimento entre a pessoa agente e a percipiente. Além disso, encontramos ali incidentes precisos de reconhecimento de lugares e arranjos vistos em sonho, combinados com a identificação da pessoa da qual o fantasma aparecia nos mesmo lugares. De todos esses incidentes, pode-se deduzir favoravelmente à hipótese do “desdobramento com peregrinação à distância”, de modo que esta hipótese não deve certamente ser excluída do número das prováveis... O episódio em questão pode contar também como exemplo de “precognição”, se se considera que a casa visitada em sonho pela mulher do relator era aquela onde ela iria passar um tempo muitos anos mais tarde. Circunstância que, se não acrescenta nada a favor da hipótese do “desdobramento”, ultrapassa entretanto o campo da “telepática”.

Tudo isso quanto às hipóteses que poderiam explicar esse caso, mais embaraçante. Todavia, o momento não é para discuti-las a fundo, pois que devemos nos ocupar do episódio exposto do ponto de vista de exemplos de “assombração de vivos” e, nesse ponto de vista, ele apresenta uma grande importância, pois falta ao agente telepático toda orientação consciente na direção da casa obsediada por seu próprio fantasma. Ele poderia, então, até um certo ponto, apoiar a tese de Podmore, segundo a qual todos os fenômenos de assombração têm sua origem no pensamento de vivos que ficam inconscientes quanto ao que fazem às custas de outrem. Eu digo: até um certo ponto por muitas razões, das quais a principal é esta: que os dois casos que precedem encerram um fator decisivo para a solução da questão, esse fator consistindo na identificação de fantasmas obsessores em pessoas vivas. De fato, se se deduz que as pessoas implicadas eram os agentes telepáticos geradores de fenômenos, então, cada vez que fossem identificadas *pessoas defuntas* nos fantasmas visualizados, seria preciso estabelecer a mesma relação entre os dois fatos, reconhecendo nas pessoas defuntas os agentes telepáticos geradores do fenômeno e ainda que este critério de provas comporte algumas exceções – como veremos a seguir – conserva um valor de regra indiscutível.

CASO F. – Até o presente momento, citamos exemplos onde o agente é vivo e são; daremos um passo adiante e veremos outros onde a ação telepática coincide com a morte do agente. Podemos, então, nos perguntar se os fenômenos devem ser atribuídos à “alma” de um vivo, ou ao “espírito” de um defunto.

Eu extraio o caso seguinte de *Phantasms of the Living* (edição francesa, p. 299). F. W. Myers, que o estudou, declara: “Esse relato é devido a um homem muito honrado que designaremos pelas iniciais A. Z... Ele nos deu os nomes verdadeiros de todas as pessoas que estão no relato, mas deseja que não sejam publicados em razão do caráter doloroso dos fatos que são relatados aqui”.

O sr. A. Z... escreveu, em maio de 1885:

Em 1876, eu morava em uma pequena paróquia agrícola do Leste da Inglaterra. Eu tinha por vizinho um homem jovem, S. B..., que possuía há pouco uma das grandes fazendas da região. Enquanto se arrumava sua casa, ele morava com seu empregado no outro extremo da vila. Seu dormitório ficava muito longe de minha casa, era distante mais ou menos meia milha e se encontrava separado por muitas casas e jardins, uma plantação e prédios de fazenda... Não era um amigo pessoal, mas um simples conhecido. Eu não me interessava por ele mais do que como um dos grandes proprietários da região. Por educação, eu o convidei a minha casa, mas, até onde me lembro, jamais fui a

casa dele.

Uma tarde do mês de março de 1816, como eu deixava a estação com minha mulher para entrar em casa, S. B... nos abordou. Ele nos acompanhou até a porta de entrada, ficou ainda alguns instantes conversando conosco, mas não havia nada de particular nessa conversa. Uma meia hora mais tarde, eu o encontrei novamente e, como eu quisesse dar uma olhada em um trabalho que estava sendo feito no início dos domínios, pedi a ele que fosse comigo. Sua conversa não teve nada de particular naquele dia. Entretanto, ele parecia estar um pouco incomodado com o mau tempo e o preço baixo dos produtos agrícolas. Eu me lembro que ele me pediu cordas de ferro para fazer uma treliça em sua fazenda e que eu prometi dar a ele. Na volta de nossa caminhada e na entrada da vila, eu parei no caminho da travessia para me despedir: o caminho que levava até a casa dele caía para o ângulo direito da minha. E, para minha grande surpresa, eu o ouvi dizer: “Venha fumar um cigarro comigo esta noite”. – Eu respondi: “Não será possível, eu tenho um compromisso esta noite”. Depois dessas palavras, nos separamos.

Estávamos talvez a 40 jardas um do outro, quando ele se virou para mim: “Então, como você não virá, boa noite!”. Foi a última vez que eu o vi vivo.

Eu passei a noite escrevendo em minha sala de jantar. Posso dizer que por algumas horas, provavelmente o pensamento do jovem B... não me ocorreu em momento algum. A noite estava brilhante e clara e a lua estava cheia ou faltava pouco; não ventava. Desde que eu entrei, havia nevado um pouco, o suficiente para embranquecer a terra.

Por volta das 9h55min, eu me levantei e deixei o quarto. Peguei uma lâmpada sobre a mesa do vestíbulo e a coloquei sobre um guerdom, localizado na abertura da janela da copa. As cortinas das janelas não estavam fechadas. Eu acabava de pegar na biblioteca um volume da obra de Macgillivray, sobre “os Pássaros da Inglaterra”, para procurar nela uma informação. Eu estava lendo a passagem, o livro próximo da lâmpada e minhas costas apoiadas contra a persiana, em uma posição onde eu podia ouvir o menor barulho de fora. De repente, ouvi distintamente que alguém abriu a porta da frente e que também a fechou. Depois, ouvi passos precipitados que avançavam no caminho. Os passos eram, no início, distintos e sonoros, mas, quando chegaram à frente da janela, o gramado que estava abaixo da janela abafando o som e, ao mesmo tempo, tive consciência de que algo estava perto de mim, do lado de fora, separado apenas pela fina báscula e pelo quadro de vidro. Pude ouvir a respiração curta, ofegante, penosa do mensageiro, ou de quem quer que fosse, que se esforçava por retomar o fôlego antes de falar. Teria sido atraído pela luz que passava através das cortinas? Mas, subitamente, parecido com um tiro de canhão, ressoou de dentro, de fora, de todos os lados, o mais aterrorizante grito, um gemido, um lamento prolongado de horror que gelou o sangue de minhas veias. Não foi apenas um grito, mas um grito prolongado, que começou numa nota muito elevada, depois abaixou e que tinha se engrenado se espalhando em gemidos para cima. Ele se tornava mais e mais fraco, como se desaparecesse nos soluços e dores de uma horrível agonia. Impossível descrever meu susto e meu horror, aumentados dez vezes quando retornei à sala de jantar e encontrei ali minha mulher, tranquilamente sentada para o café da manhã e que estava afastada apenas 10 ou 12 pés. *Ela não tinha ouvido nada*. Eu vi isso na primeira olhada; pela posição em que a encontrei sentada, eu podia concluir que ela teria escutado o menor barulho que acontecesse do lado de fora, e sobretudo o barulho de passos na areia. “O que houve?” – “Há certamente alguém do lado de fora”, eu disse. – Então, por que você não sai para ver? Você sempre faz isso quando ouve algum barulho incomum”. Eu disse: “Há algo tão estranho e tão terrível nesse barulho que eu não ousou verificá-lo. Deve ser a *banshee* que gritou”. O jovem S. B..., depois de ter saído comigo, tinha entrado em sua casa. Ele passou a maior parte da noite no sofá, lendo um romance de Whyte Melville. Ele tinha visto seu empregado às 9 horas e lhe deu ordens para o dia seguinte. O doméstico e sua mulher, que moravam sós na casa com S. B... foram dormir. Na investigação o doméstico declarou que quando ele tinha ido dormir, foi bruscamente acordado por um grito. Ele correu para o quarto de seu patrão, encontrando-o expirando no chão. Constatou-se que o jovem B... estava sem camisa, com um meio copo de água, no qual ele tinha colocado um frasco de ácido prússico (ele tinha procurado pela manhã sob o pretexto de envenenar um gato; na verdade, não era um gato). Ele tinha subido e, depois de ter entrado em seu quarto, esvaziou o copo soltando um grito: estava morto. Tudo isso se passou, por menos que eu possa sabê-lo, no momento exato onde eu tinha sido tão chocada em minha casa. É totalmente impossível que nenhum barulho, exceto talvez o de um tiro de canhão, possa chegar a meus ouvidos da casa de B... Forçado a partir no primeiro trem, saí no dia seguinte mais cedo e, examinando o terreno abaixo da janela, não encontrei nenhum passo na areia ou no gramado. O chão estava ainda coberto pela fina camada de neve caída na noite anterior... Eu não obtive os detalhes da tragédia senão na tarde do dia seguinte... Dizem que o motivo do suicídio era um mal de amor. (a mulher do relator, sra. A. Z..., escreveu confirmando o que precede.)

O fato da *eletividade* das manifestações, concentrado nesse caso, é muito comum nos fenômenos de assombração e, ainda que pareça improvável que uma pessoa sã e normal deva ter toda uma sucessão de sons exprimindo o desenvolvimento de uma ação precisa, enquanto outras nada escutam, deve se dar à evidência. O fenômeno da eletividade, quando é telepático, é instrutivo porque pode-se encontrar sua origem e demonstrar assim que as alucinações sensoriais, ainda



quando não são compartilhadas pelos presentes, podem pertencer à classe de alucinações *verídicas* causadas à distância pelo pensamento de um vivo, nenhuma diferença existindo quanto a isso entre as manifestações *coletivas* e *eletivas*. Resta somente aplicar esse critério às manifestações de assombração da ordem *eletiva*, unificando-as a seu turno com as de ordem *coletiva*, pelo que concerne sua natureza possível de alucinações verídicas causadas à distância pelo pensamento de um *defunto*.

Isso posto, quantos outros mistérios ficam para resolver! Por exemplo, não conseguimos explicar como o pensamento de um agente telepático deve, por vezes, se exprimir sob a forma racional da aparição de seu fantasma, e outras vezes sob a forma irracional de uma ação auditiva onde uma mensagem de morte é telepaticamente realizada por sons alucinatórios que, sucessivamente, simulam o bater de uma porta aberta e fechada, o eco de passos precipitados, a respiração ofegante de uma pessoa e o som de gritos desesperados. Tudo isso parece extraordinário, mas fatos são fatos e, do nosso ponto de vista, essas formas aparentemente absurdas de mensagens telepáticas têm por consequência torná-las menos absurdas (e, conseqüentemente, mais facilmente aceitáveis), as manifestações de assombração, onde os ilogismos desta natureza representam a regra.

Quanto a explicar as causas desses ilogismos, a empreitada é árdua e prematura. Eu diria somente que de acordo com o que se observa na gênese das alucinações patológicas e na psicanálise dos sonhos, pode-se deduzir que a forma aparentemente caprichosa sob a qual se manifestam as alucinações telepáticas e de assombração, representam a via “de menor resistência” para a transmissão da mensagem sobrenormal da subconsciência à consciência; mensagem que, na maior parte do tempo, se manifesta sob forma simbólica, algumas vezes espontânea e apropriada, mas mais frequentemente trabalhosa e truncada. Daí segue que as formas revestidas pelas manifestações em questão dependeriam de idiosincrasias especiais às mentalidades do agente e do percipiente, combinadas.

CASO G. – Eu o extraio do estudo de Myers sobre os fenômenos telepáticos publicado no vol. I, p. 187, do *Journal of the S. P. R.*

A filha de um ministro da igreja anglicana, falando da paróquia de B..., da qual seu pai era reitor, escreveu à Myers nestes termos:

Meu pai não era beneficiário da paróquia, mas unicamente o reitor interino. O reitor beneficiário era um cavalheiro riquíssimo de linhagem antiga, que residia em suas próprias terras e, ainda que ele recebesse anualmente uma renda paroquial de quase 1200 libras esterlinas, ele tinha confiado a meu pai a execução de toda tarefa religiosa, contentando-se em vir algumas vezes encontrá-lo como amigo. Durante uma de suas visitas, onde ele veio acompanhado de sua mulher... esta confiou à minha mãe: “Existe uma lenda que talvez a senhora terá a oportunidade de verificar, ainda que eu deseje que este dia esteja bem longe, é que, segundo uma antiga tradição, quando um reitor da paróquia de B... morre, escuta-se nesta casa um barulho estranho e incompreensível, localizado na plataforma da escada central. Esse barulho foi comparado a de um chicote de charrete batendo violentamente num tubo metálico grosso”. Essa similitude pouco romântica suscitou em nós mais diversão do que credulidade e a anedota logo foi esquecida.

Depois de um mês, no outono, por volta de nove horas da noite, elevou-se repentinamente um barulho que fez tremer minha mãe: parecia que uma violenta chicotada foi dada sobre um tubo metálico grande. O barulho vinha do patamar da escada central. Minha mãe não viu ninguém e não soube explicar o estranho fenômeno. Dois dias depois chegou a notícia da morte inopinada do reitor e o dia e a hora do evento coincidiam com o aviso sobrenatural que ocorreu em nossa casa. O reitor tinha sido vítima de um ataque de apoplexia quando se encontrava em visita a mais de cinquenta milhas da paróquia e uma meia hora depois ele morreu. Até o momento da crise, ele jamais reclamou de nenhum tipo de desconforto.

No artigo de onde extraio o caso, Myers enumera outros do mesmo gênero, em um dos quais uma mãe é advertida da morte de seu filho por um barulho parecido com o bater de um chicote sobre a

porta de seu quarto de dormir; em um segundo, a morte é anunciada com o barulho de louças partindo em pedaços; em um terceiro, com o barulho de telhas que quebram, barulho que se encontra relacionado a uma morte por afogamento; enquanto que em outro caso de morte por afogamento, escutou-se o barulho simbolicamente mais apropriado: o de uma queda d'água. Todas as modalidades de extrinsecação telepática sobre as quais eu chamo a atenção dos leitores, porque elas são análogas às manifestações auditivas próprias aos casos de assombração.

O último incidente do qual eu falo (barulho de uma queda na água em relação a uma morte por afogamento) pode servir como exemplo de “simbolismo telepático”, onde as manifestações são mais ou menos sugestivas e representativas do evento de morte, o que denotaria da parte do agente um controle melhor das faculdades subconscientes do percipiente. Entretanto, na grande maioria dos casos, as manifestações que acontecem não tem mais do que o valor de *anúncios* ou *chamados*, isto é, que a entidade telepatizante, não tendo meio de se exprimir como quer, exprime-se como ela pode, a fim de chamar a atenção das pessoas presentes de alguma maneira.

CASO H. – Eu já tive oportunidade de enfatizar que nos fenômenos de “assombração propriamente dita”, que são de ordem essencialmente subjetiva, constatam-se manifestações episódicas de ordem objetiva ou psíquica, idênticas às de casos de “poltergeist”, manifestações que se explicariam pela presença nos lugares obsediados de uma pessoa dotada de faculdades mediúnicas, ou pela transmissão à distância de energia mediúnica tomada de um sensitivo vivo nas redondezas, ou com “influências locais”.

No objetivo de tornar mais completo o paralelo entre os fenômenos de “assombração propriamente dita” e os da “telepatia entre vivos”, eu relatarei agora um exemplo telepático com manifestação episódica de natureza psíquica, lembrando que eu já citei um incidente do mesmo tipo no caso A, onde se tratava do tilintar espontâneo de uma campainha.

Escolho o exemplo abaixo no grupo de vários outros análogos citados por Camille Flammarion na obra *O desconhecido*. O pintor suíço Edouard Paris escreveu:

Há mais ou menos um ano e meio meu pai, uma prima que estava em nossa casa e minha irmã conversávamos na sala de jantar. Essas três pessoas estavam sós no apartamento, quando de repente ouviram tocar o piano na sala. Muito intrigada, minha irmã pegou a lanterna, foi à sala e viu perfeitamente alguns notas se baixarem todas juntas, fazendo com que os sons fossem ouvidos, e voltarem a se elevar.

Ela voltou e contou o que viu. Rimos, no primeiro momento, de sua história, vendo uma farsa no princípio do negócio, mas como a pessoa é dotada de uma visão excelente e que não é nada supersticiosa, achamos a coisa estranha.

Ora, oito dias depois, uma carta vinda de Nova York nos noticiava a morte de um velho tio que morava naquela cidade. Mas, coisa mais extraordinária, três dias depois da chegada desta carta, o piano voltou a tocar. Como da primeira vez, um anúncio de morte chegou oito dias depois, o de minha tia, dessa vez.

Meu tio e minha tia formavam um casal muito unido; eles tinham guardado uma ligação muito forte com seus pais e com Jura, seu lugar de origem.

O piano nunca mais tocou sozinho desde então.

As testemunhas dessa cena certificarão o fato quando quiserem – moramos no interior, nas imediações de Neuchâtel e lhes asseguro que aqui não temos problemas neurológicos. (Assinado: Edouard Paris, artista pintor).

As considerações precedentes podem igualmente se aplicar a esse caso, quanto à aparência absurda do modo de extrinsecação da mensagem relativa ao pensamento provável do agente telepático, pois, em suma, um piano que toca espontaneamente não simboliza uma morte. Do mesmo modo, quanto à invasão de manifestações *objetivas* sobre as *subjetivas*, é mais provável do que nunca que os modos de extrinsecação de manifestações telepáticas e de assombração não representem mais do que a “via de menor resistência” percorrida pela mensagem sobrenatural para chegar ao destino. Nesse caso particular, poderíamos concluir que a mensagem encontrou menos dificuldades em se manifestar *objetivamente* do que teria encontrado ao se desenvolver

*subjetivamente.*

CASO I. – Daremos agora um outro passo adiante em nossa listagem ascendente de *casos telepáticos com fenômenos análogos àqueles da assombração*. Depois dos casos onde o agente está vivo e são, depois daqueles em que a ação telepática coincide com a morte do agente, citaremos exemplos de *transição*, onde as manifestações telepáticas coincidentes com a morte do agente se repetem também *depois de sua morte* e persistem por um período de tempo mais ou menos longo. A grande importância teórica desse lado da questão não escapa a ninguém, pois ele faz a passagem, sem solução de continuidade, da “telepatia entre vivos” à “telepatia entre mortos e vivos”, manifestações telepáticas àquelas de assombração, fazendo surgir assim, de modo incontestável, sua identidade de origem.

Eu extraio o caso seguinte da obra de F. W. Myers, *Human Personality*, etc. (Vol. II, p. 473). Ele foi comunicado à *Society for P. R.*, por meio do Dr. Kingston, e o relator, o sr. F. Hodgson, o conhece pessoalmente. O relatório é muito longo e me limitarei a citar as passagens essenciais.

O sr. F. Hodgson escreveu:

Na manhã de 14 de junho de 1890, sábado, Sofia Alida Kamp, viúva, residente em Wymberg (Wolff Street), sua filha Alida Sofia e srta. Catherine Mahoney, que morava na mesma casa, foram para a cama por volta das 11 horas e, desse momento até o amanhecer, não conseguiram dormir por causa de barulhos estranhos e misteriosos que ouviram e dos quais não sabiam explicar a causa, ainda que tivessem feito buscas até os cantos mais recolhidos da casa.

No dia seguinte, elas me contaram suas impressões: elas tinha ouvido barulhos de cadeiras arrastadas pesadamente em seus quartos, tumultos de caixas vazias arrastadas de um canto a outro do andar superior, que não contêm nada que mesmo que de longe possa explicar os fatos... Por solicitação delas, consenti em dormir na casa na noite seguinte (Domingo, 15 de junho).

Aqui o relator conta que antes de deitar, de repente veio a ideia de improvisar uma “sessão mediúnica” em seu quarto, sessão da qual tomaram parte as damas em questão. Quando estavam todas sentadas ao redor da mesa, obtiveram tipologicamente o nome *Lewis* e, pouco depois, as palavras: “É um aviso”. A sessão encerrou. O relator seguiu:

Logo em seguida, fomos deitar e mantive a vela acesa. Depois de alguns minutos, dormi. Por volta das dez horas da manhã, fui despertado pelo barulho de uma cadeira pesadamente arrastada em volta do quarto em que eu dormia. Após esse barulho sucedeu um outro corpo pesado arrastado em volta do sótão e o tumulto era tal que teria acordado qualquer pessoa. De fato, ouvi a voz da senhorita Kamp, que de seu quarto me falava, perguntando: “Então você ouviu esse barulho? O que acontece?”. Esperando, perto de mim percebi a queda de um objeto que me pareceu a caixa de fósforos. Era hora de levantar para começar as buscas e desci da cama tateando a caixa de fósforos que eu tinha colocado sobre o castiçal, mas sem encontrá-la. Eu tinha uma outra no meu colete e assim pude acender a vela; então, vi que a outra caixa se encontrava no chão, a uns sessenta centímetros do castiçal...

Aqui começa a parte mais estranha desse negócio. Até aquele momento, nenhum de nós poderia imaginar por quais motivos um indivíduo nomeado Lewis perturbaria nosso sono; tanto é que ninguém dentre nós jamais teve nenhuma relação de amizade com pessoas desse nome... Na manhã de 16 de junho, eu abri meu jornal habitual, *The Capes Time*, e, entre outras notícias, li que na noite do dia 14, às 8h15, *um desconhecido* tinha sido morto por um trem, nas imediações de Woodstock. Evidentemente não ocorreu a nenhum de nós que o fato dos barulhos misteriosos estivesse ligado ao acidente, pois não havia nenhuma relação aparente entre eles.

Na edição de terça-feira do mesmo jornal, apareceu o relatório da investigação executada sobre o acidente e a vítima permanecia desconhecida. Na noite do mesmo dia, eu estava sentado na loja Kamp quando chegou uma mulher negra, que, conversando a sra. Kamp, perguntou: “A senhora ouviu falar do homem que foi morto por um trem no sábado à noite?”. “Sim, respondeu a sra. Kamp, mas não se sabe quem é”. “Eu o conheço, replicou a negra, ele morava na casa de minha irmã e seu nome era Jum Lewis”. Ao ouvir esse nome, todos consideramos que tínhamos encontrado o caminho para resolver o mistério dos barulhos perturbadores, que nos parecia relacionado ao acidente em questão. Eis as razões de nosso entendimento:

1º Um homem tinha sido morto às 5h15min da noite de 14 de junho. 2º A sra. Kamp tinha fechado sua loja às 10

horas; ela foi dormir às 11 horas e a partir daí começaram os barulhos. 3º Nenhum de nós sabia do acidente no dia em que abri o jornal, quer dizer, na manhã do dia 16. 4º Antes da noite do dia 14, jamais apareceram barulhos noturnos na casa da sra. Kamps. 5º O espírito perturbador, na noite do dia 15, tinha dado o nome de Lewis.

Na noite de terça-feira, dia 17, fizemos outra sessão... e o nome de Lewis foi novamente ditado, com a seguinte mensagem:

“Eu não posso estar em paz porque não conseguiram identificar meu cadáver”. Às nossas perguntas, ele afirmou ser “o espírito do homem morto pelo trem e se chamar Lewis”.

(Nós abaixo assinados, tendo lido o relato acima, o declaramos perfeitamente conforme à verdade – Assinado: Frédéric Hodgson; Sophia Alida Kamp; Alida Sophia Kemp; Kate Mahoney, C. F. Kamp; J. S. Kamp.)

Como já dissemos, é preciso sublinhar nesse caso o lado teoricamente importante de seu começo sob uma forma de exemplo de telepatia comum, seguida de sua transformação em exemplo também comum “de assombração propriamente dita”, o que serve para demonstrar a gênese única das duas categorias de fenômenos.

Além disso, observamos no caso de transição uma circunstância já notada num outro caso de “assombração propriamente dita” (VI): a de um defunto que se manifesta num meio e uma família que lhe é completamente estranha; e isso em oposição à regra constante de casos de assombração, onde o defunto parece ligado por relações afetivas ou passionais aos lugares obsediados.

Lembramos aqui que, se essa regra é verdadeira para a grande maioria dos casos, no sentido de que o pensamento de um defunto só pode ser dirigido aos seres amados e lugares onde ele viveu e, por conseguinte, não pode senão se manifestar nos lugares e pessoas que ele conhecia; isso não impede que ele possa passar por circunstâncias onde o pensamento de um defunto se encontra orientado para localidades ou pessoas estranhas a seus sentimentos afetivos, determinando assim variantes nos modos de produção de fenômenos telepáticos e de assombração.

Segue-se que, para explicar o caso precedente, é preciso presumir que o defunto Lewis, desejoso de ver seu cadáver identificado, tenha tentado comunicar-se com pessoas que se propõem às tarefas fúnebres; e, não conseguindo, procurou fora e encontrou na família Kamp os sensitivos suscetíveis de serem influenciados telepaticamente de modo a lhe permitirem atingir seu objetivo. Noto ainda o fenômeno físico da caixa de fósforos projetada à distância, fenômeno ocorrido vinte e quatro horas depois da morte do suposto agente, e mais eficaz que nunca para reforçar o paralelismo entre os fenômenos de telepatia e os de assombração e também porque observa a invasão dos fenômenos objetivos sobre os subjetivos.

CASO J. – O escritor Charles Saint-Foix, tradutor das obras de Gorres, conta o fato pessoal seguinte, que extraio do livro de D’Assier, *L’Humanité posthume* (p. 22).

O fato seguinte aconteceu na casa de meu pai, por volta do ano 1812: Uma noite, por volta das dez horas, minha mãe foi despertada por um barulho incomum na cozinha, separada pela sala de jantar do quarto onde ela dormia com meu pai. Ela o acordou para dizer de sua inquietação e pediu a ele que fosse ver se a porta que dava para o quintal estava bem fechada, pois ela acreditava que era o cachorro que havia entrado e causado todo esse barulho. Meu pai, certo de ter fechado a porta à noite, atribuiu a um sonho ou a uma ilusão as impressões de minha mãe e a encorajou a voltar a dormir, como ele próprio fez. Mas após alguns minutos, minha mãe ouviu barulhos de novo e acordou meu pai uma segunda vez. Ela, entretanto, não conseguiu convencê-lo e ele, não querendo crer no que quer que fosse, sentou-se para não voltar a dormir, esperando que o barulho recomeçasse. Ele não esperou muito tempo e acabou por acreditar que sua memória havia falhado, que ele tinha efetivamente esquecido de fechar a porta do lado de dentro da cozinha, que o cão de guarda entrou ali e bateu nos potes, pratos, panelas e todos os outros utensílios de cozinha, pois era um barulho desse tipo que se ouvia.

Então, ele se levantou, pegou uma lanterna, foi até a cozinha e encontrou tudo em ordem e a porta fechada, de modo que terminou por crer que havia se enganado por seus sentidos e que não estava talvez bem acordado quando acreditou ter ouvido o barulho. Ele voltou à cama, deixando sua vela acesa para ver se o barulho recomeçava. Ele mal acabou de deitar quando um alarido muito mais grave se fez ouvir. Certo de que não poderia vir da cozinha, foi a

todos os outros cômodos da casa, desde o porão até o sótão. A barulheira continuava, mas nada aparecia. Ele acordou os domésticos, que dormiam em uma construção anexa, foi de novo com eles por toda a casa, ouvindo sempre, mas nada vendo. O barulho tinha mudado de lugar e de natureza: passou para a sala de jantar, onde parecia que pedras de vinte a trinta libras tombavam de oito ou dez pés de altura sobre um móvel apoiado contra a parede. Depois de oito ou dez golpes desses, um último golpe muito mais forte que os outros anunciava uma pausa. Depois, logo parecia que uma mão vigorosa movia uma barra de ferro entre os pavimentos. Muitos vizinhos, despertados pelo barulho, vieram à casa para saber o que isso significava e ajudar meu pai a fazer novas buscas. Pois ele tanto não queria crer em fantasmas que a ideia sequer lhe passou pela cabeça e todo seu medo era de que fossem ladrões. Ele dizia a si mesmo, por outro lado, que os ladrões tinham todo interesse em se esconder e que seria pouco hábil da parte deles manifestarem sua presença de modo assim tão barulhento. Ele pensou, então, que poderiam ser ratos. Mas, como ratos poderiam fazer tamanha algazarra e barulhos tão diversos? Tudo isso o lançava a muitas incertezas e ele não sabia a que se apegar. Por volta das três da manhã ele dispensou os vizinhos e os domésticos para que voltassem para suas camas, certo de que não poderiam ser ladrões e isso para ele seria o pior. O barulho tinha durado por volta de quatro horas e tinha sido ouvido por sete ou oito pessoas. Ele cessou mais ou menos às quatro horas da manhã.

Por volta das sete horas, um mensageiro veio anunciar a meu pai que um de seus pais, chamado F..., morreu à noite, entre dez e onze horas, e que, perto de morrer, ele expressou novamente o desejo de que meu pai se encarregasse da tutela dos filhos que ele deixava. Ele tinha, de fato, manifestado frequentemente esse desejo a meu pai durante sua doença, sem poder jamais vencer sua resistência. Em vão meu pai contrapôs a multiplicidade de seus negócios e cuidados dos quais elas eram a causa. Em vão ele tentou apontar-lhe pessoas em melhores condições que ele para se encarregarem da missão que ele queria lhe confiar. Ele não pôde, apesar de todas as razões, lhe destituir da ideia que ele tinha levado consigo para a outra vida.

A coincidência dessa morte com o barulho que se escutou durante a noite chocou minha mãe e a fez pensar que aquilo não era simplesmente obra do acaso. Ela insistia, então, para que meu pai aceitasse a tutela dos filhos do falecido. Meu pai, não compartilhando de seus medos, opôs a mesma resistência. Todavia, para tranquilizá-la, e crendo nisso não se comprometer com nada, ele prometeu a ela que se o barulho recomeçasse, ele aceitaria a tarefa que queriam lhe impor. Credo sempre que esse barulho provinha de alguns homens que queriam perturbá-lo ou brincar com ele, resolveu tomar todas as precauções para descobrir seus artifícios. Então, levou dois homens fortes e corajosos para ficarem em seu quarto e esperou pacientemente em sua cama. À meia-noite, o barulho recomeçou, mas muito mais forte e mais terrível que o da noite anterior. Meu pai se levantou e disse aos dois homens que dormiam em seu quarto para se levantarem também e ajudá-lo a visitar todos os cantos da casa. Mas, eles estavam tomados de um pavor tal que nada os convenceu a sair da cama, um suor frio correndo por seus corpos. Meu pai percorreu, então, com os empregados, sem nada descobrir. O barulho durou muito pouco, mas foi muito mais violento do que da primeira vez. Meu pai voltou a seu quarto e cedeu ao tratado de minha mãe, muito mais para lhe agradar do que por acreditar que esses barulhos vinham de uma causa sobrenatural. E não se ouviu mais nada na casa.

Três ou quatro testemunhas desses fatos ainda estão vivas e podem atestá-los. Eu ouvi meu pai narrá-los muitas vezes, ele que jamais pensou que houve algo de sobrenatural neles. Uma coisa, entretanto, o havia chocado e dado alguns temores. Na primeira noite, no momento em que o barulho estava mais forte, ele tinha chamado seu cão e seu chamado era normalmente suficiente para fazê-lo saltar e latir. Mas, dessa vez, ao invés de saltar como de costume, ele rastejou até os pés do meu pai, como que tomado de pavor. Essa circunstância provocou em meu pai uma impressão muito forte e desconcertou seu pensamento sem mudar, entretanto, sua convicção.

Ainda aqui nós nos encontramos diante de um episódio típico de “assombração propriamente dita”, que não difere em nada dos outros, que deveria ser classificado como tal e que, todavia, antes de se tornar “de assombração” era “telepático”. Quer dizer que o pensamento do agente tinha provocado manifestações telepáticas quando esse agente ainda estava vivo, para reproduzi-las depois de sua morte, como sequência de um forte desejo não satisfeito. Com esses exemplos de *transição*, assistimos a metamorfose, sem solução de continuidade, dos fenômenos telepáticos em fenômenos de assombração. O que mais se poderia pretender para provar sua origem comum? Não seria inútil lembrar aqui que se é verdadeiro que as maneiras comuns e absurdas nas quais se manifestam por vezes os fenômenos telepáticos e os de assombração, eles não representam mais que a “via de menor resistência” percorrida pelo impulso telepático a fim de emergir da subconsciência para a consciência do percipiente. Pode-se dizer também que se “o espírito desencarnado” do pai de Sainte-Foix não encontrou nada de melhor do que produzir o barulho de panelas e potes se chocando uns contra os outros, como o espírito de Lewis não soube chamar a

atenção senão imitando o barulho de cadeiras arrastadas em círculo, tudo isso significa que as idiosincrasias especiais dos dois agentes, combinadas com as dos percipientes, não permitiam outros modos de extrinsecação telepática. Nós já observamos que seria preciso dizer nesse caso que os agentes espirituais se manifestam como podem e não como querem. Ou, em outros termos, que, como lhes é impossível a comunicação direta com os vivos, eles tentam atingir o alvo indiretamente, servindo-se dos meios de que dispõem.

CASO K. – Eu terminarei a presente enumeração com um caso que não é mais telepático e que, entretanto, parece a sequência necessária dos de “transição” que vimos: nestes últimos, as manifestações telepático-obsessoras, depois de ter coincidido com a morte do agente, seguiram também depois de sua morte, enquanto que naquele que nós vamos ler, não se encontram manifestações coincidindo com a morte do agente; não constatamos senão as post-mortem.

Chegamos, então, ao campo das manifestações de defuntos, mas chegamos sem solução de continuidade e porque o caminho percorrido conduziu diretamente para ele.

Eu extraio o caso da revista *Filosofia della Scienza* (maio de 1911, p. 65). O diretor da revista, Dr. Innocenzo Calderone, o precedeu com essas palavras: “Nosso amigo, Dr. Vincent Caltagirone, médico praticante nesta vila, superando o preconceito que contraem frequentemente os homens da ciência em não se dar conta de alguns fatos de natureza sobrenatural para não se exporem às críticas muito fáceis de alguém culto, consentiu levar a conhecimento dos pesquisadores em metapsíquica um caso verdadeiramente singular, extraordinário e interessante de manifestações repetidas post-mortem, que pode muito bem ser posto na categoria de fenômenos significativos e característicos que não encontram outra explicação plausível senão a espírita”. Eis o relato do Dr. Caltagirone:

Palerma, (Rua Stabile, 92) 24 de abril de 1911

Meu caro Dr. Calderone,

Uma vez que o senhor acredita que o fato que eu narrei em voz alta pode servir de documento de estudo à ciência à qual o senhor carrega tão louvável interesse, eis por escrito a narrativa fiel em todos seus detalhes, sem nenhum comentário pessoal.

O senhor sabe que eu me mantenho positivista, ainda que eu creia na realidade de alguns fenômenos mediúnicos que tive a oportunidade de constatar pessoalmente, ver no exercício de minha profissão. Por conseguinte, eu repito, sem nenhum comentário.

Eu era amigo do sr. Benjamin Sirchia e também seu médico. O sr. Sirchia, muito conhecido em Palerma, tinha sido um velho patriota, então um homem quase popular. Ele tinha qualidades morais e cívicas excelentes, mas era um descrente no sentido mais amplo da palavra.

Como ele vinha frequentemente me encontrar em minha casa, aconteceu de no mês de maio do último ano, nós falarmos, eu não sei mais por que, dos fenômenos mediúnicos. Eu respondi suas questões assegurando-lhe que por experiência própria eu estava certo da realidade de alguns fenômenos e eu lhe disse das diferentes interpretações que são dadas a eles, mais favoráveis do que contrárias à teoria espírita. Foi então que, nesta ocasião, num tom jocoso, ele me disse: “Escute, doutor, se eu morrer antes do senhor, como é provável, pois sou velho e o senhor é jovem, forte e enérgico, dou-lhe minha palavra de honra que virei lhe dar uma prova da verdade, se eu sobreviver” (nós estávamos então sentados em minha sala de jantar). No mesmo tom jocoso, eu respondi: “Então, manifeste-se quebrando algo nesta sala, por exemplo o pendente em cima da mesa!”. E, para a troca amigável de favores, eu disse: “Eu me empenho também, se eu morrer antes do senhor, em vir para lhe dar algum sinal parecido em sua casa!”

Eu repito, essas coisas estava ditas mais por brincadeira que por outra coisa, e eu diria quase que para fechar a conversa. De fato, nós nos separamos e, como ele tinha previsto que devia partir num dia próximo para Licata na província de Girgenti, onde ele iria se estabelecer por algum tempo, marquei com ele na estação de trem, onde eu saudaria sua partida, o que não pôde acontecer por conta de circunstâncias imprevistas. Desde esse dia não tive mais nenhuma notícia dele, direta ou indiretamente. Isso aconteceu, como eu disse, o mês de maio de 1910.

No último dezembro, não me lembro precisamente se era o “um” ou o “dois”, mas certamente em um desses dois

dias, por volta das seis horas da tarde, eu estava sentado à mesa com minha irmã, a única pessoa com a qual eu vivo, quando nossa atenção foi atraída por diversas batidinhas ora na cúpula do abajur central, suspenso no teto da sala de jantar, ora no pequeno queimador móvel de porcelana situado acima do tubo de cristal. No começo, atribuímos essas batidas ao efeito do calor da chama, que eu tentei atenuar. Mas, como as batidas se tornaram mais fortes e continuavam cuidadosamente a fazer ouvir o choque que não pude entretanto explicar, pois eu estava totalmente seguro de que o fenômeno não podia ser atribuído a um calor exagerado emitido pela chama que funcionava a uma pressão muito normal. De resto, não se trataria de um som fraco, como os que acontecem comumente sob o efeito de um calor excessivo, mas de golpes secos de um timbre especial, como se viesse da junção de dedos da mão ou de golpes de um cano de metal com a qual se teria batido intencionalmente sobre um objeto de porcelana suspenso. Eu tentei verificar se as batidas eram feitas por algum objeto estranho... nada; uma vez o jantar terminado e o fenômeno parou naquela noite.

Na noite seguinte, o fenômeno se repetiu e assim durante quatro ou cinco noites consecutivas, suscitando em mim a maior curiosidade. Entretanto, na última dessas noites, uma batida forte e decidida partiu em dois o queimador móvel, que ficou preso ao grampo do contrapeso metálico. Foi o que eu verifiquei primeiro subindo na mesa para ver o efeito do último golpe. Eu me lembro precisamente, e minha irmã também, que ainda que nós tivéssemos apagado a luz do centro onde estava localizado o fenômeno, e que para substituí-la nós tivéssemos aceso um outro braço de gás, fixado lateralmente à lâmpada grande, os golpes do local inicial continuaram a ressoar com a mesma intensidade.

Devo afirmar e declarar lealmente, na minha fé de cavalheiro, que nesses cinco ou seis dias de observação do estranho fato do qual não consigo encontrar nenhuma explicação, eu jamais lembrei do meu amigo Benjamin Sirchia, e ainda menos na conversa do último mês de maio, que esqueci completamente.

No dia que segue à última noite, durante o qual, como eu disse, o queimador suspenso acima do tubo estava trincado e as duas partes aderentes ficaram suspensas em seu lugar, por volta das oito horas da manhã eu estava sozinho em meu gabinete, minha irmã estava na varanda para observar não sei o que na rua, a empregada tinha saído, quando na sala de jantar houve um barulho enorme, como se um golpe de vara violento tivesse sido dado sobre a mesa.

Minha irmã, da varanda, o ouviu, como eu. Corremos, então, ao mesmo tempo para ver o que tinha acontecido.

É estranho dizer – mas garanto a veracidade do que digo – sobre a mesa, e como colocado por uma mão humana, encontramos uma metade do queimador do gás, enquanto que a outra metade permaneceu suspensa em seu lugar. Evidentemente o golpe violento que tínhamos ouvido era desproporcional ao que tinha acontecido. Era o último fenômeno coroando os fatos estranhos que tinham se repetido durante cinco ou seis dias, e este último aconteceu em plena luz do dia e sem a ação do calor.

O fato da queda desse meio queimador de cristal não poder ter vindo de um modo perpendicular, porque, antes de passar pelo centro da cúpula, teria que reencontrar o tubo do aparelho e também o cilindro, que teria quebrado para dar passagem ao meio queimador, os quais, ao contrário, estavam perfeitamente intactos e o espaço vazio não era suficiente para deixá-lo passar. Se ele caiu na superfície curva da cúpula (abajur de porcelana muito grande) o dito meio queimador, com o golpe, teria se quebrado ou quebrado a cúpula. Se não fosse isso, ele teria caído, parando em um lugar distante do centro da mesa, ou mesmo fora da mesa, e jamais perpendicularmente ao eixo do pendente.

Consequências: o barulho foi uma advertência do fenômeno realizado. O pedaço do queimador colocado dessa maneira foi a prova de que o fato não se deveu a um acidente, o qual teria contradito as leis da queda de corpos e as outras da balística.

Devo confessar, mais uma vez, que mesmo nesse momento, eu tinha esquecido completamente meu amigo Sirchia, suas promessas e o acordo que tínhamos feito juntos em maio do último ano.

Foi depois de dois dias que encontrei o Pr. Rusci, médico nesta cidade. Ele me disse: “O senhor sabe que o pobre Benjamin Sirchia morreu?”, “Quando?” – perguntei ansiosamente. “Nos últimos dias de novembro, ele me respondeu, entre 27 e 28”. “Os últimos dias de novembro? Estranho!”, pensei, então. Os fenômenos desses últimos dias estariam ligados a sua morte?... Em primeiro ou dois de dezembro começa e dura cinco ou seis dias a tentativa de quebrar algo do pendente da sala de jantar. Justamente a que estava apagada!... Outra coisa estranha... Quando o objetivo é alcançado, quase que para reforçá-lo, o forte golpe que dá o aviso: o meio queimador ter sido colocado onde ele não poderia ter caído por acaso e para excluir qualquer possibilidade natural do fato”.

Constato, meu caro amigo, não deduzo. Sei apenas que minha irmã e eu quisemos conservar como preciosa lembrança de um fenômeno desconhecido as duas partes do queimador entre nossos objetos preciosos e amados. Tomo esta ocasião para lhe saudar com entusiasmo. (Assinado Dr. Vincenzo Caltagirone)

Esse caso é muito interessante e os modos de extrinsecação dos fatos de acordo com o que o defunto deveria realizar para cumprir sua promessa conferem a ele um valor de prova de identificação espírita.

Do nosso ponto de vista, observamos que o fenômeno físico ocorrido alude aos de “poltergeist”

onde são frequentes os incidentes de vasilhas quebrando e objetos do gênero.

Observaremos além disso que o fato da intenção bem evidente do agente de produzir precisamente esse fenômeno para demonstrar sua própria sobrevivência tenderia a demonstrar sua intervenção direta. De fato, a teoria telepática que estendemos aos defuntos não parece aplicável ao caso, e menos ainda a regra segundo a qual os modos de extrinsecação de fenômenos telepáticos representam a “via de menor resistência”, percorrida pela mensagem paranormal para chegar ao destino, regra sobre a qual insistimos com razão, pois ela se presta a explicar os modos de extrinsecação frequentemente infantis e absurdos dos fenômenos. Mas, desta vez, ela não poderia se adaptar ao caso, visto que os fenômenos se desenvolvem *conforme à promessa* dada pela entidade comunicante. Mais uma vez vemos, então, ressurgir dos fatos o ensinamento tal que, se em matéria de manifestações de defuntos é permitido e útil formular regras gerais, é bom, entretanto, resguardar-se de muita generalização, pois deve-se razoavelmente esperar no campo espírita encontrar frequentes exceções às regras estabelecidas. E, nesse caso, uma exceção à regra seria que a teoria telepático-espírita não seria suficiente para explicar os fatos, levando-se a admitir em certas circunstâncias a intervenção direta e a presença real da entidade comunicante.

\*  
\*        \*

Termino assim a enumeração de *casos de telepatia entre vivos que se considera em relação com os fenômenos de assombração propriamente dita*.

Resumindo, aponto que com essa enumeração, provo o seguinte:

1º Que todos os modos de extrinsecação particulares aos fenômenos de “assombração propriamente dita” se encontram de modo idêntico nos fenômenos de “telepatia entre vivos”;

2º Que, ao analisar os casos de “telepatia entre vivos”, chegamos a descobrir a via de transição pela qual os fenômenos telepáticos se transformam em casos de “assombração propriamente dita”;

3º Que por isso a comunidade de origem de duas fenomenologias surge de maneira evidente e, conseqüentemente, que os fenômenos de “assombração propriamente dita” podem ser explicados em grande parte pela teoria “telepático-espírita”;

4º Que os automatismos de fantasmas obsessores encontram uma correspondência perfeita nos automatismos de “fantasmas telepáticos”, o que confirma ulteriormente a origem telepática dos primeiros e refuta a opinião daqueles que, do fato do automatismo, concluem pela inexistência de relações causais entre defuntos e fantasmas.

5º Que os fenômenos telepáticos nos ensinam que o automatismo de fantasmas depende do fato de que no mais das vezes o agente ignora que ele transmite ao percipiente a visão de seu próprio fantasma, de onde se tem logicamente que os deslocamentos automáticos correspondentes aos fantasmas obsessores deveriam ser atribuídos à ação do pensamento inconsciente de defuntos que se manifestam;

6º Que os modos de extrinsecação tão frequentemente comuns e absurdos de duas fenomenologias se explicam pelo fato de que no mais das vezes eles não representam senão a “via de menor resistência” percorrida pela mensagem paranormal para se lançar da subconsciência à consciência, ou também para transitar de forma objetiva, o que permitiria dizer que as manifestações de assombração tem apenas um valor de anúncios ou lembretes, com os quais os defuntos se esforçam em chamar a atenção dos vivos;

7º Que a teoria e as regras expostas, a exemplo de todas as regras e todas as teorias, não são absolutas, mas relativas, e comportam várias exceções.



\*  
\*       \*  
\*

Só me resta lembrar aqui as conclusões às quais outra pessoa chegou tratando o mesmo tema.

Faço alusão à hipótese de Frank Podmore, segundo o qual os fenômenos de “assombração propriamente dita” poderiam ser reduzidos a fenômenos de “telepatia entre vivos”.

Como já enfatizei na introdução, Podmore, partindo da hipótese de que os fenômenos em questão deveriam ser considerados em massa como tendo origem puramente subjetiva, esforçou-se em demonstrar que eles derivariam provavelmente da ação telepática seja de pessoas que vivem na casa obsediada, seja de pessoas que tenham morado ali no passado, ou simplesmente de pessoas informadas sobre os fatos, as quais, relembrando eventos trágicos que aconteceram na casa, ou mesmo o terror sentido quando ali moravam, são a causa inconsciente, de onde seu pensamento se transmitiria telepaticamente às pessoas presentes nesses lugares, o que formava a origem de fenômenos de assombração e sua perpetuação.

Podmore expôs sua tese em um longo estudo publicado no volume VI do *Proceedings of S.P.R.*, mas ela pareceu tão improvável que praticamente não encontrou partidários e desapareceu com ele. Convém notar que o autor tentou atingir seu objetivo limitando-se aos únicos exemplos de aparição de fantasmas e ignorando completamente os fenômenos auditivos, que teriam podido fornecer bons argumentos a seu favor. E é ainda mais curioso que ele tenha negligenciado os casos de “assombração de vivos” que, mesmo que muito raros, teriam servido a sua tese mais do que todos os outros. Aquilo que ele não fez, eu mesmo fiz no capítulo presente, mas tirei conclusões bem diferentes.

Myers respondeu a Podmore no mesmo volume do *Proceedings*, confundindo-lhe facilmente ponto a ponto e desse ensaio crítico eu extraí e resumo as argumentações seguintes em resposta à principal afirmação de Podmore. Este, para sustentar sua tese, foi implicitamente conduzido a supor, ou a subentender, que um agente telepático tem a faculdade de projetar à distância o fantasma alucinatório de uma terceira pessoa com a mesma facilidade que seu próprio simulacro. Quanto a isso, Myers observa que essa hipótese aparece incompatível com o que de fato ocorre, quer dizer, demonstra-se, ao contrário, que as alucinações telepáticas reproduzem o fantasma do agente, que elas não o reproduzem apenas em casos excepcionais e que os episódios desta natureza são raros a ponto de não podermos citar mais que alguns exemplos extraídos com dificuldade de milhares e milhares de casos telepáticos conhecidos. Segue-se que não é nem lícito nem lógico converter *regra* em *exceção* para depois explicar fenômenos de assombração e negar as manifestações de defuntos, em geral.

Myers observa, ainda, que, mesmo se a hipótese de Podmore fosse fundada, jamais se compreenderia como essa faculdade de projetar fantasmas de terceiros deveria constantemente se manifestar sob a forma de *fantasmas de defuntos*. Como, então, isso seria possível? Não pensamos com maior frequência em pessoas vivas? Por que, então, fantasmas de vivos não se manifestam nas casas obsediadas?

Enfim, se Podmore tivesse razão, ele não deveria encontrar quase nenhuma casa que não fosse obsediada e a paz de pobres mortais estaria gravemente comprometida. De fato, em quase todas as casas, alguém morreu, deixando provavelmente no planeta alguém que se lembra dele com intenso afeto. Do mesmo modo, em todas as casas aconteceu algum incidente doloroso, sobre o qual o primeiro ocupante pode apenas voltar com frequência pelo pensamento, de sorte que as reminiscências acumuladas de todos os moradores anteriores de uma casa deveriam convergir telepaticamente sobre o último, criando ao redor do infeliz um terrível enxame de fantasmas obsessores.

Além disso, é totalmente inútil permanecer confundindo uma hipótese absurda pela extensão que

o autor quis dar. Entretanto, esta questão se põe ao espírito: é possível haver casos de assombração com fantasmas de *defuntos* efetivamente nascidos no pensamento de uma pessoa viva? À rigor, responderemos afirmativamente, conhecemos, de fato, quatro ou cinco exemplos de transmissões telepáticas de “formas do pensamento” representando terceiros ou animais, mas a coleta de exemplos se reduz a isso, e se se considera esse resultado, pequeno em relação à imensa gama de material telepático recolhido, deve-se convir que quatro ou cinco exemplos afirmativos, diante de quatro ou cinco mil exemplos negativos, provam apenas que os primeiros são *exceções* muito raras, que eles não podem servir de base à hipóteses que assumem uma importância de regra. Por outro lado, a partir do momento em que a imensa maioria de casos telepáticos prova que as aparições fantomáticas reproduzem constantemente a figura do agente, a *regra verdadeira* a obter seria que não pode haver uma relação causal entre o pensamento dos defuntos e a aparição de seus simulacros, regra que se mostra cientificamente legítima porque se funda sobre a analogia, enquanto que tudo concorre para provar que ela é a expressão da verdade, o que não impede que comporte, a seu turno, exceções, como veremos ulteriormente.

## Capítulo 5

# MONOIDEÍSMOS E FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO

Os leitores que, nos capítulos precedentes, seguiram a evolução de nossa análise comparada entre os fenômenos de assombração e os de telepatia, análise de onde fizemos surgir a prova de sua origem comum, terão também observado que não é possível aplicar essas conclusões aos fenômenos de assombração sem voltar à hipótese espírita, e isso de modo tão natural que dali decorre uma consequência curiosa, e que contra minha vontade tive que alterar a ordem estabelecida a princípio para a discussão das hipóteses. De fato, na introdução desse livro eu tinha enumerado em último a hipótese espírita porque ela deveria ser discutida por último; ora, ela saltou tão espontaneamente dos fatos que eu não pude evitar aplicá-la prematuramente.

As coisas se encontram assim, não resta mais do que completar a discussão e, nesse objetivo, deve-se tocar um problema constrangedor que interessa igualmente à hipótese espírita e à telepática, e que consiste na investigação das causas que predispõem à incompreensão tanto para motivos sérios quanto para motivos fúteis ou absurdos.

Dr. Charles du Préel foi o primeiro a se dar conta desse problema e conseguiu demonstrar que a gênese de um grande número de manifestações do além devia ser atribuída a um estado especial de “monoideísmo” determinado na mentalidade de defuntos pelas condições psíquicas e emocionais onde a morte os tomou.

O termo “monoideísmo” serve para designar uma atitude especial do espírito para conter uma única ideia, que, por conseguinte, invade e domina o todo o campo da consciência. Um “monoideísmo” é *ativo* quando a ideia surge espontaneamente no sujeito, como na autossugestão, nas ideias fixas e no êxtase. Ele é, ao contrário, *passivo*, quando o espírito aceita qualquer ideia que lhe é sugerida, como na sugestão hipnótica e post-hipnótica. A condição normal da consciência é o “polideísmo”, ou reina continuamente entre as ideias a luta pela existência, luta que determina correntes inibitórias destinadas a manter um estado de relativo equilíbrio nesse tumulto, o que dá a medida da adaptação do homem a seu próprio meio. Ao contrário, com o fenômeno do “monoideísmo”, cessa-se a função inibitória das ideias antagônicas, e a ideia dominante aquiesce, a um grau irresistível, a tendência inerente a todas as ideias, que é a de se realizar.

Segue-se que o estado de “monoideísmo” se encontra numa condição mórbida da consciência cada vez que o espírito é invadido sem determinação voluntária. Se, ao contrário, há determinação voluntária, o fato em si de concentrar a atenção sobre uma única coisa confere ao homem o máximo da potência intelectual, e aquele que o faz melhor que um outro é denominado “gênio”. Os “monoideísmos” de natureza mórbida podem persistir por horas, dias e anos; e quando eles não dependem de causas psicopáticas graves, têm por causa momentos de “aideísmos”, onde o espírito permanece inativo e, conseqüentemente, facilmente receptivo; ou ainda momentos de emoção de extremos perigos, de dores supremas, contingências nas quais a ideia predominante aquiesce a uma tendência persistente, transformando-se numa ideia obsessora.

Ao aplicar essas considerações aos fenômenos de assombração, observaremos que não há nenhuma razão para não admitir que um “espírito desencarnado” não esteja sujeito às mesmas leis psicológicas que um “espírito encarnado” e, por conseguinte, que não haveria motivos para não admitir que quando a consciência de um agonizante é perturbada por emoções ou preocupações ansiosas, ele não possa se constituir de formas de “monoideísmos post-mortem” análogas às que os vivos estão sujeitos, daí os fenômenos de assombração.

Seria preciso, então, deduzir que apenas uma morte calma e resignada poderia preservar os homens dos perigos dos “monoideísmos” e, por outro lado, que uma agonia perturbada por sentimentos de raiva e vingança apresenta o risco de transformar o moribundo em “espírito obsessivo”. Haveria, entretanto, monoideísmos criados por paixões frívolas e desejos fúteis desenvolvidos intempestivamente para atormentar a agonia do defunto, do mesmo modo que haveria monoideísmos determinados por uma ligação exagerada às coisas da Terra, o que ligaria o espírito desencarnado ao meio onde viveu. Haveria, enfim, monoideísmos causados por sentimentos elevados e meritórios, tais como o amor materno, fraterno, filial, conjugal; entretanto, não se trataria mais nesse caso de manifestações de assombração, mas unicamente de visitas de defuntos. A rigor, poderíamos dizer que se entendemos por “monoideísmo” uma condição mais ou menos anormal da consciência, os casos habituais de visitas de defuntos – determinadas como o são por sentimentos afetivos normais e nobres – não seriam, então, monoideísmos propriamente ditos, do mesmo modo que não o seriam alguns fenômenos de assombração de breve duração, ou tendo por origem promessas feitas durante a vida.

Assim, por exemplo, entre os episódios relatados, os casos III e VI, e o episódio K do capítulo IV, não seriam monoideísmos. De fato, no caso III tratar-se-ia de um pacto macabro concluído entre diversos estudantes de medicina, pacto que, não observado pelos sobreviventes, teria determinado o fenômeno de assombração. No caso VI, tratar-se-ia de uma mãe que, em seu leito de morte, prometeu a seu filho aparecer se eventos desejados há muito se realizassem. Esses eventos, acontecidos dez anos mais tarde, são imediatamente seguidos da visita da defunta. Análogo é o episódio K, onde um amigo promete a outro que se existisse uma existência do além-túmulo, ele se esforçaria para lhe anunciar, provocando um fenômeno físico especial em sua casa, fenômeno realizado alguns dias depois da morte do amigo. Ora, parece evidente que uma vez que os precedentes geradores de fenômenos de assombração são dessa natureza, eles não podem logicamente ser atribuídos a “monoideísmos”, estando dada a norma dos motivos determinantes.

Os outros casos de “assombração” anteriormente relatados parecem todos mais ou menos evidentemente produzidos por “monoideísmos”, o que aparece mais evidente ainda nos casos IV, VIII e IX, e nos dois casos de transição I e J, que relatei no capítulo IV.

Todavia, para completar o quadro de fenômenos de que nos ocupamos, é preciso acrescentar alguns casos onde a origem de monoideísmos aparece tipicamente trágica ou frívola.

CASO XIII – Esse primeiro episódio é de ordem trágica. Eu o extraio do *Journal of the S. P. R.* (vol. IV, p. 27). Ele foi coletado por Myers, que o fez preceder desses esclarecimentos: “O caso seguinte me foi comunicado por duas damas que designarei sob o nome de srta. Mary Brown e srta. Lucy Brown. Os nomes dos lugares e das pessoas (exceto o do Dr. Barker e do sr. Leycester) são pseudônimos, pois os interessados são muito cuidadosos em não prejudicar a locação da casa obsediada...”

Srta. Lucy Brown descreveu sua experiência da seguinte forma:

Há mais ou menos quatro anos, no outono de 1884, minha mãe e eu alugamos por um ano uma casa da vila de B... Os proprietários eram os herdeiros de uma certa sra. Jones, que, depois de ter comprado a casa para ali morar, achou que ela era pequena e construiu uma grande ala. Isso aconteceu três anos antes de nossa chegada. Todavia, uma vez a construção terminada, ela constatou que as despesas ultrapassavam em muito as previsões e, por conseguinte, que seus modestos meios não lhe teriam permitido continuar a morar ali. A custo de muita tristeza, ela teve de se resignar em alugar a casa a uma certa sra. Robinson e foi viver em uma pensão com sua filha. As pessoas que durante o inverno se relacionaram com ela afirmam que ela nunca deixou de falar do grande desgosto que ela sentia por se encontrar fora de sua casa, repetindo que ela não se conformava de ter acrescentado essa “ala” infeliz ao imóvel.

Em março de 1882, um grande incêndio destruiu a pensão onde a sra. Jones se encontrava e a pobre mulher pereceu em chamas. Seu quarto estava situado no terceiro andar e, no último momento, foi vista vestida de branco, na janela,

com os braços estendidos para trás da cabeça, cabelos desfeitos, em uma atitude de desespero. Depois, ela se voltou para trás e se precipitou nas chamas. A última pessoa com a qual ela conversou na noite anterior conta que ela ainda falava de sua casa, declarando que esse pensamento obsediante a perseguiria até o túmulo.

A locatária, sra. Robinson, continuou a morar na casa até o outono, época em que fomos ali morar. Conversando comigo, a dama em questão me disse que deixaria a casa porque todos os empregados se foram.

A mudança do mobiliário estava quase pronta quando viemos a saber que uma empregada da sra. Robinson se enforcou no banheiro, que desde então a casa estava “obsediada” e que esse era o motivo pelo qual os empregados se retiraram. Eu soube disso por acaso, tendo ordenado a uma mulher que colocasse o banheiro em ordem e ela me respondeu que não entraria ali sozinha nem por todo ouro do mundo. Para convencê-la a entrar, eu tive de acompanhá-la.

Tomamos, enfim, posse da casa, e tudo correu normalmente por algum tempo, pois os domésticos não tinham preconceitos e, de nosso lado, cuidávamos para que os cômodos fossem sempre bem iluminados, inclusive o “obsediado”.

No mês de janeiro de 1885, durante a doença de uma pessoa que vivia conosco e ocupava o grande quarto da frente, minha irmã e eu estávamos acordados quando, dirigindo-se aparentemente a mim, ela me disse: “Mas o que você vai fazer nessa parte, que é a mais fria da casa? Volte aqui”. Isso dito, ela quis juntar-se a mim, pois estava convencida de ter me visto atravessar seu quarto (que, tal como o meu, se encontrava na ala nova da casa). Quando ela se aproximou da pessoa a qual ela dirigia a palavra, encontrou-se diante de uma dama alta e bonita, vestida de branco, com os cabelos soltos, braços estendidos para trás da cabeça e o rosto contraído por um espasmo desesperado. Minha irmã estendeu os braços quase que para segurá-la e a viu desaparecer instantaneamente. Ela veio me contar o fato em seguida e nós combinamos de não dizer uma palavra sobre isso.

Alguns dias mais tarde, eu estava sentado em um cômodo situado na parte velha da casa, quando percebi uma mulher que girava cuidadosa ao redor da porta de meu quarto. Supondo se tratar de uma empregada curiosa, caminhei resoluto em sua direção. A minha chegada, a mulher se endireitou, esticou os braços para trás da cabeça e desapareceu. Mais ou menos um mês depois, eu estava próximo à cama de minha irmã doente e me aconteceu de deixá-la só por um instante para preparar um remédio. Quando retornei, ela me disse: “Por que você estava no meu banheiro com essa expressão de desespero no rosto?”. Ouvindo que eu jamais pensei em entrar ali, ela observou: “Então, eu vi o fantasma”.

Antes de abandonar definitivamente a casa e a vila de B..., vimos ainda duas vezes o fantasma, sempre com uma atitude idêntica e sempre na ala nova da casa.

Depois disso, resolvemos falar com o Dr. Barkes, pois sabíamos que ele tinha sido chamado pela sra. Robinson na noite do suicídio. O doutor pareceu se interessar bastante por nosso relato e, quando terminamos, observou: “A empregada era pequena, robusta e morena. O fantasma descrito corresponde, ao contrário, exatamente ao aspecto da sra. Jones, que era alta e bonita – e a atitude na qual ela apareceu era a que foi vista pela última vez”. Nós não conhecíamos a sra. Jones.

Seguindo no texto, a narrativa da outra irmã, srta. Mary Brown, e a certificação do Dr. Barker quanto à escrupulosa veracidade dos fatos narrados, não relatarei a narrativa da srta. Mary Brown porque ela não difere em muito da outra e não traria nada de novo. Apenas acrescentarei que, de acordo com a investigação conduzida por Myers, a afirmação da srta. Lucy Brown sobre “o fantasma *sempre* apareceu na mesma atitude” é ligeiramente inexata, pois uma vez, mas apenas uma vez, ela apareceu numa atitude normal, quando a srta. Mary a viu entrar em seu banheiro.

Nesse caso, assistimos à transformação de uma “ideia fixa” em “monoideísmo post-mortem”.

Vemos, de fato, um pensamento obsediante de arrependimento pela casa abandonada, pensamento que a pobre vítima sente dever levar consigo para o túmulo, persistir mesmo para o além-túmulo, transformando-se em monoideísmo provocador de manifestações telepático-obsediantes tendo por palco a casa tanto lamentada em sua vida; e, mais precisamente, essa “ala nova”, causa do pensamento obsediante.

Diríamos, além disso, que o monoideísmo é completado pela persistência autossugestiva da atitude desesperada tomada pela vítima no momento de sua morte trágica; mas, sobre esse ponto, não se poderia afirmar, devido a um detalhe que inspira uma outra explicação: é o da percipiente que, tendo tomado o fantasma por uma empregada espiando, vai em sua direção decididamente e a vê *se endireitar, esticar os braços para trás da cabeça e desaparecer*. Essa atitude, característica prontamente adotada pelo fantasma diante de uma pessoa viva, levaria a presumir

que ela se comportava assim com o único objetivo de ser reconhecida.

CASO XIV – Eu o extraio do famoso livro de Robert Dale Owen, *The Debatable Land* (p. 226).

O autor o precedeu com esses esclarecimentos: “Coletei verbalmente o caso seguinte da protagonista em pessoa, srta. V..., no inverno de 1869-70, obtendo seu pleno consentimento para a publicação de nomes e datas. Entretanto, quando a srta. V... conversou com sua tia idosa, esta manifestou o receio quanto à publicidade que recairia sobre seus nomes. A srta. V... teve, então, que retirar o consentimento dado”. Robert Dale Owen seguiu nesses termos:

Uma dama de meu conhecimento, jovem e culta, pertencente a uma das mais tradicionais famílias de Nova York, e que eu designarei pela inicial de srta. V..., tinha passado, há alguns anos, uns quinze dias na casa de uma tia, proprietária de uma casa muito grande e antiga nas margens do rio Hudson. Essa casa, a exemplo de muitos castelos europeus, tinha a reputação de ser assombrada. Falava-se o mínimo possível sobre isso na família, mas o quarto jamais era utilizado, exceto em casos excepcionais. Durante a estadia da srta. V..., aconteceu que hóspedes chegaram em grande número, não restando mais quartos disponíveis, de modo que a tia perguntou a sua sobrinha se ela teria coragem de trocar por dois ou três dias seu próprio quarto pelo assombrado, correndo assim o risco de ser visitada por um fantasma. A srta. V... consentiu sem hesitar, observando que as visitas do além não a perturbavam muito.

A noite chegou, a srta. V... foi deitar e dormiu sem a menor preocupação. Ela acordou à meia-noite e percebeu uma forma de mulher já madura que ia e vinha pelo quarto, vestida numa roupa de empregada, muito limpa e de um corte antigo. No começo, ela não se assustou nem um pouco, supondo se tratar de uma pessoa da casa que veio ali para procurar algo; mas, refletindo melhor, lembrou-se que ela tinha fechado a porta à chave. Esse pensamento a fez tremer e seu medo cresceu quando ela viu a forma se aproximar da cama e se inclinar sobre ela, inutilmente esforçando-se para falar. Tomada de verdadeiro pavor, a srta. V... escondeu seu rosto sob os lençóis e, quando olhou novamente, o fantasma tinha desaparecido. Então, ela saltou da cama e correu para a porta, encontrando-a fechada com a chave para dentro.

De volta à cama, ela não conseguia parar de se perguntar: “Será, então, verdade que os fantasmas existem? Se eu devo crer em meus olhos, o que eu vi era um autêntico fantasma”. Ela não conseguiu dormir novamente senão depois de duas horas de agitada insônia, mas quando a manhã chegou e a luz radiante do dia invadiu lentamente o quarto, o que ela tinha visto começou a diminuir de importância e, depois de alguns meses, não havia mais que uma vaga lembrança.

Todavia, aconteceu algo que teve a virtude de renovar nela a fé – e dessa vez sem mais hesitações – na existência real da visitante noturna. Tendo visitado por alguns dias uma amiga íntima, ela viu que esta havia se consagrado à práticas espíritas há algum tempo, obtendo várias comunicações mediúnicas. A srta. V..., que tinha ouvido falar de espiritismo sem nada ter visto, tomou parte das experiências de sua amiga por curiosidade. Ora, eis que uma noite se manifestou uma dita personalidade mediúnica que se declarou ser uma certa Sarah Clarke, nome incomum dos experimentadores. A personalidade revelou que há muitos anos ela tinha sido empregada na casa da tia da srta. V..., que quando a srta. V... foi visitar sua tia, ela tinha inutilmente tentado falar, no objetivo de se dizer culpada quanto aos roubos às custas da tia e de implorar seu perdão. Ela explicou, em seguida, que quando era viva roubou vários utensílios domésticos, entre os quais um açucareiro de prata e outros objetos que ela enumerou. Ela concluiu dizendo que guardaria reconhecimento eterno à srta. V... se ela pudesse comunicar sua mensagem à tia, expressando seu profundo arrependimento e implorando seu perdão.

Na primeira ocasião, a srta. V... perguntou a sua tia se por acaso ela teria conhecido uma tal Sarah Clarke.

“Certamente, respondeu ela, era uma empregada que tínhamos, há uns trinta ou quarenta anos.

- Que tipo de caráter ela tinha?

- Ela era boa, diligente e fiel.

- No período em que ela esteve com a senhora, a senhora jamais constatou a falta de objetos de mesa de prata?” Após um instante de reflexão, a velha dama exclama: “Sim, me lembro agora; naquele tempo, desapareceram de modo misterioso um açucareiro de prata e vários utensílios desse tipo. Por quê?

- Suas suspeitas jamais recaíram sobre Sarah Clarke?

- Jamais. É verdade que ela tinha livre acesso aos objetos desaparecidos, mas ela era muito honesta e acima de qualquer suspeita”.

Nesse momento, a srta. V... decidiu comunicar a sua tia a mensagem mediúnica e constataram que a lista dos objetos sumidos comunicada pelo dito espírito de Sarah Clarke correspondia aos objetos efetivamente desaparecidos na casa de sua tia. Ouvindo isso, a velha dama se limitou a declarar que “se Sarah Clarke tinha roubado os objetos, ela perdoaria de todo coração”.

Resta enfatizar a circunstância da mais alta notoriedade do episódio: desde esse dia, cessaram as manifestações no

quarto assombrado, e Sarah Clarke não apareceu para mais ninguém.  
Repito que dou garantia da verdade dos fatos, conhecendo pessoalmente as duas protagonistas.

Nesse exemplo, além da prova manifesta das relações causais entre o “monoideísmo post-mortem” e os fenômenos de assombração, prova confirmada pelas palavras da entidade comunicante que “o desejo de confessar sua falta era tão forte nela que ela, sem a intenção, acabou por obsediar o quarto que ela tinha ocupado quando era viva”; além disso, é preciso notar a “contraprova” muito importante da cessão imediata das manifestações no quarto obsediado desde que o espírito obsessor foi atendido em seu desejo imperioso de obter o perdão; ou, em outros termos, desde que foi libertado do monoideísmo que o ligava à Terra.

Ressalto, enfim, a duração da assombração, o que confirmaria a origem autossugestiva ou “monoideísmo”, pois, se o fato do despertar dos remorsos com o desejo de perdão é natural na consciência de uma pessoa capaz de tais roubos, não se poderia conceber que esse estado de alma persista trinta ou quarenta anos, a menos que se tenha feito ideia fixa.

O Prof. Hyslop igualmente não acha improvável que se possa encontrar casos onde a mentalidade dos “espíritos desencarnados” fique um certo tempo em condições anormais; ele considera mesmo a possibilidade de que em certas circunstâncias eles permaneçam inconscientes quanto a sua mudança de estado. Isso quanto a um espírito comunicador de mulher que, tendo morrido no terror da pobreza que a ameaçava, continuava depois de sua morte a mostrar as mesmas agonias. Ele observa:

“Este seria um claro exemplo da continuação, depois da morte, de condições mentais ‘preagonizantes’; o que corresponderia ao que se conhece por um ‘espírito confinado’ (*earth-bound*) e apresentaria as características que se observam nas ‘casas assombradas’. Se a *denominação* ‘espírito confinado’ implica mais o sentimento de identidade e menos o reconhecimento da mudança de estado, ele poderia ser comparado a uma condição de demência. Há na vida normal estados mentais que sugerem essa possibilidade... Não haveria nada de improvável em se dizer que uma morte violenta deixou o espírito num estado de perturbação análogo àquele que se produz nos vivos após um forte choque moral (*shock*). E, nos casos de degenerescência progressiva dos centros nervosos, com as afecções mentais que dali derivam, não seria nada impossível que a morte venha sem a consciência da mudança de estado da parte do defunto. De fato, nas condições anormais em questão, a consciência do ‘eu’ não existe de modo comum; pode-se, então, admitir que o sentimento da mudança de estado não deva sempre surgir com a morte, mesmo quando o sentido de identidade sobrevive. Dessa maneira, podemos muito bem conceber que a pobre mulher de que se trata tenha continuado a crer ser perseguida por seus credores... Não pretendo afirmar que todas essas reflexões esgotem a ideia expressa pelas palavras ‘espírito confinado’, palavras que subentendem provavelmente muito mais e não implicam necessariamente a existência de um estado anormal do além-túmulo análogo à demência. Há circunstâncias que tendem, ao contrário, a demonstrar que a condição de um ‘espírito confinado’ se aplique igualmente àqueles que quando vivos apreciaram unicamente os prazeres da existência física, indiferentes a todo apelo espiritual. Nesse caso, eles conservam uma consciência plena do lugar onde se encontram...” (*American Journal of the S. P. R.*, vol. VIII, p. 565-577).

CASO XV – Se, no caso anterior, a causa da assombração era leve relativamente à duração, neste que segue ela é absolutamente insignificante. Eu o extraí do volume do Dr. Binus: *Anatomy of Sleep* (p. 462). Ele se fecha em uma carta endereçada à condessa de Sherwsbury, em 21 de outubro de 1842, pelo reverendo Charles Mackay, padre católico, então residindo na Escócia. O

conde a transmitiu ao Dr. Binus, que a publicou integralmente, observando quanto a isso que “se tratava do caso de melhor autenticidade de aparição de defunto que ele já conheceu”. Na carta em questão, o reverendo Mac Kay conta o seguinte:

Em julho de 1838, deixei Edinbourg para me por em missão em Perthshire. A minha chegada à Perth, uma mulher presbiteriana, de nome Anna Simpson, veio me encontrar. Essa mulher procurava ansiosamente um padre católico há mais de uma semana. Eu lhe perguntei o que ela queria e ela respondeu: “Há algum tempo estou terrivelmente perturbada pelo fantasma de uma mulher que me aparece todas as noites”. Eu perguntei: “Boa mulher, a senhora então é católica?”. “Não, respondeu ela, eu sou presbiteriana”. “Então, por que a senhora vem se confiar a um padre católico?”. Ao que ela respondeu, fazendo alusão ao fantasma feminino que lhe aparecia: “Ela deseja que eu me dirija a um padre católico e eu procuro um há uma semana”. “Por que ela desejaria um padre católico?”. “Ela disse que deixou uma dívida e que apenas um padre católico poderia pagá-la”. “Que soma ela devia?”. “Três xilins e seis pences”. “A quem ela devia?”. “Eu não sei”. “A senhora está certa de não ter sonhado?”. “Não, não, em nome do Céu! Ela me aparece todas as noites e eu não tenho mais paz”. “A senhora conheceu a mulher quando ela era viva?”. “Eu moro perto das casernas e eu a notava frequentemente quando ela ia e vinha para seus negócios. Ela se chamava Maloy”.

Tendo tomado as informações, obtive que uma mulher com esse nome realmente morreu havia pouco tempo e que durante sua vida ela era lavadeira do batalhão. Dando continuidade a minha investigação, encontrei um comerciante que, sobre a minha pergunta se uma mulher chamada Maliy lhe devia uma pequena soma, abriu o livro-caixa e constatou que ela lhe devia três xilins e seis pences, que paguei imediatamente. O comerciante ignorava sua morte e, quanto a ela, ele a conhecia muito pouco, sabendo apenas que ela tinha relações com o batalhão. Alguns dias depois a mulher presbiteriana chegou a minha casa para me dar a feliz notícia de que ela não era mais visitada pelo fantasma.

Nesse caso, igualmente a cessão da assombração coincidiria com o objetivo atingido pela parte do espírito obsessor.

No volume VI, página 33 do *Proceedings of the S. P. R.*, Myers faz um resumo desse caso e, quanto à extrema insignificância de sua causa, observa: “Nós não temos nenhum direito de presumir que um defunto, pela razão pura e simples de estar morto, deve ver as coisas de um ponto de vista mais elevado, ou que ele deva logo ser libertado das ansiedades, preconceitos, superstições da vida terrestre... Na verdade, como mostraremos, tudo concorre para nos fazer crer que o fenômeno de aparições é devido a algo parecido com a predominância de uma sugestão post-hipnótica. E é por isso que o fantasma apareceria tão frequentemente absorto em uma única tarefa, que representaria uma ideia enraizada em sua mente quando vivo, ou que se apoderou de seu pensamento no momento de sua morte. Além disso, é plenamente concebível que, por exemplo, um homem assassinado continua a pensar que ele não deveria morrer dessa maneira, que sua existência ainda é necessária à família; e, se, nessas condições, seu fantasma fosse percebido na casa que lhe pertenceu, nós certamente não deveríamos concluir que seu espírito estivesse “confinado nesse lugar”, mas, sim, que seu pensamento retorna irresistivelmente para o canto da terra ao qual ele ainda sente pertencer”.

Nesse parágrafo de Myers, encontramos esclarecimentos traçados da teoria telepático-espírita e a hipótese de “monoideísmos post-mortem”, que defendemos e tratamos aqui.

\*  
\*       \*  
\*

Eu não trarei outros exemplos. Todavia, antes de concluir, devo falar de um livro dos mais impressionantes, que trata de “monoideísmos post-mortem”, do Dr. Justin Kerner sobre a “Vidente de Prévorst”. As manifestações sobrenaturais que se passam em torno da vidente apresentavam um caráter misto: em parte mediúnico, em parte assombração. Em sua órbita psíquica eram atraídos os “espíritos sofreadores” (como a vidente os designa) que tinham vivido nas localidades sucessivamente habitadas por ela; e eles vinham a ela para tratar de se libertarem



dos “monoideísmos” que os ligavam à terra. Por mais fantásticas que possam parecer essas afirmações da vidente, é difícil constatar-las se se as analisa com a ponderação desejada os vários episódios que a ela conduzem; tanto que muito frequentemente se manifestavam fantasmas que ela ignorava, e também os assistentes, os quais informavam sobre sua própria personalidade, revelando fatos ignorados *de qualquer pessoa viva*, fatos e informações depois reconhecidos como exatos.

Muito notório é o fato de que em um tempo onde a ciência não se ocupava ainda de “monoideísmos psicopáticos” e muito menos de “monoideísmos post-mortem”, a vidente já os tinha marcado o significado e lhe dado termos precisos como se ela falasse deles por experiência. Assim, por exemplo, quanto a um episódio onde o fantasma revela a existência de um documento importante, que a família do defunto desconhecia (primeiro caso Weinberg), a vidente se exprime nesses termos: “Ele se propunha a dizer antes de sua morte, mas ele não esperava morrer assim tão rápido. Morrendo, *isso aderiu a sua alma*, como uma parte de *seu corpo*”. E mais ainda: “Ele morreu pensando nisso: *isso o prende à terra e não lhe deixa em paz*”. Sobre um outro ponto, se exprime dessa forma: “Outros espíritos vêm a mim *porque não podem se libertar de algum sentimento ou de algum pensamento terrestre que os seguiu na morte*”. Eu noto, enfim, essa expressão: “*Os pensamentos dos espíritos das trevas são fixados nas casas onde viveram*, e eles afastam os bons espíritos dali”; expressão onde se desenha já a hipótese telepático-obsessora. Eu aconselho, então, o volume do Dr. Kerner a quem quer que deseje aprofundar no tema.

\*  
\*       \*  
\*

Concluindo, eu observo que depois disso que expusemos, a hipótese dos “monoideísmos post-mortem” deveria ser considerada como cientificamente legítima, a exemplo de toda hipótese fundada sobre os dados da analogia, tanto que ela deveria ser tida como teoricamente necessária, pois ela permite explicar algumas características de fenômenos de assombração, inexplicáveis de outra forma.

Isso posto, convém exortar que não se deixe ir a generalizações muito grandes sobre esse tema, porque na realidade existem vários episódios muito compreensíveis fora da hipótese em questão; isto é, fora de toda questão psíquica *anormal* presumida nos “espíritos obsessores”. É o mesmo com alguns episódios nos quais a reiteração automática de ações miméticas parece desejada num objetivo de identificação pessoal e várias outras onde as manifestações telepático-obsessoras deveriam ser verdadeiramente atribuídas ao fato *muito normal* do pensamento de defuntos dirigido com intensidade de afeição para os entes abandonados na terra.

Resta, então, que a hipótese dos “monoideísmos post-mortem” se relaciona particularmente aos episódios de assombração aos quais a repetição automática de ações mímicas assume uma duração excessivamente longa, o mesmo nos episódios provocados por causas insignificantes ou frívolas; condições nas quais eles apresentam pontos de contato não duvidáveis com as ações mímicas de natureza post-hipnótica e com a patogênese das ideias fixas, o que leva a formular por analogia a hipótese da persistência depois da série de ideias obsediantes sob a forma de “monoideísmos”; hipótese que resolveria de modo satisfatório o grande problema inerente aos fenômenos de “assombração propriamente dita”.

## Capítulo 6

# DA HIPÓTESE « PSICOMÉTRICA »

### *CONSIDERADA EM RELAÇÃO COM OS FENÔMENOS DE ASSOMBRAÇÃO*

Depois de ter refletido sobre que nome dar à hipótese que vou discutir agora, decidi pela antiga designação de “psicometria”, que, ainda que infelizmente associada aos fenômenos aos quais ela se relaciona, apresenta, entretanto, a vantagem de ser empregada comumente. Ela corresponde, à parte uma leve diferença que logo apontaremos, ao que os ocultistas chamam “clichês astrais”, os teósofos de “impressões na akasha”, Myers chama de “telestasia retrocognitiva”, e outros pesquisadores de “persistência de imagens”.

De acordo com a hipótese psicométrica, a matéria inanimada teria a propriedade de registrar e conservar em estado potencial todos os tipos de vibrações e emanações físico-psíquicas e vitais; do mesmo modo que a substância cerebral tem a propriedade de registrar e conservar em estado latente as vibrações do pensamento, que teriam a propriedade de encontrar e interpretar essas vibrações e emanações; do mesmo modo que as faculdades mnemônicas da consciência têm a propriedade de encontrar e invocar as vibrações latentes do pensamento. A analogia é perfeita e nada, do ponto de vista científico, se oporia ao fato de que a matéria bruta deve possuir propriedades idênticas às da substância viva. Se fosse assim, nós veríamos se opor ao mecanismo mnemônico cerebral um outro tipo de mecanismo idêntico infinitamente mais extenso: a mnemônica cósmica. E as propriedades de expansão investigativas especiais às faculdades telestésicas da subconsciência se encontrariam com a memória cósmica em uma relação idêntica àquela em que as propriedades investigativas das faculdades psíquicas normais se encontram com a memória cerebral. Nada em tudo isso, repito, que contradiga as leis físicas ou fisio-psíquicas adquiridas pela ciência.

Tal é o significado da hipótese psicométrica como ela se apresenta ao espírito do Dr. Buchanan, criador da palavra e primeiro ilustrador dos fenômenos, o que não quer dizer que se deve ao Dr. Buchanan a paternidade da hipótese, que já tinha sido formulada vários séculos antes por Paracelso e retomada nos tempos modernos por dois grandes filósofos: Schopenhauer e Fechner. O mérito do Dr. Buchanan e de seu ilustre discípulo, o Dr. Denton, consiste no fato de tê-la tirado da condição de hipótese metafísica não demonstrada para transformá-la em hipótese metafísica suscetível de ser submetida à pesquisa experimental.

Deve-se enfatizar que tanto Buchanan quanto Denton parecem estar de acordo quanto à receptividade psicométrica diretamente à matéria, e isso em correspondência com seus métodos de pesquisa, que consistiam em apresentar objetivos variados a seus “sensitivos” para a análise retro-cognitiva, enquanto que as diferentes escolas ocultistas e metapsíquicas conferem esta receptividade a um “meio” que não seria propriamente a matéria, mas algo de infinitivamente mais sutil, provavelmente mais que o próprio éter, que Myers nomeia “meio metaetérico”, os ocultistas de “plano astral”, e os teósofos de “akasha”.

Corrigida nesse sentido, a hipótese psicométrica se presta também a ser considerada em suas relações prováveis com os fenômenos de assombração propriamente dita, e, em linha geral, com a classe inteira de fenômenos metapsíquicos de ordem intelectual.

É sob essa última relação que ela foi, de fato, considerada por Frank Podmore, e também pelo Prof. William James e Théodore Flournoy, em oposição absoluta com a hipótese espírita. E ainda que a atribuição de uma amplitude tão exagerada no domínio psicométrico seja, na verdade, insustentável diante dos fatos, não parece improvável, todavia, que um número limitado de

manifestações metapsíquicas de aparência espírita possa efetivamente ser atribuída aos poderes da psicometria. É sobre isso que me preparo para apresentar no presente capítulo.

\*  
\*       \*  
\*

É preciso, a princípio, que toquemos sumariamente às sensações subjetivas experimentadas pelos sensitivos no momento das análises psicométricas, e isso a fim de poder compará-las mais tarde com as análogas aos fenômenos de assombração propriamente dita. Nesse fim, o melhor é a fazer é definitivamente recorrer à autoanálise magistral que a sra. Elizabeth Denton, a mulher do geólogo William Denton, escreveu sobre suas próprias faculdades retrocognitivas. Ela era uma “psicômetra nata” e desde a infância interpretava mensagens luminosas e animadas que se apresentavam a seu olhar como em um panorama fugitivo. Sua mãe tinha lhe explicado que isso era consequência da fricção e da compressão do globo ocular e a criança se contentou com a explicação. Mas ela não procurou uma melhor, ainda que tenha notado certas coincidências extraordinárias entre as coisas visualizadas e os eventos passados, coincidências que a chocavam. Enquanto que seu espírito se perdia nessas perplexidades, aconteceu-lhe de ler um artigo do Dr. Buchanan que falava de “psicometria”, e isso foi uma revelação para ela. Quando a noite chegou, ela quis tentar experimentar a maneira indicada no artigo e, aproximando-se de um armário que continha cartas, ela pegou uma, colocando-a na testa. Imediatamente a cabeça e o busto de um amigo de sua família lhe apareceu. Depois, o mesmo amigo sentado diante de uma mesa, ocupado em escrever a carta que provavelmente estava com ela. Tendo a visão passado, a sra. Denton constatou que a carta que ela tinha era justamente a enviada para o amigo que tinha aparecido. Desde de então, sua conversão às novas pesquisas estava feita. Ela começou uma longa série de pesquisas psicométricas, praticadas com a ajuda de seu marido e tornada pública em seguida na obra que tem por título: *The Soul of Things*.

Eis agora as palavras em que se expressa a sra. Elisabeth Denton, quanto às sensações subjetivas experimentadas no momento da análise psicométrica: “Frequentemente, as visões passam diante do observador como um panorama que se desenvolve a uma velocidade vertiginosa; nessas condições, é quase impossível tomar o contorno das coisas, por mais marcadas que estejam. Não se as têm mais que parcialmente, e é por isso que creio há muito tempo que essas visões eram por natureza fragmentárias e incompletas. Mas chegou o dia em que consegui parar o curso das visões por meio de grande força de vontade, e descobri então que as coisas que eu via não eram fragmentadas, mas completas em suas formas, e aparentemente tão reais quanto às do mundo físico... observo também que os objetos e os seres visualizados não se apresentam em estado de repouso, ou em uma posição plástica dada como a de uma pessoa representada com o braço levantado, ou de um pássaro desenhado com as asas abertas, mas em plena sucessão de movimentos, como todo ser vivo, ou coisa em movimento... Quanto aos sons, eles são mais *percebidos* do que *ouvidos*, isso ao menos no meu caso. Algumas vezes eles me chegam tão distintos à audição interna quanto os sons percebidos pela audição externa; e isso a ponto de que muito frequentemente sou incapaz de discernir sua verdadeira natureza. A mesma coisa me acontece com as percepções visuais; jamais, entretanto, para as sensações táteis ou olfativas, nem para as impressões intuitivas, para as quais eu jamais tive dificuldade de julgar a origem, ainda que tenham quase sempre a vivacidade das visuais e auditivas... Ainda que a matéria conserve as influências de todos os tempos, e que, conseqüentemente, estas sejam todas transmissíveis aos sensitivos, constatamos entre elas as seguintes diferenças: 1º as influências orgânicas imprimem traços mais profundos na matéria que as influências inorgânicas, ou, em outros termos, as influências orgânicas são mais transmissíveis do que as inorgânicas; 2º as influências do reino animal são muito mais vivas e perceptíveis do que as do reino vegetal; 3º a permeabilidade da

matéria às diferentes influências aumenta na medida em que se eleva a escala animal, começando pelos organismos monocelulares para terminar no homem; 4º esse paralelismo vai ainda mais longe, pois observamos um aumento gradual na força irradiante das influências na medida em que se sobe das baixas camadas da espécie humana às mais elevadas; 5º observamos, enfim, que todo estado de alma capaz de fazer crescer a potência irradiante dessas influências – como uma dor forte, uma cena de terror, uma explosão de alegria, ou qualquer outra atividade intensa de uma ou várias faculdades da consciência – contribui grandemente para aumentar a eficácia representativa de traços impressos na matéria...” (William Denton e Elizabeth Denton: *Nature's Secrets, or Psychometric Researches*)

Essa última observação coincide de modo surpreendente com o que a tradição popular, e em grande parte os próprios fatos designam como sendo a causa dos fenômenos de assombração: dramas de sangue, cenas de terror, emoções violentas ou preocupações obsedantes no leito de morte. Essa concordância entre as observações que se reportam em diferentes pontos de vista tenderia a consolidar a explicação psicométrica dos fenômenos em questão. Convém lembrar que é precisamente a combinação de precedentes trágicos nos casos de assombração com o pensamento que em momentos de grandes emoções, emanações de força intensificada deviam se liberar fortemente do organismo humano, o que leva alguns pesquisadores a propor a hipótese psicométrica para explicar os fenômenos de assombração. Eu relataria, quanto a isso, a opinião de um eminente prelado anglicano, Monsenhor Besson, que observa:

“Suponhamos que um drama de sangue se desenvolva em um certo número; isso significa que uma tempestade emocional de uma intensidade extraordinária se desencadeou ali, e que duas pessoas ficaram presas ali: o assassino e a vítima. Ora, se se admite a hipótese de que os objetos inanimados registram ou absorvem sob forma de emanações vitais algo da personalidade humana com a qual entram em contato, não se poderia conceber um evento mais indicado que um assassinato para intensificar ao grau máximo os processos de irradiação nervosa. Não podemos, então, supor que no momento do drama as próprias paredes, o chão, o teto, as cortinas e os móveis possam receber e absorver algo análogo a uma impressão de horror suscetível de persistir? E, bem, suponhamos que depois de um certo tempo uma pessoa extremamente sensível vem dormir no quarto em questão, suponhamos que ela consiga dormir e que ela se encontre em condições de receptividade passiva em um meio saturado ao grau máximo das mais intensas emoções que possam agitar um organismo humano. Nessas condições, a pessoa sensível não tardará a se saturar também, e quando a tensão de seus nervos tiver atingido o grau necessário, ela acordará de sobressalto. Aqui observaremos que se a telepatia entre vivos se encontra como uma força capaz de transmitir uma imagem da França até a Inglaterra, é perfeitamente concebível que esta outra força, que não difere da primeira senão no sentido de que ela é acumulada e preservada em um tipo de “bateria”, deve igualmente possuir a virtude de transmitir uma imagem visual. Não há, então, nada de extraordinário em que a pessoa em questão assista a uma representação do drama. Isto é, ela assistirá à visão, não a almas de protagonistas ocupados em reproduzir, sem objetivo e sem proveito, a cena trágica, mas sim ao desenrolar, em uma sucessão automática, de emoções violentas que causaram as impressões acumuladas na ambiência do crime. Se admitimos que pela lei de reversão nos processos visuais comuns, os efeitos de um impulso telepático se traduzem no cérebro do percipiente por uma imagem visual subjetiva, não há razão para não admitir processos análogos de reversão para os outros sentidos. Nesse caso, a pessoa em questão ouvirá brados desesperados da vítima, sentir-se-à invadido por calafrios mortais e sentirá até o contato de mãos inexistentes” (*Light*, 1912, p. 460).

O sr. Benson coloca, vê-se, a questão em termos notadamente claros e precisos, e as argumentações rigorosamente científicas sobre as quais se funda sua hipótese – que é, enfim, a psicométrica – são tais que não se poderia contradizer senão ao se basear em fatos. Eu me limito

a declarar que os fatos para a contradição existem em número considerável e, por isso, que a hipótese do Monsenhor Benson é insustentável se se pretende explicar por ela a casuística total da assombração. Mas, falaremos disso mais tarde, pois para o momento é oportuno fornecer, ao contrário, provas de fatos a seu favor, a fim de colocar em evidência que ela não é absolutamente fantástica e que, se a circunscrevermos em limites razoáveis, ela merece ser levada em consideração.

\*  
\*       \*  
\*

Recomeçarei a enumeração de provas favoráveis por um incidente experimental cuja origem psicométrica não parece duvidosa.

Em uma sessão da Sociedade Biológica de Paris, em 10 de fevereiro de 1894, Dr. Luys relatava nesses termos uma de suas próprias experiências:

O sr. D'Arsonval sustentou a Sociedade de Biologia na última sessão, segundo a comunicação de um físico inglês, sobre a persistência de uma barra imantada quanto a ação do fluido magnético tendo, de algum modo, conservado a lembrança de seu estado anterior. Minhas pesquisas nessa ordem de ideias me levaram a constatar há muito tempo fenômenos análogos com a ajuda de coroas imantadas colocadas na cabeça de um sujeito em estado hipnótico. Trata-se, nesse caso, não mais do armazenamento de vibrações de natureza magnética, mas de vibrações de natureza viva, verdadeiras vibrações cerebrais, propagadas através da parede craniana e armazenadas em uma coroa imantada, na qual elas persistem durante um tempo mais ou menos longo.

Para constatar esse fenômeno, eu me sirvo não de um instrumento físico impotente para responder, mas de um reativo vivo, de um sujeito hipnotizado e tornado, pelo fato, ultrasensível às vibrações magnéticas vivas.

Eu apresento à Sociedade a coroa imantada, da qual eu já mostrei diferentes modelos. Com a ajuda de um sistema de corrente ela se adapta à cabeça, a abraça circularmente e deixa livre a região frontal.

Ela constitui, assim, um ímã curvo com um polo positivo e um negativo. Essa coroa foi colocada, há mais de um ano, na cabeça de uma mulher atingida pela melancolia, com ideias de perseguição, muito agitada e com uma tendência suicida etc. A aplicação dessa coroa na cabeça da doente leva, ao cabo de cinco ou seis sessões, a uma alteração progressiva em seu estado e, ao cabo de dez dias, acreditei poder reenviá-la ao hospital, sem perigo. Depois de uns quinze dias, estando essa coroa posta à parte, eu tive a ideia puramente empírica de colocá-la na cabeça do sujeito aqui presente.

É um homem hipnotizável, histérico, tomado por crises frequentes de letargia. Qual não foi minha surpresa ao ver esse sujeito, posto em estado de sonambulismo, proferir reclamações totalmente parecidas às proferidas quinze dias antes pela doente curada. Ele tinha, a princípio, tomado o sexo da doente: ele falava no feminino; ele reclamava de violentas dores de cabeça; ele dizia que iria ficar *louca*, que seus vizinhos entravam em seu quarto para lhe fazer mal, etc. Em uma palavra, o sujeito hipnótico havia, graças à coroa imantada, tomado o estado cerebral da doente melancólica. A coroa imantada tinha, então, agido suficientemente para extrair o influxo cerebral mórbido da doente (que estava curada) e para se perpetuar, como uma lembrança persistente na textura íntima da lâmina magnética. É um fenômeno que nós reproduzimos muitas e muitas vezes, por muitos anos, não apenas com o presente sujeito, mas com outros sujeitos.

Aqui o Dr. Luys se estende para demonstrar a ausência de ação sugestiva e autossugestiva nos resultados obtidos, fazendo observar que a experiência tinha sido imaginada de um modo empírico e em um período onde nem ele nem o sujeito tinham em mente objetivos determinados,

ao que ele conclui:

Não podemos, então, dizer, sem deduzir consequências ulteriores outras, que certos estados vibratórios do cérebro, e provavelmente do sistema nervoso, são suscetíveis de se armazenar em uma lâmina curva imantada, como o fluido magnético em uma barra de ferro doce, e deixar ali traços persistentes;  *muito mais*, como nas experiências do sr. d'Arsonval para destruir essa propriedade magnética persistente, deve-se *matá-la* pelo fogo. Como ele diz, a coroa tem necessidade de ser levada ao vermelho para parar de agir. (Citado por Albert de Rochas, em *A Exteriorização da sensibilidade*, p. 157)

No exemplo dado, o fenômeno da evocação de sensações e de impulsos aparece inerente a um objeto e, conseqüentemente, estritamente psicométrico; no exemplo que segue, a evocação de sensações análogas e de impulsos aparece, ao contrário, em relação com o ambiente e, por conseguinte, já de natureza próxima aos fenômenos de assombração.

O Dr. Nichols, em seu livro, *Supramundan Facts in the Life of the Rév. J. B. Fergusson* (p. 168), relata o fato que acompanhou pessoalmente:

Uma dama que conheço de repente ficou infeliz pelo simples fato de ter morado em uma casa de longe das mais cômodas e agradáveis e o sentimento de depressão moral que ela sentia atingia o grau máximo quando lhe aconteceu de entrar no melhor quarto da casa. Se ela persistisse em ficar ali, ela se sentia invadida por um impulso irresistível de se jogar pela janela. Por outro lado, quando saía e chegava à rua, o sentimento de desolação experimentado, com a companhia de pensamentos sombrios e de impulsão ao suicídio, desaparecia inteiramente: mas, para se renovar bruscamente quando ela voltava a por o pé em casa. A um ponto tal que essa dama foi obrigada a se mudar.

Fui informado do fato e, desejoso de esclarecer o mistério, comecei uma pesquisa sobre os moradores anteriores da casa, e não tardei em saber que há algum tempo ela tinha sido deixada por um senhor cuja mulher, afetada pela mania suicida, jogou-se de cabeça pela janela do melhor quarto, do que decorreu sua morte imediata. Deveríamos concluir que se produziu uma espécie de saturação do ambiente capaz de ser transmitida à pessoa que ocupava o mesmo quarto, até provocar nela a repetição dos mesmos sofrimentos e mesmos impulsos suicidas?

A fim de prevenir as objeções, declaro que a dama em questão não era daquela cidade onde se encontrava a casa e que ela não sabia nada dos moradores que a antecederam. Nem o médico, nem os amigos, nem a própria dama não conseguiram explicar o extraordinário caso até o dia onde a luz se fez sobre o drama precedente.

Nesse caso, as sensações e os impulsos experimentados pela “sensitiva” tiveram tal afinidade com os sentidos pelo sujeito hipnotizado do caso precedente que sua explicação psicométrica não poderia por dúvida.

Eu relato ainda um exemplo de impressões subjetivas de ordem moral, que difere, contudo, de outros quanto a que o impulso paranormal, que provavelmente é psicométrico, tem por origem a proximidade de ossos humanos.

Esse caso é rigorosamente documentado, foi coletado por Podmore. Eu o extraio do volume IV, página 154 dos *Proceedings of the S. P. R.*, onde ele é relatado segundo uma obra de Myers. A sra. Ellen Wheeler, pessoalmente conhecida por Podmore, conta o que segue:

Durante o verão de 1874, nós nos instalamos no apartamento onde ainda moramos (106, High Street, Oxford). Nós alugamos a casa por muitos anos, mas tínhamos cedido o apartamento a outras pessoas. Escolhemos o quarto que se encontrava acima da porta de entrada para fazer nosso quarto de dormir. A primeira noite que dormimos ali, eu me levantei num sobressalto à meia-noite e quarenta e cinco (os quartos de hora soavam nesse instante no relógio da igreja), me sentindo invadida pela impressão das mais penosas de que no teto do quarto devia estar escondido algo terrível. Eu não podia dormir, tanto que depois de uma hora de agitação eu decidi acordar meu marido para colocá-lo a par do estado em que me encontrava. E ele me fez beber um copinho de licor, crendo assim me confortar. Mas eu não conseguia de modo algum me desfazer da estranha impressão e não conseguí voltar a dormir. Eu sentia que o ambiente desse quarto se tornava intolerante e fui para a sala, onde fiquei até às oito horas. Longe do quarto, toda impressão desagradável desapareceu.

Na noite seguinte, eu me levantei pela segunda vez exatamente à meia-noite e quarenta e cinco minutos, presa ao mesmo sentimento inexplicável e horrível, mas com uma atenuação nos sofrimentos morais, e durante muitas semanas seguintes me aconteceu a mesma coisa todas as noites, sempre à meia-noite e quarenta e cinco, persistindo a

insônia até às cinco horas, e incapacidade de localizar a ideia que me obsediava quanto a algo de horrível escondido no teto.

Por esse estado de alma e por noites agitadas e em branco, minha saúde acabou por ficar seriamente abalada. Isso me obrigou a me afastar da casa e ir para a casa de meu irmão, que morava em Cambridge, em busca do repouso necessário.

Enquanto fiquei ali, fui informada de que o teto de nosso quarto tinha desabado e que a cama do quarto situado acima tinha caído sobre a nossa. Eu, então, tomei por suficientemente justificadas as impressões subjetivas que experimentei. Todavia, muitas semanas mais tarde eu vim saber que entre as vigas do teto foi encontrado um pequeno cadáver mumificado, de uma criança, com a cabeça violentamente torcida. Evidentemente se tratava de um recém-nascido morto e emparedado nesse lugar para esconder o crime. Meu marido me escondeu o fato, temendo os efeitos para os meus nervos fragilizados.

(O marido da relatora escreveu confirmando o relato dela. Podmore conseguiu, assim, conseguir os jornais da época, nos quais ele observou a exata notícia do pequeno cadáver descoberto no teto).

Um valor especial, no caso exposto, é assumido pela circunstância que a percipiente, assim que se afastou do quarto de dormir, sente esvair-se toda impressão penosa, o que tenderia a provar a origem psicométrica dessa impressão sob forma de influência à distância do corpo da criança e, ao mesmo tempo, parece aproximar esse caso daqueles de assombração, onde a circunstância de “influências” locais representa a regra.

Há, entretanto, a circunstância da hora fixa onde a impressão obsedante vinha, que não é muito conciliável com a hipótese psicométrica, pois se se tratasse de pura transmissão de *influências*, estas teriam agido a qualquer hora do dia e da noite, e não a uma hora fixa. Além disso, todo fenômeno sobrenatural que tenha uma origem extrínseca, que se realiza numa hora fixa, supõe algo de intencional, extrínseco, a seu turno. Acrescentemos, enfim, que nesse caso, como no precedente, existe um evento de morte relacionado ao ambiente, de modo que a hipótese telepático-espírita não nos parece absolutamente eliminável. Deve-se, então, citar exemplos onde as percepções psicométricas aparecem relacionadas a pessoas vivas, excluindo toda intervenção extrínseca.

Eu começo por dois casos auditivo-coletivos, tendo o cuidado de notar que as percepções coletivas são extremamente raras na ordem psicométrica, onde, em geral, apenas o sensitivo sofre as impressões sensoriais subjetivas.

Um dos casos é relatado pelo mitologista Andrew Lang, em um artigo publicado pela *Occult Review* (março de 1905) onde ele sustenta que as obsessões têm por origem as emanções sutis dos vivos conservadas em um meio ordinariamente inacessível a nossos sentidos. Ele relata o episódio que segue:

O poeta Dante Gabriel Rossetti tinha ido passar algumas semanas em um condado da Escócia e, durante sua estadia, ele tinha o hábito de caminhar em seu quarto de hotel declamando poesias. Do salão do hotel, situado abaixo, era possível perceber distintamente o eco de seus passos e o som vibrante de sua voz. Quando o poeta saiu, continuou-se a perceber, durante muitos dias, o eco de seus passos e o som de sua voz que declamava passagens de poesias.

O outro caso auditivo-coletivo é relatado nos *Anais de Ciências Psíquicas* (1905, p. 477), pelo Dr. Hjalmar Wijk de Gottembour (Suécia) em um longo estudo sobre os “golpes espontâneos de ordem mediúnica”, quanto a uma dama sueca que apresentava essa particularidade.

Na página 530, ele relata o episódio:

Numa tarde que Karin, sozinha na sala de jantar, estava escrevendo, ela escutou na cozinha um barulho: pareceu-lhe que alguém deslocava as cadeiras e limpava o chão. Sabendo que a empregada tinha saído, ela foi, muito espantada, à porta da cozinha, através da qual ouviu os sons tão distintamente quanto antes. Karin não ousou abrir a porta, mas foi procurar a empregada que trabalhava na lavanderia. Quando elas entraram juntas na cozinha, o barulho do lavar havia cessado, mas as duas sentiram algo estranho e tinham a impressão de que haviam deslocado as cadeiras no chão. Além disso, Karin acreditou ouvir batidas bem fracas. Na manhã desse dia, haviam lavado o chão da cozinha na presença de Karin.

Nos episódios citados, estando excluída toda origem espírita, a hipótese psicométrica se torna a mais provável, sob a condição de que não se consegue duvidar de que nos encontramos na presença de incidentes telepáticos onde os agentes seriam o poeta Rossetti, ocupado em se lembrar e declamar os versos que ele tinha composto no albergue da Escócia, e a empregada relembrando do trabalho realizado pela manhã.

Passando para os casos de ordem visual ou fantomática, começarei por expor exemplos de “transmissão”, onde as visualizações acontecem em sonho.

O reverendo Elder Myrick publicou na revista *The Progressive Thinker* (novembro de 1903) sua experiência pessoal, a qual resumirei os grandes traços. Ele conta que num dos centros religiosos que ele mais frequentava, tinha morado um amigo há muito tempo, dormindo e trabalhando no mesmo quarto. Durante o inverno de 1902, seu amigo alugou esse quarto a uma jovem professora que vinha de uma região longínqua, e, por consequência, desconhecida de todos. Na manhã que seguiu a primeira noite passada pela professora nesse quarto, esta conta ter tido um sonho estranho e muito distinto, que o reverendo relata nestes termos:

A professora sonhou com um senhor que estava sentado à mesa de seu quarto e descreveu a aparência dele minuciosamente. Na descrição, a irmã de meu amigo ficou profundamente surpresa, pois ela tinha me identificado no personagem do sonho. Ela reuniu várias fotografias às quais acrescentou a minha e as submeteu à professora, que, a seu turno, reconheceu-me prontamente, exclamando: “Eis o senhor que vi no sonho!”. Esse fato não é estranho? Eu acrescentaria ainda que, até onde eu saiba, eu jamais sonhei em voltar a esse quarto. Seria, então, possível que meu espírito tenha visitado durante meu sono esse lugar que lhe era tão familiar? Ou seria possível, ao contrário, que nosso espírito, ou nossa personalidade, deixe impressões capazes de persistir nas paredes e nos móveis? Quatro anos haviam decorrido desde minha partida. Que visões de homens, mulheres, crianças, povoam, então, o quarto onde eu escrevi? Que não daria eu para aprofundar esse mistério!

Quanto ao caso do reverendo Myrick, faço notar que a hipótese telepática continua a se levantar para impedir a passagem da psicométrica, pois não se poderia negar que o reverendo Myrick tenha, na verdade, sonhado que ele se encontrava no quarto que ele bem conhecia, tornando-se, assim, o agente inconsciente da projeção telepática. Entretanto, se considerarmos que o fenômeno aconteceu na primeira noite em que a professora ficou no quarto, a hipótese telepática parece menos provável devido à extraordinária coincidência que o fato implicaria. Seria preciso, então, admitir que depois de um intervalo de quatro anos, um sonho do reverendo Myrick teria admiravelmente coincidido com a primeira noite onde uma outra pessoa dormia no quarto!

O caso seguinte é análogo ao precedente, mas teoricamente mais importante.

A srta. Katherine Bates, em sua obra *Seen and Unseen*, relata um curioso incidente pessoal, provavelmente de ordem psicométrica. Na época onde foi escrita, ela a comunicou à *Society for Psychical Research*, que a publicou em seu *Journal* (vol. VII, p. 282). Eis a primeira carta que ela dirigiu a Myers, em 25 de maio de 1896:

No último 18 de maio, eu fui à Cambridge e fui me alojar na Trumpington Street, nº 35. A srta. Wales, minha amiga, saiu logo depois para Shelford e eu fiquei sozinha à noite. Quando a srta. Wales retornou, eu contei a ela que passe uma noite horrível, assombrada por sonhos persistentes e repetidos, que se relacionavam a um homem que eu não via mais e não ouvia falar há muitos anos, mas que já esteve longa e intimamente ligado a minha existência. Em meu sonho, eu o via perto de mim, contrariado por eu não ter casado com ele, não me poupando de alusões irônicas devidas ao fato de que tendo eu lhe repudiado, eu me encontrava como que “deslocada” na vida. Muitas vezes eu dormia e acordava, mas sempre o mesmo homem tinha surgido em meus sonhos, e ele sempre proferia as mesmas palavras. Durante um intervalo de insônia, senti tão fortemente sua presença subconsciente que enderecei-lhe o seguinte apóstrofo: “Vá, deixe-me descansar. Eu tenho por você apenas sentimentos generosos, por você que regozija em vir me atormentar, provando que eu seria, assim, infeliz se tivesse lhe esposado. Em nome da Santíssima Trindade, eu ordeno que me deixe em paz”. Depois desse apóstrofo, parece que a influência maléfica foi atenuada, e eu consegui voltar a dormir um sono que foi, entretanto, penoso e agitado. Senti, então, um alívio quando a filha da



empregada da casa, srta. Hardrick, veio me trazer o chá. Pouco tempo depois chegou de Shelford a srta. Wales, a quem falei logo sobre a noite horrível que eu tinha passado, e a impressão que ficou em mim era tão profunda que falei sobre isso longamente por carta a outra amiga, a qual comuniquei o nome do homem que apareceu para me atormentar.

Por mais duas vezes, na mesma semana, tive o mesmo sonho, ainda que com uma atenuação nos sentimentos penosos; contudo, fiquei tão agoniada que disse à srta. Wales: “Esse quarto é como que assombrado por esse homem e eu queria conhecer o motivo. Por acaso, o colégio de Peterhouse se encontraria nas redondezas? Eu lhe pergunto, porque há 30 anos esse homem era aluno de um colégio com esse nome”. Obtive uma resposta afirmativa e a srta. Wales acrescentou que o colégio era próximo, mas não tanto quanto outros colégios.

A última vez que sonhei com ele, pensei: “Não posso compreender por que ele queira assombrar esse quarto a esse ponto, teria ele morado aqui?”. Começar uma pesquisa para seguir os rastros parecia uma empreitada impossível depois de 28 anos. Entretanto, perguntei à srta. Hardrick há quanto tempo sua mãe tinha retomado essa pensão. “Há dezessete anos, respondeu ela. – E antes de vocês, a quem pertencia? – A um casal que deixou a cidade e eu creio que agora estejam mortos. – E antes deles?” Falando assim, expliquei que eu desejava seguir pistas de um homem que tinha morado na vizinhança quando era estudante em Peterhouse. A srta. Hardrick respondeu que antes do esposo em questão, a pensão tinha pertencido ao sr. Peck, agora farmacêutico na rua vizinha, mas que seria mais prático me informar com o porteiro do colégio. Eu disse para mim mesma que depois de tantos anos seria pouco provável que eu pudesse encontrar até o porteiro e que mesmo que eu o encontrasse, ele não lembraria. Concluí, então, que a empreitada se apresentava impossível.

Todavia, hoje, 25 de maio, fui até o farmacêutico Peck, solicitando ácido bórico, e antes de ir decidi perguntar se, por acaso, há uns trinta anos ele não teria morado na Trumpington Street, nº 35. Ele me respondeu afirmativamente, acrescentando que se mudou em 1850. Perguntei, então, se ele não se lembraria de ter alojado um estudante de Peterhouse, de nome X... Quando formulei a pergunta, eu não tinha outra razão senão a profunda impressão que meus sonhos me haviam deixado. E o farmacêutico respondeu: “Sim, eu me lembro dele, esse jovem morou em minha pensão por dezoito meses”. O sr. Peck tinha conservado uma clara lembrança e me provou isso mostrando uma fotografia dele onde está em companhia de um grande cachorro que eu conhecia bem, de nome Léo; e o sr. Peck se lembrava também desse nome. Eu lhe perguntei, então, que quarto esse homem ocupava e ele me respondeu: “O quarto grande acima da cozinha, com uma pequena sala contígua”. Ora, eu durmo nesse mesmo quarto e me sirvo da mesma saleta.

Eu declaro que antes eu jamais tinha posto os pés na vila de Cambridge, que eu jamais ouvi falar de “Trumpington Street”, que eu nunca tive ideia da localidade onde esse homem tinha passado seus anos de estudante e que eu ignorava até se ele era interno ou externo.

Eu sabia apenas que nos anos de 1867 e 1868 ele tinha sido aluno de Peterhouse. Nessa época eu o conhecia muito pouco e era natural que eu não estivesse informada quanto ao que se refere a sua vida de estudante. (Seguem os testemunhos do farmacêutico, sr. Peck, e da amiga da relatora, a srta. Mildred Wales)

Retornando o caso em seu livro, a srta. Bates o comenta nesses termos: “... De qualquer maneira, a impressão de sua pessoa estava fixada nesse meio, de modo que o simples fato de dormir ali uma noite me fez sensitiva, capaz de liberar sua “influência” de outras inúmeras que provavelmente se encontravam ali. As lembranças do passado fizeram o resto, isto é, galvanizaram a impressão em algo parecido a uma efêmera forma *astral*”.

Essas observações da srta. Bates se confundem com a hipótese psicométrica e me parece que não há razões para não aceitá-la. Não parece, de fato, que a hipótese telepática possa ser proposta para explicar o caso; de fato, dever-se-ia recorrer a uma forma de coincidência muito mais improvável do que a indicada no caso precedente, ou seja, seria preciso admitir que depois de trinta anos o suposto agente telepático tenha sonhado várias vezes e por várias noites consecutivas, que ele se encontrava no quarto onde ele já morou. E isso justamente nas noites onde sua antiga noiva estava instalada no mesmo quarto, pronta a funcionar como percipiente dos sonhos do agente.

Cada um admitirá que não se pode acolher logicamente esse conjunto de coincidências fortuitas, que seriam mais extraordinárias que a hipótese psicométrica. Descartada a explicação telepática, esse caso forneceria uma boa prova favorável à hipótese psicométrica.

Dos casos de ordem visual vindos por sonho, passo aos que acontecem em condições onde não se está dormindo. Falarei a princípio de uma forma de visualizações psicométricas onde não se trataria mais de “vibrações” ou de “influências” recebidas em um “meio” qualquer, os quais

reproduziriam no sensitivo as imagens originárias pela lei da reversão, como acontece no fonógrafo para as vibrações sonoras. Mas, tratar-se-ia de verdadeiras e próprias “formas fantomáticas” que se conservariam por algum tempo em um “meio” qualquer e se distinguiriam de fantasmas reais por sua aparência inerte e inanimada. É a essas formas que se aplicou o nome de “persistência de imagens” e a hipótese que a elas concerne é há muito familiar às escolas ocultistas e teosóficas. Mas – o que mais importa – ela parece de uma certa maneira sustentada por uma ordem especial de episódios que não se poderia explicar de outra forma e a existência destes últimos faria supor que outros episódios análogos, considerados como de origem mórbida e alucinatória, não seriam efetivamente assim.

Começando por esses episódios mórbidos presumidos, eu citaria os exemplos de Alfred de Musset e de Guy de Maupassant. O primeiro, na “Noite de dezembro”, exprime-se de modo a fazer presumir que ele estava consciente quanto à “persistência de sua própria imagem” e em suas conversas com Madame Collet, ele se deixa ir a confidências que indicam que ele estava totalmente consciente quanto a “persistência de imagens de outrem”. De fato, ele disse: “A senhora se senta em minha poltrona se eu não estou nela; e ao entrar eu encontraria sua sombra”.

Quanto ao segundo escritor em questão, Guy de Maupassant, sabe-se que ele estava sujeito ao mesmo fenômeno. Paul Bourget, a quem ele se confia, escreveu o que segue: “Entrando na casa dele, ele se via sentado em sua poltrona e esse fenômeno mórbido anunciava sem dúvida o começo de sua doença”. Essa apreciação parece fundada; entretanto, estaríamos talvez mais perto da verdade ao dizer que as condições de hiperestesia sensorial derivando da incubação de sua doença o puseram em condições de penetrar o invisível.

Eis um caso análogo aos precedentes, para o qual a origem mórbida deve ser excluída, uma vez que se mostra extremamente extraordinária. Eu o extraio da autoanálise através da sra. Elizabeth Denton, de suas próprias faculdades de sensitiva. Qualquer que seja a concepção que se deve ter das inúmeras análises psicométrico-geológicas feitas por ela com a ajuda de seu marido geólogo (análises nem sempre conduzidas com um rigor científico suficiente para excluir toda a possibilidade de sugestões inconscientes), uma coisa surge nitidamente, a de que o marido e a mulher se submeteram a elas por anos com um ardor perseverante e escrupuloso e que a verdade dos fatos narrados é incontestável.

Isso posto, eis o relato da sra. Denton:

Durante o verão de 1861, durante uma viagem aos estados ocidentais, fomos obrigados a esperar longamente o trem que devia nos conduzir ao Peru (Illinois)... Enfim, um apito agudo ao longe anunciou sua chegada e pouco tempo depois o trem chegou fazendo muito barulho. Uma voz gritou: “Vinte minutos para o jantar!”. Em um instante as portas se abriram e os viajantes se precipitaram ao chão, correndo por todas as partes. Eu me dirigia ao trem, segurando meus filhos pela mão, enquanto meu marido se ocupava das bagagens. Escolhi meu vagão e me preparava para subir acreditando estar segura de me encontrar comodamente só com meus filhos durante o jantar. Para minha grande surpresa, ao contrário, eu o encontrei lotado. Muitos viajantes estavam sentados e imóveis como se lhes fosse indiferente se encontrarem nessa estação, enquanto muitos outros se preparavam para descer. E eu os via de modo confuso. O fato me pareceu estranho. De todo modo, eu ia descer para encontrar outro vagão quando um último olhar endereçado ao interior me fez ver que esses viajantes tão indiferentes aos apelos da estação de Joliet perdiam rapidamente sua consistência e acabaram por se esvaír. Eu tive tempo de observar os traços e as roupas de vários deles e, tomando assento, esperei o retorno dos viajantes, certa de encontrar neles os protótipos das formas que eu tinha visualizado. E minha espera não foi em vão; quando eles voltaram, eu me encontrava diante dos mesmos rostos e das mesmas roupas”. (Obra citada, *Introdução*, p. XIII).

A sra. Elizabeth Denton acrescenta as declarações seguintes:

... Eu não creio que as imagens visualizadas representavam as individualidades dos viajantes ausentes; creio, ao contrário, que aqueles, tendo ficado longas horas sentados em seus lugares, tinham irradiado em torno de si um tipo de fluido que de alguma forma ficou fixado a atmosfera, ali imprimindo suas imagens...

Como se vê, todos os sensitivos que julgam suas impressões, assim como todos os pesquisadores que as coletam e as estudam, se encontram para formular a mesma hipótese, o que demonstra o quanto ela é natural e necessária, sem contar que ela se mostra “a mais estreita hipótese formulável”.

Existe, entretanto, uma variante complementar dessa hipótese, segundo a qual o pensamento intensamente dirigido a uma dada pessoa e orientado a um meio determinado, teria também a força de criar uma imagem mais ou menos persistente dessa mesma pessoa. Essa concepção é familiar aos ocultistas e aos teósofos. Ao mesmo tempo, ela é afirmada com uma instância curiosa pelas ditas “personalidades mediúnicas” que comunicam por meio da escritura automática. Constata-se que em certas circunstâncias suas afirmações são confirmadas a *posteriori* pela contra-prova da identificação pessoal. Assim, por exemplo, no episódio seguinte, que extraio do artigo de Myers sobre a “Consciência Subliminar” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. IX, p. 79). A médium era a srta. A..., jovem educada e muito distinta, muito versada nos métodos de pesquisa científica destinados a precaver sobre as sugestões inconscientes. Tendo sido convidada a srta. A... pela condessa de Radnor a sua residência de Longford, a personalidade mediúnica habitual, chamada “Estelle”, dita por seu intermédio a seguinte mensagem:

Você me pergunta o que eu vejo nesse meio. Aqui está: Eu vejo muitas *sombras* e alguns espíritos e vejo também um bom número de *coisas reflexas*. Você saberia dizer se uma criança morreu no quarto acima? E se ele morreu quase que subitamente? – Por que você me pergunta isso? – Porque vejo constantemente uma sombra de uma criança no quarto vizinho ao seu. – Apenas uma sombra? – Sim, nada mais que uma sombra. – O que você quer dizer? – Uma sombra se forma quando alguém pensa intensa e continuamente em uma pessoa, imprimindo, assim, a sombra ou a lembrança de seu pensamento na atmosfera ambiente. E é uma forma objetiva que ele cria, a tal ponto que estou inclinado a dizer que os pretensos “fantasmas” de assassinados ou daqueles que morreram subitamente, são mais frequentemente *sombras* ou *imagens* do que “espíritos confinados”, consequência do pensamento do assassino que, sempre obsediado pela ideia de seu crime, projeta exteriormente a sombra ou a imagem do assassinado. De outra parte seria triste que houvesse almas que, depois de ter sofrido sua vida sem ser culpados, devam ainda penar depois de sua morte sob a forma de “espíritos confinados”. Todavia, atenção: os “espíritos confinados” existem efetivamente e eles são numerosos.

A condessa de Radnor observa, quanto a isso:

“Quanto à comunicação em questão, confirmo que um irmão meu morreu quando criança devido a convulsões e que ele morreu no quarto onde a forma de uma criança foi percebida e eu não poderia realmente imaginar de que modo a srta A... poderia sabê-lo e muito menos conhecer o quarto onde a criança morreu”.

Sobressai das declarações da condessa de Radnor que o caso exposto contém uma prova de identificação pessoal que apoia as afirmações da personalidade mediúnica e isso se põe favoravelmente à hipótese da “persistência de imagens”.

Passando a um outro modo de extrinsecação fenomênicas, eu observarei que se se deve considerar como fundamentada a asserção de que as formas fantomáticas, provindo da “persistência de imagens” se distinguem de verdadeiros “fantasmas” por sua aparência inerte e inanimada, aquelas das quais falamos nos episódios que seguirão deveriam ser atribuídas a uma causa diferente, pois elas se conduzem como pessoas vivas e como se elas fizessem parte de uma cena cinematográfica, não seria possível dizer, na verdade, se nessas condições nós ficamos na órbita psicométrica ou se nós nos encontramos diante de tipos de representações telepáticas transmitidas inconscientemente ou mesmo intencionalmente por personalidades de defuntos, o

que nos levaria aos fenômenos de “assombração propriamente dita”.

Eu extraio esse primeiro caso de um estudo da sra. Sidgwick, intitulado: “Phantasms of the Dead” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. XXX, p. 76). Ele constitui um episódio dos mais curiosos, a extrinsecação coletiva. Não revelaremos os nomes dos protagonistas, que são conhecidos dirigentes da *Society for Psychical Research* de Londres.

A sra. E. F... escreveu nesses termos à sra. Sidgwick, na data de 7 de fevereiro de 1882:

Isso que vou expor me aconteceu há dez ou doze anos. Numa noite de novembro, eu, minha irmã e a empregada fomos ao serviço religioso na igreja de nossa vila. Estávamos num período de lua cheia, mas o nevoeiro cobria o campo e a lua aparecia em um tipo de halo nebuloso. Na volta, encontramos um pedestre que ia em nossa direção assobiando e percebemos seu assobio bem antes de vê-lo. Ele passou perto de minha irmã, sempre assobiando, e seguiu seu caminho.

Pouco depois, percebi com surpresa um outro pedestre, baixo, que caminhava atrás de minha irmã sem produzir nenhum barulho de passo. Parecia que minha irmã não se apercebeu; eu a puxei pela manga, murmurando: “Deixe esse homem passar”. Nós caminhamos as três uma ao lado da outra sobre a calçada e minha irmã estava ao lado do pavimento. Enquanto eu murmurava essas palavras, eu vi o homem desaparecer no corpo de minha irmã. Nem ela nem a empregada o viram, mas depois de um instante nos foi possível contemplar com estupefação um espetáculo muito mais estranho.

A rua estava instantaneamente cheia de uma massa imensa de pessoas apressadas; eram homens, mulheres, crianças, cachorros que se cruzavam, chegavam de todas as partes. Alguns andavam sós, outros em grupo, mas nenhum fazia barulho de passos e todos pareciam cinza como o nevoeiro. Dos dois lados da estrada se encontravam duas grandes bandas de terra coberta de grama nas laterais, outras atravessavam nossos corpos e surgiam do outro lado. Todas as formas eram baixas, quase anãs, exceto uma, de quem falarei depois. As mulheres estavam vestidas com roupas antigas, chapéus enormes, grandes casacos, grandes xales, grandes babados pelas saias, parecidas aos que eu via minha mãe usar quando eu era criança. Eu ressalto que as observações de cada uma quanto às formas que nos chocaram eram sempre concordantes. Quando uma de nós apontava um homem, era bem um homem que as outras viam. Quando ela indicava uma mulher, era uma mulher, e assim por diante. Se olhássemos do alto, víamos que o ar estava absolutamente livre dessas formas, que perambulavam a pé como nós. A diferentes intervalos, encontramos dois homens que tinham em torno do rosto uma auréola de centelhas e pareciam nos olhar criticamente. O segundo deles tinha um aspecto tão repugnante que aquela de nós que o viu a seu lado disse: “Eu não resisto mais”. Eu aconselhei: “Olhe para o alto. Você não verá mais fantasmas”.

Entre esses, havia um fantasma de um homem alto, com um gorro na cabeça, que andava a passos largos, mas igualmente sem nenhum barulho. E, só entre todos, ele se mantinha constantemente ao nosso lado, fora da calçada. Os outros se cruzavam pela rua sem direção precisa e se perdiam na maior parte na zona de grama. Esse homem, ao contrário, não desviava seu caminho. Se nós apressávamos o passo, ele se mantinha igualmente ao nosso lado, de modo que nós lançávamos olhares contínuos assustados para ele, murmurando mutuamente para não perdê-lo de vista, embora ele não saísse de nosso lado.

Se minha memória for boa, quando enfim nós chegamos à rua que conduzia a nossa casa, todas as formas estavam desfeitas, exceto esse homem. Ele tinha um aspecto diferente dos outros fantasmas. Ele era extremamente repugnante, caminhava de um modo característico e era duas vezes maior. Dir-se-ia uma pessoa que tinha um objetivo determinado, o que não podíamos dizer dos outros fantasmas.

Para entrar em nossa viela, era preciso atravessar a rua e eu não tinha coragem para fazê-lo, crendo que esse ser horrível nos seguiria lá também. Ao contrário, para nosso imenso alívio, ele passou da viela e seguiu, sempre com seu passo medido, indo para o meio da estrada. Quando nós retornamos para olhar uma última vez, ele era a única forma visível. (Assinado: E. F...)

A irmã da relatora testemunha a verdade dos fatos nesses termos:

Confirmo em todos os detalhes o relato de minha irmã, exceto que eu não me lembro de ter visto o sorriso desses dois homens e que eu não posso afirmar ter discriminado os traços. E. viu, ao contrário, a auréola de centelhas em volta de seus rostos, que me pareceram cinza como o nevoeiro. (Assinado: C. – M. B... 11 de fevereiro).

Seguindo, as duas outras cartas da sra. E. F... em resposta a várias explicações solicitadas pela *Society for Psychical Research*. Entre outras coisas, ela explica:

Quanto à duração da extensão do caminho percorrido em companhia dos fantasmas, nós conversamos, minha irmã e eu, e concluímos que não foi inferior a 200 metros, de modo que a duração da visão pode ser estimada em dois ou três minutos.

Quanto à auréola de centelhas em torno dos rostos, estou certa de que ela saía dos próprios rostos. Os dois fantasmas que estavam ornados dela pareciam muito magros e cadavéricos, com bochechas terrivelmente fundas e maçãs do rosto salientes. Se eu fosse expertise na arte do desenho, eu poderia reproduzi-los como são, pois sempre os tenho diante dos olhos, de um modo muito distinto, tanto que eu poderia indicar o ponto preciso, muito perto de nossa casa, onde eles apareceram. Não posso precisar o número de centelhas que formavam a auréola, mas elas podiam ser dez ou doze para cada rosto e elas eram dispostas ao redor, em intervalos regulares. Elas emitiam uma luz amarelada, mas brilhante, de modo que no nevoeiro cada centelha parecia rodeada por um halo nebuloso. Elas não apresentavam nada de chamativo ou de interessante.

As roupas das mulheres me fizeram lembrar aquelas que mamãe vestia quando eu era criança (ou seja, por volta de 1857), mas não se pode esquecer que as modas vão e vêm, repetindo-se a longos intervalos. Quanto aos homens, dir-se-ia que eles vestiam longos casacos de golas grandes, mas eu não poderia afirmar nada dali, pois eles pareciam obscuros e cinzas como o nevoeiro...

Não seria possível falar de um fenômeno de “miragem”, pois essa massa de fantasma estava vestida com roupas diferentes das de toda massa existente em qualquer cidade ou vilarejo próximo ou longínquo. Não há uma única mulher na Inglaterra que se vista assim.

Nós fomos todas invadidas pelo terror. Minha irmã e a empregada choravam e gritavam alto. Eu, eu tentava me dominar e minha voz se mantinha firme e normal, ainda que eu sentisse algumas lágrimas deslizarem pelas bochechas. Nós apenas nos puxávamos mutuamente, correndo de um lado a outro da estrada, segundo os grupos de fantasmas que queríamos evitar, pois não podíamos tolerar vê-los desaparecerem em nós mesmas...

Esse é o curioso episódio citado pela sra. Sidwick. Ele é muito embaraçoso do ponto de vista teórico.

Nós vimos que a relatora excluiu, com razão, a hipótese de um suposto fenômeno de “miragem”, que não teria como reproduzir uma massa vestida com roupas que ninguém veste. E a mesma circunstância de roupas antigas combate também a hipótese alucinatória, pois em casos de alucinação, os fantasmas teriam aparecido em roupas familiares aos percipientes. Acrescentemos a isso que a visão foi coletiva, e também o desenrolar cinematográfico, o que torna a hipótese alucinatória absolutamente insustentável. A hipótese de uma “ilusão de ótica” não poderia ter melhor sorte, uma vez que as formas foram muito claramente percebidas de modo que se podia observar as linhas arcaicas. E como elas se cruzavam na estrada em todos os sentidos, elas permitiam também que fossem percebidas sob os ângulos visuais mais variados, circunstância a qual nenhuma ilusão de ótica poderia resistir. Pode-se dizer tanto da forma do homem gigante que se mantinha constantemente aos lados das percipientes, seguindo-as em seus caminhos de uma calçada a outra, sem fazer barulho de passos. Se essa forma tivesse sido uma ilusão de ótica, ela teria se dissipado pela força dos jogos de sombra aos quais esses caminhos a submetiam.

Entretanto, o fato de dever excluir toda explicação natural não significa, ainda, que a hipótese psicométrica, com seus diferentes modos de extrinsecação, pudesse facilmente se adaptar aos fatos; e isso não apenas devido à ação caoticamente movimentada da massa fantomática, mas sobretudo porque ela não poderia explicar alguns incidentes essenciais, como a auréola de centelhas em torno dos rostos dos dois fantasmas e o modo de se conduzir do fantasma gigante. Todos esses incidentes não seriam explicados pela hipótese psicométrica que significando um tipo de “memória cósmica”, deveria unicamente reproduzir os quadros de eventos passados e, conseqüentemente, ela não poderia dar lugar a essa reprodução de homens acompanhados por auréolas resplandecentes, nem da multidão de anões que jamais existiu, enquanto o fato do fantasma que se mantinha constantemente ao lado das percipientes implica uma ação no presente e não mais no passado.

Enfim, não se pode conseguir superar todas as dificuldades aplicando a esse caso a hipótese segundo a qual ter-se-ia uma representação telepática transmitida inconscientemente, ou mesmo intencionalmente, por uma entidade espiritual que pensava em uma cena de seu passado, pois a

questão da estatura quase anã da massa fantomática ficaria insolúvel.

Para concluir, diremos que se tudo concorre para provar a natureza sobrenatural do episódio exposto, cujas relações com os fenômenos de “assombração propriamente dita” são evidentes, sua interpretação precisa resta, entretanto, um mistério.

Uma vez que não me parece, então, possível orientar-se nesse primeiro exemplo de cinematografia fantomática, passo a um segundo exemplo, onde a hipótese psicométrica e a telepática-espírita parecem igualmente prováveis.

Em 1911 apareceu em Londres um livro de argumentação metafísica, intitulado *An Adventure*, que suscita um vivo interesse entre os leitores de toda ordem. Mesmo os maiores jornais políticos como o *Times*, o *Morning Post*, o *Daily Telegraph*, se ocuparam dele, consagrando artigos especiais, considerando com deferência esse tema e se perdendo em hipóteses destinadas a solucionar de algum modo o enigma perturbador que ele apresentava. Esse acolhimento deveu-se ao fato de que, apesar do caráter extraordinário da “aventura” descrita, ela se apresentava com a impressão da verdade e se apoiava sobre a nitidez da exposição combinada a métodos de estudos rigorosos e a uma documentação perfeita. Além disso, sabia-se em Londres que os autores do livro, ainda que escondidos sob o véu de um pseudônimo, eram filhas de dois ministros anglicanos bem conhecidos.

Para resumir em poucas palavras o conteúdo do volume, eu direi que as autoras, senhoritas Elizabeth Morison e Frances Lamont (pseudônimos), relatam que em agosto de 1901 elas haviam estado pela primeira vez em Versalhes e, de lá, no Petit Trianon, onde elas contemplaram cenas de paisagens com personagens, edifícios e objetos que, em realidade, não existiam, mas que, por outro lado, tinham existido na época da Revolução Francesa. Elas não suspeitaram da verdade senão uma semana depois e não se convenceram senão após uns três meses. Elas resolveram, então, realizar pesquisas necessárias a fim de constatar segundo os documentos e os planos topográficos da época, qual parte da verdade continha suas visões. Nessas três trabalhosas pesquisas, elas perseveraram nove anos, conseguindo por graus acumular provas luminosas aptas a demonstrar que a visão tinha sido em todos os seus detalhes a própria expressão da verdade.

Elas declararam que jamais tinham se ocupado de práticas espíritas ou pesquisas metapsíquicas, as quais, ao contrário, elas se mantinham sempre afastadas por caráter e por princípios, entendendo conservar intacta a fé de seus pais. Em todo caso, é preciso saber que elas pertenciam a famílias onde alguns membros são conhecidos frequentemente pela existência de faculdades chamadas de “segunda visão”, faculdades das quais elas mesmas se sentem indubitavelmente dotadas, ainda que sempre tenham deliberadamente entravado seu desenvolvimento.

A obra começa pelo relato feito pelas percipientes quanto a seu passeio ao “Petit Trianon”, relatos ditados independentemente um do outro, três meses depois da visão. Antes, e precisamente uma semana depois da excursão, a srta Morison já tinha posto os principais episódios em uma carta a uma amiga. As narrativas concordam em todos os detalhes visuais *coletivamente*, mas contêm também visões *eletivas* de pessoas e objetos.

Como não é possível resumir brevemente o conteúdo de um livro, eu me limitarei a apresentar uma passagem do relato da srta Morison, seguindo-o de algumas outras passagens que se referem às certificações dos fatos visualizados.

A srta. Morison conta que depois de ter visitado o palácio de Versalhes com a srta. Lamont, as duas decidiram visitar também o Petit Trianon e, dirigindo-se a esse fim, pediram informações a dois guardas de aspecto sombrio e preocupado, que tinham um uniforme verde, com um tricórnio. Depois ela continuou:

Caminhamos a passos rápidos, conversando animadamente. Entretanto, desde o momento em que deixamos a avenida para pegar uma trilha, eu me senti presa a uma depressão extraordinária, que aumentava rapidamente apesar de meus esforços para dominá-la. Nenhuma razão poderia justificá-la, pois eu não estava nem um pouco cansada e

sempre me interessei pela paisagem do entorno. Eu temia que minha companhia percebesse a repentina tristeza que havia me invadido e que se tornou opressora quando atingimos o ponto onde nossa trilha cruzava uma outra. Tínhamos diante de nós um bosque frondoso, à sombra do qual se elevava um quiosque circular, sobre a borda de um chafariz onde um homem estava sentado. Não havia tapetes de grama ao redor, mas uma terra coberta de relva campestre e também folhas mortas. Eu tinha uma impressão das mais desagradáveis por me encontrar em um meio que não era normal. Mesmo as árvores atrás do quiosque me pareciam rasas e sem vida, como árvores pintadas nos cenários de teatro. Não havia efeitos de sombra e de luz e nem uma folha se mexia. O homem sentado à beira do quiosque estava envolto em um casaco grande e usava um chapéu de bordas largas. Ele se virou para nos olhar e foi nesse instante que minhas sensações desagradáveis chegaram ao máximo. Essa visão era repugnante, a expressão do olhar odioso; o homem era atarracado, moreno e rude. Eu disse à srta. Lamont: “De que lado deve-se ir?”. Mas, dito isso, eu pensei: “Eu jamais iria para aquele lado”. De repente nós ouvimos alguém que corria até perder o fôlego e, crendo ter a ver com um jardineiro, eu me voltei, mas não se via ninguém em toda a extensão da trilha. Eu percebi, entretanto, que outro homem estava atrás de nós e que ele provavelmente vinha das rochas que fechavam a passagem desse lado. A essa súbita aparição, eu tive um sobressalto. Havia um aspecto distinto de um cavalheiro; alto, grandes olhos escuros, cabelos encaracolados cobertos por um chapéu de bordas largas. Era um homem bonito e aquele cabelo o deixava parecido a um retrato antigo. Ele tinha o rosto congestionado, como alguém que tivesse feito uma corrida e estava envolvido por um grande casaco que tinha uma parte solta, danificada pela corrida desenfreada. Ele parecia extremamente excitado e se dirigiu a nós gritando: “Madames, madames” (ou Madame, pronunciado com um sotaque parecido com “Madames”) “não deve passar por aí”. Depois, estendendo o braço, acrescentou enfaticamente: “Por aqui... procure a casa” (e outros nomes que não captamos). Nada compreendendo de seu estado de extrema agitação, eu olhei para seu rosto, espantada, e ele, recuando um passo, me olhou por sua vez com um sorriso estranho. Ainda que não tenhamos compreendido todas as suas palavras, era evidente que ele havia indicado, de uma maneira precisa, que era preciso virar à direita. Como o conselho harmonizava com meus desejos, eu me dirigi a esse lado, não sem antes me voltar para agradecer a ele. Porém, o cavalheiro tinha desaparecido, enquanto o barulho de uma corrida desenfreada se renovava perto de nós. Nós passamos uma pequena ponte de madeira suspensa no vazio e observamos à direita uma pequena cascata tão próxima que poderíamos tocá-la, e que se precipitava do alto de uma rocha verdejante de samambaias que saíam dos interstícios. Nós atravessamos uma trilha cheia de árvores, depois caminhamos ao longo de uma faixa sombreada por grandes árvores que havia nos impedido de ver que a “casa” indicada (ou seja, o Petit Trianon) estava ali perto. Era um edifício quadrado, solidamente construído, e muito diferente do que tínhamos imaginado. As janelas que davam para o nosso lado estavam fechadas e uma varanda de canto se estendia sobre um prado. Sentada no meio da relva, de costas viradas para a varanda, havia uma dama ocupada em observar atenciosamente uma caixa que tinha diante de si, com os braços estendidos. Eu supus, então, que ela se divertia fazendo um croqui do conjunto de árvores que se encontrava a sua frente. Quando passamos perto dela, ela se voltou para olhar. Ela não era muito jovem e ainda que fosse muito bonita, não chamou minha atenção. Sua cabeça estava coberta por um grande chapéu branco, posto sobre uma cabeleira muito abundante e bela que, encaracolada, ficava ao redor da testa. Ela usava um leve terninho de verão, disposto sobre os ombros como um lenço, com uma borda esverdeada ou dourada através da qual observei que o pano do lenço não estava preso ao corpete, mas ficava por cima. O corpete era longo e a saia, que parecia curta, era muito larga sobre os quadris. Eu a tomei por uma viajante, ainda que sua roupa me parecesse muito estranha e fora de moda. Eu tive o prazer de observá-la atentamente, mas uma sensação inexplicável me forçou a me afastar.

Nós subimos para a varanda, mas eu tinha a impressão de me encontrar no meio de um sonho, o silêncio mortal que reinava ao nosso redor me parecia opressivo e anormal. Meus olhos caíram novamente sobre a dama, que eu via agora de costas, e observei que a cor de seu vestido era de um verde pálido. Eu experimentei quase que um alívio ao ver que a srta. Lamont também tinha desistido de pedir informações a ela quanto à entrada do palácio.

Nós atravessamos a varanda para olhar no “Tribunal de honra”. Percebendo de um lado uma baía aberta, nos dirigimos para esse lado quando uma porta se abriu na varanda e um jovem saiu dela, então fechando-a. Ele tinha modos de um palafrenero, mas não usava uniforme. Esse jovem veio até nós para nos informar que para entrar no palácio passava-se no “Tribunal de honra” e nos indicou o caminho a seguir... Quando chegamos à soleira... voltamos repentinamente a nosso bom humor...”.

Eis a passagem principal do relato da srta. Morison. Todas as personagens visualizadas, tanto quanto grande parte da paisagem, incluindo o quiosque e a cascata, não existiam na verdade, e a surpresa só faz aumentar quando se pensa que os jardins do Petit Trianon, estando aberto ao público, estava nessa mesma hora animada por uma massa barulhenta, que não existia para as “sensitivas”.

O relato da srta. Lamont nos mostra que ela experimentou o mesmo sentimento repentino de depressão moral acrescido à impressão de se encontrar em uma atmosfera de sonho e que ela

percebeu a mesma paisagem e personagens, exceto pela dama sentada perto da varanda, que ela não viu. Entretanto, passando perto do lugar onde ela se encontrava, experimentou a sensação da presença de uma pessoa que se devia evitar e se afastou daquele lado, então se espantando. Quanto ao homem sentado na borda do quiosque, ela acrescenta um detalhe interessante para sua identificação futura, tendo observado que ele tinha o rosto tomado pela varíola. Ela também viu objetos e personagens invisíveis à srta. Morison, entre eles um arado de forma inusitada disposto perto do muro e uma casa rústica sobre a soleira da qual se encontrava uma mulher vestida com uma roupa antiga, que estendia um pote a uma jovem de uns quinze anos, com uma touca branca na cabeça e uma saia branca que descia até os pés.

Em uma segunda visita ao Petit Trianon, ela percebeu outras personagens e outros objetos fantomáticos, também ouvindo o eco de uma música suave que parecia vir de uma orquestra de violinos muito próxima e ela transcreveu doze cadências dessa música, que foram tidas idênticas nas obras musicais dessa época (Sachini, Montigny, Pergolèse).

Como dissemos, as duas amigas não sabiam que tinham observado um conjunto de coisas e pessoas inexistentes e suspeitaram da verdade quando, conversando, perceberam que uma falava de uma dama sentada. Mais tarde, uma amiga da srta Lamont, sem nada saber de sua aventura, disse que em Versalhes contava-se uma lenda segundo a qual “em um certo dia do mês de agosto, Maria Antonieta aparecia sentada no jardim do Petit Triano, bem perto da fachada, com um grande chapéu na cabeça e um vestido rosa; que além disso, alguns cantos do parque e mais particularmente a quinta, o pequeno jardim e a trilha perto do riacho povoavam-se de personagens que viveram familiarmente com ela, de modo que por um dia e uma noite assistia-se a ressurreição da antiga Corte”.

Esse relato associado às circunstâncias que se sabe, estimula a curiosidade das duas amigas e uma delas teve a ideia de pesquisar na história do tempo se a data de 10 de agosto, dia em que tinham visitado o Petit Trianon, correspondia a algum evento importante; e elas constataram que nessa data, de 1792, o Palácio das Tulherias tinha sido invadido pela massa revolucionária. A srta. Morison observa, quanto a isso:

A essa descoberta, começamos a nos perguntar se, talvez, não nos ocorreu cair numa projeção autêntica do pensamento da rainha ainda viva; o que teria explicado o sentimento de depressão trágico e de opressão física experimentado. Por que – dizemos – não poderia acontecer senão nas horas da “Conciergerie”, que ela volte pelo pensamento aos dias felizes vividos em Trianon em outros meses de agosto e que essa forma de lembrança angustiante tenha deixado uma impressão local durável? Em todo caso, pudemos ver muitas pinturas da época que nos forneceram a prova de que as roupas de caminhada dos cavalheiros da corte eram a exata reprodução das visualizadas, ou seja, grandes casacos com chapéus de bordas largas e que as mulheres usavam corpetes longos, saias curtas e balonês, lenços cruzados sobre o peito e grandes chapéus na cabeça.

Encorajadas por tantas coincidências, as duas se dedicaram à pesquisa de documentos, publicações, desenhos e retratos da época, consultando nas bibliotecas e nos arquivos as memórias dos nobres e pajens, não negligenciando os da costureira e da modista da rainha, examinando as contas dos engenheiros autores do parque, dos jardineiros, dos tesoureiros e mesmo o registro de pessoal.

De tudo isso veio pouco a pouco a prova de que sua visão tinha sido uma reprodução verídica de tempos e situações que já aconteceram. E se de tais documentações em questão não parecem estar a altura do objetivo, é preciso, entretanto, ter em conta a convergência de todas as documentações no sentido da prova investigada, o que lhe confere um valor de maior importância.

No volume de Desjardins, *Le Petit Trianon*, e no de Pierre de Nolhac, *La Belize Marie-Antoinette*, elas encontraram que o conde de Vaudreuil, o mesmo que traiu a rainha convidando-a para uma apresentação do *Barbeiro de Sevilha* no teatro de Trianon, *era um crioulo e tinha o*



*rosto coberto por varíola*. O sr. de Nolhac afirma, além disso, que no círculo privado da rainha, o conde de Vaudreuil contava no círculo dos íntimos.

A srta. Morison viu que o retrato da rainha pintado pelo pintor Wertmuller era o único que parecia com a forma percebida por ela perto da varanda do Trianon, e várias semanas depois, ela leu no livro de Desjardins: “Esse retrato foi mal aceito pelas críticas contemporâneas, que o avaliaram como frio, privado de graça e sem majestade, mas, para a posteridade, ele possui, ao contrário, um grande mérito: o de uma perfeita semelhança. Madame Campan declara que não existem outros bons retratos da rainha senão a tela de Wertmuller e o retrato de madame Vigée-Lebrun”.

Em janeiro de 1904, a srta. Lamont foi à Comédia Francesa para assistir a uma apresentação do *Barbeiro de Sevilha*, onde foram escrupulosamente reproduzidas as roupas da época. Ela constatou que os guardas estavam vestidos com um uniforme idêntico ao que os guardiões do parque que ela e sua amiga tinham perguntado o caminho usavam.

A srta. Lamont também quis fazer pesquisas quanto ao arado que ela tinha visto e soube pelos jardineiros que não havia arado no parque e que provavelmente nunca existiu nenhum ali, pois em um parque real não se cultiva a terra. Apesar disso, em 1895, ela leu no volume de Desjardins que “sob o reinado de Louis XVI, conservava-se no Petit Trianon um velho arado, lembrança do reino anterior, que foi vendido com todas as propriedades do rei durante a Revolução”. Além disso, observou-se quanto a um terreno cultivado no Petit Trianon e em outro desenho da época, que havia um arado idêntico ao que apareceu à sensitiva.

Quanto à visão da casa rústica, sobre o limiar onde estava uma mulher que parecia esticar um pote a uma criança de quatorze anos, a srta. Lamont constatou no plano topográfico de 1783 que a casa realmente existia e era situada no local onde ela a viu. Em setembro de 1910, as duas amigas foram aos lugares, constatando que sobre a velha muralha observavam-se ainda traços da casa que ali se apoiava, com vestígios marcados de pedras e de cimento e elas fotografaram esses vestígios. Também pelo livro da sra. Lavergne soube-se que naquele tempo morava ali a “pequena Marion” com sua mãe e que em 10 de agosto de 1792, a criança devia justamente atingir a idade de quatorze anos, enquanto sua mãe ainda vivia.

Quanto ao episódio onde um cavalheiro aparece precedido e seguido do eco de uma corrida desenfreada, encontramos detalhes impressionantes no livro da sra. Lavergne. Todos os detalhes foram fornecidos pessoalmente pela pequena Marion (a filha do jardineiro). Ela escreveu:

“Naquele dia, antes de entrar na sua gruta favorita, a rainha caminhou algum tempo na companhia de Marion; depois ela entrou sozinha na gruta, mas assustada por seus próprios pensamentos, saiu quase em seguida para novamente buscar Marion. Foi então que apareceu diante dela um pajem trêmulo, que lhe deu um bilhete do ministro do palácio. Mal acabou de ler, ela pediu que lhe trouxessem imediatamente sua carruagem e que informassem a sra. Tourzel. O pajem se inclinou (como se inclinou diante de nós) e se afastou numa corrida desenfreada”. É preciso acrescentar que o gentil pajem que apareceu às sensitivas tinha designado o Petit Trianon sob o termo de “casa”, o que parecia impróprio a um palácio. Ora, em 1907 as duas amigas leram no livro de Desjardins: “A rainha tinha o hábito de chamar o Petit Trianon de ‘minha casa de Trianon’ para distingui-la do palácio e do castelo”.

Quanto à pequena ponte de madeira suspensa no vazio e à cascata relativa a ela (que não existiam no parque) elas encontraram a seguinte passagem no livro do conde de Hezecques, *Lembranças de um pajem*: “Diante do castelo se estendia um prado... que terminava num despenhadeiro sombreado por pinheiros, cedros e larícios e que *tinha por cima uma pequena ponte rústica*, parecida com a que vimos nas montanhas da Suíça, e sobre os precipícios do Vallois”. A senhora Lavergne fala várias vezes das “cascatinhas” e o engenheiro Mique fala da “ponte de madeira... em frente à inclinação do despenhadeiro”...

Falaremos, enfim, do jovem noivo que, saindo a seu encontro por uma porta da varanda, fechou-a atrás de si provocando um barulho. Ora, em 1905, as duas amigas voltaram aos lugares e constataram que essa porta dava para uma antiga capela, que se encontra hoje em ruínas. Em 1906, a srta. Lamont obteve permissão para visitá-la, mas teve de entrar do lado oposto à varanda e viu que a porta pela qual o noivo saiu dava para uma galeria real e que logo chegava-se ao meio de uma escada que não existia mais, de modo que a porta era inacessível. Além disso, ela estava lacrada e coberta por teias de aranha.

Muitas outras coincidências desse tipo, que omitiremos para abreviar, são enumeradas pelas sensitivas; estas, analisando particularmente os fatos em relação a sua provável gênese histórica, observam que elas se relacionam de modo notável com duas datas fatais da vida de Maria Antonieta: 5 de outubro de 1789 e 10 de agosto de 1792. Depois disso, elas observam: “Nos incidentes mais importantes, como nos menores, nota-se uma incoerência que, para ser explicada, demandaria uma combinação de todos esses incidentes em um único cérebro e o único cérebro onde todos os incidentes podiam se encontrar presentes era o de Maria Antonieta. Consequentemente, nossa teoria de 1901, segundo a qual estávamos em uma projeção do pensamento da rainha ainda viva, se amplia ainda mais: pensamos que nossas duas visitas ao Trianon (10 de agosto de 1901 e 2 de janeiro de 1902) fazem parte de uma única lembrança da rainha infeliz e que, de modo puramente automático, tivemos a visão do que se passou em seu espírito há mais de cem anos. Tanto é que pensamos ter a percepção de sons ouvidos por ela, frases dirigidas a ela... Seria preciso nove anos de laboriosas pesquisas para acumular os dados que demonstram a particularidade de nossa experiência, justificando nossa convicção, de que a partir do momento em que deixamos o caminho até o momento onde colocamos o pé na entrada do Trianon, andamos por um solo encantado”.

Como se tem nessas linhas, as convicções teóricas dos percipientes equivalem à hipótese psicométrica, com a variante de que elas supõem uma projeção do pensamento da rainha ainda viva, com persistência local de imagens psíquicas; enquanto que na psicometria propriamente dita, seriam os próprios eventos que teriam deixado sua impressão no ambiente, ou influências suscetíveis de serem percebidas e objetivadas pelos sensitivos. O Prof. Hyslop, analisando o caso no *Journal of the American S. P. R.* (julho de 1911), não acreditou dever acolher a gênese psicométrica dos fatos e os considerou, ao contrário, como “uma nova ilustração da possibilidade para os vivos virem esporadicamente ao conhecimento de eventos ocorridos num passado longínquo, e isso provavelmente em virtude de relações telepáticas com os defuntos interessados nos eventos em questão”. Eu faço notar que esse parágrafo contém a hipótese telepático-espírita, que defendi nesse livro e que se prestaria sem nenhuma dúvida a explicar os fatos de um modo muito mais satisfatório.

\*

\*            \*

Para concluir, diremos que, em tese, a hipótese psicométrica merece igualmente ser levada em consideração cada vez que nos encontramos diante de episódios análogos aos relatados no presente capítulo, e não se diz que ela deve ser aceita como a verdadeira causa de alguns dentre eles. É preciso, de fato, ter em conta que ela não se apresenta ao exame da razão como uma elocubração metafísica baseada no nada, mas como uma hipótese científica legítima, porque fundada em dados experimentais aparentemente incontestáveis.

Isso posto, limito-me a observar que há um abismo entre o fato de reconhecer nela a verdade e o de se prevalecer dela para a explicação da casuística inteira das obsessões. E a coisa aparece em si mesma tão evidente que eu me creia dispensado de demonstrá-la se não houvesse eminentes psicólogos, tais como o professor William James e Théodore Flournoy, que se prevaleceram da hipótese psicométrica para opô-la à espírita, considerando-a como teoricamente capaz de explicar

todas as manifestações sobrenaturais de ordem inteligente, de modo a substituir, ou pelo menos tornar vaga, a necessidade de recorrer a intervenções espirituais. Será, então, útil que, sem sair da órbita de nosso tema, nos exponhamos as razões pelas quais a hipótese psicométrica jamais poderia explicar a maioria dos fenômenos de “assombração propriamente dita”. Essas razões principais são as seguintes:

1º Porque por vezes os fantasmas se manifestam em lugares onde não morreram e onde não viveram, ou em quartos diferentes dos quais aconteceram os eventos das obsessões, ou se eles se manifestam no mesmo quarto, o fato acontece quase sempre ligado a outros fenômenos que se passam nos pontos mais diversos da casa; todas as circunstâncias inconciliáveis com a hipótese psicométrica.

2º Porque as manifestações que se realizam mais frequentemente nos casos de assombração estão muito longe de consistir na reprodução subjetiva de eventos que os determinaram. Um barulho de portas que fecham ou de vidros que se quebram ou de placas metálicas que caem nada tem em comum com um drama de sangue ou uma agonia perturbada por remorsos. E sendo assim, não pode derivar de influências psicométricas que, se têm o poder de *reproduzir*, não têm o poder de criar.

3º Porque pode-se contar exemplos de assombração dos mais notáveis em casas novas e, conseqüentemente, isentas de quaisquer influências psicométricas.

4º Porque, se os fenômenos de assombração têm uma origem psicométrica, eles deveriam acontecer cada vez que as mesmas causas agissem; que, no nosso caso, utilizariam a mesma intensidade com a qual as irradiações nervosas, psíquicas, vitais, se libertariam do organismo humano em momentos de emoção extrema. E, então, cada evento dramático, e todo caso de morte natural, deveria causar manifestações parecidas, determinando uma condição de assombração crônica em quase todas as casas humanas, o que de fato está bem longe de acontecer.

5º Porque a consideração precedente engendra uma outra, a de que se os fenômenos de assombração se confundem com a psicometria, eles deveriam acontecer logo que a vítima sofre um drama; ao contrário, eles não acontecem exclusivamente quando a vítima ou o assassino sucumbe, circunstância que se harmoniza perfeitamente com a explicação telepático-espírita, mas que jamais poderia esclarecer com o apoio da hipótese psicométrica.

6º Porque em um bom número de casos, as manifestações apresentam um caráter intermitente, com longos tempos de calma ou de cessão completa, seguidos de retomadas bruscas, o que não se verificaria se se tratasse da persistência de influências puramente psíquicas.

7º Porque há casos em que as manifestações se passaram constantemente na mesma hora ou exclusivamente no dia de aniversário de morte, o que demonstra que em sua origem se encontra uma intenção, qualquer que seja esta, cuja existência não se explica pela hipótese psicométrica.

8º Porque há exemplos em que se assiste à cessão de manifestações desde que um desejo do fantasma obsessivo seja satisfeito, outro indício muito nítido da intenção que não se poderia conciliar com a hipótese em questão.

9º Porque há casos onde as manifestações de assombração explodem de repente após a inobservância de um pacto onde um dos contratantes é um defunto, ou após a profanação de um túmulo; outra forma de intenção vigilante inexplicada pela psicometria.

10º Porque as aparições de assombração que se realizam são premonições de morte (Damas Brancas): o que exclui toda forma de psicometria.

11º Porque há fantasmas obsessivos que respondem ao que se lhes interroga, manifestando assim uma clara intenção que se desenvolve *ativamente* no presente e não mais *passivamente* com reproduções de eventos passados.

12º Porque há fantasmas obsessivos que revelam coisas ignoradas por todos os presentes e por vezes por todos os vivos; outra circunstância testemunha a favor da origem espírita dos fenômenos e da incapacidade absoluta da hipótese psicométrica em explicá-los.

Eu não acrescentaria nenhuma outra consideração, pois essas que relatei sustentam amplamente minha própria asserção. E, se elas demonstram que a hipótese psicométrica não explica os fenômenos de assombração, elas servem também para destruir a tese do Professor William James e de Théodore Flournoy sobre o valor da hipótese psicométrica para a solução de todos os mistérios em todo ramo subjetivo de manifestações metapsíquicas. E elas a destroem por várias razões, cuja principal é esta: a de que os ramos da metapsique são ligados entre eles por um elemento causal comum, de modo que a hipótese que não resolve os mistérios de uma delas não resolve os de nenhuma.

## Capítulo 7

# FENÔMENOS DE « POLTERGEIST »

Eu já disse na Introdução desta obra que designamos pelo termo alemão “Poltergeist” esse ramo de manifestações de assombração que se desenvolve sob uma forma *objetiva* ou *mediúcnica*, prevenindo que a subdivisão dessas manifestações em duas categorias distintas *subjetivo* e *objetivo* deva ser considerada como puramente convencional, pois na maior parte do tempo os fenômenos a separar se encontram próximos uns dos outros, exceto em algumas exceções que não bastam para confirmar a regra. Segue daí que a única diferença entre essas categorias consiste em que uma observa as manifestações *em sua maioria telepáticas*, e a outra, *em sua maioria mediúnicas*; mas a fenomenologia inteira no fundo é única.

Na Introdução eu também fiz notar que essa promiscuidade de manifestações fenomênicas é extremamente embaraçosa quanto à classificação dos fatos e que, conseqüentemente, eu contornei a dificuldade classificando os casos particularmente *auditivo-subjetivos* (então, em grande parte *telepáticos*) na categoria de fenômenos de “assombração propriamente dita”, reservando para a categoria de “fenômenos de poltergeist” os casos extremos de manifestações quase exclusivamente *objetivas* (então, *mediúnicas*). Essa era a única maneira de afirmar claramente que a classificação de “fenômenos de poltergeist” em uma categoria especial é teoricamente legítima e útil na prática, porque os episódios de assombração com efeitos psíquicos apresentam características próprias, que devem ser consideradas à parte. Isso sem desfazer a conclusão já anunciada quanto à unidade fundamental dos fenômenos de assombração, em geral.

Os modos de extrinsecação de fenômenos de “poltergeist”, entendidos no sentido que exprimimos, foram assim resumidos na introdução: “Além dos fenômenos aos quais fizemos alusão, móveis que se deslocam, janelas e portas que fecham, louças que quebram, trata-se muito frequentemente de campainhas que não param de se agitar barulhentamente sem causa aparente, mesmo depois que tenham sido isoladas pela supressão dos cabos e dos fios. Também muito frequentes são os casos de “chuvas de pedras”, apresentando traços característicos muito notáveis, como quando as pedras percorrem trajetos contrários às leis da física ou param no ar ou caem lentamente ou atingem com uma destreza muito insólita um dado objetivo ou batem sem fazer mal, ou sem ricochetear em seguida, como se elas estivessem empunhadas por uma mão invisível; ou como quando as pedras se encontram quentes, até queimando. Em outras circunstâncias, os lençóis são violentamente retirados das camas de pessoas que estão dormindo, enquanto estas são suavemente levantadas da cama e colocadas no chão e, todavia, as camas não dão sinal de terem sido tocadas. Mais raramente, tem-se abundantes quedas de água, lama, cinzas, desaparecimentos repentinos de objetos, que são restituídos mais tarde de um modo totalmente misterioso. Constatamos também, por vezes, fenômenos persecutores, durante os quais roupas se acendem na vítima designada. As chamas tomam até, algumas vezes, a cama onde a pessoa está deitada, a casa que ela mora. Nesse caso, acontece de se assistir a liberação de centelhas azuladas que se atiram sobre a vítima, sobre a cama, sobre a casa”.

Quanto aos dados estatísticos relativos aos fenômenos estudados, eu disse na Introdução que, a cada 532 casos coletados, encontram-se 158 casos de “poltergeist”, que se verificam conseqüentemente em uma proporção de 28 por 100. Eu também observei que se conta entre eles 16 casos de “chuvas de pedras”, 19 casos de campainhas que tocam espontaneamente, 7 casos de fenômenos incendiários e 7 outros onde vozes humanas reais e misteriosas chamam as pessoas da casa ou respondem a seu chamado ou ainda falam longa e frequentemente, distribuindo conselhos e ordens. Restavam 59 casos de manifestações variadas, em sua maioria constituídas por fenômenos de movimento, de transporte ou de lançamento de objetos domésticos.

A essa sumária listagem, acrescento agora informações mais amplas às características dos fenômenos, começando por observar que esses fenômenos se manifestam indiferentemente durante o dia ou durante a noite e que sua manifestação parece regrada por uma forma qualquer de intenção, que se concretiza, por vezes, em uma personalidade oculta capaz de entrar em relação com os assistentes e responder a suas demandas por meio de golpes batidos em uma sucessão alfabética, ou outros sinais convencionados. Observamos muito frequentemente que essa personalidade está em relação telepática com os assistentes, adivinha seus pensamentos ou ainda responde a questões. A esses modos de conversação mental, muito frequentes em nossa fenomenologia, deve-se acrescentar aqueles, excepcionais, onde a personalidade misteriosa se exprime em voz alta ou fala como uma pessoa viva.

Uma outra característica essencial dos fenômenos de “poltergeist”, ao qual já fiz alusão na Introdução, é a de que eles se mostram quase sempre diretamente relacionados à presença de um “sensitivo”, que no mais das vezes é uma jovem e outras vezes é um jovem. Essa condição de “relação mediúnica” os difere notavelmente daqueles de manifestações subjetivas e os aproxima dos fenômenos obtidos experimentalmente nas sessões mediúnicas de efeitos psíquicos, nos quais eles representam uma dupla esporádica.

Eu repito, entretanto, que se essa particularidade os distingue ainda dos “fenômenos de assombração propriamente dita”, ela não invalida a tese da unidade fundamental dos fenômenos de assombração, estabelecida sobre a frequência com a qual as manifestações objetivas se realizam entre as subjetivas e vice-versa; com a única diferença de que as manifestações objetivas sobretudo nos casos subjetivos se passam geralmente sem relação *mediúnica* com as pessoas presentes, como se as “influências locais” bastassem para a tarefa.

Voltando aos fenômenos de “poltergeist”, vemos que, a seguida da “relação mediúnica” da qual falamos, eles têm sido a todo tempo alvo de suspeitas de fraude dirigidas contra os “sensitivos”, cuja presença parecia indispensável a sua manifestação. Mesmo nos nossos dias, assistimos frequentemente à intervenção de agentes da força pública que monitoram rigorosamente as manifestações e as pessoas, quase nunca conseguindo resolver o mistério, o que não os impede de concluir em favor da hipótese de práticas fraudulentas habilmente perpetradas pelo indivíduo suspeito. E o hábil desonesto capaz de se divertir com os profissionais da ordem é, na maior parte do tempo, representado por uma criança ingênua. Mas o bom público tem por autêntica a versão, sem se preocupar em apreciar os fatos, e sorri com compaixão para todos os ingênuos que se deixam apanhar. E, todavia, na maioria dos casos, se o público tivesse apreciado os detalhes, teria observado que os modos de extrinsecação eram análogos aos que enumerados e não explicáveis pela fraude, começando pelas trajetórias anormais dos projéteis, para terminar com os golpes que respondem às perguntas mentais.

Seria possível objetar que, por vezes, a fraude é constatada e eu confirmaria isso, mas eu faria observar que não existe no mundo uma única manifestação de atividade humana que não esteja mergulhada nessa mesma penumbra. Isso simplesmente leva a concluir que é preciso ficar atento e, de fato, nós já o sabíamos.

Entretanto, mesmo nos casos onde a fraude foi constatada, é preciso agir cautelosamente ao generalizá-la a todos os fenômenos passados. É quanto a isso que o Dr. Maxwell expõe as considerações seguintes: “Nós não sabemos, de fato, quais são as causas que podem levar alguns sujeitos a fraudarem: na maioria dos casos, não se encontra nenhum interesse que possa guiá-los; não se consegue explicar a origem das manifestações, não se compreende como crianças de dez ou doze anos tenham tido a ideia de imaginar lançar pedras, de quebrar vidros ou de fazer poltronas dançar e fazer pratos flutuar. A explicação de sua conduta torna-se, ao contrário, fácil, se supusermos que fenômenos verdadeiros tenham precedido a imitação, que de fato a jovem e ele tenham sugerido a ideia. Estaríamos diante de um caso de fraude mista, onde algumas verdades se misturam à mentiras, caso frequentemente observável em profissionais do

sonambulismo ou do espiritismo” (*Boletim do Instituto Geral Psicológico*, 1905, p. 376).

Uma outra característica desses fenômenos é sua grande uniformidade, que se mantém em todos os tempos e lugares. Por todos os lados onde os fenômenos se manifestam, seu estreito programa não varia, como variam seus modos de extrinsecação. E vemos exemplos de “chuvas de pedras” na China, no Japão, em Zululândia, nas selvas da Índia, na Nova Zelândia e na Patagônia, que se desenrolam exatamente segundo os mesmos modos contrários às leis psíquicas. Essa concordância de observações indubitavelmente se revestem de uma importância teórica, ao mesmo tempo que testemunha em favor da autenticidade dos fatos.

Enfim, eles são caracterizados por sua breve duração, o que os distingue ainda de fenômenos de “assombração propriamente dita”, que persistem comumente por muito tempo e por vezes ultrapassam séculos, enquanto que os de “poltergeist” ordinariamente se desfazem em alguns dias ou no máximo em alguns meses, para não se repetirem mais.

O fato de que eles não se repetem mais fornece uma primeira razão para crer que os fenômenos não tem por origem unicamente a presença de um “sensitivo”, se esse fosse o caso, as faculdades mediúnicas deveriam se manifestar esporadicamente em outras ocasiões. Pareceria, então, que uma condição da determinação dos fenômenos de “poltergeist” é que ao fato principal, constituído pelo sensitivo, associa-se uma causa “ocasional” e uma outra “local”, como acontece na extrinsecação de fenômenos de “assombração propriamente dita”. Quanto a essa causa “ocasional”, não se poderia afirmar nada preciso, pois em geral os fenômenos não deixam que se perceba nenhuma evidência suficiente para orientar o pensamento, exceto quando as manifestações parecem se ligar a uma morte ocorrida na casa obsediada. Quanto à causa “local”, ela emerge da aproximação seguindo circunstâncias opostas: uma, que ao fazer o sensitivo se afastar da casa obsediada, os fenômenos serão interrompidos de modo mais ou menos brusco, para então serem retomados assim que ele volte (então o elo causal entre o sensitivo e os fenômenos é evidente); a outra, que as manifestações não seguem o sensitivo em sua nova casa (daí a existência de uma causa “local” dos fenômenos é totalmente evidente).

Em que consiste essa causa ou influência local? Parece difícil querer penetrá-la; e para querer explicá-la sem se afastar do círculo das hipóteses naturalísticas, seria preciso supor que os ambientes obsediados fossem submetidos a correntes de energia ignoradas que, combinando-se às irradiações “telequinésicas” do sensitivo, dão lugar aos fenômenos de “poltergeist”. Nesse caso, a inteligência e também a intenção rudimentares que os dirigem deveriam ser atribuídas à aparição de uma personalidade efêmera tendo por assento a subconsciência do próprio sensitivo. Mas essa hipótese, fácil de enunciar, é, na verdade, muito dificilmente aplicável aos casos particulares, cujos surpreendentes modos de extrinsecação desorientam completamente o pesquisador cada vez que ele se lança a analisá-los, a compará-los, a classificá-los. Sem falar em certos episódios impressionantes de forma persecutória, pelos quais se é impulsionado a recorrer a intervenções extrínsecas de natureza espírita, provavelmente análogas às que se manifestam em certas sessões experimentais de efeitos psíquicos.

Alguém poderia objetar que mesmo a hipótese espírita não explica a circunstância em que o sensitivo se afasta da casa obsediada e os fenômenos não o seguem em seu novo endereço; e ela não explica porque não se poderia conceber que um espírito não possa seguir seu “médium” a todo lugar. Eu respondo que a solução para esse problema se liga provavelmente à existência de uma “causa local” dos fenômenos de “poltergeist”, causa que deveria exercer sua própria influência sobre os fenômenos independentemente de sua origem. Quanto a isso eu aponto a analogia desses fatos com o que acontece nas sessões experimentais de efeitos físicos, onde igualmente se observou a existência de uma “influência local” sobre os fenômenos, de modo que eles aconteciam mal em um lugar e bem em um outro aparentemente menos apropriado. Todos que experimentaram perceberam por si mesmos. No caso das sessões experimentais, era preciso deduzir que tudo depende de um efeito de “saturação fluídica” irradiada pelas pessoas que

viveram ou que vivem nos locais, com ação favorável ou desfavorável às manifestações. Se fosse assim, não haveria razão para não admitir uma limitação semelhante, mesmo na hipótese da origem espírita dos fenômenos de “poltergeist”. No mais, isso concordaria com o que afirmam as inteligências ocultas que se manifestam. Eu citaria um episódio agradável e curioso de assombração “benfazeja”, se assim se puder dizer, que aconteceu com uma família obsediada. Essa família teve de se transportar para longe por motivos independentes dos fatos; “o espírito comunicante” convidou os membros a levarem consigo algumas pedras das paredes de um determinado quarto e isso a fim de fornecer o meio de segui-los na nova residência. Esse desejo foi concedido e o “espírito” conseguiu se manifestar. Mas, no começo ele se mostrou *unicamente capaz de agir sobre as pedras trazidas*, e somente após um longo encadeamento ele adquiriu gradativamente uma independência maior.

O que quer que seja, o argumento é tão obscuro e misterioso que seria melhor para o momento tê-lo como a menor hipótese, que admitiria uma influência “local” não precisada nos fenômenos de “poltergeist”, influência combinada à energia “telequinésica” irradiada pelo sensitivo.

Quanto ao que cabe à hipótese de intervenções extrínsecas de natureza espírita, vou me limitar simplesmente a observar que, tal como nas sessões experimentais de efeitos físicos, os fenômenos de *animismo* se combinam aos do espiritismo. É muito provável que nos fenômenos de poltergeist as duas causas em questão tenham igualmente sua parte.

O Prof. William Barret manifesta uma opinião parecida quando conclui sua importante relação de alguns casos de poltergeist estudados pessoalmente por ele, com essas belas palavras: “Aqui se põe o problema de saber por que um centro humano radiante é necessário nos fenômenos de poltergeist. Na natureza inorgânica, constata-se que em uma solução salina, no ponto de saturação encontra-se um estado de equilíbrio instável tal que se uma partícula de matéria sólida cai no líquido em repouso, ela provoca uma repentina perturbação molecular que se transmite à solução inteira, causando um agregado de cristais sólidos. E por algum tempo a comoção se torna geral, até que a solução inteira se torne uma massa sólida de cristais. Tudo isso do fato de um núcleo que entra em contato com um conjunto de coisas que, a princípio, estavam perfeitamente tranquilas. Esses fenômenos são familiares aos microscopistas; e é particularmente no desenvolvimento de células que a presença de um “núcleo” se mostra essencial.

“Ora, poderíamos considerar um jovem menino ou qualquer outro sujeito nos fenômenos de poltergeist, como o “núcleo” que, nesses fenômenos, representa o fator determinante; nós mesmos talvez, com nosso mundo, não somos outra coisa senão “células em núcleos” pertencente a um organismo vivo muito mais vasto, do qual não conseguimos formar um conceito. Não se duvida que alguma inteligência inescrutável se revela à obra, tanto no conjunto de células quanto no desfile de mundos e de sois, e também não se admite que a evolução da natureza animada e inanimada esteja circunscrita ao universo *visível*. Assim, poderia haver seres vivos de tipos diferentes e de inteligências extremamente variadas, tanto no universo invisível quanto no visível. Nesse caso, a origem dos fenômenos de poltergeist poderia ser atribuída à obra de algumas inteligências. Eu não posso compreender por que se insiste em imaginar que não pode haver perversos e agradáveis no mundo espiritual, pois, racionalmente, eles deveriam se encontrar ali em maior número. Em todo caso, nós não conseguimos nos explicar por qual razão a combinação de uma localidade dada com um organismo humano particular deva colocá-los a zombar no mundo dos vivos; do mesmo modo que um selvagem não pode explicar por que a combinação de um dia seco com um material especial coloca uma máquina elétrica a produzir eletricidade” (*Proceedings of the S. P. R.*, vol. XXV, p. 411).

De acordo com a opinião de um intelectual, relato a explicação de um célebre vidente, Andrew Jackson Davis, que está de acordo com o que apresentamos, pois afirma que os fenômenos de poltergeist e os de “assombração propriamente dita” têm por origem condições especiais de “saturação fluidica”, que se prestam a intervenções espíritas.



Como Davis se encontrava em uma casa há muito tempo obsediada, onde um duplo suicídio aconteceu, ele descreveu assim suas impressões: “Em virtude de meu temperamento extremamente sensitivo, compreendi logo a causa pela qual o quarto era obsediado, e fui como que invadido por um sentimento de que havia algo de humano encerrado no forro da parede e no chão. Esse sentimento misterioso relacionado a uma casa não habitada há longos anos produziu em mim o estado de clarividência; e eu vi, então, que “átomos elétricos”, já integrados aos organismos da mãe e do filho, ainda saturavam a atmosfera do quarto e me parecia poder respirar a vida dos suicidas infelizes.

Desse dia fica marcada para mim a descoberta – definitivamente adquirida, em meu ponto de vista – de saber como um ou vários quartos de uma casa podem se tornar “mediunizados”. As emanções vitais emitidas por uma pessoa em condição de extrema dor moral e física se combinam aos estados especiais da atmosfera local, impregnam todas as coisas ao redor e permitem aos espíritos a manifestação segundo os modos mais variados, seja para cumprir um dever, seja com outros objetivos, mesmo muitos anos depois dos eventos. Nessas condições, dizemos que a “casa é obsediada”. Na verdade, a casa faz a função de “médium físico” e as manifestações são devidas à presença ou à influência de uma entidade desencarnada” (A. Jackson Davis, *Answers to everrecurring question*, p. 85).

Na casa obsediada que Davis tinha visitado aconteceram ao mesmo tempo fenômenos objetivos e subjetivos, compreendendo a aparição de fantasmas, de modo que a explicação fornecida sobre a existência de “casas mediunizadas” fazendo a função de “médiums de efeitos físicos” permitiria sobretudo o nosso esclarecimento quanto à natureza das ditas “influências locais” que caracterizam a fenomenologia das obsessões. Além disso, ela explicaria os casos muito frequentes de poltergeist onde falta relação entre os fenômenos e a presença de um sensitivo.

Enfim, ela faria compreender por qual motivo, nos casos de “assombração propriamente dita”, podem se realizar fenômenos objetivos entre aqueles subjetivos ou telepáticos.

Citei Davis porque penso que em uma situação tão misteriosa quanto a que temos aqui, as impressões subjetivas mesmo de um vidente se tornam dignas de atenção, sobretudo se elas coincidem com o que emerge de mais marcante na análise comparada dos fatos. Por exemplo, este detalhe que se repete em cinco dos casos que coletei: em um deles, estudado pelo prof. Lombroso e César de Vesme, os fenômenos começaram com a abertura de um baú contendo efeitos tendo pertencido a um defunto; em outro, eles se declaram quando se abre um quarto que não tinha sido mais usado desde o dia em que uma pessoa morreu ali; em um terceiro, eles se desencadeiam quando se toca e transporta para longe coisas antigas deixadas em um sótão; em um quarto (o 3º deste livro), eles se manifestam após a transferência dos ossos que serviam a um estudante de medicina; em um quinto, quando se abre a porta de uma caverna emparedada há um tempo imemorable.

Só se pode ficar chocado com os incidentes que estão muito relacionados à afirmação de Jackson Davis, sobre a existência de *casas ou localidade mediunizadas*.

Eu falaria, entretanto, de uma outra hipótese explicativa, dificilmente aplicável a certas categorias de fenômenos, mas que deveria ser acolhida a título de hipótese complementar, tendo em conta a existência de episódios que tendem a confirmá-la. Segundo essa hipótese, cada vez que se realizam fenômenos de “poltergeist” nas casas não habitadas – ou seja, sem a colaboração de médiums – seria de se supor que a entidade comunicante subtraísse a energia de um médium distante não consciente. Essa hipótese pareceu provável à Alexandre Akasakoff e foi defendida na Itália pelo sr. Vicent Cavalli e pelo prof. Tummolo. São conhecidos, em seu favor, incidentes que provariam que a energia mediúnica é suscetível de ser transmitida à distância.

Citarei, quanto a isso, o caso bem conhecido do médico Varley, que, numa noite, ouviu golpes mediúnicos em seu quarto e recebeu de manhã um bilhete do médium D. D. Homes, que morava

a cinco milhas de distância, onde este lhe perguntava se durante a noite não aconteceram golpes em seu quarto. Ele acrescentou que um espírito tinha dito que queria testá-lo, servindo-se de sua mediunidade. Citarei outro caso muito marcante da Vidente de Prévorst, que, sob demanda explícita do Dr. Kerner, produziu golpes em seu quarto, situado a meia milha de distância. O Dr. Kerner acrescenta que teve de renunciar a essas experiências devido ao esgotamento nervoso que elas determinavam na vidente. Ele nos diz também que por duas vezes aconteceram em seu próprio quarto fenômenos de “poltergeist”, que ele descreve nesses termos: “Em minha própria casa eu posso garantir que não apenas sons de jatos de cascalho, golpes, etc., se passaram, mas uma pequena mesa percorreu um quarto, sem nenhum contato visível; pratos de lata foram lançados com força na cozinha, o que toda casa ouviu. Essas circunstâncias podem fazer outros rirem, como eu mesmo teria rido se não tivesse sido testemunha com um sangue-frio perfeito”. Citarei, enfim, um caso perfeitamente documentado e relatado pelo Prof. Tummolo (*Luce e Ombra*, 1909, p. 280), que trata de uma jovem histérica que, caindo em convulsão, provocava ao seu redor fenômenos de “poltergeist”: assim que foi transferida para outra casa, a 1500 metros de distância da primeira, constatou-se que, na antiga casa, os fenômenos continuaram a acontecer e correlacionados aos acessos convulsivos que a doente tinha.

Eu pude recolher cinco outros episódios análogos, dos quais um parece teoricamente mais importante do que os que acabamos de ver, mas não se pode resumi-lo. Eu remeto, então, ao livro que o contém e que é intitulado: *The Beginning of Seership*, de Vicent Turvey (p. 43-45, 208-210, 216, 219-220).

De acordo com o que precede, não se pode aceitar o valor da hipótese em questão, o que não diminui a força da explicação fornecida por Jackson Davis e mesmo se poderia afirmar que a primeira é o complemento da segunda.

\*  
\*       \*  
\*

Passando à enumeração de vários casos de “poltergeist”, previno que no que concerne a seu valor probatório, eles são menos satisfatórios do que os de “assombração propriamente dita” e isso devido ao modo às vezes rápido, às vezes repentino, às vezes inesperado com o qual eles quase sempre se produzem, mas sobretudo em razão de sua curta duração, coisas que os impedem de serem submetidos a investigações sistemáticas e completas ou de confirma-los pelo testemunho de pessoas competentes no tema metafísico. Acontece, assim, que os melhores testemunhos nesse caso são os de agentes da força pública, que profanos nesse tipo de investigação, são testemunhas muito pouco autorizadas.

Só resta nos contentarmos, para o momento, com relatos em sua maioria incompletos e com muitas lacunas. Mas, se nos encontramos diante de um grave inconveniente para a investigação científica dos fatos, isso não autoriza, entretanto, colocar a realidade em dúvida, que se desfaz de uma maneira evidente de seus modos de extrinsecação muito frequentemente contrários às leis físicas (consequentemente, impossível de serem imitadas pela mistificação) e por vezes tão extraordinárias que não se pode admitir que germinem de uma maneira autêntica na imaginação dos inumeráveis charlatões que encontramos, pertencendo a todos os tempos e todos os povos civilizados, bárbaros e selvagens.

\*  
\*       \*  
\*

Começarei a exposição de casos pelas manifestações mais simples, como o fenômeno de “campainhas que tocam espontaneamente”, das quais minha estatística menciona 39 exemplos

num total de 158 casos de “poltergeist”. Esses fenômenos apresentam, em sua maioria, a singularidade de se manifestarem sós, ainda que não faltem exemplos onde se constatarem simultaneamente manifestações de todos os tipos, como golpes, tumulto, sons de passos, transporte de objetos e lançamento de projéteis. Observo, enfim, que todos os episódios em questão se parecem a ponto de se tornarem monótonos, razão pela qual serei breve e tratarei de resumir o máximo possível.

CASO XVI – Uma das melhores coletas de casos desse tipo é sempre aquele que traz o título de *Bealing Bells*, publicado em 1841 pelo comandante inglês Edward Moor, membro da Sociedade real de Ciências. Encontramos relatados quinze exemplos de “campainhas que tocam espontaneamente”, todos de data recente e observados na Inglaterra. Essa coleta teve por origem o fato de que na própria casa do comandante Moor se manifestou o fenômeno em questão, persistindo ali cinquenta e três dias seguidos, sem que ninguém conseguisse desvelar suas causas. Na mais forte manifestação, o comandante Moor decidiu publicar seu relato no *Ipswich Journal*, com a esperança de receber alguns conselhos. O resultado foi que de todas as partes chegaram cartas sobre o tema, das quais quatorze continham casos parecidos, daí sua decisão de reuni-las e publicá-las em um volume com seu próprio caso.

As manifestações que aconteceram em sua casa começaram no domingo de 02 de fevereiro de 1834. Ele estava na igreja e em casa havia apenas um empregado e uma empregada, quando a campainha da sala de jantar tocou três vezes e com muita força, sem que os empregados pudessem descobrir uma razão visível para o fato. O comandante Moor, homem de ciência que era, notou que o tempo estava bom, o ar tranquilo, o barômetro a 290 e o termômetro num grau normal de temperatura: nada de notável, conseqüentemente, nas condições atmosféricas.

No dia seguinte, a mesma campainha voltou a soar com veemência e persistência, e a causa continuou ignorada como antes. No terceiro dia, cinco de nove campainhas, dispostas em fileira no térreo, soavam furiosamente, sem que ninguém puxasse seus cabos ou fios.

Nos dias posteriores todas as campainhas da casa, doze no total, soavam a toda velocidade, exceto a da porta da casa, e, para completar a ironia, notou-se que as cinco campainhas mais turbulentas eram as que tinham os fios e cordões perfeitamente visíveis de todos os lados, à parte as curtas passagens através do assoalho ou da parede.

O comandante Moor observou que a violência das campainhas era tal que não se podia imitá-la de modo algum, e disse quanto a isso: “Por mais vigorosas que fossem as sacudidas às quais eu submeti os cordões, não consegui igualar a extraordinária violência com a qual se sucediam os tilintares”. Ele tentou agir com uma presa diretamente sobre os fios horizontais, obtendo efeitos menores que quando ele agiu sobre os cordões. Além disso, ele observa: “Quando um de nós tocava, o movimento das campainhas e das molas era comparativamente lento e perfeitamente visível, mas quando o toque era de causa desconhecida, o movimento era tão rápido que se tornava invisível”.

As manifestações persistiram de 2 de fevereiro a 27 de março, sem um dia de trégua, e a causa determinante ficou impenetrável até o fim. O relato do comandante Moor prova nitidamente que ele não negligenciou nada para resolver o enigma, munindo-se contra todas as possibilidades de artifícios fraudulentos. Ele declara: “As campainhas tocaram dezenas e dezenas de vezes sem que ninguém se encontrasse no térreo, no corredor, em toda casa e em volta da casa. Eu também reuni todos os empregados na cozinha, de modo que a casa estava deserta e que ninguém podia entrar nela, e as campainhas soaram do mesmo modo. Mas o que importa disso tudo é que nem eu, nem os empregados, nem ninguém teria podido executar as maravilhas das quais fui testemunha com uma dezena de outras testemunhas”. Ele concluiu, então, nesses termos: “Estou absolutamente convencido de que as campainhas tocaram por uma causa que não era humana”.

O relato citado não faz nenhuma alusão à existência de relações entre as manifestações e a presença de uma dada pessoa, o que não prova, contudo, a não existência dessas relações, e que apenas um empregado e uma empregada tinham ficado na casa, podendo-se supor que um ou outro serviam de médium inconsciente.

CASO XVII – A existência dessas relações surge, ao contrário, em outros casos mencionados na obra e isso para grande embaraço do comandante Moor, que não podia conhecer nada, em seu tempo, quanto aos problemas de mediunidade. Eis um exemplo desse tipo, que escolho por sua curta duração.

A sra. Miler escreveu para o comandante Moor d’Islington, St. Paul Terrace, 19, em 19 de maio de 1834.

Nos primeiros dias de fevereiro de 1825, entrei em casa por volta das quatro e meia (eu morava em Westminster, 9, rua Earl) e tive a surpresa de encontrar pessoas da casa muito alarmadas porque as campainhas tocavam a toda velocidade sem causa aparente. A primeira a tocar tinha sido a do quarto das crianças, com fio independente que se ligava ao térreo. Ela tinha soado furiosamente várias vezes, depois foi a vez da que fica na sala de jantar; depois de tempos em tempos elas soavam todas juntas, como se brincassem para ver quem era a mais forte; depois recomeçavam a soar sozinhas, mas sempre com uma violência extrema.

Assistindo a tudo isso, fui tomada de espanto e mandei avisar meu marido, que logo que chegou, se colocou a levantar a caixa de madeira que escondia os fios, mas sem descobrir nada de anormal. Então ele colocou uma pessoa munida de uma lanterna em todos os quartos e ficou de guarda próximo às campainhas dispostas em fila no térreo; mas, nem ele nem os demais conseguiram notar a menor causa possível desses estranhos e furiosos tilintares, que duraram duas horas e meia. Nem no dia seguinte, nem nunca viemos a saber de nada mais.

Aqui, a sra. Milner observa:

O fenômeno produziu um efeito surpreendente em minha jovem empregada, de raça mulata. Desde que começaram, ela se mostrou a mais espantada de todos e quando o último golpe de campainha tocou furiosamente, ela foi tomada de convulsões que persistiram durante dezesseis horas, tão fortes que necessitaram da intervenção de vários homens. Quando cessaram as convulsões, ela passou a condições de insensibilidade geral e depois caiu em um tipo de estupor que durou quase uma semana, ainda que tenhamos recorrido a todos os meios para tirá-la dele. *Mas esse fato é singular, pois logo que ela foi tomada de convulsões, as campainhas pararam de soar.*

Essa última observação revela claramente as relações existentes entre as campainhas que tocam espontaneamente e a jovem mulata; poderíamos dizer que, se nesse caso a duração das manifestações se mostra excepcionalmente breve, a causa é o estado de convulsões em que a médium cai, estado que interrompeu a emissão da energia telecinésica indispensável às manifestações em curso.

Nos episódios análogos ao anterior, privados de indícios de intervenções extrínsecas e de modos extrinsecas complexas e extraordinária, é provável que nos encontremos diante de manifestações de puro “animismo” (no sentido conferido ao termo por Aksakoff) unicamente explicáveis pela emissão de energia mediúnica, controlada por uma vontade rudimentar de origem subconsciente. Eu me reservo a voltar sobre o argumento no capítulo de conclusão.

\*  
\*        \*

Continuando a exposição de casos, relato alguns exemplos de “assombração de chuva de pedras” que, segundo os dados estatísticos publicados, representam o fenômeno mais frequente nas manifestações de “poltergeist”, uma vez que se contam entre eles 46 exemplos de um total de 158 casos.

Esses fenômenos, como os de “campainhas que tocam espontaneamente”, têm a particularidade de se manifestarem quase sempre sozinhos, formando um grupo à parte, como os primeiros. Compreendemos, então, que essa característica torna todos os episódios tão parecidos que se tornam monótonos. Eu faço observar, todavia, que eles apresentam modos de extrinsecação sempre novos e muito instrutivos do ponto de vista teórico e isso torna bastante dignos de atenção muitos dos casos coletados. Estou, então, extremamente constrangido pela escolha de exemplos a citar, mas a dificuldade não é intransponível e convém decidir, de alguma maneira.

CASO XVIII – Eu começarei por um exemplo vindo das solidões da selva asiática, relatado por um membro da *Society for Psychological Research*. Eu o extraio do *Journal* dessa sociedade (vol. XII, p. 260).

O sr. W. G. Grottendieck, de Dordrecht, na Holanda, escreveu em 27 de janeiro de 1906:

Em setembro de 1903, aconteceu-me de assistir a um fenômeno anormal, que pude observar com o maior cuidado em todos os seus detalhes. Eu tinha realizado a travessia da “selva” de Palembang, em Djambi (Sumatra) com uma escolta de cinquenta indígenas javaneses, com o objetivo de exploração, e, voltando ao ponto de partida, encontrei minha residência habitual ocupada. Tive, então, que transportar meu saco de dormir para outra cabana ainda inacabada, construída com vigas entrelaçadas e coberta com grandes folhas secas e superpostas de “kadjang”. A cabana estava situada muito longe da outra residência, que pertencia à “Companhia de Óleos”, para a qual eu me encontrava a serviço. Estendi meu saco de dormir no chão de madeira, coloquei em volta um mosquitoireiro e dormi logo. Por volta de uma da manhã, acordei com o barulho de um objeto caído perto de meu travesseiro, fora do mosquitoireiro. Dois minutos depois, eu estava completamente desperta e olhei em volta para verificar o que bem poderia continuar caindo do alto. Percebi pedras pretas, de mais ou menos dois centímetros de comprimento. Eu me levantei, peguei a lanterna no pé da cama e, me pondo a observar, descobri que as pedras chegavam do teto, fazendo uma parábola e caindo perto de meu travesseiro.

Eu fui a outro quarto acordar um jovem malasiano que eu tinha comigo, ordenando-lhe que saísse para inspecionar a selva em torno da cabana e, enquanto ele o fazia, eu o ajudava em sua busca clareando as folhas com uma lâmpada elétrica. Durante esse tempo, as pedras não paravam de chover no interior. Quando o jovem voltou, eu o enviei de guarda à cozinha e, para melhor seguir a queda de pedras, me pus de joelhos perto do travesseiro, tentando captá-las no voo. Mas minha empreitada era impossível, *pois as pedras pareciam fazer um salto no ar quando eu saltava para pegá-las*. Então, eu escalei a divisória que separava meu quarto do quarto do jovem e, examinando o teto no ponto de onde elas vinham, constatei que elas saíam da camada de folhas de “kadjang”, *a qual, entretanto, não tinha nenhum buraco*. Tentei de novo pegá-las na passagem dali do alto, mas sempre inutilmente.

Quando eu descí, o rapaz entrou para me dizer que na cozinha não havia ninguém. Todavia, eu estava convencida de que um zombeteiro devia estar se escondendo em algum lugar e, me armando de meu rifle Mauser, atirei cinco vezes da janela para a selva, obtendo este belo resultado: no interior da cabana as pedras começaram a chover com mais ardor que antes.

Consegui, entretanto, *acordar completamente o rapaz que antes dos tiros parecia lento e sonolento*. Mas, quando ele viu cair as pedras, gritou que era o diabo que as lançava e foi tomado de tal pavor que fugiu correndo pela selva, em plena noite. *Desde que ele desapareceu, a chuva cessou*, mas o rapaz não voltou mais e eu o perdi para sempre. As pedras não apresentavam, em si, nada de particular, à parte que ao tocá-las era possível senti-las mais *quentes* do que estariam normalmente. Quando nasceu o dia, encontrei as pedras sobre o chão e percebi sob a janela os cinco cartuchos que atirei. Eu examinei ainda o chão no ponto onde a chuva de pedras tinha caído, mas nada descobri, nem mesmo a sombra de uma rachadura na camada de folhas de “kadjang”. Durante o curto período de tempo que tinha durado o fenômeno, 18 a 22 pedras tinha caído. Coloquei várias em meu bolso e conservei-as por longo tempo, mas elas foram perdidas em minha última viagem. Acreditei, a princípio, que poderia se tratar de pedras meteóricas, *uma vez que pareciam quentes ao toque*, mas, como explicar o fato de *que elas atravessaram o teto sem abrir um buraco?* Para concluir: o pior da aventura, para mim, é que a fuga do rapaz me obrigou a preparar meu próprio café da manhã e a renunciar ao pão na chapa e à habitual xícara de café.

Em resposta às questões que lhe dirige o conselho diretor da *Society for Psychological Research*, o sr. Grottendieck acrescentou esclarecimentos, entre os quais noto os seguintes:

Eu me encontro só com o rapaz na cabana, que estava completamente rodeada pela selva.

Do ponto de vista de fraude, o rapaz está fora de questão, pois quando eu me inclinei sobre ele para acordá-lo (ele

dormia sobre o chão, perto de minha porta), duas pedras caíram uma após a outra e eu *as vi e as ouvi* cair, estando a porta aberta.

As pedras caíam com uma lentidão notável, de modo que, mesmo supondo fraude, ficaria algo de misterioso para ser explicado. Ter-se-ia dito que elas *se retardavam no ar*, fazendo uma curva parabólica e chocando o chão com força. Mesmo o barulho que elas faziam era anormal, pois era muito forte com relação à lentidão da queda.

Eu disse que o rapaz tinha parecido sonolento quando os tiros o despertaram e seu estado se via pelos seus movimentos, impressos de uma lentidão anormal. Ele se levantou, entrou na selva e voltou dela comportando-se de modo extraordinariamente lento. A lentidão de seus atos tinha produzido em mim a mesma estranha impressão experimentada pela lentidão da queda das pedras.

Essas são as passagens essenciais dos relatos enviados pelo sr. Grottenieck. É preciso observar que a chuva de pedras parou com a fuga do rapaz e que este parecia em estado de meio-sono (provavelmente em condições de *transe*) circunstâncias que não deixam nenhuma dúvida sobre as relações de causa e de efeito entre a presença do dito rapaz e a produção dos fenômenos.

Em todo caso, o exemplo em questão coloca em relevo vários modos de extrinsecação de ordem maravilhosa, combinados a índices impressionantes de uma intencionalidade e de uma vontade ocultas. Dessa última natureza parecem ser os detalhes de pedras que caem todas em um espaço limitado e que se fixam no ar para não se deixarem colher. Também extraordinário parece o fato de que as pedras *se retardavam no ar*; que elas jorrassem através de uma espessa camada de folhas de “kadjang” não esburacada e que elas estavam quentes ao toque. Disso segue que se os fenômenos foram bem observados (e não há razão para dúvidas), esse caso apresenta modos de extrinsecação suficientemente misteriosos para confundir o julgamento daqueles que são inclinados a atribuir todos os casos de “poltergeist” a causas exclusivamente “anímicas” ou subconscientes.

É útil notar que os modos de extrinsecação sobrenormais dos fenômenos expostos não são excepcionais, mas se repetem todos em outros casos de mesmo gênero, apoiando-se mutuamente. O mais raro é o de desvio brusco de projéteis para não se deixarem apanhar; todavia, nós o encontramos três vezes nos casos que coletei e eu relatarei depois um segundo exemplo (caso XXIII).

Menos raro, mas sempre pouco comum, é o que consiste na *lentidão relativa* com a qual pedras traçam no ar uma parábola (lentidão da qual temos a confirmação pelo fato de que se não fosse assim, o relator não teria tentado pegá-las no ar). Apesar disso, nós o encontramos cinco vezes em minha classificação e eu relatarei depois um desses exemplos (caso XXII), enquanto que citarei um outro aqui, que extraio de um relato de “chuva de pedras que aconteceu na Sicília, em junho de 1910, e muito bem observado em pleno dia. O sr. Paolo Palmisano, que foi testemunha ocular, escreveu sobre uma pedra que tinha tocado um guarda no olho direito: “Ela *chega muito lentamente*, não causando nenhum tipo de contusão no guarda. De resto, todo mundo se convenceu rapidamente de que as pedras não produziam prejuízos onde encostassem”. E mais ainda: “Então, assistimos a um espetáculo esplêndido: perto do lugar onde estava sentada uma jovem surda-muda, filha de um camponês, uma pedra saiu do muro e traçando com uma *lentidão relativa* um semi-círculo no ar, veio pousar na mão de meu amigo. Nós observamos estupefatos: mas a chuva de pedras continuava e enquanto escrevo ela ainda continua” (*Giornalle di Sicilla* de 7 de junho de 1910).

Quanto aos projéteis que partiam de um ponto onde não havia nenhum buraco por onde passar e de sua condição de calor anormal, elas se repetem com uma frequência relativa nos fenômenos de “poltergeist” e eu me reservo a discutir o fato na ocasião de outros casos do mesmo tipo (caso XXI).

CASO XIX. – Eu extraio este outro exemplo da obra de De Mirville, *Os espíritos e suas manifestações fluídicas* (p. 380). O autor reproduz o caso de uma revista de magistratura,

seguindo com uma relação de sua investigação pessoal, que confirma os fatos.  
Em 2 de fevereiro de 1846, lia-se o que segue na *Gazeta dos Tribunais*:

Um fato dos mais singulares – fato que se reproduz a cada noite, cada madrugada há três semanas, sem que as investigações mais ativas, o melhor monitoramento, a maior persistência tenham podido fazer com que se descobrisse a causa em reboliço todo o distrito populoso da Montanha Santa Genoveva, da Sorbonne e da praça Saint-Michel. Eis o que constata, de acordo com o rumor público, a dupla investigação judiciária e administrativa, a qual se procede sem cessar há vários dias.

Nos trabalhos de demolição abertos para a construção de uma nova rua, que deve unir a Sorbonne ao Panteão, encontra-se, na extremidade de um terreno onde existiu um baile público, o canteiro de um comerciante de madeira em pó e carvão. Esse canteiro faz limite com uma casa, afastada da rua por certa distância e separada das casas em demolição pelas largas escavações do antigo muro de proteção de Paris, este construído sob o reinado de Philippe Auguste e descoberto pelos trabalhos recentes. A casa se encontra, cada noite e toda a madrugada, atacada por uma chuva de projéteis que, pelo volume, pela violência com a qual são lançados, provocam desgastes tais que se podem perceber durante o dia. As esquadilhas das janelas e os batentes das portas são quebrados, reduzidos a pó como se tivessem lançado uma poltrona numa catapulta ou uma metralhadora.

De onde vêm esses projéteis, que são blocos de pavimentação, partes de entulho, pedras inteiras e que, de acordo com seu peso e a distância de onde vêm, não podem evidentemente ser lançados pela mão de um homem? Em vão foi feito um monitoramento dia e noite sob a direção pessoal do comissário de polícia e de agentes hábeis. Em vão o chefe do serviço de segurança foi persistentemente aos locais. Em vão foram utilizados cães de guarda cada noite nas adjacências. Nada conseguiu explicar o fenômeno que, em sua credulidade, o povo atribui a meios misteriosos. Os projéteis continuam a chover tumultuosamente sobre a casa, lançados de grande altura acima das cabeças daqueles que ficam postos em observação, até sobre o telhado de cabanas do entorno, parecendo vir de grande distância e atingindo seu objetivo com uma precisão de algum modo matemática e, sem que nada pareça desviar, em sua curva parabólica, do objetivo invariavelmente designado.

Não entraremos em detalhes mais amplos sobre esse fato, que sem dúvida encontrará uma explicação próxima, graças à atenção que tem despertado. A investigação se estende sobre tudo o que pode se ligar nesse objetivo à aplicação do adágio: *Cui prodest is auctor*. Todavia, ressaltaremos circunstâncias análogas e que igualmente produziram certa sensação em Paris quando, por exemplo, uma chuva de moedinhas atraía a cada noite os espantos, rua Montesquieu, ou quando todas as campainhas da rua Malte eram postas em movimento por uma mão invisível, era impossível chegar a alguma descoberta, encontrar uma explicação, uma causa primeira, qualquer que fosse. Esperamos que dessa vez cheguemos a um resultado mais preciso.

Dois dias depois, o mesmo jornal dizia, ainda:

O fato singular do lançamento de projéteis consideráveis contra a casa de um comerciante de madeira e de carvão, rua Neuve-de-Cluny, perto da praça do Panteão – fato que sinalizamos essa manhã -, até agora se encontra sem explicação. Ainda hoje ele continua acontecendo, apesar do monitoramento incessante exercido sobre os próprios lugares.

Às onze horas, quando agentes estavam escalonados sobre todos os pontos vizinhos, uma pedra enorme veio bater à porta (bloqueada) da casa. Às três horas, o chefe interino do serviço de segurança, e cinco ou seis de seus principais subordinados estando ocupados de inquirir perto dos donos da casa sobre diferentes circunstâncias, um quadrado de entulho veio se estraçalhar a seus pés como a explosão de uma bomba.

Perdemo-nos em conjecturas. As portas, as janelas estão cobertas por placas pregadas no interior para que os moradores da casa não pudessem ser atingidos como o foram seus móveis e até suas camas, destruídos pelos projéteis.

Aqui terminam as citações da *Gazeta dos Tribunais*; o sr. de Mirville os faz seguir do relato de sua própria investigação. Ele escreveu:

Esse fenômeno durou três semanas, mais ou menos. Sempre as mesmas precauções, os mesmos desgastes, a mesma impossibilidade de pegar um culpado. Entretanto, tudo parou e o público parisiense, tão vivamente intrigado durante uns tempos, aceitou, senão para descansar, sabe-se lá qual solução absurda.

No inverno seguinte, encontrando-nos em Paris e querendo ter a consciência limpa, fomos perguntar algumas informações primeiro à polícia e depois à *Gazeta dos Tribunais*. A primeira nos respondeu que encerraram por acreditar que era o próprio proprietário da casa que, não se sabe por quais cálculos e especulação, tinha tentado

descreditá-la. A segunda afirmou que era um zombeteiro que pregou uma peça no pobre homem e que o comissário de polícia flagrou e colocou na prisão... Mas, como ele se chama?... – Não se sabe... – Em que prisão ele estaria?... – Pergunte ao comissário de polícia, ele terá grande prazer em lhe dizer.

Essas repostas muito divergentes, ainda que vindo de duas autoridades oficiais, pareceram-nos mais que suspeitas e acreditamos reconhecer ali o selo de todas as precedentes. Então fomos até o bairro, visitamos a casa, conversamos com o dono da carvoaria, Lerible, a quem ela pertence. Depois de um relato muito detalhado, ele acrescentou em um estilo que lhes pedimos, senhores, a permissão para reproduzir: "Mas, acredite, senhor, que eles tiveram a simplicidade de me acusar de tudo isso. Eu, proprietário; eu, que fui à polícia mais de trinta vezes pedir ajuda; eu, que em 29 de janeiro fui ao coronel do 24º, que me enviou um pelotão de seus caçadores. Eu tive de dizer: 'Acreditem que sou eu, se isso lhes apraz. Isso não muda nada. Vá, diga-me apenas como eu me coloquei ali e também o indivíduo que fiz trabalhar para mim, uma vez que vocês veem que não sou eu, que estou perto de vocês, *eu em particular*. Isso lhes diz respeito, e vocês não terão servido a um ingrato...". Mas, bah! Senhor, eles fizeram o que puderam, os pobres diabos, mas não puseram as mãos em ninguém. E depois, uma suposição ainda, que fosse eu a destruir a casa: teria eu mobiliado minha casa com belos móveis, todos novos, como eu tinha acabado de fazer um mês antes? Eu teria deixado danificar todo meu mobiliário, como esse buffet de vidro, que as pedras pareciam ajustar? Veja, senhor...". E o pobre homem nos mostrou todos os fragmentos de sua louça quebrada, seu pêndulo, seus bocais de flores, seus vidros, restos que somavam mil e quinhentos francos, o que não nos surpreendia mais, e no fato, encontramos sua defesa válida, sobretudo quando ele disse: "E eu, então, não teria começado a me abrigar? Essas pedras não caíam em mim ainda mais violentamente que sobre os outros? Pensem, vejam ainda essa ferida perto da têmpora. Eu poderia ficar ali? Ah, senhor, convenhamos que há pessoas que são muito engraçadas".

Um detalhe bem curioso ele nos fez admirar: esse quarto estava cheio de pedras e fragmentos de telhas longas e achatadas. Essa forma nos espantou. "Como? perguntamos... – Assim. Senhor, eu fechei meu painel. E, bem!

Observe essa fenda. Efetivamente, é uma fenda muito longa e estreita – E, bem! Senhor, a partir do momento em que fechei o painel, todas as pedras tiveram essa forma que o senhor vê e todas vinham por essa fenda, que tem quase sua largura! Ficamos confusos diante do local dos truques que visavam de tão grande distância".

Esse bravo homem tinha nos interessado, mas queríamos indagar os vizinhos. Fomos, então, a vários, entre eles um livreiro, que forma um ângulo da rua na qual se encontra situada essa casa. Como os outros, ele observava o fato *como absolutamente inexplicável* e achava a acusação de truque mais absurda que todo o resto.

Então, fomos ao comissário de polícia. Ele infelizmente não estava, mas seus dois secretários ocupavam seu escritório e o que o substituíam respondeu: "O comissário de polícia afirmará, como eu, que apesar de nossas incansáveis buscas, jamais pudemos descobrir nada e posso assegurar de antemão que jamais descobriremos nada... – Obrigado, senhor, nós também estávamos completamente seguros disso, mas tínhamos que ouvir o senhor dizer".

Eis o caso bem curioso contado por De Mirville. Quanto ao que ele escreveu sobre as suspeições absurdas da polícia e sobre as lendas nascidas um ano depois dos eventos, ressaltamos que tal é a história de quase todas as investigações sobre os fenômenos de "poltergeist". De fato, quase sempre as causas dos fenômenos restam impenetráveis, levando os céticos a tirarem conclusões um pouco absurdas. Estas são inofensivas enquanto persistem as manifestações em toda sua evidência, entretanto, tomam consistência e desviam da verdade quando cessam manifestações, diminuindo as impressões de autenticidade incontestável que reportavam os assistentes.

O notável incidente dos projéteis formados de modo a poder passar através de uma fenda pequena do painel, ainda que maravilhoso, não é raro nesta série. Mesmo a circunstância mais curiosa da precisão com a qual os projéteis atingiam seu objetivo se confunde com outros inúmeros incidentes de projéteis que chocam sistematicamente um certo ponto com uma precisão matemática e esses incidentes constituem a regra na ordem dessas coisas. Cada um compreenderá a grande importância teórica que esses episódios apresentam porque eles supõem na origem dos fenômenos uma intenção servida por faculdades e poderes sobrenaturais.

Observaremos, enfim, que não se encontra nesse caso nenhum indício de relações entre fenômenos e pessoas, o que é digno de interesse: os fenômenos persistiram três semanas e foram continuamente controlados por agentes de polícia. Se, então, alguma relação desse tipo tivesse existido, ele não teria podido escapar a tanto controle. Quanto a isso poderemos fazer uma observação curiosa: se as relações entre fenômenos e pessoas se verificam quase sempre nos casos simples de "poltergeist", elas não se verificam quase nunca nos casos excepcionais de intensidade superior de manifestações: exatamente o contrário do que deveria acontecer. Como



explicar essa aparente contradição?

Poderíamos, a princípio, ter recorrido à hipótese segundo a qual o agente oculto lançaria a energia telecinésica de mediunidade distantes e inconscientes, mas restaria explicar por que o fenômeno se verifica justamente quando reservas de energia mais fortes são necessárias.

Haveria a hipótese de Jackson Davis, segundo a qual existiriam localidades potencialmente "mediunizadas" após eventos trágicos advindos sobre os locais, que, determinando nos atores uma enorme dispersão de fluidos vitais suscetíveis de serem registrados e conservados pelos objetos do entorno, forneceriam manifestações das mais variadas sem a assistência de "médiums" e isso ainda por muitos anos depois dos eventos. Entretanto, para justificar a aplicação dessa hipótese no caso estudado, seria preciso uma segunda investigação sobre os moradores anteriores da casa, o que De Mirville não fez.

**CASO XX.** – Em fevereiro de 1913, todos os jornais da Bélgica publicaram amplas informações sobre um caso de "chuva de pedras" ocorrido em seu país. O diretor de um jornal de Anvers, *O Sincerista*, foi aos locais para interrogar a polícia e o proprietário da casa, obtendo uma confirmação plena dos fatos. Ele escreveu:

Todos os jornais do país relataram os fatos singulares de lançamento de pedras, de autoria desconhecida, que aconteceram em Marcinelle, perto de Charleroi, na casa ocupada pelo sr. Van Zanten, rua César de Paepe.

Essas manifestações, que começaram no dia 30 de janeiro, quinta-feira, terminaram no domingo, último 2 de fevereiro, e não duraram mais que uns quatro dias. Elas movimentaram a polícia local, bem como a polícia montada, e fizeram com que o chão descesse. Mas todas as investigações oficiais não têm resultado até esse dia, pelo que sabemos.

Nós fomos ao local em 5 de fevereiro. A casa onde esses eventos aconteceram é a última de uma série de construções semelhantes. Ao lado dela, na fachada, rua César de Paepe, se encontra um grande jardim bem sombreado, que se estende até a esquina da primeira rua transversal e rodeia igualmente o fundo dos passeios e dos cercamentos de casas pequenas, das quais a casa Van Zanten termina a fila.

Pouco depois de nossa chegada aos lugares, pudemos conversar com um agente de autoridade, que teve uma parte considerável na organização do monitoramento.

O que mais o chocou, nas circunstâncias que ele teve de se ocupar, foi a singular exatidão do tiro, os projéteis atingindo, ao que parecia, exatamente o local escolhido antes pelo autor do delito.

"Eu vi, ele disse, uma pedra chegar ao meio de um grande vitral, depois uma série de outras chocar em espiral em volta do primeiro ponto de impacto, de modo a quebrar metodicamente toda a folha de vidro. Eu vi, acrescentou ele, em uma outra janela, um primeiro projétil retido por fragmentos de vidro na abertura que ele tinha acabado de fazer, ser alvejado, por sua vez, por um segundo passando exatamente no mesmo ponto."

"As pedras não podem vir, segundo nossas observações, senão de uma casa situada no lado oposto ao quadrilátero, a mais ou menos 450 metros do alvo. Para obter uma retidão semelhante nessas projeções, seria preciso que o culpado dispusesse de uma catapulta bastante potente e perfeitamente regulada."

- Isso, eu ressaltai, não resolve o problema. Os objetos lançados, segundo isso que o senhor acabou de nos dizer, diferentes em forma, tamanho e densidade, cada projétil segue, então, uma trajetória diferente consideravelmente uma da outra, após efeitos variáveis da resistência do ar. Além disso, o vento agiria de modo notável para deslocar as pedras, tanto de um lado quanto de outro, de modo que podemos afirmar que um tiro assim preciso, com projéteis tão diferentes, está além das forças humanas.

Alguns instantes depois, tive oportunidade de ver o sr. Van Zanten, que, com grande complacência, consentiu me mostrar o imóvel, os desgastes sofridos, os projéteis conservados, e respondeu ainda de modo o mais cortês e detalhado às questões que acreditei dever colocar.

Eu falei, a princípio, do que o agente da força pública tinha me dito antes.

O primeiro fato é perfeitamente exato, disse-me o sr. Van Zanten, apenas o policial não o viu – ele sabia porque eu tinha dito – a primeira pedra, de fato, se chocou exatamente no meio desse vidro e as seguintes tocaram sistematicamente em espiral o primeiro buraco.

- Assim, eu disse, o primeiro golpe foi preciso, sem nenhuma regra preliminar. Eis mais uma proeza, da qual nenhum artilheiro em carne e osso seria capaz, ainda que se dissesse a *Estrela Belga*.

- Quanto à primeira pedra atingida pela segunda, o fato é exagerado. Mais uma vez o policial não estava lá no momento. Nós mesmos estávamos no quarto vizinho: uma pedra ficou presa entre a barra de cobre da cortina e a esquadria da janela. Vimos que o pequeno projétil não estava mais em seu local de origem, que ele tinha caído no

chão.

"Mas o que mais nos espantou foi que nenhuma das 300 pedras lançadas acertaram ninguém. No primeiro dia, meu filho estava no jardim, minha filha dormia em seu berço, perto da janela aberta, e eles não foram incomodados de modo algum. A empregada recebeu, é verdade, um pedaço de tijolo na cabeça, mas praticamente não sofreu nada. Meu sogro foi atingido no braço e disse: "Olha, não senti nada".

- Esse é um dos sinais, eu disse, pelos quais melhor se pode, segundo o que diz a teoria, distinguir os projéteis oriundos de assombração dos oriundos de intervenção humana".

Como nesse momento a empregada entrava, eu a interoguei. Sabemos como é frequente encontrar nas casas obsediadas uma pessoa do sexo feminino, que tenha atingido a idade da crise da puberdade; a empregada não parece ter quinze anos. Os fenômenos pareciam se ligar a ela, pois os projéteis não começavam a se mostrar senão quando ela se levantava. A empregada me mostrou o ponto da cabeça onde a pedra a tinha atingido. Nenhum penteado ou boina protegiam o lugar – "A senhora foi muito machucada? Perguntei. – Oh, sim, pois até chorei de dor durante o dia. – Entretanto, não sangrou. A senhora teve algum inchaço ou galo? – Não, nada parecido". O projétil tinha o volume de um quarto de tijolo. Parece-me pouco comum que tenha produzido tão pouco efeito, vindo de tão longe e devendo, conseqüentemente, cair do alto.

Essas são as indicações que coletei. Deve-se, penso eu, depois desses indícios, atribuir uma probabilidade bastante séria à intervenção de uma causa extra-humana nos fatos relatados acima (Anais de Ciências Psíquicas, 1913, p. 152).

Nesse caso, é preciso observar a princípio a quantidade de projéteis lançados, de onde se poderia tirar uma boa prova complementar favorável à origem sobrenatural dos fenômenos se se leva em conta que um operador de lugar não teria escapado de ser pego em flagrante delito pelos guardas. Note-se também que quando os projéteis chocavam as pessoas, eles não lhes causavam nenhum mal, ou causavam muito menos do que o fariam normalmente. Enquanto isso, ao se chocarem com outros objetos, eles produziam danos correspondentes a seu volume e peso.

Essa particularidade curiosa constitui a regra nas manifestações de "poltergeist" e contribui com as outras relacionadas mais acima demonstrando a existência de uma intenção e de uma vontade ocultas que vêm reger as manifestações.

Essas particularidades sugerem uma outra observação que se liga a um comentário que seguiu o caso XVIII, sobre certos exemplos onde se falava de projéteis que percorriam com uma lentidão relativa sua parábola no ar. Fenômeno teoricamente interessante, mas ao qual faço observar a raridade segundo os dados estatísticos coletados. Agora, creio que essa asserção é modificável e isso em consequência desses exemplos de projéteis inofensivos para as pessoas, os quais contêm implicitamente a hipótese de que nessas condições eles não podem senão percorrer com uma lentidão relativa sua parábola no ar, pois de outro modo não deixariam de produzir todo seu efeito chocando pessoas assim como produzem ao chocar os telhados, os móveis e as louças.

A afirmação sobre a raridade dos casos de lentidão no curso dos projéteis se aplicaria, então, às pessoas que tiveram a possibilidade de observá-la, mas o fenômeno em si parece se realizar com uma frequência relativa.

**CASO XXI.** – Ainda um exemplo de "chuva de pedras", que extraio dos Anais de Ciências Psíquicas (1895, p. 86). Ele foi comunicado pelo cura Gabard e o relator é um agente da polícia, que escreveu:

No mês de julho de 1867 ou 1868, as moças Touin, costureiras, voltando da jornada, foram atingidas por pedras ou terra, caindo sobre elas sem lhes fazer o menor mal. Elas acreditaram, a princípio, que tinha a ver com alguns zombeteiros escondidos atrás dos arbustos, mas, coisa estranha, chegando ao meio do povoado de Absie, sua residência, a coisa continuou.

Entrando em casa, estavam abrigadas. Isso durou ao menos 15 dias. As duas irmãs, assustadas por jamais terem visto o adversário e temendo receber por fim um golpe cruel, foram se queixar várias vezes à polícia.

Como as pedras não caíam mais, uma vez que as moças estavam em sua casa e que não se as via serem lançadas, disseram simplesmente: "Elas estão loucas!".

Todo mundo em Absie ria do pavor dessas pobres moças. Mas logo foram obrigados a reclamarem.

Num final de tarde, as pedras foram mais violentas e continuaram a cair mesmo dentro da casa.

Então, foram procurar os guardas mais uma vez: "Ah! Senhores, elas estão caindo em nossa casa! Venham, venham, por favor".

O brigadeiro Guilloteau, hoje aposentado em Saint-Florent-le-Vieil (Maine-et-Loire) foi à casa com os guardas Fleury e Andrault.

Estava tudo fechado, portas e janelas. Ora, as pedras e as cinzas continuavam a cair, mas sem fazer mal.

A uma hora da madrugada, o brigadeiro veio me acordar com Duron, dizendo: "Vá substituir os colegas pelo resto da noite: vai rir!"

Partimos. Chegando à casa, constatamos o fato, como todos os outros. Não víamos cair as pedras, só as víamos no chão ou nos lugares onde se chocavam. As cinzas, ao contrário, desciam pela chaminé. Havia mais de três decalitos duplos. Caindo, faziam o mesmo barulho que de uma chaminé de locomotiva: Ouf! Ouf!

O guarda Andrault se aproximou da chaminé e começou a gritar: "Você não acabou, diga? Vai ficar aí por muito tempo? A resposta não demorou a vir: ouf, e um decalito duplo de cinzas cobriu a figura do pobre camarada, chamaram o sr. Pouzet, prefeito de Absie, e várias outras pessoas importantes. Mais de cinquenta constataram o fato que estou relatando.

Os colegas se retiraram e eu fiquei com Duron e várias testemunhas.

Novamente, olhamos sobre a casa: ninguém! Subi ao sótão: ninguém! Então eu disse: "Elas caem sempre? – Sim, sempre". Eu descí.

Era por volta de três horas da manhã: todos os que estavam lá tinham recebido pedras, mas como elas não faziam mal, dissemos: "É um bom b... que nos diverte".

Quando as pedras nos atingiam, ouvia-se perfeitamente um pequeno sopro: fus! Como quando relampeja, esse barulho muito leve não era ouvido senão por quem era atingido pela pedra.

O que nos surpreendeu ainda mais foi ver a lanterna de vidro, que estava na mesa, ser levantada por uma pedra grande como dois polegares e colocar no chão sem nem quebrar nem mesmo apagar.

As pedras que caíam na cristaleira quebravam tudo o que havia ali. Eu fiquei de frente, as costas apoiadas no móvel. Eu mal tinha me colocado ali e uma pedra caiu e quebrou os pratos. Eu não a vi chegar.

Logo me coloquei diante de um armário de frente para a cristaleira. Não tendo visto a pedra, pensei que ela viesse do alto. Logo um choque se fez ouvir sobre minha cabeça e uma pedra grande como um ovo de galinha rolou aos meus pés. Essa foi a última: ela marcou bem a porta do armário.

Durante a noite, fomos procurar uma pessoa de nome Romain, empregado do sr. Tixier, que suspeitávamos fazer a magia. "E, bem! – disse assim que se aproximou de nós – não vão dizer agora que fui eu que fiz isso?"

Tendo ido em busca de um tal Aubry, voltamos rindo, quando uma pedra grande como a metade de um decalito duplo rolou ao pé do meu colega, que gritou: "Ah! Estou morto! – Mas, não, você ainda fala!".

As pedras foram retiradas: no dia seguinte, havia na casa ao menos a metade de uma caçamba. Em geral, eram telhas e pedaços de pedra que tinham sido retiradas perto da igreja que estava em restauração. A casa onde esses fatos se passaram estava a mais ou menos 8 ou 10 metros da igreja. As pedras na casa eram de todos os tamanhos. Ora, eu certifico que, fora a chaminé, diante da qual havia sempre alguém, não havia na casa um único buraco do tamanho do cano de minha tubulação.

No dia seguinte todos os moradores vieram ver as pedras e as cinzas que saíam da casa. Depois de nosso relato, o tenente veio ele mesmo pegar informações, não querendo crer no fato relatado por nós.

Se, como o tendeste, outros incrédulos não querem crer nesse fato, que eu certifico, eles devem ir à guarda de Absie (Deux-Sèvres) e pedir os arquivos da guarda. Eles lerão os relatórios que fizemos quanto ao caso, pois redigimos ao menos vinte relatórios para esse belo golpe de magia.

Deve-se pensar bem que o teto da casa, como todos os cantos e recantos da casa, foram minuciosamente visitados por nós.

Assim, no sótão havia quase cinquenta feixes de madeira: eu os retirei para constatar que ninguém estaria escondido ali. Enfim, se alguém puder me explicar esse fato, eu ficarei muito feliz de saber: 1º como as pedras caíam sobre as pessoas sem lhes fazer mal; 2º quebrar a louça e respeitar a lanterna; 3º cair em todos os sentidos e não serem percebidas senão quando rolavam por terra ou atingiam algum objeto; 4º como elas poderiam entrar, uma vez que em toda a casa não havia um buraco nem do tamanho do meu dedo mínimo, e nós retiramos pedras de todos os tamanhos, mesmo grandes como uma garrafa.

O fato foi constatado à noite, por mais de cinquenta testemunhas, e durante o dia mais de quinhentas pessoas vieram ver as pedras e as cinzas que saíam da casa.

Mais uma vez, certifico que tudo o que acabei de dizer está de acordo com a verdade (Assinado: Mousset, ex guarda aposentado).

Esse caso fecha vários episódios dignos de comentários, mas para abreviar, direi apenas sobre o fenômeno de queda de pedras em um lugar hermeticamente fechado, fenômeno que implicaria a

passagem da matéria através da matéria.

Notemos que episódios análogos se encontram frequentemente na série de fatos que nos ocupa. Em um outro exemplo já relatado (caso XVIII) vimos que o relator, o sr. Grottendieck, fala de "pedras que desembocavam através de uma camada compacta de folhas de kadjang, *que não tinha nenhum buraco*".

Em um outro caso relatado aqui, publicado no *Light* (1909, p. 609-616) e comunicado por Lady Mackenzie, lê-se o que se segue: "A chuva de pedras durava já algum tempo quando tive a ideia de fechar um dos quartos a fim de verificar se as pedras continuariam a cair ali dentro. Escolhi o quarto mais obsediado e o fechei à chave, tendo o cuidado de me assegurar de que não restava nenhuma pedra ali. Eu reabri o quarto depois de algumas horas e, para minha grande surpresa, percebi em um ângulo várias pedras dispostas em círculo. Recolhi as pedras e fechei novamente a porta à chave, não sem antes fixar do interior a outra porta e a janela. Depois de algum tempo entrei no quarto e, nesse mesmo ângulo, encontrei o mesmo círculo de pedras refeito. Deve-se observar que a disposição circular das pedras não era aleatória, mas deliberadamente desejada pelo operador oculto. E eis aqui o motivo: ... ante a solicitação de amigos crendo na intervenção de "espíritos malignos", alguns membros de minha família tinham recorrido a padres exorcistas, obtendo objetos sagrados para exorcizações, entre os quais um terço que os padres aconselharam prender no quarto onde as manifestações eram mais intensas. E, de fato, o terço foi pendurado no quarto fechado. Ora, acontece que nas duas vezes o círculo de pedras foi encontrado sob o terço, como se o espírito, ofendido pela intromissão dos reverendos, tivesse disposto as pedras em forma de terço para zombarem deles".

Em um outro caso de chuva de pedras ocorrido em julho de 1908, em Boccioleto, província de Novare, e relatado pela revista *Luce e Ombra* (1908, p. 436), lê-se estas informações fornecidas por uma testemunha ocular: "Que notemos essas circunstâncias maravilhosas. O teto está intacto, sem nenhuma rachadura. As paredes são muito espessas, de pedra, perfeitamente brancas. E, no entanto, as pedras choviam de todas as partes, desciam do teto, saíam das paredes com uma violência extrema, sem deixar no teto e nas paredes nenhum sinal de sua passagem... Tentamos fechar hermeticamente as janelas e as portas e as pedras (sem deixar um sinal de sua passagem) caíam barulhentosamente sobre o chão e ali ficavam sob os olhares de todos. Eu levei duas comigo, e muitas pessoas vindas de fora levaram igualmente depois de ter visto cair sob seus olhos...

Colocamos assim essa experiência: muitas pedras caídas foram marcadas com carvão, depois lançadas para longe, e acontecia por vezes que as mesmas pedras marcadas voltavam à casa...

Uma noite, nove pessoas estavam reunidas e fechadas lá, e umas vinte pedras não demoraram a cair atingindo a todos, sem exceção, mas sem lhes fazer nenhum mal... As pedras caídas não tinham nada de extraordinário: elas são da mesma natureza e da mesma forma que as que encontramos em volta da montanha. Em geral, elas tinham um peso de duzentos ou trezentos gramas, algumas ultrapassavam meio quilo, e no dia 19 caiu uma de quatro quilos, diante de várias pessoas. Eu fui testemunha, com meus próprios olhos... e, que se fixe bem, o fenômeno não foi isolado, mas se repetiu cotidianamente durante quase um mês..."

Eu não acrescentaria outros exemplos, pois aqueles que citei devem ser suficientes para demonstrar a realidade do fenômeno da *queda de pedras em um lugar hermeticamente fechado*. Fenômeno maravilhoso, mas que não deveria surpreender demais aqueles que têm noções suficientes em matéria metapsíquica, se pensarmos que o mesmo processo de física transcendental se verifica nos fenômenos ditos "deslocamento". Eu mesmo possuo quanto a isso uma larga experiência pessoal, a qual relatei no volume intitulado *Ipotesi spiritica e teorriche scientifiche* (p. 185-237). Alexandre Aksakoff observa: "É certo que nós não podemos pensa-lo de outra forma se não supondo uma desagregação momentânea da matéria sólida, no momento da passagem do objeto, e sua reconstituição se efetuando imediatamente depois, ou seja – em linguagem mediúnica – sua desmaterialização e sua rematerialização. Entende-se bem que essa

definição é apenas convencional – aceita na falta de outra melhor – pois ela não se aplica senão à aparência do fenômeno e não na sua essência".

O que quer que seja, a definição está de acordo com as explicações fornecidas pelas personalidades mediúnicas, que afirmam também exercer seu poder sobre a matéria em meio a um ato de vontade. Acrescentemos que as duas categorias de fenômenos apresentam uma particularidade curiosa, muito favorável à definição precedente: a saber que, se apalpamos as pedras caídas e os objetos "deslocados", experimentamos frequentemente uma sensação de calor que, por vezes, é notável, outras vezes intensa, e em alguns casos queima. Ora, em virtude da lei física da transformação de forças, é justamente isso que deveria acontecer se a pedra ou o objeto "deslocado" sofresse um processo de desintegração e de reintegração muito rápidos, o que quer dizer que nesse caso deveria ser verificada uma reação térmica mais ou menos notável segundo as diferentes constituições moleculares das pedras ou dos objetos.

Cada um vê que essa concordância entre os efeitos de uma reação molecular físico-química consecutiva a um fenômeno dado, e o que acontece nesses casos de "poltergeist" e de "deslocamento", equivale a uma afirmação indireta da definição proposta.

\*  
\*       \*  
\*

Resta relatar vários exemplos de "manifestações variadas" que, na maior parte, consistem em fenômenos de movimentos, transporte e lançamento de objetos e de utensílios domésticos, aos quais se acrescentam por vezes incidentes de ordem persecutória, como quando se extraem violentamente cobertores de pessoas que estão dormindo, ou quando se viram as camas onde estão dormindo, ou como quando as roupas pegam fogo nos corpos da vítima designada, bem como em cobertores, colchões e casa onde ela mora.

**CASO XXII** – A forma mais simples dessas manifestações é representada pelo caso seguinte, estudado pelo Professor Lombroso. Ele escreve:

Em 16 de novembro de 1900, em Turin, Via Bava, nº 6, em uma casa de espetáculos de um tal Fumero, começaram a ouvir durante o dia, mais especialmente à noite, uma série de barulhos estranhos. Verificando a causa, constataram que estavam se quebrando garrafas cheias e vazias na adega, depois de lançadas de seus compartimentos intactos. O mais frequente, elas desciam do alto e rolavam, amontoavam-se contra a porta fechada, de modo a obstruir a entrada de quem quisesse abrir a porta. No pequeno quarto do piso superior que, no meio de uma escada, ligava ao quarto vizinho da pequena sala de espetáculo, tipo de loja dos fundos, apinhavam-se roupas e alguns desciam pela escada no quarto abaixo. Duas cadeiras, caindo, quebraram. Objetos de cobre que estavam pendurados na parede da loja dos fundos caíram no chão percorrendo longos espaços no quarto, algumas vezes quebrando. Um espectador colocou sobre a cama do quarto superior seu chapéu, que desapareceu instantaneamente e foi encontrado na lixeira do pátio.

Ao examinar atentamente se existiam causas estranhas nesses fatos, foi preciso excluí-las. Em vão recorreram à polícia, depois ao padre. Mesmo enquanto este trabalhava, um enorme recipiente de vidro cheio de vinho quebrou a seus pés. Um vaso de flores, levado no cabaré, desceu sobre uma mesa vizinha do alto de uma prateleira da porta onde tinha sido colocada, sem se quebrar. Dois recipientes de licor que estavam destilando se quebraram. Cinco ou seis vezes, na presença de guardas, uma pequena escada apoiada em um lado da parede, na pequena sala de espetáculo, caiu lentamente no chão, sem, entretanto, machucar ninguém. Uma espingarda atravessou o quarto e foi parar no chão, no ângulo oposto. Duas garrafas desceram do alto com um certo impulso, sem quebrar, e contundiram o cotovelo de um comissário, que relata uma leve contusão.

A massa se acumulava e a polícia, se preocupando, disse ao Fumero que eles suspeitavam de simulação, de modo que aquelas pobres pessoas decidiram sofrer em silêncio. Mais ainda, fizeram crer que tudo tinha cessado depois de uma visita imaginária que eu teria feito, para não acrescentar outras zombarias à situação. Estudei o caso com atenção.

Examinei atentamente os lugares. Pequenos cômodos, dois que serviam de boutique para vender vinho, um de fundos, ligado por uma escada a outro cômodo superior que servia de quarto de dormir, enfim uma adega profunda para a qual se subia por uma longa escada e um corredor. Alguém me disse que haviam notado que quando alguém

entrava na adega, as garrafas se quebravam. Entrei ali, a princípio, sem luz, e ouvi, de fato, vidros quebrando e garrafas rolando sob meus pés. Então, acendi a luz. As garrafas estavam arrumadas em cinco compartimentos, sobrepostas umas às outras. No meio havia uma mesa grossa, sobre a qual eu coloquei seis velas acesas, supondo que os fenômenos espíritos deviam cessar sob forte iluminação. Ao contrário, vi logo três garrafas vazias que estavam a princípio no chão, rolares como impulsionadas por um dedo e quebrarem perto da mesa. Para impedir um possível truque, examinei atentamente, com um castiçal à mão, e apalpando todas as garrafas cheias que se encontravam nos compartimentos, assegurei-me de que não havia ali nem fios nem cordas que teriam podido explicar seus movimentos. Depois de alguns minutos, duas garrafas se soltaram e caíram no chão *sem violência, como que levadas por alguém. Depois da descida, ao invés da queda*, seis se quebraram no chão úmido, já todo inundado de vinho. Duas ficaram intactas. Depois de uns quinze minutos, outras três garrafas do último compartimento caíram e quebraram no chão. Eu saí da adega. Enquanto eu estava no ponto de sair, ouvi uma garrafa quebrar no chão. Fechei a porta e tudo voltou a tranquilidade.

Eu voltei um outro dia. Disseram-me que os mesmos fenômenos continuaram, acrescentando que um pequeno moinho de cobre que se encontrava pendurado da parede tinha saltado de um ponto a outro da boutique dos fundos, chocando-se com a parede de frente até esmagar, o que pude constatar. Duas ou três cadeiras tinham saltado com tal violência que quebraram, sem tocar ninguém que se encontrava ali. Uma mesa igualmente havia quebrado.

Eu precisava examinar as pessoas. Havia um rapaz de treze anos, de aparência normal, e um outro igualmente normal. O patrão era um velho soldado corajoso, que ameaçava os espíritos com uma espingarda. A julgar por sua tez rosada e seu bom humor, ele parecia um pouco alcoolizado. A patroa era, ao contrário, uma pequena mulher de cinquenta anos, cansada, muito magra, sujeita a tremores, nevralgias e alucinações noturnas desde a infância, e passou por uma histerectomia. Então, aconselhei ao patrão afastá-la por uns dias. Ela foi para Nolle, seu país (22 de novembro) e lá teve alucinações de vozes noturnas, movimentos, pessoas, que ninguém viu ou ouviu, mas ela não provocou nenhum movimento. Durante esses três dias, nenhum fato ocorreu no cabaré. Quando ela voltou, os fenômenos se multiplicaram, a princípio violentamente, depois com maior moderação. Isso dado, aconselhei a mulher a se ausentar novamente, e ela partiu (26 de novembro). No dia da partida da mulher, que estava num estado de grande excitação e tinha blasfemado contra os pretensos "espíritos", vimos quebrar, caindo no chão, todos os pratos e garrafas que ela tinha colocado na mesa. Quando a família quis jantar, ela teve de fazer preparar a mesa em outro lugar e por outra mulher, pois nenhum prato tocado pela patroa restou intacto. Então, um fluxo mediúnicó parecia suspeito nela.

Entretanto, durante sua ausência, os fenômenos se repetiram igualmente, e justamente duas de suas botas que estavam em seu quarto desceram as escadas, em pleno dia, às oito horas e meia da manhã, percorrendo no ar a boutique dos fundos, passando desta ao restaurante e, de lá, foram cair, do alto, aos pés de dois clientes sentados em uma mesa (27 de novembro). Alguém as colocou novamente sobre no quarto, continuamente monitoradas, e elas não mexeram mais até o meio dia do dia seguinte. A essa hora, quando todos estavam à mesa, elas desapareceram. Encontramo-las uma semana depois, sob a cama do mesmo quarto.

Como os fenômenos continuavam, chamaram a mulher de Nole. Eles se repetiram na mesma intensidade. Uma garrafa de limonada, por exemplo, que estava no cabaré, sob os olhos de todos, em pleno dia, *percorreu lentamente, como estivesse acompanhada por uma mão*, quatro ou cinco metros até a boutique dos fundos, cuja porta estava aberta, depois caiu no chão e quebrou.

Depois disso, veio ao espírito do patrão afastar um menino, o de treze anos. Tendo partido (7 de dezembro), todos os fenômenos cessaram, o que poderia fazer suspeitar ainda de uma influência desse menino, que, todavia, não era histérico e não provocou próximo a seus novos patrões nenhum acidente espírita. Poder-se-ia admitir também que, mesmo de Nole, a mulher histérica influenciava os objetos de sua casa em Turin, como veremos acontecer mais tarde.

Eis o que escreveu o Professor Lombroso em seu livro *Ricerche sui fenomeni ipnotici e spiritici* (p. 246). Em um outro relato do mesmo caso, publicado anteriormente nos mesmos Anais de Ciências Psíquicas (1906, p. 268), ele reproduziu o testemunho do sr. Pierre Merini, em 9 de janeiro de 1901, do qual extraio esta passagem:

Ali (na adega), em companhia de várias outras pessoas, vi se romperem garrafas sem causa aparente e plausível. Eu quis ficar sozinho para verificar melhor o fenômeno. As outras pessoas aceitaram minha proposição e eu me fechei na adega, enquanto todo mundo se retirava para o fundo do corredor onde começa a escada que conduz ao andar superior. Comecei por me assegurar, com a ajuda de uma vela, que eu estava realmente só. Esse exame era fácil, graças ao tamanho da adega e à dificuldade que haveria de alguém se esconder atrás dos poucos utensílios de uso vinícola que ali estavam. Ao longo das paredes mais compridas da adega haviam disposto uma série de vigas robustas sustentadas em cada ponta por dois pés. Essas pranchas eram inteiramente cobertas de garrafas vazias e

cheias. Observei ainda que a janela que dava para o pátio, que em outros tempos serviu de escada para a adega, estava nesse momento obstruída por uma prancha.

Vi, então, várias garrafas vazias e cheias se romperem por si mesmas, na minha frente. Aproximei uma escada ao local onde elas se quebravam com maior frequência e subi até o último degrau. Peguei uma garrafa vazia que tinha acabado de quebrar e da qual não restava mais que a metade inferior. Isolei-a das outras, colocando-a a alguma distância do local onde ela estava, ou seja, sobre uma das pilhas de sustentação das pranchas. Ao cabo de alguns instantes, a garrafa conseguiu se quebrar em estilhaços. Eis um dos fatos que posso melhor certificar.

Examinando com atenção a maneira como as garrafas quebravam, pude constatar que o rompimento era precedido por uma rachadura especial, própria do vidro quando ele racha.

Observaremos nesse caso o fenômeno curioso e pouco comum de garrafas que sem cair ou se deslocar voavam em estilhaços, e outro bastante comum, mas sempre interessante, de garrafas que, caindo, não se lançavam, mas caíam com uma "lentidão relativa, como que acompanhadas por uma mão". Esse último fenômeno de lentidão na queda ou no percurso dos projéteis já foi amplamente comentada nesta obra. Acrescento que os movimentos sobrenaturais de objetos não se limitam a esses fatos na série de obsessões, mas se manifestam sob as formas mais variadas e mais caprichosas, como veremos no exemplo que segue.

CASO XXIII – Eu o extraio dos Proceedings of the S. P. R (vol. VII, p. 383). Ele foi estudado por Frédéric Myers e pela sra. Sidgwick em 1891. O caso remonta ao ano de 1849, mas o relator, sr. Bristow, tinha conservado as notas tomadas à época sobre os eventos e se serviu delas para estabelecer o relato enviado à Sociedade. Myeres foi encontrá-lo e, comparando o relato às notas, os encontrou perfeitamente acordes. Além disso, a sra. Sidgwick teve o cuidado de interrogar as duas testemunhas principais, obtendo a plena confirmação dos fatos. O relato é longo e eu não trarei mais que passagens essenciais. Os fenômenos aconteceram na vila de Swanland, nas imediações de Hull, em um estabelecimento de carpintaria onde a sra. Bristow trabalhava como aprendiz. Ele escreveu:

Na manhã onde aconteceram os fenômenos, eu trabalhava num banco perto da parede, de onde eu podia observar todos os movimentos de meus companheiros e vigiar a porta de entrada. De repente, um deles se voltou bruscamente, gritando: "Amigos, é melhor vocês manterem com vocês os pedaços de madeira e trabalhar". Pedimos explicações e ele respondeu: "Vocês sabem muito bem o que quero dizer: um de vocês me jogou esse pedaço de madeira". Dito isso, mostrou o pequeno pedaço de madeira de mais ou menos quatro centímetros quadrados. Protestamos, os dois, que não o tínhamos lançado. Quanto a mim, estava certo de que meu outro companheiro jamais tinha parado de trabalhar. A coisa caiu bem rápido e o incidente foi esquecido. Mas, alguns minutos depois, o outro colega se voltou bruscamente como o primeiro, gritando em minha direção: "É você agora que me jogou esse outro pedaço" (indicando, a seus pés, um pedaço de madeira pontudo, da grossura de uma caixa de fósforos).

Eram, então, dois a me acusar, e minhas negativas não serviam de nada, de modo que, rindo, eu disse: "Como não sou eu, suponho que se alguém visou vocês, agora é minha vez". Eu não terminei a frase e um outro pedaço de madeira veio me atingir no quadril.

Eu exclamei: "Alguém me atingiu aqui, há um mistério a resolver. Olhemos em volta de nós" – Nós vasculhamos todos os cantos no interior e no exterior, sem chegar a nada – e essa caso estranho e intrigante forma o tema de nossas conversas durante um tempo. Depois, voltamos ao trabalho. Eu mal tinha começado e as persianas amontoadas no alto nos varões fixados na parede começaram a se agitar com um tumulto tal que parecia que elas iriam se reduzir em migalhas. Logo pensamos: "Há alguém lá em cima". Eu peguei uma escada, subi rapidamente e estiquei a cabeça, mas constatei apenas que as persianas estavam imóveis e cobertas de uma camada intocada de poeira e de teias de aranha. Como descí, e quando minha cabeça conseguiu chegar ao nível dos varões, vi um pequeno pedaço de madeira, espesso como dois dedos, avançar saltitando sobre uma prancha que estava depositada ali e com um último salto de dois pés, veio se colocar perto de minha orelha. Saltei no chão gritando atordoado: "Não é brincadeira! Estão acontecendo coisas sobrenaturais. O que vocês me dizem?"

Um dos meus companheiros concordou. O outro continuou a sustentar que alguém zombava de nós. Enquanto continuava a pequena discussão, do ângulo extremo da butique um pedaço de madeira prendeu voo e foi atingir o cético na borda de seu chapéu. Eu não esqueceria jamais a expressão de seu rosto: ele ficou todo envergonhado e mudou de opinião naquele instante.

De tempos em tempos, um pedaço de madeira talhado momentos antes, e caído no chão, saltava bruscamente sobre

os estabelecidos e se punha a dançar no meio dos instrumentos e, notável, pois apesar de nossas inúmeras tentativas, não conseguimos pegar nenhum pedaço de madeira em movimento, pois eles se esquivavam de todas as nossas estratégias.

Lembro-me de um pedaço de madeira que, do banco, saltou sobre um cavalete situado a três metros dali, de onde saltou sobre um outro móvel, depois em um ângulo da butique, onde ficou quieto. Um outro atravessou a loja como uma flecha, na altura de um metro do chão e foi se chocar contra a porta de um quarto de depósito, sem fazer nenhum barulho. Logo em seguida, um outro pedaço prendeu voo em uma linha ondular, como flutuando sobre um líquido agitado. Um outro voou em linha oblíqua, para depois se colocar tranquilamente a nossos pés. Enquanto o chefe da fábrica John Clarck me explicava os detalhes de um desenho, e que nós dois estávamos com o dedo em cima do desenho, de maneira que entre o dedo de um e de outro haveria uma distância de dois centímetros, um pedaço de madeira pontudo veio se chocar na mesa, passando entre nossos dedos...

Isso é um pequeno exemplo rigorosamente preciso do que acontece no primeiro dia das manifestações, e esse estado de coisas perseverou com maior ou menor intensidade durante seis semanas consecutivas e sempre em pleno dia. Algumas vezes gozávamos de uma tranquilidade relativa durante um dia ou dois, nos quais aconteciam uma ou duas manifestações diárias. Mas havia dias de atividade extraordinária, como se alguém tivesse querido retomar o tempo perdido. Durante um desses períodos, enquanto um funcionário reparava uma persiana sobre o banco vizinho ao meu, eu vi se levantar um pedaço de madeira de uns quinze centímetros quadrados e três de espessura, que descreveu os três quartos de um amplo círculo no ar e foi se chocar com força contra a persiana, no local onde trabalhava meu colega. Esse foi o maior pedaço de madeira que observei no ar. As dimensões da maioria não ultrapassavam as de uma caixa de fósforos comum, ainda que fossem de formas variadas. O último pedaço voador que vi era de carvalho e tinha as dimensões de uns seis centímetros quadrados por dois e meio de espessura. Ele caiu sobre mim do ângulo extremo do teto, formando uma trajetória em linha helicoidal, como uma escada caracol do diâmetro de cinquenta centímetros, mais ou menos. Não seria inútil dizer que todos os pedaços de madeira, sem exceção, vinham do interior da loja e que nenhum chegou pela porta.

Um dos lados mais estranhos das manifestações consistia em que os pedaços de madeira talhados por nós e caídos no chão atravessavam para os cantos da loja, de onde se elevavam até o teto de uma maneira misteriosa e invisível. Nenhum dos funcionários, nenhum dos visitantes que acorreram inúmeros nessas seis semanas de manifestações conseguiram pegar nenhum se levantando. E, todavia, os pedaços de madeira, apesar de nossa vigilância, encontravam rapidamente o caminho do alto, para cair em seguida sobre nós de um ponto onde não havia ninguém no momento anterior. Pouco a pouco acabamos por nos habituar ao fato e os movimentos de pedaços de madeira, que pareciam vivos, e em certas circunstâncias mesmo inteligentes, não nos surpreendeu mais, e praticamente não chamou mais nossa atenção.

Em resposta a uma questão de Myers, o sr. Bristow escreveu, na data de 19 de julho de 1891:

Nenhuma relação existia entre as manifestações e as pessoas. Os funcionários da loja trabalhavam frequentemente nas casas privadas e nós três, que estivemos presentes no primeiro dia das manifestações, trabalhamos muitas vezes e alternativamente fora durante o período onde tudo aconteceu. E mais de uma vez estivemos ausentes os três. O mesmo com os outros funcionários, que se ausentaram todos sucessivamente durante as seis semanas de assombração. Apesar disso, os fenômenos nunca cessaram.

Retiro essas outras passagens do relatório de Myers sobre a conversa que ele teve com o sr. Bristow:

Salvo em casos especiais, os projéteis caíam e se chocavam sem fazer nenhum barulho, ainda que chegassem com uma velocidade tal que em condições normais eles teriam se chocado fortemente.

Ninguém jamais viu um projétil no momento em que ele se lançava. Dir-se-ia que só podia percebê-los quando já tinham percorrido ao menos quinze centímetros do ponto inicial, o que leva a considerar um outro lado do mistério, o de que os projéteis não se moviam senão quando ninguém os via e quando menos se esperava... Por vezes um de nós vigiava atenciosamente um pedaço de madeira durante vários minutos consecutivos e o pedaço não se mexia. Mas se o observador se distraía um instante, esse mesmo pedaço começava seu voo de uma maneira invisível, aproveitava então um segundo de distração de nossa parte.

Algumas vezes a direção dos projéteis era retilínea, mas o mais frequente ela era ondulatória, rotatória, helicoidal, em forma de serpentina ou saltitante.

... Vários visitantes ficaram profundamente impressionados com as manifestações, mas o mais chocado de todos foi o proprietário da loja, sr. John Gray, por uma razão particular. Ele perdeu um irmão, morto em condições econômicas que o tinham afundado em vergonha. Esse irmão tinha deixado um filho, de nome John Gray como seu



tio, que foi acolhido como aprendiz na loja, mas morreu pouco tempo depois da consumação. No país, dizia-se que os credores de seu pai não tinham recebido todo o dinheiro que ele devia (por volta de 100 libras esterlinas) e que o tio era responsável por isso. Além disso, fiquei sabendo que o último desejo do sobrinho tinha sido que seu tio pagasse as dívidas de seu pai. Entretanto, o tio não satisfaz o desejo do morto... Posso testemunhar pessoalmente o terror excessivo pelo qual ele foi tomado quando as manifestações aconteceram. Um dia, ele me chamou para alguns trabalhos e no caminho começou a me falar dos fenômenos. Ele parecia desejar ouvir que eu dissesse que eles poderiam se explicar naturalmente. Ele parecia um homem petrificado pelo terror e eu me convenci de que ele estava submetido a manifestações pessoais das quais nada sabemos... Um dia ficamos sabendo que ele tinha pago os credores de seu irmão e as manifestações cessaram imediatamente. Nenhuma pedra sepulcral tinha sido colocada no túmulo do sobrinho, mas, quando os fenômenos se declararam, o tio se apressou em cumprir também esse dever. Creio que a pedra exista ainda no cemitério de Swanland...

(De fato, a sra. Sidgwick encontrou no cemitério um túmulo com o nome John Gray, morto aos 22 anos, em 5 de janeiro de 1819).

Myers, comentando essa última particularidade de uma morte diretamente relacionada com a assombração (particularidade da qual a sra. Sidgwick obteve a plena confirmação da parte das testemunhas interrogadas) se exprime assim:

Não se encontra nesse caso nenhum "fenômeno intelectual", mas apenas uma projeção inconclusa de pedaços de madeira em todas as direções, obra de uma inteligência qualquer e com a intenção evidente de chamar a atenção sem causar mal a ninguém. Apesar disso, as testemunhas dos fatos concordam, em princípio, que eles são provocados por um homem recentemente morto, com o objetivo de aterrorizar um outro vivo e de induzi-lo a realizar um dever de consciência. E as testemunhas afirmam que o objetivo foi realizado e que logo as manifestações cessaram.

Se considerarmos esse ponto de vista como plausível, tendo em conta provas concomitantes de outra natureza, devemos observar que a distância indeterminada, o absurdo das manifestações não poderiam constituir uma objeção sob esse mesmo ponto de vista, pois ninguém pode se dizer árbitro para julgar sobre quais poderes dispõe, ou a qual limitação de poderes uma entidade desencarnada está sujeita. Em todo caso é certo que os movimentos de objetos tal como se realizaram, fazendo pelo suposto agente parte da experiência adquirida em sua vida e que segundo as testemunhas se mostram eficazes em atingir o alvo a que evidentemente se fixava. É notável também que a manifestação de fenômenos parecia, nesse caso, independente da presença de pessoas especiais.

É assim que Myers comenta esse fato e suas observações colhidas fazem ressurgir de modo evidente e superior o problema da intervenção presumível de entidades desencarnadas mesmo em certas manifestações de "poltergeist", por mais comuns que pareçam, e ainda que sejam ordinariamente relacionadas mediunicamente a pessoas presentes. Como bem disse Alexandre Aksakoff: "Se o espiritismo não oferecesse mais que fenômenos físicos e materializações sem conteúdo intelectual, teríamos atribuído esses fenômenos a um desenvolvimento especial das faculdades do organismo humano. Mas, dado que os fenômenos físicos da mediunidade são inseparáveis de seus fenômenos intelectuais e que esses últimos não obrigam, por força dessa mesma lógica, reconhecer para certos casos a existência de um terceiro agente, além do médium, é natural, lógico, buscar igualmente nesse terceiro agente a causa de certos fenômenos físicos de ordem excepcional" (*Animismo e Espiritismo*, p. 468).

O incidente dos pedaços de madeira que desviavam constantemente das tentativas daqueles que queriam pegá-los em curso também deve ser analisado no caso em questão. Ele é análogo ao citado no caso XVIII onde os projéteis desviavam no ar para não se deixarem capturar.

CASO XXIV. – Eu relato agora um caso misto, onde os fenômenos de transporte e os movimentos de objetos alternam com os de chuva de pedra, fenômenos fônicos e outras manifestações. Ele foi publicado em livreto pelo Prof. Perty da Universidade de Berne, em 1863, e os fenômenos aconteceram no ano de 1862. O Prof. Perty fez contato por carta com a família que morava na casa obsediada e o valor probatório do caso consiste nas cartas obtidas como resposta. O relator deu essas informações:

No mês de agosto de 1862, de 15 a 27, a casa do conselheiro nacional Joller, em Niederdorf, perto de Stans, distrito de Unterwalden, foi o teatro de fenômenos misteriosos. Mesas e cadeiras foram reviradas por uma mão invisível. Golpes foram feitos nas portas e contra as divisórias, portas se abriram e se fecharam sozinhas. Por fim, o barulho tornou-se terrível, as fechaduras saltaram e temeu-se pela demolição da casa. Para as pessoas que estavam no cômodo, os golpes vinham do piso da adega. Para os que estavam em observação na adega, eles iam de alto a baixo. Simultaneamente golpes eram desferidos, como com um martelo, sobre as mesas e cadeiras. Apesar das buscas as mais minuciosas, não conseguiram encontrar uma causa visível nisso tudo, o que não impediu, alguns dias depois, um jornal de Lucerne, *Der Eidgenoss*, insinuar que o fato era explicado pelas provas mais palpáveis: alguém havia encontrado os instrumentos que serviram para a produção dos barulhos no objetivo de depreciar a casa para que talvez fosse vendida em leilão etc.

O conselheiro Joller respondeu a essa afirmação, desprovida de fundamento, no *Bund* de 4 de setembro, declarando formalmente que esse estranho fenômeno, apesar da investigação oficial e das medidas tomadas, não ter conseguido explicar uma causa material. A confusão durou, concentrando-se num círculo menor, até 27 de agosto, e parou por algum tempo. Podemos admitir perfeitamente que esses barulhos não eram produzidos por mãos humanas. Para uma família numerosa, esses foram, como pensamos, dias de um indizível terror que tiveram consequências cruéis.

As pessoas quiseram, como sempre, dar uma explicação mecânica. Os devotos viram ali a obra do diabo, contra a qual Joller se exprimiu com indignação. Esse caso novo teve provocações na imprensa suíça e estrangeira. Falava-se, como de costume, em ilusões, zombaria etc. No *Allgemeine Zeitung*, de 28 de setembro, um correspondente de Berne assegurou que a palavra final foi encontrada, que a causa dessa confusão é o filho de 18 anos do sr. Joller, que teria aprendido, perto de Bohémiens, todos os tipos de truques e os teria exercido para assustar seus parentes e se divertir. Solicitei informações e o sr. Joller me escreveu o que segue, na data de 2 de outubro:

"Em resposta a vossa honrosa de 30 de setembro, informo que os fenômenos misteriosos, todavia sem a violência tumultuosa do início e com intervalos mais longos, continuam em minha casa e que os jornais dos quais o senhor me fala não contém sequer uma palavra verdadeira quanto a isso".

Depois de lamentar que a Comissão de investigação não tenha ouvido, para redigir o relatório, as inúmeras e honrosas pessoas que foram testemunhas oculares e auriculares desses estranhos fenômenos, o sr. Joller acrescenta: "De um lado, exposto ao fogo cruzado de uma população grosseira e fanática, de outro, à imprensa incrédula, caluniadora e debochada, fui, com uma família numerosa, abandonado a meu infortúnio e hoje a saúde abalada de minha mulher de meus filhos me força a mudar de casa no primeiro dia. Tratei, no começo, de guardar o mais profundo segredo sobre o caso, mas o alarido foi tão forte que tudo causava medo e eu não pude me calar por mais tempo. Os fenômenos, que, apesar de mim tiveram de convencer meus sentidos, totalmente acordado, a dia claro, durante seis semanas e frequentemente até dozes vezes por dia, são de natureza diversa. No começo, com uma intensidade crescente dia a dia, ouviam-se golpes contra as paredes, as pranchas e sobretudo contra as portas da casa. Quando esses fenômenos eram muito violentos, as portas se abriam e se fechavam, arrancadas das fechaduras. Esses barulhos diminuíram pouco a pouco para se tornarem uma leve sacudida, tal como eu e meus filhos ouvíamos há anos, mas jamais demos importância. Durante três dias, mesas, cadeiras, louças foram reviradas, fosse com barulho, fosse sem barulho. Mais tarde, quadros foram levantados das paredes, vasos retirados das mesas e cômodas, depois colocados de cabeça para baixo no chão, todos os tipos de objetos eram estranhamente pendurados nos ganchos das paredes. Finalmente, *os quadros eram retornados às paredes, sob nossos olhos*. Pedras, frutas, roupas etc., eram jogadas de todos os lados e escondidas algumas vezes em lugares escuros, apesar das fechaduras. Frequentemente, pedras foram lançadas na chaminé. Nada foi quebrado nem danificado e as pedras que, do alto da chaminé, atingiram um ou outro filho, causaram um choque que mal se sentia. Um fenômeno terrível, que quase custou a vida de meu filho, foi a aparição de nuvens sem forma determinada que, por várias vezes, em pleno dia, puderam ser observadas até por pessoas que não moravam na casa. O que era insuportável era o contato de uma mão gelada e da extremidade de dedos, assim como uma corrente de ar glacial produzida como que por um rápido bater de asas, tal como sentimos todos os moradores da casa, na maior parte do tempo à noite, mas também de dia. Imitava-se também, com singular perfeição, o barulho de um relógio, de um banco com rodas, madeira rachando, contando dinheiro, ajustamentos de cantos e sons articulados como que por uma língua humana. Em geral, esses barulhos, frequentemente muito fortes, tinham alguma relação com o trabalho e a conversa de pessoas da casa. O último fenômeno aconteceu anteontem à noite, por volta das oito horas: uma pedra úmida de orvalho foi lançada da escada quase em frente a porta do apartamento. Uma parecida caiu igualmente da chaminé na cozinha. Há apenas sete semanas esses fatos teriam me feito rir e dar de ombros, mas hoje convém que eu os afirme com todas as forças de meu ser.

Perty acrescenta: "O conselheiro nacional, Joller, que é considerado por todos como um homem leal, esclarecido, amigo da verdade, consolar-se-á da perturbação e da inquietude que lhe causaram os fenômenos misteriosos pensando que eles contribuem para o alargamento do horizonte do espírito abrindo visões sobre uma nova ordem de coisas e que o julgamento falso levado a ele por alguns não provêm senão da ignorância de pessoas que pensam maquinalmente" (*Anais de Ciências Psíquicas*, 1895, p. 94).

Nessas observações de Perty, desenha-se talvez uma boa resposta à maior objeção contra a origem espírita de muitos fenômenos de "poltergeist", objeção fundada em sua vulgaridade, combinada à ausência de fins aparentes ou plausíveis em si. Ora, partindo-se do fato de que não são raros os exemplos onde os fins aparentes existem e são de ordem espírita, (como no caso XXIII) e do outro fato de que a vulgaridade de manifestações poderia unicamente representar a *via de menor resistência* à disposição da entidade comunicante a fim de estabelecer uma relação com os vivos, poderíamos sempre crer, com o professor Perty, que, em tese, as manifestações são úteis por contribuírem ao alargamento do horizonte do espírito ao abrir vias sobre uma nova ordem das coisas". Ou, noutros termos, porque elas teriam por objetivo impressionar os homens, fazendo surgir em sua alma a ideia de um mistério na vida, sacudindo seu ceticismo e reconduzindo-os à meditação sobre a possibilidade da existência de uma alma que sobrevive à morte do corpo, com todas as consequências sociais e morais que daí derivam. Se admitimos isso, admitiremos que, graças às manifestações em questão, um objetivo muito nobre seria atingido por meios modestos ou comuns, o que se adaptaria à natureza muito frequentemente vulgar do homem, entre os quais um grande número permanece cético diante de qualquer argumentação filosófica ou psicológica a favor dessa sobrevivência, mas se tornam confiantes diante de fatos concretos de ordem sobrenatural, por mais banais que pareçam.

Eu devo, entretanto, observar que a explicação do professor Perty e também a de Myers não bastam para eliminar todas as incertezas teóricas inerentes aos modos de extrinsecação de manifestações de "poltergeist", pois há, enfim, casos onde elas não parecem apenas vulgares e não concludentes, mas são literalmente aterrorizantes e prejudiciais às pessoas. Nessas circunstâncias, elas tomam o nome de "manifestações persecutórias". São, por exemplo, os dois casos que seguem:

CASO XXV. – Ele foi esquecido por Alexandre Aksakoff, na obra intitulada *Os precursores do Espiritismo nos últimos 250 anos*, obra traduzida em alemão por Feilgenhauer, e da qual o professor Walter Leaf publicou um longo relatório nos *Proceedings of the S. P. R.* (volume XII, p. 319). Quanto ao episódio que segue, ele escreve estas observações:

Esse caso se passou em uma pequena vila russa e graças ao fato de ter acontecido em uma propriedade do Estado, foi submetido a uma rigorosa investigação oficial, de modo que excluiu todas as dúvidas. Alexandre Aksakoff publicou inteiramente os documentos, compreendendo os depoimentos de todas as testemunhas. A relação seguinte foi redigida por mim, de acordo com esses documentos.

Em janeiro de 1853, um pelotão de cavalaria tendo por sede a vila de Lipsty, domínios de Karkhoff, era comandado pelo capitão Jandachenko, que, com sua mulher, morava numa casa de quatro quartos, destinada ao alojamento de oficiais pelo Conselho do município. A casa tinha pertencido a uma família de camponeses e durante o tempo que moraram ali nada de anormal aconteceu. Parece, entretanto, que em janeiro de 1852 alguma coisa misteriosa se passou ali, mas, como apenas uma testemunha fez por acaso uma alusão a esse fato, passaremos adiante, começando por 9 de janeiro de 1853, época onde começa o relato.

Nesse dia, o casal Kandachenko tomou posse da casa, a qual era separada em duas partes por um corredor, uma das quais se encontrava um quarto de dormir e uma pequena sala, e na outra uma grande câmara e a cozinha. Na cozinha dormiam os empregados, que nessa noite estavam em cinco: duas mulheres chamadas Ephimie e Matrone e três soldados, um de nome Vasil, solicitado pelo capitão, enquanto que os outros estavam a seu serviço temporariamente. Quando os serventes acenderam a luz, mas antes que fossem dormir (e quanto a isso as testemunhas estão de acordo, várias taças e copos de madeira que estavam sobre o fogão foram lançados pela cozinha. Acenderam a luz e os objetos continuavam a voar em todas as direções, movendo-se ainda quando ninguém os olhava, e não conseguiram descobrir a causa do fenômeno. No dia seguinte, 5 de janeiro, o capitão Jandachenko foi até o cura da vila – Victor Salyezneff – para informar os fatos e este visitou a casa no dia 6, acompanhado de seus assistentes. Em seu testemunho, ele conta o seguinte: "Desde que entrei na casa, vi cair uma pequena pedra no corredor; depois uma tigela cheia de sopa se precipitou aos meus pés, ainda que eu estivesse rodeado pelos assistentes munidos de ícones. Logo depois, vários golpes ressoaram". O capitão acrescenta que quando foram pulverizar água benta na casa, um machado posto no sótão do corredor foi lançado com força e grande barulho contra a porta. Um outro padre – o padre Loukowski – também depõe sobre esse dia: "Tendo ido à cozinha com vários companheiros, vimos voar uma garrafa, que foi se chocar contra a porta do corredor, onde não havia ninguém. Eu soube do capitão que a garrafa

estava fechada à chave no armário do salão".

Apesar na ineficácia da água benta, os bons padres não se desencorajaram: voltaram no dia seguinte com a artilharia pesada de seu ministério e reforçados por um terceiro padre, vários assistentes, muitos ícones. Eles procederam com um trabalho religioso solene. Mal haviam começado quando na presença de todos uma pedra bateu na janela da cozinha, onde não havia ninguém, fazendo voar as esquadrias em pedaços. Depois, um pedaço de madeira e um balde cheio de água voaram da cozinha para o meio da comitiva santa, onde o balde se descarregou. Mas o horror dos assistentes chegou ao ápice quando viram uma pedra se precipitar na bacia de água benta. Só restava borrifar novamente a casa de água purificada, ao que os padres se entregaram apressadamente. Mas os fenômenos continuaram e o capitão voltou a invocar outra cerimônia de exorcismo contra os "espíritos malignos" e essa cerimônia teve o mesmo resultado.

Nesse dia, as mesmas manifestações se repetiram diante de outras testemunhas. Mas, no dia seguinte, as coisas ficaram ainda piores: a cama onde dormiam os esposos Jandachenko pegou fogo espontaneamente diante deles. Eles conseguiram apagar a tempo, mas o fogo começou de um outro lado e eles tiveram de recomeçar. Ao mesmo tempo, dois pedaços de tijolo atingiram sucessivamente a janela, reduzindo quatro quadrados em migalhas. Depois dessa aventura, o capitão Jandachenko decidiu abandonar a casa, mas alguns dias depois voltou e recorreu pela quarta vez à obra de um quarto padre exorcista, obra que parece ter sido de uma certa eficácia durante algum tempo, pois os fenômenos reduziram a alguns "gemidos lúgubres" ouvidos na cozinha pelos empregados.

Todavia, depois de alguns dias, as manifestações recomeçaram. Em 22 de janeiro o capitão chamou vários amigos para assistirem aos fatos e nessa ocasião o soldado Vasil foi ligeiramente atingido na cabeça por uma faca lançada contra ele pela "influência maligna". As coisas foram de mal a pior, a ponto de ter de encher a segurança da casa, colocando-a sob a vigilância de uma guarda de camponeses, mas a vigilância não serviu de nada e na tarde de 23 o teto da casa incendiou espontaneamente e foi destruído em pouco tempo. Não foi possível apagar o fogo, pois os esforços dos bombeiros foram contrariados por nuvens de fumaça densa e fétida que lhes foram lançadas no rosto.

Esse último incidente levou o chefe da polícia do distrito a ordenar uma investigação, que foi executado em 4 e 5 de fevereiro, com um resultado completamente negativo, pois nenhum indício foi descoberto contra ninguém, como apareceu no relatório redigido pelos funcionários que ali atendiam. Entretanto, depois da investigação a quietude voltou por alguns meses.

Durante esse tempo, o capitão Jandachenko foi transferido definitivamente para outra casa e nessa nova casa os fenômenos recomeçaram. Em 23 de julho, viam-se travesseiros voarem no ar e esvaziarem-se os baldes de água. O capitão teve imediatamente o cuidado de fazer com que a casa fosse vigiada pelos camponeses, que se dispuseram ao redor, mas tudo foi inútil. No dia 24, as coisas pioraram e na manhã aconteceu um acidente grave: às 8 horas, de repente o telhado de palha da casa estava em chamas. A rápida intervenção dos camponeses fez com que o fogo apagassem antes da chegada dos bombeiros e suas bombas. Todavia, quando eles chegaram, foram retidos por medida de segurança. Às três horas da tarde, perceberam que uma fumaça densa saía do sótão dessa ala da casa e um soldado corajoso entrou ali e tirou um colchão em cujo interior o fogo se fazia. Pela segunda vez, evitou-se um desastre. Mas, por volta das cinco horas, eis que de repente um golpe de vento súbito se levanta e chamas saem de todas as partes do teto. Dessa vez, o fogo se propagou com uma rapidez tamanha que os bombeiros não tiveram tempo de fazer funcionar suas máquinas, conseguindo a duras penas salvá-los do fogo. As consequências foram que a casa do capitão e outras quatro ficaram completamente destruídas.

Esse acidente grave leva a uma segunda investigação rígida, que durou cinco dias (de 27 a 31 de julho) durante os quais os habitantes da vila foram interrogados. Como não se pode concluir ou descobrir nada, a questão foi deferida ao tribunal civil de Karkhoff, que se ocupou dela com extrema dedicação. A última investigação quanto ao tema foi ordenada três anos depois dos eventos (julho de 1856) e o relatório compreende os resumos de todos os resultados precedentes. A longa acusação teve fim com uma declaração de juízes onde eles reconheciam explicitamente que não havia suspeita sobre ninguém. Depois disso, os documentos foram gravados em arquivos, de onde Alexandre Aksakoff os obteve.

Esse é o interessante caso resumido pelo professor Walter Leaf. É um dos raros exemplos onde as manifestações de assombração seguem a família em sua nova casa. Em geral, acontece o contrário: se a família obsediada vai para outro lugar, as manifestações se atenuam ou cessam na casa obsediada, mas não se repetem no novo domicílio. Essa circunstância de manifestações que, dessa vez, aderem às pessoas mais que aos lugares, deve considerar a razão principal como a de origem "persecutória". Entretanto, enquanto nos outros episódios de caráter persecutório a figura da vítima se destaca com precisão, aqui não há nada de parecido e essa falha não pode ser atribuída a nenhuma negligência da parte dos relatores, pois as autoridades encarregadas de três investigações oficiais não teriam falhado em fazer notar o fato se ele existisse.

Do ponto de vista espiritualista, não se conseguiria justificar manifestações dessa natureza, a menos que se aceitem as versões populares de existência de "espíritos malignos" e da possibilidade de "vinganças além-túmulo"; versões puramente tradicionais e totalmente gratuitas, mas que não se conseguiria substituir por outras menos gratuitas, pois a única hipótese deve ser atribuída aos gestos desordenados de um "Eu subconsciente" capaz de se transformar em persecutor de si mesmo e essa hipótese é ainda mais gratuita e mais absurda do que as versões populares mencionadas.

CASO XXVI - Esse segundo exemplo de manifestações persecutórias foi igualmente publicado por Alexandre Aksakoff na obra citada e eu o extraí do mesmo artigo do professor Walter Leaf (*id.*, p. 322). Trata-se de um caso extraordinário, cuidadosamente estudado por Aksakoff, que reuniu vários relatos escritos de várias testemunhas, coletados em cartas da época onde haviam descrito os fenômenos e conseguiu o relatório publicado no tempo em que se passaram no jornal *Uralsk Gazette*, bem como o relatório sobre a investigação ordenada para isso, pelo governador da província. Aksakoff já tinha publicado um longo resumo do caso na obra *Animismo e Espiritismo*, mas nesse relatório integral observamos detalhes novos e interessantes.

O relator, sr. Shchapoff, era o chefe de família que morava na casa obsediada, nas imediações da cidade de Iletsky, governo de Uralsk (Orenbourg).

O relatório é longo e serei obrigado a omitir as passagens não essenciais. O sr. Shchapoff escreveu:

Em 16 de novembro de 1870, entrei em casa vindo da cidade de Iletsky, a vinte quilômetros dali. A família era composta por mãe e minha sogra, as duas com 69 anos, minha mulher, que tinha pouco mais de vinte anos, e uma filhinha que ainda mamava. Minha mulher veio a meu encontro me contando que há dois dias elas não dormiam devido a eventos extraordinários acontecidos na casa. Recebi a notícia com uma piada, quando vi que minha mulher parecia seriamente impressionada, e escutei o seguinte relato:

"Na noite do dia 14, a criança se mostrava irritada e, para tranquilizá-la, minha mulher chamou a cozinheira Marie, que tocou gaita dançando em volta dela, assim conseguindo que ela dormisse. Pouco tempo depois, minha mulher, encontrando-se na sala e conversando com uma de nossas vizinhas, viu estremecer bruscamente, depois se retomar explicando que ela tinha visto uma sombra humana passar na frente da janela. Enquanto ela dizia isso, as duas perceberam efetivamente uma sombra deslizar do lado de fora da janela. Elas iam sair para ver os locais, quando, do sótão, chegou a seus ouvidos um som cobrindo o da gaita acompanhou a dança executada no instante anterior pela cozinheira Marie. Essa dança é claramente reconhecida por seu ritmo característico "a três tempos". Elas supuseram, naturalmente, que Marie estava trabalhando ali, mas, para sua grande surpresa, a encontraram dormindo na cozinha, enquanto que do alto a dança continuava. A jovem cozinheira acordou e, munido-se de luz, subiu ao sótão, onde não encontrou ninguém. Durante esse tempo, como as duas damas tinham ouvido um martelar sobre as persianas, chamaram o moleiro e o jardineiro, que percorreram cuidadosamente os arredores, sem nada descobrir. Nesse tempo, continuavam as marteladas e as danças, que se prolongaram até a manhã, impedindo todo mundo de dormir. Na noite seguinte, às dez horas, ainda as danças no alto e o martelar sobre as persianas, e isso até a manhã, apesar da vigilância dos membros da família e de toda a vizinhança".

Esse foi o relato de minha mulher. Eu fui interrogar o moleiro, que confirmou plenamente todas essas falas, mas acrescentou que tinha descoberto e levado um ninho de pombos na borda do teto. Esse ninho, segundo ele, era a causa dessa movimentação. Fiquei satisfeito com a explicação e, dando a minha mulher uma pequena lição sobre os perigos da superstição, não me preocupei mais com o incidente. Quando peguei meu chá, abri um volume das viagens de Livingstone, absorto na leitura. Minha mulher se retirou com a criança para seu quarto, que era separado do meu por uma porta de vidro. Estava tudo tranquilo, eu lia com vivo interesse há mais de duas horas, quando um tipo de arranhado vindo do sótão se fez ouvir. Supus que o cachorro tinha entrado ali, mas o som se transformou no som de uma dança "a três tempos", que parava por intervalos para então retomar, e foi fácil localizar o ponto: exatamente abaixo da cama da minha mulher. Enquanto eu escutava, ouviam-se pequenos golpes sobre os quadros da janela de minha mulher, que pareciam executados com as pontas dos dedos. Depois, ficaram mais distintos e feitos com as unhas. Fui ver através da porta de vidro com a luminosidade de uma luz fraca e vi minha mulher dormindo profundamente. Exatamente nesse instante soou uma batida forte que acordou minha mulher. Ela, olhando ao redor e me vendo, perguntou se eu tinha escutado. De minha parte, perguntei se, por acaso, ela não teria batido. Como se alguém quisesse responder a minha pergunta, um golpe ressoou na janela de meu quarto. Corri prontamente e observei o corredor iluminado pela lua, mas nada vi. Eu me escondi perto da janela, prendendo a respiração, na

intenção de surpreender o culpado, mas, ao contrário, dois golpes ensurdecedores ressoaram na parede, golpes que sacudiram a casa como um tremor de terra. Involuntariamente, saltei para trás enquanto minha mulher gritava: "Oh, meu Deus! Começou!", e se pos a rezar. Peguei meu casaco, minha arma, e mandei chamar o jardineiro. Logo depois começamos buscas minuciosas em volta da casa e soltamos os cachorros. Mas nem nós, nem os cachorros descobrimos traços do que quer que seja, ainda que a noite estivesse esplendidamente iluminada pela lua e o ar perfeitamente tranquilo. Observamos atenciosamente a camada de neve sob a janela: nenhuma impressão. Quando enfim voltamos, as pessoas que ficaram perguntaram se os golpes que elas tinham ouvido foram feitos por nós. Durante esse tempo, o barulho de danças continuavam no alto e nós subimos ao sótão com velas e lâmpadas, vasculhando todos os cantos, mas sempre inutilmente. E cabe observar que durante nossa presença no lugar, tudo estava tranquilo. Mas quando descíamos para o quarto de baixo, as danças e os sons recomeçavam... Na manhã seguinte, as manifestações foram menos violentas e depois de dois dias elas cessaram completamente. Discutimos os fatos com os vizinhos e os amigos por muito tempo, mas, em 20 de dezembro, encontrando-me com um convidado, tive a ideia de fazer uma experiência, pedindo a Marie que repetisse a dança que começou os fenômenos. Quando a jovem cozinheira começou os primeiros passos, ouvimos golpes nos quadros da janela, que se puseram a acompanhar o ritmo da dança, constituído por "sete tempos" terminando cada vez por dois ou três golpes fortes. E as manifestações persistiram até a meia-noite.

Na noite seguinte, numa hora tardia, os golpes recomeçaram sem danças preliminares. Ao mesmo tempo se fez ouvir um som cavernoso que parecia vir do cano da chaminé. Pouco depois, os objetos do quarto, incluindo-se os sapatos e as pantufas, colocaram-se a voar em todas as direções, batendo no teto e nas paredes. Algumas vezes eles assobiavam no voo. Mas o fato mais estranho foi este: quando os objetos caíam sobre o tapete espesso do chão, eles produziam um barulho que não tinha relação com a causa. Assim, um pedaço de tecido retirado da cama caía produzindo um choque parecido ao de um corpo sólido muito pesado - e, ao contrário, um corpo sólido grande caía sem barulho.

...Em 8 de janeiro, minha mulher viu surgir de sua cama um pequeno globo luminoso, que se desenvolvia rapidamente, atingindo o diâmetro de um prato e sua impressão foi tão grande que desapareceu. No dia seguinte, os golpes se fizeram ouvir às 3 horas da tarde, ou seja, em pleno dia e quando minha mulher dormia. A partir desse momento, eles começaram a seguir os passos de minha mulher, onde quer que fosse no quarto, o que foi a causa de sérias preocupações para nós. Eu temia por sua saúde e não tanto pelos fenômenos em *si* - que não pareciam perturbá-la excessivamente-, pelo fato de que a cada manifestação de golpes, ela experimentava uma fraqueza especial, acompanhada de uma sonolência invencível. Decidimos, conseqüentemente, abandonar por um mês nossa residência e ir para a cidade.

Partimos na manhã seguinte. Mal chegamos, encontramos o Dr. Shustoff, meu amigo, que, ouvindo do que se tratava, explicou que os fenômenos dependiam de uma força elétrica ou magnética, causada pela particularidade do terreno, ou pelo organismo de minha mulher. Essa explicação pouco clara libertou nossos espíritos pouco imbuídos de ciência, e convidamos o doutor a fazer suas constatações nos locais. Voltamos à casa e quando chegamos, pedimos a Marie que dançasse. Obtivemos apenas golpes fracos, mas o doutor pode ouvi-los nos quadros da janela enquanto minha mulher estava visivelmente adormecida no ângulo oposto do quarto. Isso foi suficiente para desenvolver com maior amplidão sua teoria da força elétrica e nossa satisfação foi grande, pois podíamos enfim banir o pensamento atormentador de "espíritos". Também minha mãe, que rezava há dois meses sem parar, fazendo o sinal da cruz cem vezes por dia sem nada influenciar sobre os fenômenos, sentia agora que ela respirava mais livremente. Apesar disso, não renunciamos ao planejado passeio na cidade e partimos novamente.

Apenas os empregados ficaram na casa. Durante nossa ausência, não perceberam nenhuma manifestação. Eu acrescentaria que voltei uma vez em companhia de um amigo, pedindo a Marie que dançasse, sem resultado. Voltamos em 21 de janeiro e, conosco, as manifestações. De fato, quando minha mulher foi dormir, os golpes recomeçaram e os objetos voltaram a voar. Mas dessa vez voavam também utensílios perigosos e nessa noite uma faca de mesa foi lançada com violência contra a porta. Tentamos evitar o perigo trancando nos armários as facas e os garfos, mas, por volta da meia-noite, tudo recomeçou na casa. Sentíamo-nos invadidos pelo pavor e éramos agradecidos aos amigos que vinham nos fazer companhia.

Quanto à teoria elétrica do Dr. Shustoff, ela sofreu um último assalto na noite de 24 de janeiro. Naquela noite, minha mulher conversava com um convidado, chamado Alekseeff, e eu estava com a criança no colo, cantando para distraí-la. Quando parei de cantar, eles me pediram para continuar, e depois para mudar de canção. Eu o fiz e pela primeira vez percebi que os golpes na janela batiam ritmados ao meu canto. O sr. Alekseeff se pôs a cantarolar e os dedos invisíveis bateram igualmente ritmados, perdendo-se somente quando ele mudou bruscamente de canto e de ritmo. Tentamos, então, cantarolar a meia voz. Depois, reduzimos o canto a um simples movimento de lábios; enfim *modulamos mentalmente*, e os golpes conservaram a mais perfeita sincronia de ritmo... Descobrimos logo que a "força" não apenas repetia o número de nossas batidas, mas reproduzia exatamente as que *tínhamos em mente*...

Então, comecei a dirigir questões a essa "força": "Você que se manifesta, é homem? - (Silêncio). - Você, então, é um espírito? - (Uma batida). - Bom? - (Silêncio). - Mal? - (Duas batidas fortes). - Qual é o seu nome?". Falei um

grande número de bons espíritos, sem obter resposta... Mas, desde que voltei meu pensamento ao nome genérico pelo qual designamos o Poder do Mal, hesitando pronunciá-lo, as batidas ressoaram, de tal modo que tivemos que dizer o que eu queria prender nos lábios: e então eu pronunciei o nome "Demônio", ao qual respondeu com uma batida na porta, tão forte e ensurdecadora, que todos recuamos...

Para abreviar, não relatarei a sequência de diálogos, que aconteceram em dois momentos, e não apresentam outra particularidade senão a da "leitura de pensamento". Apresento, apenas, que foi dirigida à "força inteligente" uma pergunta implicando o porvir e que se relacionava ao resultado da guerra franco-alemã, então engajada, ao que respondeu profetizando a vitória da França. É fácil deduzir que ali também a "força inteligente" não fez mais que ler no pensamento dos assistentes sua opinião sobre o tema.

... Esperando a seção do Orenburg da "Sociedade Geográfica Imperial", tendo ouvido falar de manifestações, me pediu um relatório, sobretudo quanto ao fenômeno meteorológico do globo luminoso. Escrevi o relatório e enviei uma cópia para o Dr. Shustoff, inventor da teoria elétrica, perguntando a ele se ele permanecia com a mesma opinião. Para minha surpresa e satisfação, ao invés de me responder, ele veio me encontrar em companhia de dois de seus amigos: o engenheiro do governo Mutin e o literário Savicheff, redator do jornal *Uralsh Military Gazette*.

Os três se apresentaram como simples curiosos interessados nos fatos, mas descobrimos que eles, ao contrário, eram oficiais encarregados de uma investigação pelo general Verevkin, governador da província. Coloquei minha casa à disposição dos hóspedes, que começaram por uma visita minuciosa aos locais. As manifestações, que tinham cessado há algum tempo, retomaram com a chegada deles e iniciaram com golpes e lançamentos de objetos. No dia seguinte, pela manhã, eles usaram seus aparelhos, revirando até o chão do quarto de dormir de minha mulher, com o objetivo de plantar uma haste de ferro no terreno de baixo. Essa haste de ferro foi posta em contato com a porta, a qual cobriram os vidros com folha de estanho. Perto da porta, colocaram uma garrafa de Leyden, amantes e outros utensílios. Não sendo eu muito hábil para descrever seus preparativos, eu diria logo que toda essa aparelhagem não trouxe nenhum esclarecimento sobre a causa dos fenômenos.

Tínhamos também um diário onde todas as observações eram minuciosamente anotadas e, nessa finalidade, montávamos guarda regularmente no quarto de minha mulher.

Seu primeiro cuidado foi estabelecer de algum modo o sistema de extrinsecação dos fenômeno, mas poder-se-ia dizer que os fenômenos se divertiam desorientando-os. Desde que começaram, e enquanto tomávamos chá, as pinças, as colheres, outros utensílios desse tipo foram projetados para longe de minha mulher, em linha reta. Concluímos unanimemente que do organismo de minha mulher saía uma força repulsiva e, quando pensávamos ter enfim tomado um fio de orientação, aconteceu de minha mulher ir ao armário e os objetos dispostos em seu interior voarem em sua direção, alguns seguindo suas rotas.

Observo ainda que apesar do mais atencioso controle, ninguém conseguiu perceber os objetos quando saíam, mas somente quando voavam ou caíam. Tentamos fazer tocar em minha mulher todos os objetos dispostos no armário e nenhum se mexeu. Entretanto, enquanto nossa atenção se concentrava na experiência, do ângulo oposto voaram um castiçal e uma concha, que caíram aos nossos pés.

Essas experiências continuaram por vários dias. Depois, as manifestações mudaram. Uma noite, Akutin, enquanto fazia a guarda do quarto de minha mulher, chamou para dizer que tinha ouvido um som de fraco arranhar na cama onde minha mulher estava dormindo. Ele tentou imitar o som arranhando a colcha de seda e seu ato tinha sido imediatamente reproduzido no mesmo lugar. Ele repetiu a experiência e o resultado foi conforme suas palavras. Multiplicaram os ensaios determinando os sons de diferentes intensidades na colcha, nos travesseiros, nos pés da cama e nas cadeiras. O som se repetia sem falhar, no local onde eram feitos. Então, Akutin pediu à "força" que dissesse quem de nós tinha produzido o barulho e, para isso, ele pronunciou nossos nomes sucessivamente, enquanto que a "força" indicava o autor através de uma batida, sem jamais errar. Inútil dizer que vigiávamos rigorosamente minha mulher, que estava em sua cama com as costas voltadas para nós e não podia nos ver.

Akutin ficou algum tempo mudo e pensativo... depois, me perguntou se eu consentiria em ir à vila com minha mulher para futuras observações. Eu consenti. Chegando a Iletsky, os fenômenos ficaram extremamente fracos e não se ouvia mais os golpes senão nas imediações de minha mulher. Akutin levou consigo dois médicos. Um dos dois chamava-se Dubinsky, era alemão e se mostrava de um ceticismo irreduzível. Ele declarou que minha mulher produzia os golpes fazendo estalar a língua e pediu a ela que mantivesse a língua do lado de fora. Os golpes cessaram por um instante, depois voltaram e continuaram. Então, ele saiu declarando que os golpes eram as batidas do seu coração! Então, quando Akutin manifestou a intenção de publicar um relatório favorável aos fenômenos, o Dr. Dubinsky se opôs energicamente, advertindo que ele estaria se comprometendo sem nenhum objetivo, visto que essas pretensas maravilhas eram de origem fraudulenta e que todas as investigações desse tipo tinham sempre provado a fraude. Essas palavras exerceram uma impressão profunda no espírito de Akutin, que ficou perplexo e

confuso... Ele terminou por declarar que o Dr. Dubinsky tinha razão, que de todo modo ele iria pensar em redigir um relatório que não nos causasse nenhum incômodo e que, como éramos vítimas de uma mistificação à qual minha mulher tinha se deixado levar em razão do estado mórbido em que se encontrava, ele aconselharia confiá-la aos cuidados de um médico especialista.

De fato, confiei minha mulher aos cuidados do Dr. Dubinsky. Sua saúde psíquica e moral melhorou, ao passo que as manifestações cessaram completamente. Poderíamos, então, considerarmo-nos felizes e satisfeitos se dois fatos não tivessem nos atingido profundamente: um é que o *Uraslk Military Gazette* publicou um artigo assinado pelos três membros da comissão onde diziam que os prodígios averiguados em nossa casa eram devidos a uma ação exclusivamente humana; o outro é que recebemos um comunicado do governador da província, onde nos diziam que depois da investigação os fenômenos se mostraram fortemente explicáveis e, conseqüentemente, advertiam-nos que eles não deveriam acontecer mais, sob pena de incorrer em punições próprias a quem propaga a superstição.

Depois dessa advertência oficial, que julgamos horrível, voltando em março para nossa casa, assistimos a renovação imediata dos fenômenos! E dessa vez, mesmo a presença de minha mulher não parecia necessária. Um dia, vi com meus próprios olhos o sofá no qual minha mãe estava sentada dar quatro saltos, nos quatro pés, para o terrível espanto da pobre senhora. Esse incidente se imprimiu em minha alma de uma maneira indelével, tanto que antes eu sempre tinha observado os fenômenos em companhia de pessoas que me influenciavam a ponto de não me permitir crer no testemunho de meus olhos. Mas, dessa vez, eu estava só com minha mãe, o fenômeno aconteceu em dia claro e eu tinha visto claramente o móvel se levantar do chão três ou quatro vezes, sobre os quatro pés.

Nessa mesma noite, estávamos na sala quando um de um lavabo localizado na ante-sala, à vista de todos, soltou-se uma centelha azul e crepitante que deslizou rapidamente na direção do quarto de minha mulher, ainda que ela não estivesse ali. Ao mesmo tempo, percebemos o reflexo de uma chama no interior. Eu me precipitei no quarto e vi que o fogo tinha atingido um roupão de algodão que estava em cima de uma mesa de canto. No quarto estava minha sogra, que prontamente jogou uma jarra de água nas chamas. Procedi com um exame minucioso no cômodo, sem descobrir outro motivo para o incêndio senão a centelha crepitante que tínhamos visto. Respiramos um odor acre de enxofre que parecia exalar do roupão, cuja parte atingida pelo fogo ainda queimava e esfumaçava mais do que se tivéssemos jogado água sobre um ferro em brasa.

No dia seguinte, fui chamado à vila para negócios mais urgentes e ainda que me fosse difícil me afastar de minha família nessas condições, pude me liberar. Ao partir, pedi a um jovem vizinho, de nome Portnoff, que me substituísse durante minha breve ausência.

Quando retornei, dois dias depois, encontrei minha família, que estava se desalojando, com malas na rua, prontas para serem carregadas. Soube que queriam fugir porque os móveis da casa tinham começado a pegar fogo espontaneamente e, sobretudo, porque na noite anterior o robe de minha mulher incendiou quando ela o vestia. E nosso vizinho, o sr. Portnoff, que tinha apagado a chama, estava gravemente queimado nas mãos.

O sr. Portnoff, cujas mãos estavam cobertas de bolhas, contou que na noite de minha partida os fenômenos começaram pela aparição de meteoros brilhantes dançando na varanda, diante da sala. Suas dimensões variavam de a grossura de uma noz a de uma maçã. Eles eram de forma redonda, cor vermelho brilhante, por vezes azuladas, e pareciam opacas. Sua dança curiosa se prolongou por um tempo e dir-se-ia que se esforçavam para penetrar a casa pela janela da sala. Nesse momento, minha mulher estava acordada.

Na noite seguinte, enquanto eles estavam na varanda, aconteceu de Portnoff entrar por um instante e encontrou sua própria cama em chamas. Ele chamou por socorro e o incêndio foi prontamente dominado, ainda que tenha tomado toda guarnição do leito. Procedeu-se com cuidado extremo a extinção de todo traço de fogo. Depois, voltaram para a varanda e conversaram animadamente sobre o acidente, do qual não se conseguia entender a causa. De repente, sentiram novamente o odor de queimado, dessa vez constatou-se que o fogo cobria o estofamento do colchão, feito de crina de cavalo. Como o colchão queimava embaixo, parecia inadmissível que o fogo tivesse sido causado por centelhas não apagadas do primeiro incêndio; tanto é que um colchão cheio com crina de cavalo é pouco suscetível a incêndio.

E não disse tudo: o último evento, uma verdadeira catástrofe nos esperava. Fomos obrigados a fugir, apesar da inundação dos campos causada pelo derretimento da neve. Transcrevo as palavras de Portnoff:

"Eu arranhava o violão. Conosco estava o moleiro, que se levantou para se despedir, e Hélène Efimovma (minha mulher) o acompanhou até a soleira da casa. Alguns instantes depois, levantou-se um grito desesperado que parecia vir de longe, ainda que a voz fosse familiar. Tomado por um horror indizível, precipitei-me em direção à porta da casa e, ao fundo do corredor, vi uma coluna de fogo, no centro da qual estava Hélène Efimovma. As chamas nasciam de baixo e a rodeavam quase escondendo-a. Como ela estava com um vestido leve, contei que as chamas não estivessem violentas e me pus a apagá-las com as mãos. Mas, pareceu-me que foram mergulhados em pó ardente e fiquei com queimaduras terríveis. Durante esse tempo, ouvia-se um crepitar ininterrupto, que parecia vir do chão e o chão tremia e estalava. O moleiro correu para acudir ao grito da vítima, ajudando-me a levá-la dali, desmaiada e com as vestes carbonizadas".

Minha mulher contou, por sua vez, que quando ela estavam voltando pelo corredor, o chão estalou, rugidos infernais



ressoaram e uma centelha azulada veio por baixo lançar-se sobre ela. Ela mal teve tempo de gritar, as chamas a envolveram e ela perdeu a consciência. Note-se o fato de que ela não sentiu a menor queimadura. E ainda que seu vestido tivesse sido carbonizado até abaixo do joelho, nem os membros inferiores sofreram danos.

O moleiro contou que ao atravessar o jardim, ouviu um barulho alto, seguido de um grito desesperado. Ao mesmo tempo, percebeu um reflexo de incêndio no corredor. Ele foi tomado de um pavor tal que suas pernas mal lhe permitiram partir em socorro.

Depois dessa aventura terrível, não restou outra coisa senão fugir, e fomos sem tardar, pedindo hospitalidade a um barracão de cossacos, onde ficamos até o fim da inundação. Desde que isso me foi possibilitado, vendi a casa e comprei outra. Quando nos mudamos para a nova moradia, os fenômenos nunca mais se repetiram e a tranquilidade voltou à família.

Acrescentarei uma particularidade que deveria ter dito mais cedo: várias vezes tivemos essas manifestações que hoje se chamariam "materialização". Da primeira vez, era uma mão pequena, rosada e delicada, que parecia de uma criança e que minha mulher viu enquanto tamborilava os azulejos. Uma outra vez, minha mulher viu nos azulejos dois seres vivos pequenos, alongados e pretos, parecendo sanguessugas, que a impressionaram a ponto de ela desmaiar. Numa terceira vez, eu me encontrava só na casa com minha mulher, que dormia, e tentei surpreender a "força" quando ela batia no chão. Mas, assim que avancei com a cabeça, os golpes pararam e quando eu ia embora, recomeçaram. Contudo, um dia consegui pegar no ato e fiquei petrificado ao ver uma mãozinha atrás do cobreleito e puxá-lo para si com um movimento tão rápido que não se poderia imitá-la. Meu horror vinha do fato de que, pela posição de minha mulher em relação à mãozinha, eu tinha compreendido que a mãozinha não pertencia a esta última. Que se observe que minha mulher é uma pessoa sã, tranquila, afetuosa e piedosa. Ela jamais ficou doente até o dia de sua morte, que aconteceu oito anos depois com o resguardo.

Vários são os pontos dignos de comentários nesse extraordinário caso, mas, para ser breve, limito-me a considerar apenas um, com todas as suas consequências teóricas; a saber que aqui as características reunidas dos fenômenos de "poltergeist" e de "assombração propriamente dita" se combinam aos fenômenos de materialização parcial de membros e com manifestações obtidas experimentalmente, como acontece nas sessões mediúnicas. Teoricamente, o fato é de grande importância, pois encontramos demonstrada mais uma vez a unidade fundamental de todas as manifestações metapsíquicas, sejam manifestações espontâneas, como nos fenômenos de assombração, ou manifestações provocadas, como nas sessões experimentais.

Todavia, de acordo com as analogias, deve-se observar uma diferença não negligenciável entre os modos de extrinsecação que vimos e os de sessões experimentais: é a existência, nesse caso, de uma "causa local" determinando as manifestações e conforme ao que geralmente se vê nos fenômenos de assombração. Essa particularidade vem indubitavelmente dos seguintes fatos: uma primeira vez os membros da família abandonam a casa obsediada para se refugiarem longe, e com sua partida acabam as manifestações, *que, entretanto, não aconteceram na nova moradia*. Uma segunda vez, eles abandonam o núcleo, no qual a paz retorna imediatamente, enquanto nenhuma manifestação *espontânea* aconteceu na segunda casa, e não é senão experimentalmente que se obtêm pequenas batidas sobrenaturais com a proximidade do médium, mas tão fracas que suscitam suspeita de fraude no intelectual que as observa. Enfim, eles deixam para sempre a casa obsediada, determinando o fim da assombração, *sem que esta se reproduza na nova residência*. Essas condições provam que se as faculdades mediúnicas da jovem senhora fossem causa suficiente para as manifestações, estas teriam acontecido nos três casos, o que não se verifica.

Então, podemos apenas concluir que os fenômenos de assombração acontecem quando se encontram combinados dois fatores igualmente necessários: a presença de um *sensitivo* em um meio *mediunizado*. Já discutimos bastante sobre o formidável tema das causas ou influências "mediunizantes" e, no que se refere aos fenômenos de "assombração propriamente dita", vimos que comumente a "causa ocasional" geradora das "influências locais" (que consistiriam em uma saturação fluídica especial) está em relação com uma morte, o mais frequente trágica, acontecida na casa obsediada. Muito frequentemente encontramos, também, essa relação nos casos de "poltergeist", ainda que não se verifique nesse caso com uma importância muito grande, também aconselhando-se prudência antes de se formularem hipóteses explicativas, pois isso não significa

que os precedentes de morte não tenham existido. Poderíamos muito bem presumir que o relator não tenha feito nenhuma alusão porque não tenha relação com os fenômenos. Além disso, mesmo se se descarta essa hipótese, não esqueçamos o que observa o prof. Barret, que "a origem dos fenômenos de poltergeist poderia ser também atribuída à obra de certas inteligências do invisível, talvez perversas e talvez rudimentares". Com essa explicação, compreenderíamos a origem de manifestações mesmo na ausência de mortes trágicas ocorridas na casa obsediada. Mas, restaria explicar então o problema da "influência local", pois não se poderia conceber como teria sido possível produzir, então, a "mediunização da meio" necessário às manifestações.

Para embaralhar ainda mais o mistério, acrescentaremos o problema da forma decididamente "persecutória" assumida pelas manifestações em questão. Essa forma – para a maior confusão de nossas ideias – se encontra atenuada pela misteriosa circunstância que os gestos persecutórios jamais terem chegado a lesar seriamente as pessoas, o que é a regra nos fenômenos de assombração. Nesse nosso caso, as chamas que envolveram a vítima não tem o poder de queimá-la, muito ou pouco, enquanto que elas lhe carbonizaram as vestes. Se, então, se tratasse de entidades perversas ou vingativas, que aproveitariam as circunstâncias favoráveis para aterrorizar os vivos, seria preciso deduzir que não lhes é concedido machucá-los em suas pessoas.

Em todo caso, há aqui certo que o fenômeno da inocuidade da chama sobre as pessoas demonstra de maneira absoluta a origem sobrenatural das manifestações, visto que em uma circunstância análoga de origem natural, as chamas não teria fracassado em queimar gravemente a vítima, como queimaram as mãos da pessoa que a socorreu. Então, ainda que as razões dos fatos fiquem incompreensíveis, não há qualquer dúvida a origem espírita dos fatos.

CASO XXVII – Termino com um exemplo de ordem "mista", onde as manifestações de poltergeist se reduzem à audição de uma voz real que conversa com os vivos.

Eu o extraio do livro de Robert Dale Owen, *Foolfalls on the boundary of another world* (p. 339). O relator é o escritor espiritualista bem conhecido, S. C. Hall, que o colheu diretamente da dama que foi percipiente com sua família. Ela deu permissão para a publicação, com o cuidado de que seu nome fosse ocultado, assim como os lugares onde os fatos aconteceram.

O valor probatório desse caso é acrescido pela circunstância de que da primeira edição publicada, o periódico local, *The Worcester Herald*, reproduziu o episódio a título de variedade, opinando que o relator S. C. Hall se divertia em mistificar o sr. Dale Owen. Algumas semanas depois, com uma franqueza louvável, o diretor do jornal se retratou nesses termos: "Sentimo-nos no dever de apresentar publicamente nossas desculpas ao sr. S. C. Hall. O banqueiro de Worcester, em cuja casa o sr. Hall encontrou a dama que lhe narrou essas conversas com um 'espírito familiar', afirma que o sr. Hall relatou o caso com uma fidelidade escrupulosa, tal como ouviu da boca da dama em questão, e que descreveu fielmente a posição da dama, a retidão de seu caráter e o acento de convicção irresistível com o qual ela falava. Esperamos, assim, que o sr. S. C. Hall nos perdoe de ter suspeitado gratuitamente de ter abusado da credulidade de um amigo".

E o sr. Dale Owen acrescentou: "Eu fico feliz em ter obtido de modo tão inesperado uma boa prova testemunhal da veracidade do relato extraordinário que segue".

O banqueiro em questão tinha também declarado que conhecia os fatos há muito tempo e que há uns trinta anos mantinha uma relação de amizade com a percipiente. Nem o banqueiro nem a dama jamais se ocuparam de práticas espíritas.

Eis, então, o relato:

Por volta de 1820, abandonamos nossa residência de Suffolk para irmos para uma pequena vila portuária da França. Nossa família se compunha de meu pai, minha mãe, de mim, de uma irmã, de um irmão e de uma empregada inglesa. A nova casa ficava isolada nas imediações da vila, rodeada por mar aberto, sem outras casas ou construções vizinhas. Uma noite, meu pai ao entrar viu um indivíduo envolto num casaco grande, sentado numa pedra a alguns metros da

casa. Ao passar perto dele, disse "boa noite", mas não obteve nenhuma resposta. Seguiu seu caminho para casa, mas, antes de entrar, virou-se e não viu o indivíduo. Surpreso, voltou ao local e olhando ao redor não viu ninguém, ainda que não houvesse nenhum refúgio que pudesse esconder uma pessoa.

Ao entrar pela sala, gritou: "Meus filhos, eu vi um fantasma!". E rimos com vontade.

Entretanto, nessa mesma noite, começamos a ouvir barulhos estranhos em vários cantos da casa, que se repetiram durante muitas noites seguidas. Às vezes, dir-se-ia que alguém se queixava amargamente sob nossas janelas. Outras vezes, eram arranhões e clarões nas persianas. Frequentemente, acontecia o barulho de uma luta que parecia acontecer no telhado, como se fosse um grande número de pessoas envolvidas em uma luta muito acirrada. Abrimos a janela e chamamos em voz alta, sem obter resposta.

Depois de alguns dias, os barulhos se fizeram ouvir no quarto onde eu dormia em companhia de minha irmã (ela tinha vinte anos, eu dezoito). Eram golpes sonoros que às vezes se sucediam de vinte a trinta por minuto. Outras vezes, com um intervalo de um minuto entre um e outro. No dia seguinte, contamos aterrorizados o que nos aconteceu, mas recebemos reprovações como resposta, pois cada um entendeu que nossas afirmações eram fantasias tolas.

Entretanto, aconteceu que os outros ouviram também os barulhos externos e os golpes no nosso quarto e tiveram de convir que não eram fantasias. Então, atribuímos ao incidente do fantasma a importância que tinha. Todavia, jamais fomos seriamente espantados pelas manifestações e terminamos por nos habituar aos sons estranhos. Uma noite, enquanto os golpes habituais soavam, tive a ideia de perguntar: "Se és verdadeiramente um espírito, dê seis batidas"; e imediatamente seis batidas ressoaram.

Continuamos, assim, durante várias semanas e à medida que o tempo passava, nós nos familiarizávamos com os barulhos a ponto de eles perderem qualquer caráter desagradável para nós.

Mas tenho de falar de um episódio tão maravilhoso que se os membros de minha família não estivessem lá, prontos a testemunhar sua autenticidade, eu me absteria de revelá-lo. Meu irmão, então com doze anos, hoje homem feito e célebre em sua profissão, está pronto para confirmar os fatos em todos os detalhes.

O dia veio onde do concerto com as batidas feitas em nosso quarto, ouvimos na sala algo parecido com uma voz humana articulada. Da primeira vez que o fenômeno aconteceu, a voz misteriosa unia-se em coro a nossas vozes, que vinham entoar um canto popular com acompanhamento ao piano. Nosso estupor foi imenso, mas não restamos muito tempo duvidosos de que o fenômeno deveria ser atribuído a uma imaginação exaltada, pois a voz misteriosa não tardou a falar clara e inteligivelmente, tomando parte em nossas conversas. Era uma voz gutural, que articulava as palavras com lentidão e solenidade, exprimindo-se em francês.

"O espírito" (pois nós o havíamos designado assim) disse que se chamava Gaspard, mas cada vez que alguém lhe dirigia uma pergunta sobre sua história e suas condições de existência, ele não respondia, do mesmo modo como jamais disse com qual objetivo tinha entrado em comunicação conosco. Nós o consideramos como de origem espanhola, mas, na verdade, não sabemos dizer por que. Ele chamava cada um pelo nome, não tocava nunca em questões religiosas, mas nos inculcava com máximas sublimes de moralidade cristã e acima de tudo parecia querer nos fazer compreender que a verdadeira sabedoria consistia em levar uma vida virtuosa e que a verdadeira beleza da existência na terra era a harmonia doméstica. Um dia, quando uma pequena discussão ocorreu entre mim e minha irmã, sua voz se fez ouvir e formulou uma sentença: M... está errado, S... tem razão". Ele frequentemente nos aconselhava e sempre para o melhor. Algumas vezes, declamava versos.

Um dia em que meu pai procurava ansiosamente documentos que ele cria ter perdido, a voz de Gaspar se elevou, indicando exatamente o lugar onde eles se encontravam na nossa velha casa de Suffolk. E os documentos foram encontrados no endereço preciso que ele tinha indicado.

O espírito continuou a se manifestar por mais de três anos, e cada membro da família, aqui compreendendo os empregados, pode ouvir sua voz. Sua presença (pois não podíamos duvidar que ele estivesse presente) era sempre um prazer para nós e nós terminamos por considerá-lo como um hóspede e um protetor.

Um dia, ele anunciou: "Devo me ausentar por alguns meses". De fato, durante vários meses não percebemos mais sua presença. Quando, enfim, uma noite a voz bem conhecida ressoou, anunciando: "Eis-me aqui novamente entre vocês!", e nós saudamos seu retorno com alegria.

Nos momentos em que ele falava, ninguém via fantasmas, mas, uma noite, meu irmão pediu: "Gaspard, como eu ficaria feliz em te ver!", e a voz: "Vá ao fundo do corredor. Eu irei ao seu encontro e você me verá". Meu irmão foi até lá e pouco depois voltou gritando: "Eu vi Gaspard, ele estava envolto em um casaco grande, com um chapéu de bordas grandes na cabeça. Eu o vi sob o chapéu e ele também me olhou sorrindo". "Sim – confirmou a voz, era eu".

Nós voltamos a Suffolk e aqui, como na França, Gaspard continuou a conversar conosco durante várias semanas, mas um dia anunciou: "Sou obrigado a me despedir. Se continuar a me entreter com vocês, eu lhes causarei problemas, pois nossa relação seria mal interpretada e severamente condenada nesse lugar". Seu adeus foi extremamente doloroso e emocionante e desde esse dia, nunca mais ouvimos ressoar a voz amiga de Gaspard.

O sr. Dale Owen faz os comentários que seguem:

"O que pensar desse relato, de onde se liberta o acento da verdade e que nos chega de fontes diretas? Desejando depreciá-lo para descartá-lo, a qual hipótese recorreríamos? Alucinação? Ilusão? Mistificação? Digamos francamente: se se tratasse de alguns episódios ocorridos durante um breve período de tempo, poderíamos explicar por uma dessas hipóteses, mas quando os fenômenos se repetem um número infinito de vezes e persistem três anos, passando-se na intimidade do núcleo doméstico, com membros da família inteira por testemunha; quando todos assistem a um espírito calmo e tranquilo, sem sombra de excitação nem de terror (estados de almas que desqualificam às vezes os testemunhos); quando todos os membros da família têm dia a dia as mesmas impressões coletivas, sobre quais bases racionais poderíamos nos levantar para por de lado uma série de observações tão importantes?

"Em vão, procuro um meio de resolver o problema. Ou devemos admitir que existem comunicações orais com o mundo espiritual, ou ainda que uma família inteira de alta linhagem, composta por pessoas cultas, inteligentes e de uma reputação indiscutível, faz um acordo para se divertir com o mundo espalhando uma mentira impudente e persistindo nela obstinadamente! Acrescentemos que essa mentira não motivada é daqueles que podem causar um dano moral a quem a propaga, pois as presunções humanas ainda estão enraizadas, que aqueles que fazem relatos desse gênero não poderiam evitar os comentários maldosos e as suspeitas injuriosas. De outra parte, eu reconheço que o fato de um espírito desencarnado que fala aos ouvidos de mortais é um tal fenômeno sobrenatural que muitos leitores recusarão crer".

Obtém-se dessa discussão que o autor se preocupa excessivamente com o caráter de maravilha do episódio, de medo que a verdade não pareça inverossímil a alguns; será, então, útil observar que se na época onde o autor escrevia o fenômeno da "voz direta" podia parecer maravilhoso a ponto de quase chegar a inverossímil, não é mais assim nos dias de hoje, onde o fenômeno pode ser experimentalmente obtido. Não há, então, nada de inacreditável no episódio relatado e quando se quer negligenciar as manifestações experimentais para se limitar às espontâneas, seria hoje muito fácil citar episódios ainda mais extraordinários.

Lembrarei, por exemplo, o famoso caso do "Chama de Udemuhlen", que se manifestava no castelo que tem esse nome, depois no de Estrup, entre os anos de 1584 e 1589. A "chama falante" se mostrava em relação mediúnica com duas nobres donzelas que viviam no castelo de Udemuhlen, e quando estas se foram, ela as seguiu. Ela tinha uma voz parecida a de um adolescente, exortava a prática da virtude e desvelava sem cerimônia os vícios e as falhas das pessoas presentes, criticando-as cruelmente. Ela se manifestava de modo vivo e impulsivo e tinha o poder de agir sobre a matéria, levando e trazendo objetos, administrando correções bem sentidas a seus detratores, sobretudo aos padres exorcistas chamados ao castelo para cassá-la. "O espírito" afirmava ter nascido e vivido em Bohème, onde se chamava Hintzelmann (César de Vesme, *História do Espiritismo*, vol. 11, p. 356-364).

Um outro caso interessante é o que se verificou na família de John Richardson, em Hartford (Trumbul County, Ohio) na segunda metade do ano de 1854. Richardson publicou um relato datado de 8 de janeiro de 1855, reforçando seu próprio juramento diante do juiz de paz e com as atestações análogas de sua mulher e do sr. James More. O juiz de paz, o sr. William J. Bright, corroborou com o fato publicamente. Ali, ouviam-se duas vozes humanas de timbres diferentes, que afirmavam ser a de duas irmãs assassinadas onze anos antes, chamadas Henry e George Force. Ao mesmo tempo, realizaram-se manifestações complexas de "poltergeist", sem esquecer a louça quebrada. Perguntaram aos espíritos por que se comportavam desse modo e eles responderam: Nós o fazemos para convencer o mundo de nossa efetiva presença espiritual" (Epes Sargent, *Planchette, o desespero da Ciência*, p. 134-137).

Alexandre Aksakoff, em seu livro *Os perseguidores do espiritismo*, nota também um caso espontâneo de "vozes diretas" que aconteceu em uma casa de camponeses russos, nas redondezas

de Nujni-Novgorod. A voz assegurava ser um "domovoï" ou "espírito familiar", e tinha conversas amigáveis com as pessoas presentes durante a noite, na escuridão. Ela conversava geralmente sobre os negócios da vila e questões do tipo, suscetíveis de interessar a uma família de camponeses russos. Nesse caso, a médium era uma menina de oito anos, o que não diminui o valor probatório, pois a voz do espírito era a de um barítono, que certamente não poderia ser imitada por uma menina (Ver *Proceedings of the S. P. R.*, vol. XII, p. 330).

Também digno de interesse é o caso do advogado F. Zingaropoli, de Naples, de uma velha crônica da qual se conserva uma cópia na biblioteca Oratorienne de Naples. Esse caso data de 1696 e aconteceu no convento da Congregação da Oratória. O médium era um noviço de dezenove anos, chamado Charles-Marie Vulcano. Entre as inúmeras manifestações, nota-se a voz humana que mudava frequentemente de tonalidade segundo os sentimentos que agitavam a personalidade comunicante e que se tornavam brigas intermináveis com os monges, para convencê-los de que não era a do espírito de um diabo, mas de um espírito desejoso de progredir. Interrogada sobre os motivos que a levaram a se manifestar, ela respondeu "que não sabia por que o fazia e que Deus apenas o sabia, que, por seus justos julgamentos, lhe havia permitido que o fizesse". (F. Zingaropoli, *Gesta di uno Spirito*, Napoli, 1904).

Anoto, enfim, o caso estudado pelo Dr. Reid. Clayny, médico e diretor do hospital de Sunderland (Inglaterra), acontecido em 1839. A médium era uma menina de treze anos, de nome Mary Jobson, que sofria há algum tempo de graves crises histéricas, as quais lhe deixaram cega e surda. Os remédios tinham agravado seu estado com inúmeras sangrias e aplicações inoportunas de vesicatórios. Chegou um outro médico que prescreveu, por sua vez, outro vesicatório. Então, fortes batidas ressoaram no quarto, batidas que se tornaram violentas quando se foi aplicar o remédio e cessaram quando renunciaram a aplicação. Mas, recomeçaram quando voltou-se a tentar. Enfim, ouviram uma voz misteriosa que orientava o pai a se desfazer dos médicos e a deixar a natureza agir. Desde esse dia a voz continuou a se fazer ouvir e a dar conselhos até a cura completa da doente, o que aconteceu oito meses mais tarde. O Dr. Clayny e seus confrades foram testemunhas dos fatos" (Willian Howitt, *History of the Supernatural*; vol. II, p. 450).

Passando aos fenômenos de "vozes diretas" obtidas experimentalmente, eu diria que as primeiras manifestações desse gênero foram constatadas no famoso "círculo familiar" de Jonathan Koons (Athens County, Ohio), em 1852, onde os espíritos conversavam com os experimentadores se servindo de uma espécie de trompete acústico destinado a tornar as vozes mediúnicas mais sonoras (Emma Hardings Britten, *Modern American Spiritualism*, p. 307).

O fenômeno se revelou em 1853, em Los Angeles, Califórnia, no círculo familiar da família Hildred, com a mediunidade de uma filha do chefe de família. Nesse caso, ouviam frequentemente duas vozes mediúnicas que conversavam e se combinavam entre si antes de se dirigirem aos experimentadores (Obra citada, p. 439).

Depois vieram as interessantes experiências do Dr. Wolfe com a médium Hollis, onde as vozes mediúnicas se mostravam capazes de conversar durante duas horas consecutivas, fornecendo frequentemente excelentes provas de identificação espírita (Dr. N. B. Wolfe, *Starling Fact in modern Spiritualism*, p. 151-159, 183-190, 285-286, 292, 301-302, 336-340, 364-365, 381-398).

Passemos em seguida à mediunidade complexa e excepcional da sra. Everitt, de Londres (morta em setembro de 1915, aos 90 anos). Mulher de excelente família, de grande fortuna e que se exibia unicamente por amor a causa, na intimidade do círculo familiar. Suas experiências, começadas em 1850, atingiram seu apogeu em 1867 com o fenômeno da "voz direta". Pela clareza das manifestações, pela indiscutível veracidade, pelas provas de identificação que as acompanharam, elas estão entre as mais memoráveis do gênero. É preciso, então, lamentar que elas tenham se desenvolvido na intimidade de círculos privados, sem o concurso de homens de ciência autorizados, que pudessem confirmar os resultados.

Chegamos, enfim, à época contemporânea, onde manifestações análogas são obtidas pela mediunidade da sra. Etta Wriedt e Suzanne Harris (as duas norte-americanas). Com a primeira, as manifestações são as mais notáveis já obtidas, pois assistimos frequentemente ao fenômeno de quatro vozes mediúnicas simultâneas com muitos interlocutores; enquanto se escutam diálogos em todas as línguas e dialetos, segundo as personalidades comunicantes e a nacionalidade dos interlocutores (Consultar o livro do vice-almirante Usborne Moore: *The voices*, e os artigos de James Coates no *Light*, 1914-1915).

Depois do que acabamos de ver, é evidente que se o fenômeno da "voz direta" poderia parecer inacreditável aos contemporâneos de Dale Owen, não é mais assim nos nossos dias, onde se pode obtê-lo experimentalmente, sem contar os episódios análogos de natureza espontânea recentemente coletados, o que, entretanto, não significa que hoje o fenômeno pareça menos maravilhoso do que há sessenta anos, mas unicamente que as provas acumuladas quanto a esse tema são suficientes para que ele venha a ser acolhido entre os fenômenos mediúnicos, não se podendo mais duvidar.

## Capítulo 8

# CONCLUSÕES

Os adeptos das disciplinas filosóficas estão familiarizados aos termos pelos quais se designam e se limitam as possibilidades da ciência humana, a qual em última análise pode se reduzir a uma "percepção de relações entre os fenômenos". Tal é o campo minúsculo onde se passa a inquieta mentalidade humana e além da qual se estende ao infinito o domínio do Absoluto e do Incompreensível.

Na sequência, o progresso humano, com suas grandes descobertas, suas invenções admiráveis, seus mestres da literatura e da arte, é totalmente reduzido a essa simples expressão, e as manifestações multiformes do gênio são, a seu turno, redutíveis à faculdade de discernir e combinar relações que permanecem inacessíveis às mentalidades comuns.

Profundamente convencido dessa verdade axiomática, proponho-me a fazer uma obra científica aplicando-a aos fenômenos de assombração, lisonjeado por conseguir, de algum modo, esclarecê-los, sem pretender compreendê-los. Eu me perguntava, então, quais eram as "relações" que os ligava e por quais outras relações eles se associavam aos fenômenos metapsíquicos, em geral.

Quanto às relações que os unem entre si, foi fácil observar uma bem distinta, que os caracteriza e que consiste nas manifestações com ligação a uma localidade determinada, à qual parecem de algum modo aderir, a ponto de não poder se realizar de outra forma.

Continuando a análise comparada dos fatos, observei que eles se dividiam em duas classes distintas de manifestações: de uma parte, as *subjetivas ou alucinatórias*; de outra parte, as *objetivas ou físicas*, que no mais frequente se produzem em conjunto, o que torna impossível sua separação clara em categorias. Se alguém quisesse distingui-las, restaria apenas agrupar, de um lado, as manifestações *sobretudo subjetivas*, e do outro as *sobretudo objetivas*. Subdivisão puramente convencional, mas útil do ponto de vista da exposição, pois encontramos entre os dois grupos diferenças muito importantes. Assim, as manifestações *sobretudo subjetivas* apresentam uma duração muito curta, raramente coincidem com as mortes, não são quase nunca acompanhadas de aparições de fantasmas e têm a especialidade de se mostrar relacionadas à presença de um "sensitivo". Em outras palavras, as primeiras são manifestações de ordem *sobretudo telepática*; as segundas, de ordem *sobretudo mediúnicas*.

Foi, então, razoável, distingui-las para melhor analisá-las, tarefa à qual meus predecessores já haviam se lançado, designando as manifestações sobretudo subjetivas sob o termo de "fenômenos de assombração propriamente dita", e as sobretudo objetivas com o termo alemão de "fenômenos de *poltergeist*".

Nesse trabalho, me atei a esses termos consagrados pelo uso porque não há razão para descartá-los, à condição, entretanto, de não esquecer que eles não correspondem a nada de muito definido, dada a promiscuidade da extrinsecação dos fenômenos. Essa promiscuidade é dotada de um valor teórico, pois resulta evidentemente de que a fenomenologia inteira, ao fundo, é única e que, por conseguinte, devemos buscar nela um elemento causal comum, que consiste provavelmente na origem espírita da grande maioria dos fenômenos, com a diferença de que de um lado eles se realizam por uma ação sobretudo *telepática*, e de outro por uma ação sobretudo *mediúnica*.

Isso para as relações que *unem entre eles* os fenômenos de assombração. Restava estudar as relações *que os ligam aos fenômenos metapsíquicos em geral*, e sobretudo a certas categorias já familiares à pesquisa psíquica. Graças à análise comparada entre as diferentes ordens de

fenômenos, foi fácil observar que os de "assombração propriamente dita" apresentam indubitáveis analogias com os fenômenos de "telepatia entre vivos" e com as "manifestações de mortos". Impulsionando a análise ainda mais longe, reconheço que as três categorias de fenômenos se identificam bastante, considerando que, de qualquer uma dentre elas se passaria à outra sem solução de continuidade, e que encontramos numerosos fatos que os representassem conjuntamente, isto é, que começam no leito de morte do agente, sob a forma de "telepatia entre vivos", continuam depois de sua morte transformando-se em "manifestações de mortos" e se repetem durante alguns dias no mesmo local, identificando-se com os fenômenos de "assombração propriamente dita".

Diante das provas manifestas, pode-se logicamente concluir que as categorias acima de fenômenos fazem parte de um todo homogêneo e são complementares uma a outra. Então, as diferenças existentes entre uma e outra devem ser consideradas como puramente nominais, e não tem outra importância senão a de delimitar suas graduações de desenvolvimento, que consistem em: Quando se manifestam fantasmas de vivos, elas são designadas pela expressão "fenômenos de visualizações telepáticas"; quando se realizam golpes e barulhos provocados à distância pelo pensamento de um vivo, são denominados "fenômenos de audição telepática"; quando as mesmas manifestações sucedem a morte de uma pessoa e em relação com essa morte, ficam definidas como "aparições ou manifestações"; quando se repetem mais ou menos longamente no mesmo local, elas têm o nome de "fenômenos de assombração propriamente dita". Eis as graduações de desenvolvimento dos fenômenos. E, como a simples circunstância da *não repetição* não pode constituir uma diferença substancial entre os fenômenos da última categoria e os das outras, sua identidade fundamental não poderia ser posta em dúvida. Isso equivale admitir que elas têm a mesma causa, permitindo a produção de fenômenos de qualquer uma dentre elas, e deve igualmente servir para as outras. Então, a causa que determina os "fenômenos de telepatia entre vivos" deve ser válido igualmente para os de "assombração propriamente dita". Ora, uma vez que a origem dos fenômenos telepáticos está acessível aos métodos de estudo científico, nós nos encontramos em posse de uma base muito favorável à explicação dos fenômenos de "assombração propriamente dita". De fato, se os modos de extrinsecação dos fenômenos de "telepatia entre vivos" permitem ao pesquisador remontar às fontes, de maneira a demonstrar experimentalmente que a aparição de um fantasma de vivo tem por origem a projeção do pensamento de um indivíduo cujo fantasma aparece à distância (exceto algumas exceções que não invalidam a regra), então deve-se concluir que quando o fantasma de um morto aparece nos fenômenos de assombração, este, a seu turno, deve ter por origem uma projeção de seu próprio pensamento, dirigida a esse momento com uma intensidade passional na direção do local de sua moradia na terra, o que pode se aplicar também a outras formas de manifestações comuns às duas categorias (salvo, sempre, as possíveis exceções que não invalidam a regra).

Essas conclusões são bastante justificadas e se apoiam no fato de que os fenômenos de "assombração propriamente dita" apresentam as mesmas características de *subjetividade* próprias aos fenômenos telepáticos, isto é, que os fantasmas obsessores, assim como os telepáticos, são na maioria "eletivos", como o são os golpes e os rumores que são muito grandes para um e não existem para o outro. Restam certos casos onde a *objetividade* dos fantasmas e a realidade de sons parecem fora de dúvida, conforme o que se passa também na categoria telepática. Mas, em um como no outro caso, essas exceções podem se explicar pelas hipóteses colaterais perfeitamente conciliáveis com a principal.

Numa perspectiva geral, nossas conclusões podem ser consideradas fundamentadas equivalem ao reconhecimento da validade da hipótese espírita como explicação provável da maioria dos fenômenos de assombração, o que não quer dizer de toda a fenomenologia, pois da mesma forma que todas as manifestações de vivos não têm uma origem telepática (como os



fenômenos de "bilocação"), todas as manifestações de assombração não parecem ser de origem espírita.

As que não parecem, manifestam-se sob duas formas: uma, a de "assombração de vivos"; a outra sugere algo de análogo à interpretação *psicométrica* dos fatos.

Daí, a oportunidade de acolher também essas duas hipóteses se se quer explicar a totalidade dos fenômenos, ainda mais porque se elas se harmonizam tão completamente com a espírita é que elas são o complemento necessário uma da outra. Isso posto, sua admissão não teria exigido mais do que explicações preliminares curtas, se não houvesse pesquisadores que lhes tivessem pretendido teoricamente suficientes para tudo resolver e para eliminar a hipótese espírita. Foi, então, necessário analisá-las a fundo, com a finalidade de medir sua aplicação teórica e de julgar o lugar que as esperava na interpretação dos fatos.

Comecei pela hipótese de "obsessões de vivos", sobre a qual fiz notar que seu defensor – Frank Podmore, partiu falsamente desta hipótese: uma vez que se realizam manifestações de vivos, os fenômenos de assombração deveriam ser considerados como tais – não temendo conferir à hipótese telepática uma extensão quase ilimitada. Mas ele não conseguiu provar sua própria asserção, pois essa hipótese persiste em se mostrar inconciliável com uma infinidade de fatos e constringe seu defensor seja a ignorá-los, seja a rejeitá-los sistematicamente, e isso em detrimento de sua tese, que se revelou tão gratuita e tão insustentável que não encontrou nenhum partidário e caiu sem se recuperar.

A tese de Frank Podmore queria demonstrar que os fenômenos de assombração, em sua qualidade de manifestações exclusivamente subjetivas (o que não é) derivam da ação telepática seja de pessoas que moram na casa obsediada, seja de pessoas que já moraram ali em outra época, ou simplesmente foram informadas dos fatos. Estas, ao pensar nos eventos trágicos que se desenvolveram na casa ou no pavor experimentado quando ali moraram, são a causa inconsciente; seu pensamento se transmite telepaticamente às pessoas presentes nos locais. Desse modo, elas produziram os fenômenos de assombração e contribuiriam para seu prolongamento.

Para a crítica da teoria, remeto ao capítulo IV desta obra, e me contentarei em observar que para medir toda a inanição dessa tese, deve-se repensar em certos episódios relatados aqui. Não é certamente com uma projeção do pensamento que se pode explicar as manifestações impositivas e violentas descritas nos casos II e XXVII, sem contar que essas manifestações são em sua maioria objetivas, com incidentes de móveis que se deslocam, utensílios que voam, aparições luminosas, urros humanos desesperadores e atentados incendiários; todos episódios que não contam nem existem para a tese de Podmore.

É inútil acrescentar outra coisa. Essa hipótese eliminada como explicação satisfatória a toda fenomenologia de assombração pode ainda ser considerada como explicação possível para certos episódios secundários de "assombração propriamente dita". Assim reduzida, ela não deve ser repudiada, pois não se deve reconhecer que as duas ordens de fenômenos têm por causa única "o espírito humano" – em sua dupla condição "encarnada" e "desencarnada". Por conseguinte, não se pode negar a possibilidade de que fenômenos telepáticos se produzem entre vivos e que, repetindo-se mais ou menos longamente no mesmo local, podem se identificar de algum modo com os fenômenos de assombração propriamente dita. Mas, ao mesmo tempo, deve-se presumir que os episódios dessa natureza devem ser de uma raridade extrema, pois requerem coincidências de locais, tempo, pessoas e estados de alma excessivamente improváveis no meio de vida terrestre e, por outro lado, mais prováveis em um meio de vida espiritual, como conseqüências de estados de almas passionais em entidades recentemente desencarnadas.

De acordo com essa suposição, e segundo a classificação dos fatos, encontramos que a cada 532 casos coletados, apenas dois exemplos são provavelmente devidos a "obsessões de vivos". Trata-se, então, de exceções tão raras que não se pode se servir delas para fundar uma

hipótese explicando em massa uma fenomenologia que se impõe de maneira bem diferente em seus modos de extrinsecação, e que é além disso inconciliável com essa hipótese em razão da natureza objetiva de um grande número de episódios, da relação indubitável que existe entre certas mortes ocorridas nos locais e as manifestações, provas de identificação espírita que dali decorrem, e do fato intrínseco, não efêmero ou telepático. Todavia, a existência de casos excepcionais dos quais falamos, mesmo considerada em relação com as suposições teóricas expostas, aconselha que se acolha também a hipótese de casos eventuais de assombração identificáveis com a "telepatia entre vivos", à condição, entretanto, de que seja circunscrita a limites justos e de que se sirva dela unicamente a título de complemento da principal hipótese telepático-espírita. É o critério ao qual nos dedicamos nesta obra.

Restaria considerar a segunda das hipóteses enumeradas: a da "psicometria", segundo a qual os fenômenos de assombração teriam por causa tipos de emanações sutis de organismos vivos, que se perpetuariam em um "ambiente" comumente inacessível a nossos sentidos e em certas circunstâncias saíam do estado potencial onde se encontram para suscitar nos vivos fenômenos de percepção subjetiva proveniente de eventos que lhe deram origem. Nós mostramos no capítulo VI que essa hipótese, à qual as aparências acordam uma latitude explicativa bastante vasta, se reduz praticamente a proporções não superiores às da hipótese precedente. Isso porque os fenômenos que a sugerem podem, na maior parte, voltar a simples exemplos de telepatia. Poucos dentre eles restam suficientemente sólidos para lhe prestar apoio e são pouco satisfatórios para fazê-la acolher a título de hipótese complementar de uma outra principal. Ora, conseguimos chegar à mesma conclusão refletindo que a hipótese psicométrica não explica as principais situações episódicas de fenômenos de "assombração propriamente dita", como ela não explica os modos de extrinsecação. É isso que nós demonstramos de uma maneira definitiva nessas doze proposições que serviram de conclusão ao capítulo VI.

\*  
\*        \*

Tudo que foi dito até agora se refere aos fenômenos de "assombração propriamente dita". Eu formulo, para completar a síntese, algumas considerações breves sobre os fenômenos de "poltergeist", dos quais já anotamos as relações que as unem aos primeiros. Dessas relações, surgiu a unidade fundamental dos fenômenos de assombração e a existência de um elemento causal comum, provavelmente sobrenatural ou espírita (exceto algumas exceções que não invalidam a regra), de modo que a diferença entre as duas categorias de fenômenos se reduz a isto: de um lado, eles se realizam após uma ação majoritariamente *telepática*; de outro, majoritariamente *mediúnica*.

A origem sobrenatural ou espírita dos fenômenos de poltergeist emerge evidentemente desses modos de extrinsecação.

É isso que prova sobretudo os episódios de projéteis que desviam no ar para não se deixarem apanhar, que diminuem a velocidade de seu curso, que descrevem no ar trajetórias caprichosas, que atingem com admirável precisão o alvo escolhido, que passam através de fendas de portas e de janelas e, sobretudo, que penetram nos lugares hermeticamente fechados, circunstância na qual podemos senti-los quentes, o que corresponde ao que deveria acontecer se se realizasse a passagem da matéria através da matéria, com desagregação e reintegração instantânea da massa molecular do projétil e reação térmica consecutiva. Cada um verá como esse conjunto de circunstâncias extraordinárias, implicando a intervenção de uma inteligência oculta dotada de faculdades e de poderes transcendentais, torna insustentável o ponto de vista daqueles que pretendem explicá-lo diminuindo essa inteligência ao nível de personalidades subconscientes criadas pela desintegração do Eu consciente normal.

Vêm, em seguida, as provas tiradas das circunstâncias muito marcantes dos projéteis que quando chocam as pessoas não lhes fazem mal algum, enquanto quebram a louça; chamuscas que rodeando a vítima, carbonizam suas roupas sem lesionar a pessoa. Ora, como em circunstâncias análogas de natureza comum, os projéteis machucam e as chamuscas destroem os tecidos vivos, a origem sobrenatural ou espírita não poderia ser posta em dúvida. Do mesmo modo, obtêm-se desses incidentes que as intenções do agente oculto não são a de machucar as pessoas, ou, se se quiser, que é proibido ao agente oculto machucá-las.

Vêm, enfim, as provas tiradas dos exemplos bastante numerosos de "poltergeist" que, à imagem daqueles de "assombração propriamente dita", encontram-se relacionados a uma morte e findam desde que o objetivo que os havia evidentemente determinado seja atingido, circunstância que constitui também uma boa prova de identificação espírita.

Encontramo-nos, então, diante de um conjunto de provas que convergem na direção da demonstração da origem espírita de muitos fenômenos de "poltergeist". Em regra geral, parece impossível evitar essa conclusão, apesar das relações comumente existentes entre a manifestação dos fenômenos e a presença de um "sensitivo", que provavelmente faz a função de instrumento a poder de um terceiro, e nada mais.

Resta um pequeno número de episódios suscetíveis de serem explicados pela hipótese "anímica", que implica, em nosso caso, a emissão esporádica de energia telecinésica ou mediúnic, controlada por uma vontade rudimentar de origem subconsciente. Não se pode classificar nessa categoria certos episódios pouco complexos, que se manifestam na ausência de elementos importantes de física transcendental, ou na ausência de precedentes de morte. Do mesmo modo, poder-se-ia dizer que, em geral, as manifestações de "poltergeist" não são quase nunca nem inteiramente "anímicas" nem inteiramente "espíritas", ou, em outros termos, que encontramos nelas, e lado a lado, fenômenos de "animismo" e de "espiritismo".

Abramos aqui um parêntese, para marcar que ao acolher a hipótese "anímica" entre as que contribuem para a explicação dos fenômenos de "poltergeist", consolidamos ainda a unidade substancial de todas as manifestações metapsíquicas. De fato, relações de igualdade entre as diferentes categorias de fenômenos são entendidas mesmo além do círculo daquelas contempladas, demonstrando que as "interferências anímicas" tais como as encontramos nos fenômenos de assombração, identificam-se com as "interferências anímicas" das sessões mediúnicas com "efeitos físicos" e sob uma outra forma, de sessões mediúnicas com "efeitos inteligentes". Todas essas considerações, do ponto de vista espiritualista, não deveriam surpreender, pois não se pode conceber manifestações "espíritas" sem a alternativa de "interferências anímicas". De fato, entre um "espírito desencarnado" e um outro "encarnado" não pode haver diferenças substanciais, mas unicamente limitações respectivas na capacidade de exercer suas faculdades (espirituais, de um lado, sensório-psíquicas, de outro) além do círculo de suas próprias condições de existência. Limitações atenuadas pela intervenção da mediunidade, que permitiria aos "desencarnados" comunicarem-se com os "encarnados" por meio de fluidos vitais e de faculdades exteriorizáveis dos médiuns; e, aos médiuns, aproveitar suas faculdades espirituais subconscientes, conseguindo se comunicar com os mortos ou se manifestar à distância, ou agir sem contato com a matéria, de modo que a mediunidade poderia ser definida como *um estado intermediário da existência, consecutivo aos processos iniciais de desencarnação do espírito*.

Estando as coisas ali, o problema mais preocupante das "interferências anímicas" (ou manifestações subconscientes) que se realizam frequentemente entre as manifestações espíritas, poderia ser virtualmente resolvido. De fato, o estado intermediário da existência que denominamos "mediunidade" pode apenas determinar uma condição de oposição entre as faculdades espirituais subconscientes do médium, que tenderiam a se liberar e a se retomar, e a vontade da "entidade espiritual", que tenderia a controlar sua expansão para fazê-la servir a seus

próprios fins. Daí, um estado de equilíbrio instável entre as duas tendências opostas, onde tanto uma quanto a outra predominariam ou cederiam, dando lugar a manifestações que se prestam à confusão em parte "anímicas", em parte "espíritas". Daí também se tem que esse ensinamento é muito útil, o de que as interferências subconscientes que encontramos nas manifestações metapsíquicas, em geral, não podem ser evitadas porque dependem das condições anormais nas quais se produzem as comunicações entre o mundo espiritual e o dos vivos.

Fechando o parêntese e aplicando essas conclusões à casuística estudada, repetiremos que se, de acordo com essas conclusões, devemos admitir o fato da intrusão de frequentes episódios "anímicos" nos fenômenos de "poltergeist", devemos também recorrer à hipótese espírita para explicar sua origem e ainda mais porque demonstramos a seu tempo que seu valor não era nada diminuído pelas objeções fundadas na *vulgaridade* e na *inutilidade* das manifestações dessa natureza.

Por sua *vulgaridade*, explicamos que tudo concorre para demonstrar que os modos de extrinsecação representam a "via de menor resistência" à disposição das personalidades espirituais para se manifestarem entre os vivos. Ou seja, que as personalidades espirituais se manifestam como podem, não como querem. Não esqueçamos que, em certas circunstâncias, não se pode descartar a hipótese da existência de entidades comuns ou maléficas que se aproveitam da presença de um sensitivo para atormentar e amedrontar os vivos, sem outro fim que não o de se divertir às suas custas, assim como acontece em nosso mundo, onde são inúmeros aqueles que se entregam a esse tipo de distração. O prof. Barret então tem razão ao observar quanto a isso que ele "não consegue compreender como persistem em imaginar que os zombeteiros e malvados não possam existir no mundo espiritual, onde, racionalmente, devem estar em maior número".

Quanto à inutilidade dos fenômenos em questão, notamos que mesmo se fizermos abstração dos casos muito numerosos onde a utilidade e os objetivos existem mostrando-se justificados e normais, a observação do prof. Perty não carece de valor, quando ele diz que as manifestações de assombração, ainda que comuns e atormentadoras, oferecem, entretanto, uma razão especial porque "contribuem para ampliar o horizonte do espírito abrindo visões sobre uma nova ordem de coisas". Essa observação é incontestável e aprendemos que mesmo as manifestações sobrenaturais, aparentemente baixas e vulgares, podem contribuir para a obtenção de um objetivo nobre e elevado.

\*  
\*       \*  
\*

Recapitulemos, então, que de acordo com os procedimentos de análise comparada aplicada aos fenômenos de assombração, conseguimos por em evidência que a hipótese espírita, entendida sob as duas formas de *transmissão telepática do pensamento entre mortos e vivos*, e de *manifestações de mortos pela mediunidade*, é apenas verdadeiramente capaz de explicá-los em sua maior parte, enquanto que as hipóteses da "telepatia entre vivos", da "psicometria" e do "animismo", se são necessárias para a compreensão conjunta dos fatos, não podem contar senão como hipóteses complementares.

É a essas conclusões ponderadas e objetivas que conseguimos chegar. Como não existem outras hipóteses formuláveis, quem quer que fosse que tivesse uma interpretação diferente teria de demonstrar que qualquer uma das três hipóteses discutidas, ou as três consideradas em conjunto, podem explicar os fatos sem se obrigar a recorrer à hipótese espírita.

Quanto a nós, cremos ter provado o contrário. Entretanto, acolheremos sempre com deferência as conclusões de outros pesquisadores, à condição de que sejam rigorosamente baseadas nos fatos, que examinem esses fatos sob todos os seus aspectos e que seus autores não se deem muito à amplificação das hipóteses, saltando na *metafísica* e, por conseguinte, cavando o

vazio assoluto.